



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

**Expressões Artístico-Culturais e
Património Arquitetónico:
Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã**

Tânia Silvina Rosário Rios

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Professora Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Covilhã, outubro de 2014

Agradecimentos

Todo o percurso calcorreado para a realização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas, às quais sou totalmente grata:

À Câmara Municipal da Covilhã, em particular ao Departamento de Planeamento e Urbanismo, pela disponibilização de material e informação que enriqueceram esta dissertação.

Aos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior, em particular à Arquitecta Margarida Lino, pelas reflexões que me proporcionou e pelo apoio inicial na conceção deste trabalho.

À Câmara Municipal de Santo Tirso, em particular ao Chefe da Divisão de Cultura e Turismo, Dr. Álvaro Moreira, pela compreensão manifestada e pelo apoio durante a concretização desta dissertação.

Ao Sr. João Neves, proprietário da Garagem de São João, que facultou os desenhos técnicos do edifício e permitiu o acesso ao mesmo.

À Professora Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins pela orientação neste trabalho e por todas as palavras de incentivo e ânimo tão preciosas.

Ao Professor Doutor João Lanzinha, pela disponibilidade e interesse demonstrado.

A toda a equipa da organização do *Expand Your Mind*, em especial ao Bruno Cunha, pela ajuda e experiência que me possibilitou.

À minha família, em especial à minha mãe, por todo o apoio e por estar sempre comigo. À minha irmã por ter sido sempre um exemplo a seguir e por estar sempre lá quando preciso. Ao meu pai, que mesmo já não estando entre nós, sempre me ensinou a não desistir e a fazer tudo com um sorriso nos lábios.

Ao Bruno por ser aquele que esteve sempre do meu lado em todos os momentos e pelas suas palavras de conforto e ânimo, que foram muito importantes e decisivas nos momentos mais difíceis.

À Elma Vieira por todo o apoio e dedicação que teve para comigo, por ter sido a amiga e companheira de todas as horas.

Aos meus amigos que sempre me motivaram.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para esta dissertação, o meu muito obrigada!

Resumo

A Covilhã é uma cidade rica em Património Arquitectónico mas torna-se necessário que se tomem medidas para a preservação e reutilização de espaços históricos e emblemáticos que se encontram esquecidos. Apesar da preocupação crescente na reabilitação de espaços e edifícios, a realidade é que ainda existe muito trabalho a empreender, sobretudo porque se fala não só em património arquitectónico mas também cultural e histórico. A proteção e a reabilitação de espaços abandonados é uma forma de reconhecimento e valorização do passado e de, simultaneamente, projetar um novo futuro num edifício que carrega uma história que deve ser preservada. No caso da Covilhã, importa não esquecer a sua história e homenagear as pessoas e acontecimentos que fizeram parte dela e que tornaram a cidade um ponto de referência na indústria de lanifícios. A Covilhã tem edifícios com um grande potencial arquitectónico, que se encontram em degradação, pelo que importa fazer disso uma vantagem.

Baseando-se na história desta cidade e nas suas memórias associadas ao têxtil, esta dissertação procura valorizar o património arquitectónico existente e tem como principal objetivo reabilitar um espaço atualmente desaproveitado e ao abandono. Não se tem feito uso da existência deste espaço e das suas vantagens, pelo que a sua reabilitação significa a valorização da história do local, promovendo uma ligação entre o passado e o futuro, com o objetivo de tornar o centro histórico mais ativo, através de atividades culturais e artísticas que liguem diferentes gerações e promovam o que melhor há e houve no interior do país e, em concreto, nesta cidade.

Esta dissertação apresenta uma proposta de reabilitação do edifício da Garagem de São João, na Covilhã, associada ao movimento *Expand Your Mind*, pelo que se pretende conceber um espaço multifuncional assente não só na vertente cultural mas também na criação de oportunidades para jovens criativos. Ambiciona-se mesmo que, além deste edifício, também o centro histórico ganhe mais vida e dinamismo, pelo que, para além da proposta de reabilitação, este trabalho pretende dar a conhecer outros espaços industriais que se encontram abandonados nesta zona, através da narrativa e da fotografia. Espera-se que, num futuro próximo, se ponham em prática atividades culturais que permitam conhecer o património arquitectónico industrial daquela que foi conhecida como a *“Manchester portuguesa”*.

Esta proposta procura recuperar e preservar as memórias de uma comunidade que fez parte deste local, mas de olhos postos no futuro, através da inovação, concebendo um novo espaço cultural, criativo e empreendedor, incentivando uma nova geração de trabalhadores e promovendo uma Covilhã mais ativa, produtiva e atrativa.

Palavras-chave: Covilhã, Património Arquitectónico, Arte, Cultura, Reabilitação

Abstract

Covilhã is a city rich in architectural heritage but it is imperative that further steps be taken for the preservation and reuse of historic and iconic spaces that are being forgotten. Despite the growing concern for the rehabilitation of buildings and spaces, there is still much work to be undertaken, especially because we're speaking of not only architectural but also cultural and historical heritage. The protection and rehabilitation of abandoned spaces is a form of recognition and appreciation of the past and simultaneously an opportunity to design a new future for a building that carries a history that must be preserved. In the case of Covilhã, we should not forget its history and honor its peoples and the events that took place there and made the city a landmark in the wool industry. Covilhã has buildings with great architectural potential, which are derelict, and it's imperative to use that as an opportunity for development.

Based on the history of this city and the memories associated with the textile industry, this dissertation seeks to valorize the existing architectural heritage and aims to rehabilitate a currently abandoned and unused space. The existence of this space and its benefits has been neglected, so its rehabilitation means the appreciation of the history of the site, providing a link between the past and the future, with the goal of making the historic center more active through cultural and artistic activities that can bring together different generations and promote the best features the interior of the country, and specifically this city, can offer.

This dissertation presents a proposal for the rehabilitation of the building of the Garagem de São João, in Covilhã, associated with the movement Expand Your Mind, aiming to design a multifunctional space based not only on the cultural facet but also in creating a variety of opportunities for young creatives. We aim to, beyond this building, bring a new and more dynamic life to the historic center, so that, beyond the proposed rehabilitation, this paper intends to show other industrial spaces that are abandoned in this area, through narrative and photography. We hope that in the near future, cultural activities are undertaken to make known the industrial architectural heritage of what was known as the "Portuguese Manchester".

This proposal seeks to recover and preserve the memories of a community that was part of this site, whilst looking to the future through innovation, conceiving a new cultural space, creative and entrepreneurial, encouraging a new generation of workers and promoting a more active city, productive and attractive.

Keywords: Covilhã, Architectural Heritage, Art, Culture, Rehabilitation

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - A cidade da Covilhã.....	3
1. A cidade da Covilhã.....	3
1.1. Centro Histórico.....	8
1.2. Cidade-fábrica.....	13
1.3. Cidade universitária.....	22
Capítulo 2 - Unidades Industriais no centro histórico da Covilhã.....	28
2. Unidades industriais no centro histórico da Covilhã.....	28
2.1. Freguesia da Conceição.....	31
2.1.1. Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar (Fiações Roseta)	
2.1.2. Ignácio da Silva Fiadeiro / Fitecom	
2.1.3. Anaquim, Copeiro & Bouhon / Álvaro Paulo Rato	
2.1.4. António Baptista Leitão/ António Dias de Assumpção Neves/Pimentéis, L.da	
2.1.5. Barata Filhos / Pimentéis, L.da	
2.1.6. Manuel Lopes Bola	
2.1.7. Augusto D’Almeida Fortuna & Filhos	
2.1.8. Armando António Martins	
2.1.9. Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.da	
2.1.10. Clemente Petrucci & Irmão	
2.1.11. Arnaldo da Silva Carreira	
2.1.12. Sutre, Antunes & Oliveira, L.da	
2.1.13. Álvaro de Moura	
2.1.14. Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão	
2.2. Freguesia de Santa Maria.....	39
2.1.1. Francisco Ribeiro Aibéo	
2.3. Freguesia de S. Martinho.....	40
2.3.1. José Nunes Jacinto / Cristiano Cabral Nunes	
2.3.2. António Pessoa de Amorim / Simão da Cruz Fazenda & Filhos	
2.3.3. António Pessoa de Amorim	
2.3.4. Leitão e Quintela / Francisco Mendes Alçada	
2.3.5. Monteiro & C. ^a Lda.	
2.3.6. Francisco dos Santos Paulo / Empresa Industrial do Tortosendo, Lda.	
2.4. Freguesia de S. Pedro.....	43

2.1.2. Cristiano Cabral Nunes & Filhos / CIL - Complexo Industrial de Lanifícios, Lda.	
2.5. Considerações.....	44
Capítulo 3 - Património Arquitectónico e Reabilitação.....	46
3. Património Arquitectónico e Reabilitação.....	46
3.1. Contextualização histórica.....	47
3.2. Situação Atual.....	57
3.2.1. Aspetos técnicos importantes na reabilitação Europa.....	60
3.2.2. Europa.....	62
3.2.3. Portugal.....	64
3.2.3.1. Covilhã.....	66
3.3. Reabilitação em Portugal - exemplos práticos.....	68
3.3.1. Casa da Criatividade.....	68
3.3.2. Fábrica de Santo Thyrsos.....	70
3.3.3. Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior.....	72
3.3.4. Complexo de Artes e Arquitectura da Universidade de Évora.....	74
Capítulo 4 - Expressões Artístico-Culturais.....	76
4. <i>Expand Your Mind</i>	76
4.1. <i>Expand Your Mind 2013</i>	78
4.1.1. Reconhecimento do Espaço.....	79
4.1.2. Análise do espaço.....	80
4.1.3. Proposta planta.....	81
4.1.4. O Evento.....	85
4.2. <i>Expand Your Mind 2014</i>	86
4.2.1. Reconhecimento do Espaço.....	88
4.2.2. Análise do espaço.....	92
4.2.3. Proposta planta.....	94
4.2.4. O Evento.....	96
4.2.5. Avaliação do Evento.....	98
Capítulo 5 - Caso de Estudo: Garagem de São João.....	99
5.1. Propostas realizadas para o edifício.....	99
5.2. Caso de Estudo: Garagem de São João.....	101
5.2.1. Programa.....	101
5.2.2. Proposta.....	102
5.2.3. Questões formais e estéticas.....	105
5.2.4. Soluções técnicas.....	106
5.2.4.1. Estrutura.....	106

5.2.4.2. Paredes exteriores.....	106
5.2.4.3. Cobertura.....	107
5.2.4.4. Paredes interiores.....	107
5.2.4.5. Paredes amovíveis.....	107
5.2.4.6. Teto.....	108
5.2.4.7. Pavimentos.....	108
5.2.4.8. Caixilharias e Vidros.....	108
5.2.4.9. Energias renováveis.....	108
5.3. Proposta de Reabilitação da Garagem de São João.....	109
5.3.1. Levantamento do edifício existente.....	110
5.3.1.1. Planta de Implantação/ Localização.....	110
5.3.1.2. Plantas Piso.....	111
5.3.1.3. Alçados.....	117
5.3.1.4. Cortes.....	120
5.3.2. Adequação da edificação à utilização pretendida (Alterações).....	122
5.3.2.1. Plantas Piso.....	122
5.3.2.2. Alçados.....	126
5.3.3. Proposta de reabilitação.....	128
5.3.3.1. Plantas Piso (1:200)	128
5.3.3.2. Alçados (1:200)	135
5.3.3.3. Cortes (1:200)	138
Conclusão.....	140
Bibliografia.....	142
Anexos.....	147
1. Listagem do estado das fábricas no centro histórico	
2. Folheto <i>Expand Your Mind</i> 2014	

Índice Iconográfico

Fig. 1 Mapa de Portugal http://demos.dfr.pt/modulos/mapa/index.php	3
Fig. 2 Distrito de Castelo Branco http://demos.dfr.pt/modulos/mapa/index.php?d=5	3
Fig. 3 Mapa da cidade da Covilhã http://demos.dfr.pt/modulos/mapa/index.php?d=5	3
Fig. 4 Janela manuelina da judiaria Fotografia do autor	5
Fig. 5 Porta de entrada para as Capelas imperfeitas, no mosteiro da Batalha http://comcalma.blogspot.pt/2010/09/capelas-imperfeitas-mosteiro-da-batalha.html	5
Fig. 6 Evolução Demográfica http://portal2.bbdigital.pt/sites/prtbbd/DDREGIAO/NOSSAREGIAO/MUNICIPIOS/Covilha/Pages/DadosGerais.aspx	6
Fig. 7 Evolução da Estrutura Etária da População http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf	7
Fig. 8 Estatísticas 2001 http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html	7
Fig. 9 Estatísticas 2011 http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html	7
Fig. 10 Praça do Município, 1940 http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=ekZAATiSHGM34Yzd6ZvW41	99
Fig. 11 Praça do Município, mercado, anos 30/40 http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=Gdybp9rlcuWltPBt61wv	9
Fig. 12 Praça do Município, 1960 - Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=4lVsU52PK1zSRwZ07qo44	10
Fig. 13 Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=pgVJLW1MeGYZUIJcbcY	10
Fig. 14 Fonte das três bicas, Jardim Público, 2014 Fotografia do autor	10
Fig. 15 Praça do Município: Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine, 2014 Fotografia do autor	11
Fig. 16 Praça do Município: Edifício da Caixa Geral de Depósitos e Edifício dos antigos Correios, 2014 Fotografia do autor	11
Fig. 17 Espaços importantes do centro histórico Imagem de autor com base no mapa cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	12
Fig. 18 Chaminé da Fábrica Fotografia do autor	13
Fig. 19 Chaminé da Fábrica Têxtil Sampaio Ferreira & C ^a Lda http://emsc.files.wordpress.com/2010/05/riba-dave1.jpg	13
Fig. 20 Fábrica Têxtil Sampaio Ferreira & C ^a Lda http://emsc.files.wordpress.com/2010/05/riba-dave1.jpg	13
Fig. 21 Mapa dos trajetos da transumância	15

http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/2008/09/	
Fig. 22 Fábrica Campos Mello & Irmão e Manuel Lourenço & C.ª, década d 60	16
http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=JYF6eQ008a1nfp1gtrEe	
Fig. 23 Fábrica de Sarjas e Baetas, 2013	16
Fotografia do autor	
Fig. 24 Planta do edificado fabril no século XVIII	17
Imagem de autor, com base em ESPÍRITO SANTO, Teresa; <i>COVILHÃ: Paisagem Industrial</i> ; Dissertação de Mestrado, FCTUC; Coimbra; 2010, anexo	
Fig. 25 Real Fábrica de Panos, 1910	18
http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=nhsagcZqbNffIUvfi3qY	
Fig. 26 Universidade da Beira Interior	18
Fotografia do autor	
Fig. 27 Planta do edificado fabril no século XIX	19
Imagem de autor, com base em ESPÍRITO SANTO, Teresa; <i>COVILHÃ: Paisagem Industrial</i> ; Dissertação de Mestrado, FCTUC; Coimbra; 2010, anexos	
Fig. 28 Número de Estabelecimentos Fabris na Beira Interior (1930)	19
Pinheiro, Elisa Calado; <i>Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior - Abordagem Genérica</i> ; in <i>Rota da Lã Translana - Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)</i> ; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp. 298	
Fig. 29 Planta do edificado fabril no século XX	20
Imagem de autor, com base em ESPÍRITO SANTO, Teresa; <i>COVILHÃ: Paisagem Industrial</i> ; Dissertação de Mestrado, FCTUC; Coimbra; 2010, anexos	
Fig. 30 Planta do edificado fabril no século XXI	21
Imagem de autor, com base em Pinheiro, Elisa Calado; <i>Rota da Lã Translana - Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)</i> ; Vol. II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009	
Fig. 31 A evolução construtiva da UBI, na zona da Ribeira da Goldra	24
Imagem de autor, com base em MATOS, Madalena Cunha; Ponto, linha, plano: a edificação universitária na Covilhã; in <i>Monumentos: cidade, património, reabilitação</i> ; Julho 2009, nº 29	
Fig. 32 A evolução construtiva da UBI, na Ribeira da Carpinteira	24
Imagem de autor, com base em MATOS, Madalena Cunha; Ponto, linha, plano: a edificação universitária na Covilhã; in <i>Monumentos: cidade, património, reabilitação</i> ; Julho 2009, nº 29	
Fig. 33 Mapa atual com os Pólos da UBI	25
Fotografia do autor	
Fig. 34 Real Fábrica de Panos	25
http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=V9Ggml9iPFI0Kt6gzZ2	
Fig. 35 Pólo I - Departamento de Matemática	25
Fotografia do autor	
Fig. 36 Empresa Transformadora de Lãs	26
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/11/lanofabril.html	
Fig. 37 Pólo I - Bloco de Engenharias	26
Fotografia do autor	
Fig. 38 Claustro do antigo Convento de Santo António	26
http://viajar.clix.pt/foto.php?id=31&lg=pt&w=convento_de_santo_antonio_claustro	
Fig. 39 Pólo II - Reitoria	26
Fotografia do autor	
Fig. 40 Pólo III - Faculdade de Medicina	26

<http://intranet.fcsaude.ubi.pt/dokeos>

Fig. 41 Construção do muro de suporte para a Fábrica de Ernesto Cruz & C.^a, década de 30 27
<http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=FQ9LSbS0mno8nVz4andZ>

Fig. 42 Pólo IV - Ciências Sociais e Humanas 27
 Fotografia do autor

Fig. 43 Um exemplo do que se pode ver por toda a cidade da Covilhã 28
 Fotografia do autor

Fig. 44 Mapa com as Unidades Industriais na zona da Ribeira da Carpinteira 29
 Imagem de autor, com base em PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana - Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol. II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

Fig. 45 Mapa com as Unidades Industriais na zona da Ribeira da Goldra 30
 Imagem de autor, com base em PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana - Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol. II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

Fig. 46 Estado atual das Unidades Fabris do centro histórico da Covilhã 45
 Imagem de autor, com base em PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana - Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol. II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

Fig. 47 Sé de Lisboa, a antiga Igreja Basílica de Santa Maria Maior 49
 AA.VV.; *Descrição da Igreja da Basílica de Santa Maria Maior, O Recreio, Jornal das Famílias*, v.1 n.º 3; Da Imprensa Nacional; Lisboa, Março de 1835

Fig. 48 Perspetivas para a construção até 2014, 73.^a Conferência do Euroconstruct, 2012 62
 InCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.; *Perspetivas para a construção até 2014, 73.^a Conferência do Euroconstruct*; Londres, junho de 2012; URL: http://www.base.gov.pt/oop/downloads/Euroconstruct_73_final_2.pdf (acedido pela última vez em 8 Agosto de 2014)

Fig. 49 Produção total de construção, Euroconstruct (77^a Conferência) 63
 Prognosesteret AS; 77th EUROCONSTRUCT Conference 13th June 2014, Oslo; URL: http://www.euroconstruct.org/pressinfo/2013_77_PressRelease.pdf (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)

Fig. 50 Edifícios licenciados (N.º) em Portugal 64
<http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

Fig. 51 Proporção de superfície total reconstruída (%) em Portugal 64
<http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

Fig. 52 Proporção de superfície total reconstruída (%) em 2013 65
<http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

Fig. 53 Zona da ribeira da goldra 67
 Fotografia do autor

Fig. 54 Rotunda do rato 67
 Fotografia do autor

Fig. 55 Habitações no centro histórico 67
 Fotografia do autor

Fig. 56 Elevador Santo André 67
 Fotografia do autor

Fig. 57 Jardim do Lago 67
 Fotografia do autor

Fig. 58 Parque da Goldra 67

Fotografia do autor	
Fig. 59 Elevador da Goldra (construção) Fotografia do autor	67
Fig. 60 Auditório cinema imperador, janeiro 2009 http://www.labor.pt/noticia.asp?idEdicao=378&id=19394&idSeccao=3976&Action=noticia	68
Fig. 61 Auditório Casa da Criatividade, 2014 http://www.casadacriatividade.com/	68
Fig. 62 Fachada do cinema imperador, dezembro 2008 http://www.cm-sjm.pt/index.php?oid=10573&op=all	69
Fig. 63 Fachada Casa da Criatividade, 2014 Fotografia do autor	69
Fig. 64 Entrada, 2014 Fotografia do autor	69
Fig. 65 Interior, 2014 http://www.casadacriatividade.com/	69
Fig. 66 Pormenor escadas, 2014 http://www.casadacriatividade.com/	69
Fig. 67 Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso Fornecido pela Câmara Municipal de Sanyo Tirso	70
Fig. 68 Fábrica de Santo Thyrso, 2012 foto Filipe Jorge, Portugal Visto do Céu, Ed. Argumentum, Lisboa, 2007, inserida no documento “A Região Têxtil do Vale do Ave no NO de Portugal - território e crise” por Álvaro Domingues, Fac. Arquitectura da Universidade do Porto	70
Fig. 69 Fábrica de Santo Thyrso - Fachada este, 2014 Fotografia do autor	70
Fig. 70 Mapa com as áreas Fornecido pela Câmara Municipal de Sanyo Tirso	70
Fig. 71 Entrada da Fábrica de Santo Thyrso Fotografia do autor	71
Fig. 72 Zona de entrada para a Nave Cultural Fotografia do autor	71
Fig. 73 Fachada do centro interpretativo Fotografia do autor	71
Fig. 74 Nave Cultural Fotografia do autor	71
Fig. 75 Incubadora de Moda e Design Fotografia do autor	71
Fig. 76 Fachada principal da Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior Fotografia do autor	72
Fig. 77 Entrada mais a Noroeste entre dois volumes Fotografia do autor	72
Fig. 78 Parte traseira do Pólo de Engenharia Fotografia do autor	73
Fig. 79 Corredor Interior Fotografia do autor	73

Fig. 80 Claraboias para salas de aula Fotografia do autor	73
Fig. 81 Pormenor da cobertura Fotografia do autor	73
Fig. 82 Corredor de acesso para o edifício Fotografia do autor	73
Fig. 83 Sala de aula Fotografia do autor	73
Fig. 84 Fábrica de Massas Leões http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html	74
Fig. 85 Fábrica de Massas Leões http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html	74
Fig. 86 Planta do Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html	74
Fig. 87 Vista exterior http://www.in-loko.pt/evora-complexo-artes-ue.html	75
Fig. 88 Pormenor das escadas http://www.in-loko.pt/evora-complexo-artes-ue.html	75
Fig. 89 Corredor exterior http://www.in-loko.pt/evora-complexo-artes-ue.html	75
Fig. 90 Zona do pátio http://www.in-loko.pt/evora-complexo-artes-ue.html	75
Fig. 91 A organização do EYM 2013 em reunião http://www.in-loko.pt/evora-complexo-artes-ue.htm	76
Fig. 92 Toda a equipa responsável pelo EYM 2013 Fotografia organização EYM	76
Fig. 93 O <i>Expand Your Mind</i> no 5 para a meia-noite, 2013 Fotografia organização EYM	77
Fig. 94 O EYM no PechaKucha, apresentado por Bruno Cunha Fotografia organização EYM	77
Fig. 95 Fábrica de Ernesto Cruz & C. ^a , 1939 Fotografia do autor	78
Fig. 96 Vista da ribeira da carpinteira, 2014 http://fotos.sapo.pt/pjesus/fotos/?uid=EGY2VGW8Dq207RPC1lzi	78
Fig. 97 Fábrica de Ernesto Cruz & C. ^a Fotografia do autor	78
Fig. 98 Fábrica de Ernesto Cruz & C. ^a Fotografia do autor	78
Fig. 99 Planta do espaço para o <i>Expand Your Mind</i> 2013 Fornecido pelos Serviços Técnicos da UBI	79
Fig. 100 Entrada Fotografia do autor	79
Fig. 101 Corpo central Fotografia do autor	79

Fig. 102 Espaço exterior Fotografia do autor	79
Fig. 103 Humidade Fotografia do autor	80
Fig. 104 Vãos das janelas Fotografia do autor	80
Fig. 105 Sala inundada de água da chuva Fotografia do autor	80
Fig. 106 Canos - instalação para os pisos superiores Fotografia do autor	80
Fig. 107 Marcas de desgaste no chão Fotografia do autor	80
Fig. 108 Aberturas no chão para a instalação de canos Fotografia do autor	80
Fig. 109 Tear Fotografia do autor	81
Fig. 110 Tear com 100 anos Fotografia do autor	81
Fig. 111 Papeis sobre a antiga fábrica de lanifícios Fotografia do autor	81
Fig. 112 Estudo da iluminação para o espaço Fotografia do autor	81
Fig. 113 Estudo da passerelle para o desfile de moda Esquema do autor, com base na planta Fornecida pelos Serviços Técnicos da UBI	82
Fig. 114 Análise das patologias existentes no espaço Esquema do autor, com base na planta Fornecida pelos Serviços Técnicos da UBI	82
Fig. 115 Estudo das áreas necessárias para o evento Esquema do autor, com base na planta Fornecida pelos Serviços Técnicos da UBI	82
Fig. 116 Planta, Expand Your Mind 2013 Esquema do autor, com base na planta Fornecida pelos Serviços Técnicos da UBI	83
Fig. 117 Planta, Expand Your Mind 2014 Esquema do autor, com base na planta Fornecida pelos Serviços Técnicos da UBI	84
Fig. 118 Cartaz do Expand Your Mind 2013 http://www.movimentoexpandyourmind.com/	85
Fig. 119 Corredor central Fotografia do autor	85
Fig. 120 Várias exposições Fotografia do autor	85
Fig. 121 Exposição Teresa Domingues Fotografia do autor	85
Fig. 122 Exposição pedaços de história Fotografia do autor	85
Fig. 123 Exposição André Cunha Fotografia do autor	85

Fig. 124 Exposição Laura Vilares Fotografia do autor	85
Fig. 125 Video Mapping Fotografia do autor	85
Fig. 126 Exposição Wool Fotografia do autor	85
Fig. 127 Manequim de linhas Fotografia do autor	85
Fig. 128 Fachada principal (edifício em funcionamento) Fotografia do autor	87
Fig. 129 Maqueta do projeto não executado, arquiteto Carlos Ramos (1944) Fotografia do autor	87
Fig. 130 Fachada principal Fotografia do autor	87
Fig. 131 Fachadas a oeste https://www.facebook.com/recordareviver78	87
Fig. 132 Envolvente à Garagem de São João BRITES, Joana; <i>Um unísono a quatro vozes: arquitetura (s) do Estado Novo na Praça do Município da Covilhã</i> ; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp.132	87
Fig. 133 Vista sob Covilhã, a Norte http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/11700.html	87
Fig. 134 Vista sob a Covilhã, a Nordeste Fotografia do autor	87
Fig. 135 Entrada para o piso -1 Fotografia do autor	88
Fig. 136 Final da rampa, fachada este do piso -1 Fotografia do autor	88
Fig. 137 Zona plana do piso -1 Fotografia do autor	89
Fig. 138 Zona em pior estado do piso -1 Fotografia do autor	89
Fig. 139 Piso 0, entrada edifício Fotografia do autor	89
Fig. 140 Viaturas dos bombeiros, que se encontravam no espaço Fotografia do autor	89
Fig. 141 Lixo que existia no piso 0 Fotografia do autor	89
Fig. 142 Divisão do Piso 0, com pé direito baixo Fotografia do autor	89
Fig. 143 Escadas de acesso ao piso intermédio Fotografia do autor	90
Fig. 144 Espaço do piso intermédio, com ligação à rampa Fotografia do autor	90
Fig. 145 Um dos espaços do piso intermédio	90

Fotografia do autor	
Fig. 146 Piso 1, vista do final da rampa Fotografia do autor	90
Fig. 147 Água sob o piso 1 Fotografia do autor	90
Fig. 148 Piso 1, fachada virada a este Fotografia do autor	90
Fig. 149 Início da rampa que dá acesso ao piso 2 Fotografia do autor	90
Fig. 150 Piso 2, vista a norte Fotografia do autor	91
Fig. 151 Piso 2, vista sob a fachada principal Fotografia do autor	91
Fig. 152 Entradas para pequenas divisões, a Este Fotografia do autor	91
Fig. 153 Forno, no piso 2 Fotografia do autor	91
Fig. 154 Desgaste na parede do piso 2 Fotografia do autor	92
Fig. 155 Chão com sinais de desgaste Fotografia do autor	92
Fig. 156 Sinais de infiltrações Fotografia do autor	92
Fig. 157 Abertura na cobertura Fotografia do autor	92
Fig. 158 Água e dejetos de animais no piso 2 Fotografia do autor	92
Fig. 159 Vão com falta de vidros Fotografia do autor	92
Fig. 160 Instalação elétrica existente Fotografia do autor	93
Fig. 161 Canalização Fotografia do autor	93
Fig. 162 Portas de madeira interiores Fotografia do autor	93
Fig. 163 Fosso no piso 0 Fotografia do autor	93
Fig. 164 Piso -1 Fotografia do autor	93
Fig. 165 Fachadas viradas a este, piso -1 Fotografia do autor	93
Fig. 166 Planta Piso 0, Expand Your Mind Esquema do autor	94
Fig. 167 Planta Piso Intermédio, Expand Your Mind	94

Fig. 168 Planta Piso 1, Expand Your Mind Esquema do autor	95
Fig. 169 Planta Piso 1, Expand Your Mind Esquema do autor	95
Fig. 170 Cartaz do Expand Your Mind 2014 Fotografia do autor	96
Fig. 171 Entrevistados pela cidade da Covilhã Fotografia do autor	96
Fig. 172 Video Mapping Fotografia do autor	96
Fig. 173 Espaço I- Start Fotografia do autor	96
Fig. 174 Vista para a sala da organização Fotografia do autor	97
Fig. 175 Rampa de acesso Fotografia do autor	97
Fig. 176 Exposição da Escola Secundária Campos Melo Fotografia do autor	97
Fig. 177 Exposição da New Hand Lad http://www.movimentoexpandyourmind.com/	97
Fig. 178 Pintura na parede Fotografia do autor	97
Fig. 179 Rampa de acesso Fotografia do autor	97
Fig. 180 Instalação com madeiras recicladas Fotografia do autor	97
Fig. 181 Exposição de calçado da Prof Fotografia do autor	97
Fig. 182 Pintura no piso 2 Fotografia do autor	97
Fig. 183 Entrada para o espaço de teatro Fotografia do autor	97
Fig. 184 Proposta da IMABEL - Planta de implantação, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	99
Fig. 185 Proposta da IMABEL - 3D, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	99
Fig. 186 Proposta da IMABEL - Piso -2, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	99
Fig. 187 Proposta da IMABEL - Piso -1, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	99
Fig. 188 Proposta da IMABEL - Piso 0, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100
Fig. 189 Proposta da IMABEL - Piso 1, jan 2004 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100

Fig. 190 Projeto da IMABEL - corte B-B', jan 2007 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100
Fig. 191 Projeto da IMABEL - Alçado Nascente, jan 2007 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100
Fig. 192 Projeto da IMABEL - Piso 0, jan 2007 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100
Fig. 193 Projeto da IMABEL - Piso 5, jan 2007 Cedido pela Câmara Municipal da Covilhã	100
Fig. 194 Organigrama Funcional Esquema do autor	103
Fig. 195 Mapa nas fachadas principais Fotografia do autor	105
Fig. 196 Rampa de acesso, vista do piso superior Fotografia do autor	105
Fig. 197 Parede de alvenaria de pedra Esquema do autor	106
Fig. 198 Recuperação da cobertura SILVA, Vera; <i>Guia para a reabilitação - Isolamento térmico de edifícios correntes com poliestireno extrudido</i> ; Inovadomus, Ílhavo, URL: http://www.inovadomus.pt/cooperar/wp-content/uploads/2013/07/04guia.pdf (acedido pela última vez em 12 de Agosto de 2014)	107
Fig. 199 Colocação de divisórias acústicas nusing premium http://www.eurodivisal.com/html/produtos/divisoriasacusticas/premium.html (acedido pela última vez em 12 de Agosto de 2014)	108
Fig. 200 Aplicação de autonivelante cimenticio http://www.geradordeprecos.info/obra_nova/Revestimentos/Pavimentos/Argamassas_e_pastas_de_nivelacao/RSA022_Argamassa_autonivelante_de_cimento_.html (acedido pela última vez em 12 de Agosto de 2014)	108

Introdução

A preocupação e a sensibilidade para reabilitar, reaproveitar e preservar o património português está cada vez mais presente, não só na área da arquitetura como na sociedade em geral. Um dos motivos que a isso tem conduzido é a crise que se atravessa, sendo o incentivo à reabilitação uma das respostas a este problema.

A reabilitação, para além de valorizar toda a história de um povo, de uma cultura, de uma determinada arquitetura, ainda transforma espaços devolutos e muitas vezes esquecidos, em espaços com uma nova vida e, conseqüentemente, uma cidade com uma nova imagem. A Covilhã, vista como um paradigma de cidade industrial devoluta, é um local que requer uma grande preocupação a este nível, uma vez que contém um vasto número de edifícios abandonados e a necessitarem de reabilitação, para que volte a ter novamente uma imagem activa e produtiva e para que não faça apenas parte da história. Para além disso, a demografia da Beira Interior apresenta uma elevada percentagem de população idosa, com poucos jovens a terem como residência principal a Covilhã.

Assim surge o interesse em associar reabilitação e a cidade da Covilhã, sendo o edifício da Garagem de São João uma boa aposta neste sentido, pois localiza-se numa zona central e nobre da cidade, com uma arquitetura ainda em relativo bom estado e que não é indiferente a quem vive e a quem passa pela cidade. Assim e, como proposta para reverter esta situação, surge este trabalho para que o espaço ganhe uma nova vida, influenciando toda a zona histórica da cidade.

Outro ponto de interesse para este trabalho é a presença, na cidade, da Universidade da Beira Interior, que todos os anos forma novos e bons profissionais, mas que não beneficia na totalidade deste fator e que não tendo condições para a sua fixação, os vê sair e regressar às suas terras de origem. Então porque não recuperar um espaço que se encontra esquecido e voltar a dar-lhe uma função produtiva e inovadora? Importa recuperar a capacidade produtiva, ainda que agora virada para o futuro, sem esquecer o passado.

Esta proposta de reabilitação defende o equilíbrio entre a preservação dos testemunhos do passado e o imperativo de responder às exigências da vida contemporânea e do futuro da comunidade. Procura-se criar um espaço cultural moderno e atual que tem como base a proteção e a preservação do património.

Pretende-se conceber uma proposta para que aquele espaço torne a ter vida, através de eventos culturais que articulem com a criatividade e o empreendedorismo, recriando a cidade. Esta proposta pretende ainda fomentar a ligação entre diferentes gerações - entre aqueles que viveram numa Covilhã industrial e produtiva e os que agora detêm ideias e projetos inovadores e que pretendem contribuir para uma cidade mais dinâmica, após a conclusão dos estudos superiores, continuando a viver e a apostar nesta cidade.

Esta dissertação está estruturada em duas partes: a fundamentação teórica do tema e a apresentação da proposta de reabilitação.

Assente na pesquisa bibliográfica e na recolha de documentação, essenciais para o seu desenvolvimento, a fase inicial desta dissertação divide-se em vários capítulos, interligados entre si e cruciais para a realização e concretização deste processo.

Num primeiro momento será elaborado um estudo aprofundado da cidade da Covilhã: um enquadramento geral sobre a cidade e depois, em particular, sobre o centro histórico. Existem outros temas que se revelam obrigatórios abordar para que se possa compreender a cidade e a sua história, como sejam a indústria dos lanifícios, desde a sua origem até aos nossos dias, e a cidade universitária, com uma reflexão sobre o seu aparecimento e o seu papel na Beira Interior. Depois de se analisar a cidade-fábrica, surge uma análise mais detalhada sobre o património arquitetónico deixado pela indústria dos lanifícios, na zona histórica da cidade.

Num segundo momento, surge a temática da reabilitação, sendo crucial compreender o que define este tema, o que este engloba e perceber a importância da preservação e reabilitação do Património neste território, com tanta história e memórias. Para tal recorrer-se-á à pesquisa e ao estudo do tema, assim como à análise de projetos de reabilitação já executados e que obtiveram um bom resultado, com especial enfoque nos que ocorreram na cidade da Covilhã.

Terminada esta fase de pesquisa teórica, não era possível passar para a proposta de reabilitação da Garagem de São João, sem antes dar a conhecer o movimento *Expand Your Mind*, de modo a explicar o que é, como surgiu e a importância que adquiriu para este trabalho.

Neste seguimento, a última fase da dissertação apresenta a proposta de reabilitação do edifício da Garagem de S. João. Partindo do estudo deste edifício, desde a sua origem até aos dias de hoje, a proposta final assenta na apresentação de desenhos rigorosos com a solução a adoptar na reabilitação deste espaço.

A temática da preservação do património é já muito debatida e a Covilhã não é exceção. Foram já várias as publicações geradas por este tema e muitas mais, especificamente, sobre o património industrial existente na cidade. Um dos exemplos disso é a obra da Elisa Calado Pinheiro, que é uma das referências quando se fala em património industrial covilhanense. Além disso, foram já várias as dissertações apresentadas à Universidade da Beira Interior sobre propostas de reabilitação para espaços devolutos na Covilhã. O edifício da Garagem de São João, talvez pelas suas características particulares e por se encontrar num estado razoável de conservação, comparativamente a muitos outros que se encontram esquecidos e devolutos, foi já alvo de várias propostas, maioritariamente académicas.

Como seria de esperar, cada uma delas tem a sua particularidade, quer pela proposta de reabilitação em si, quer pelos temas abordados ao longo do trabalho, pelos motivos que levaram ao resultado, entre outros. Neste caso, esta proposta difere-se das outras principalmente pelo processo e pelo motivo que gerou todo este trabalho académico e consequentemente o resultado. Ou seja, aliada a este trabalho houve toda uma outra parte prática e de concretização parcial do que é proposto *in situ* através do evento *Expand Your Mind*, o que contribuiu favoravelmente para este trabalho, uma vez que este foi gerado através de uma necessidade real.

Capítulo 1 - A cidade da Covilhã

1. A cidade da Covilhã

A Covilhã é uma cidade portuguesa, localizada na Beira Interior - área de transição entre o Norte e o Sul interior do país (Fig.1). Esta região apresenta um valor relevante e multifacetado de paisagens, que apesar de marcadas pela ação humana, continuam a fazer dela a que detém a maior área protegida do país, na qual se insere o Parque Natural da Serra da Estrela¹.

Integrado no Distrito de Castelo Branco (Fig.2), o concelho da Covilhã tem cerca de 51 777 habitantes (2011), e o seu perímetro urbano com 25 146 mil habitantes (2011) é formado por dez freguesias: quatro originárias - Santa Maria, Conceição, São Martinho e São Pedro - e seis que se uniram à cidade devido ao seu crescimento - o Teixoso, Canhoso, Vila do Carvalho, Cantar Galo, Boidobra e Tortosendo (Fig.3).²



Fig. 2 Distrito de Castelo Branco



Fig. 3 Mapa da cidade da Covilhã

A Covilhã reclinada na encosta da Serra da Estrela, situa-se a cerca de 700m de altitude, voltada para nascente e com duas ribeiras, a de Goldra e a Carpinteira, que descem a Serra da Estrela, atravessam o núcleo urbano e estendem-se até ao rio Zêzere.³

No século XVI, Frei Heitor Pinto, frade jerónimo natural da Covilhã, descrevia assim a paisagem da cidade: “*Situada num lugar alto e desabafado e de singular vista, entre duas frescas e perenais ribeiras, com infinidade de frias e excelentes fontes, e cercada de deleitosos e frutíferos arvoredos, chamada antigamente Cova Júlia*”⁴.

¹ PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998, pp.47

² Censos 2011, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf> (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

³ <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2401> (acedido pela última vez em 4 de Fevereiro de 2014)

⁴ SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970, pp.11

Portugal tem um clima mediterrânico e este município não é exceção, ainda que se registem alterações de temperatura de acordo com a altitude, podendo ocorrer neve, por vezes abundante, nas áreas mais elevadas (acima de 1500m de altitude). Na área urbana, os verões apresentam temperaturas altas e com precipitações escassas, enquanto os invernos têm temperaturas amenas durante o dia e mais baixas à noite⁵.

Não existe uma certeza quanto à origem do nome “Covilhã”. Na opinião de alguns, o nome surgiu por motivos topográficos – Cova Ilana (lhana) – o que também lembra a terminologia atual de Cova da Beira. Outros defendem que o nome surgiu por razões históricas, do nome do Conde Julião ou de Júlio César - Cova Juliana. A primeira vez que surge um marco histórico válido para a Covilhã como terra portuguesa é em 1186, com o nome de Coveliana, depois Coviliana em 1223 e finalmente, 100 anos depois, a forma Covilhã, quase como a conhecemos hoje⁶.

Importantes descobertas, como a existência de inúmeros castros- no português antigo, castelo ou construções fortificadas, da idade do ferro⁷ - revelam que os primeiros povos a habitar a Covilhã não foram os romanos. Vários povos da pré-história foram-se instalando devido às boas condições de sobrevivência e o rio Zêzere trouxe pessoas das mais variadas partes para trocarem os seus produtos⁸.

Os romanos acomodaram-se na Covilhã nos tempos da invasão romana à Península Ibérica, tendo a região servido como abrigo a pastores lusitanos e como fortaleza romana⁹.

Na idade média, a Covilhã era já uma das principais vilas do reino. Devido à sua localização como ponto de cruzamento de estradas e caminhos, foi conquistada e reconquistada várias vezes, o que quase levou à sua destruição. Isto fez com que os covilhanenses criassem o seu próprio município, para se conseguirem organizar e defender¹⁰.

Terminada a reconquista, finalmente as pessoas da Covilhã puderam organizar-se a nível económico e pensar numa solução que fosse além da agricultura de subsistência. No renascimento, a Covilhã era já uma vila em expansão populacional, e ainda que predominassem a agricultura pastorícia, a fruticultura e a floresta, o comércio e a indústria artesanal, especialmente os lanifícios, estavam em considerável progresso. A importância do comércio torna-se visível na arquitetura das ruas que se cruzam na praça do município, em que dezenas de casas passaram a ter uma porta larga e outra estreita, para a oficina e casa, respetivamente¹¹.

⁵ CUNHA, Lúcio; *Enquadramento Geográfico e Caracterização das Regiões de estudo – A Beira Interior – Portugal*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp. 50

⁶ SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970, pp.15 e 16

⁷ SILVA, Jorge e CALADO, Margarida; *Dicionário de termos de arte e arquitectura*; Editorial Presença; Lisboa, Março 2005, pp.84

⁸ *Covilhã, cidade Fábrica, cidade Granja*, URL: <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

⁹ *Covilhã na Antiguidade*, URL: <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

¹⁰ *A Covilhã na idade média*, URL: <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

¹¹ *A Covilhã na idade média e A Covilhã no Renascimento*, URL: <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

Várias personalidades naturais da Covilhã, entre as quais Frei Diogo Cunha, Pêro da Covilhã, Beato Francisco Álvares, Frei Pedro da Covilhã, levaram o nome da região para todas as partes do mundo através da sua fé e da participação nas conquistas marítimas. As obras realizadas pelos reis castelhanos nesta terra também atestam a importância da Covilhã¹².

Relativamente ao estilo arquitectónico, a Praça do Município foi, até há poucos anos, de estilo filipino e ainda se encontram vários vestígios desse estilo nas ruas próximas a esta e até pelo concelho¹³.

O estilo manuelino também está presente na cidade, a título de exemplo pode-se ver a janela manuelina da judiaria da Rua das Flores (Fig.4). Uma referência deste estilo é o arquiteto covilhanense Mateus Fernandes, criador do projeto da porta de entrada para as Capelas imperfeitas, no mosteiro da Batalha (Fig.5)¹⁴.



Fig. 4 Janela manuelina da judiaria (Rua das Flores – Covilhã)



Fig. 5 Porta de entrada para as Capelas imperfeitas, no mosteiro da Batalha

A Covilhã e as aldeias mais próximas demonstram uma especial capacidade para a indústria de lanifícios. As duas ribeiras, Carpinteira e da Goldra que descem da Serra da Estrela e atravessam o núcleo urbano tiveram um papel fundamental no progresso industrial¹⁵.

Em 1864 é criada a Escola Industrial, por decreto do Ministério das Obras Públicas, o que reforça a importância da indústria de lanifícios na Covilhã.

Poucos anos depois, a 20 de Outubro de 1870, o rei D. Luís eleva a Covilhã à categoria de cidade:

"... é uma das vilas mais importantes do Reino pela sua população e riqueza... é uma das populações do Reino que mais se tem distinguido pela fecunda iniciativa dos seus habitantes, na fundação e aperfeiçoamento de muitos e importantes estabelecimentos fabris, cujos produtos podem já disputar em primazia com os das fábricas estrangeiras mais acreditadas pelo seu desenvolvimento industrial. E desejando dar aos habitantes da referida vila um solene

¹² A Covilhã no Renascimento, URL: <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

¹³ Idem

¹⁴ Ibidem

¹⁵ PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998, pp.45 e 46

*testemunho do subido apreço em que tenho os seus honrados esforços pelo progresso e aperfeiçoamento da indústria nacional: Hei por bem fazer mercê à dita vila de Covilhã de a elevar à categoria de cidade...*¹⁶

No século XX, em resultado deste processo surge o Instituto Politécnico da Covilhã, atualmente Universidade da Beira Interior, sendo a licenciatura nos têxteis um dos primeiros cursos¹⁷.

Atualmente a cidade já não vive da indústria dos lanifícios, mas ainda se podem ver dezenas de edifícios industriais em ruínas, que compõem um interessante núcleo de arqueologia industrial.

A Covilhã é uma terra com uma forte tradição de luta operária. Na história existem vários episódios de greves e manifestações, em que a população tentava alcançar os seus direitos na indústria dos lanifícios. Ferreira de Castro, no seu livro *A Lã e a Neve* descreve um povo unido e lutador: “No século XX, mais do que sons de flautas pastoris descendo do alto da serra para os vales, subiam dos vales para o alto da serra queixumes, protestos, rumores de homens que, às vezes, se uniam e reivindicavam um pouco mais de pão”.¹⁸

A população da Covilhã é denominada de mista, em que a sua maioria se encontra no núcleo urbano (cerca de 48,7%) e a restante está dividida pelas outras 27 freguesias do concelho.¹⁹

De 1801 a 2011 verifica-se (Fig.6) uma afluência maior de população residente entre os anos 60 e 80 do século XX. A indústria dos lanifícios foi a impulsionadora da grande oferta de trabalho e a responsável pela expansão da cidade durante esta época, tendo atraído um maior número de pessoas para a Cova da Beira. Com a queda desta indústria, o número de pessoas residentes diminuiu e esta tem sido uma região caracterizada pela emigração.²⁰

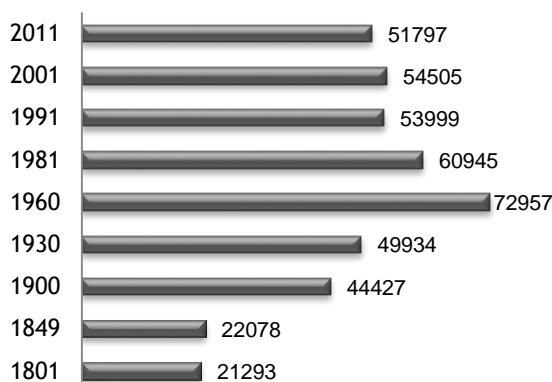


Fig. 6 Evolução Demográfica

¹⁶ SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970, pp.54

¹⁷ PINHEIRO, Elisa Calado; *A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp.99

¹⁸ CASTRO, Ferreira de; *A Lã e a Neve*; 16ª ed; Ed. Guimarães; Lisboa, 2010, pp.10

¹⁹ Censos 2011, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf> (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

²⁰ <http://portal2.bbdigital.pt/sites/prtbbd/DDREGIAO/NOSSAREGIAO/MUNICIPIOS/Covilha/Pages/DadosGerais.aspx> (acedido pela última vez em 9 de Abril de 2014)

A estrutura etária da população residente na Covilhã, como normalmente acontece no interior do país, apresenta uma grande percentagem de população idosa em relação à população jovem (Fig.7). Entre os anos de 2001 e 2011 esta situação acentuou-se, com um índice de envelhecimento de 173,6.²¹

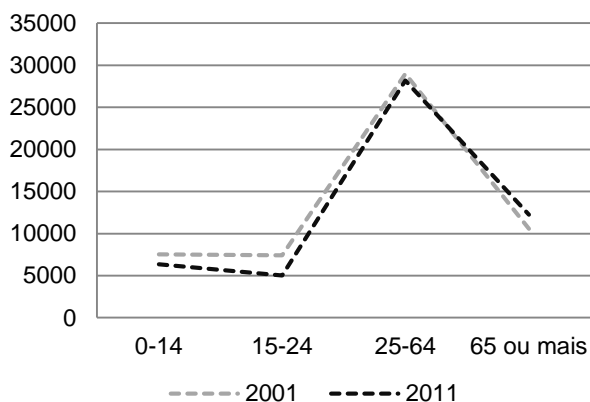


Fig. 7 Evolução da Estrutura Etária da População

Apesar da diminuição da população residente e do envelhecimento da mesma, verificaram-se um conjunto medidas para contrariar os aspetos negativos desta região e houve outros fatores que melhoraram, nomeadamente o aumento de número de alojamentos, de edifícios e de famílias (Fig. 8 e 9)²²



Fig. 8 Estatísticas 2001



Fig. 9 Estatísticas 2011

²¹Censos 2011, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf> (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014) http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

²² http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html (acedido pela última vez em 11 de Maio de 2014)

1.1. Centro Histórico

O centro histórico é a zona mais antiga da cidade e, por isso mesmo, aquela que, através dos monumentos e de outros elementos, conta a história da cidade e o que ainda resta do passado, ajudando a compreender a cidade dos nossos dias.²³

Na Covilhã, o centro histórico é o núcleo de origem do aglomerado, a partir do qual outras áreas urbanas se expandiram. Atualmente este é formado pelas quatro freguesias originárias - São Pedro, São Martinho, Santa Maria e Conceição. A mais antiga é a freguesia de Santa Maria, apesar da freguesia de Conceição ter sido a primeira a ser constituída como tal. A freguesia de São Pedro é há muito considerada a mais importante por ter o maior número de serviços e por ser o centro da cidade. A freguesia de São Martinho é a que detém a maior área territorial.²⁴

Este núcleo corresponde ao centro funcional tradicional da cidade e, ainda que tenha perdido alguns serviços e que seja a zona menos acessível comparativamente à zona mais moderna, continua a ser a parte mais bonita, com mais história e simbologia da cidade. Vê-se com frequência, principalmente em cidades portuguesas mais desenvolvidas, a existência de dois centros – o centro histórico, onde toda a cidade surgiu e onde durante séculos tudo aconteceu, e o centro cívico, numa zona mais moderna que passa a concentrar todos os serviços e atividades. Mas, na Covilhã, o centro cívico da cidade mantém-se no centro histórico.²⁵

Contudo e de acordo com alguns estudiosos da história local o desenvolvimento da Covilhã é um caso peculiar relativamente a outras cidades do país. Na idade média, enquanto a cidade ia crescendo a este e a sudeste, o interior da muralha permanecia desabitado. Para travar este fato invulgar na época, D. Fernando I chegou a oferecer privilégios aos que ocupassem a zona intra-muros.²⁶

Em 1614, os Filipes mandaram construir o edifício dos Paços do Conselho no lugar da antiga Porta da Vila, a mais importante das cinco portas das muralhas medievais. Surge então, considerado naquela época, o edifício “mais majestoso da vila”, onde funcionavam os serviços municipais e, no rés-do-chão, a prisão do concelho. Em frente a este edifício criou-se um amplo terreiro que veio a transformar-se no centro cívico da cidade. Ao centro ergueu-se um pelourinho, uma coluna de pedra assente sobre uma plataforma de quatro degraus e tendo por capitel uma roca, com fuste oitavado composto por duas pedras. Apesar de ainda hoje se utilizar o termo pelourinho para denominar o centro da cidade, este foi destruído em 9 de Maio de 1863²⁷.

Com o passar do tempo, este espaço foi-se rodeando de casas e de igrejas e adquiriu o estatuto de Praça do Município. Era neste local que a população se juntava, em convívios no dia-a-dia, nos mercados semanais, em corridas de touros e em muitas outras atividades. Tudo acontecia no pelourinho, desde pequenas conversas a festas e até a grandes manifestações.

²³ SEBASTIÃO, Ana Sofia; *Planeamento Estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras*; Mestrado em Geografia – Gestão do Território e Urbanismo; Universidade de Lisboa; Outubro de 2010, pp.20

²⁴ <http://www.cm-covilha.pt/> (acedido pela última vez em 24 de Março de 2014)

²⁵ SEBASTIÃO, Ana Sofia; *Planeamento Estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras*; Mestrado em Geografia – Gestão do Território e Urbanismo; Universidade de Lisboa; Outubro de 2010, pp.20 e 21

²⁶ QUINTELA, A. M. (1990 [1899]), *Subsídios para a Monographia da Covilhan*, Covilhã, Tip. d'«O Rebate», pp.25 e 26

²⁷ SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970, pp.76-78

Esta praça chegou a ser arborizada, com bancos e com um coreto no centro (Fig.10) onde, em dias festivos, tocavam as bandas da cidade.²⁸



Fig. 10 Praça do Município, 1940



Fig. 11 Praça do Município (mercado), anos 30/40

Com a vinda do Estado Novo, nos anos 40, surge uma importante transformação urbana da Covilhã. O arquiteto João António Aguiar é o responsável por elaborar o antepiano geral de urbanização da Covilhã e o plano parcial de urbanização da área compreendida entre o largo do pelourinho e a estação de caminho-de-ferro, assim como em projetar a nova Praça do Município.²⁹

Assim, a escala da cidade é ampliada, com a introdução de uma nova rede de vias que se tornam estruturantes na união entre a zona alta e a zona baixa da cidade, acompanhada de novos equipamentos e bairros residenciais.³⁰

Na zona central entre 1944 e 1958 foi realizada uma profunda remodelação da praça, que culminou num novo centro cívico característico do regime. Esta intervenção consistiu num novo desenho da praça (Fig.12), com a inauguração do novo edifício da Câmara Municipal e a introdução de novos equipamentos - Caixa Geral de Depósitos, Correios e o Teatro-Cine. Isso implicou a destruição do antigo edifício filipino e a transferência da fonte das três bicas (Fig.13) para perto do jardim público (Fig.14). Esta fonte de traça barroca foi construída em 1855, apresentando colunas trabalhadas e frontões triangulares com pilastras.³¹

²⁸ SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970, pp.76

²⁹ LÔBO, Margarida de Souza; *Covilhã: planos de urbanização à época de Duarte Pacheco*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp.30-39

³⁰ LÔBO, Margarida de Souza; Op. Cit. pp.30-39

³¹ Idem



Fig. 12 Praça do Município, 1960 - Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine



Fig. 13 Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine



Fig. 14 Fonte das três bicas, Jardim Público, 2014

O arquiteto Fernandes destaca ainda outros três equipamentos do mesmo período que marcam a paisagem urbana pela sua arquitetura imponente e ainda pela sua importância simbólica e funcional: o Hotel Solneve “sinal da percepção de um novo turismo de montanha”; a Garagem de São João, possuidora de uma imagem inovadora e com um “mapa gigante” da Península Ibérica com a marcação das estradas e cidades principais simboliza a disseminação dos transportes rodoviários marcando uma nova entrada na cidade; e o Mercado Municipal, um edifício também imponente e com uma função comunitária, que se liga à antiga muralha.³²

Quanto ao desenvolvimento da zona baixa da cidade esta começou a ganhar contornos em torno da estação de caminho-de-ferro. Só mais tarde, em meados do século XX é que se começa a alcançar uma nova definição de centralidade, através da construção do tribunal (1957), da penitenciária, de escolas e de bairros residenciais de diferentes tipologias. No entanto este desenvolvimento deu-se de um modo deficiente no que se refere essencialmente a espaços públicos, o que vinha justificar uma urgente intervenção paisagística de um modo global e com o objetivo de reordenar todo o conjunto.³³

O centro histórico da Covilhã, sobretudo a praça do município - conhecida como pelourinho, testemunhou os acontecimentos mais importantes da cidade. Esta praça teve e ainda tem os edifícios mais imponentes e, por isso, hoje foram classificados como conjunto arquitetónico de interesse público - a Caixa Geral de Depósitos, os Correios e o Teatro-Cine – que segue “a mesma estética de sobriedade, solidez e revivalismo”³⁴.

De acordo com o despacho do secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier sobre a praça do município, este refere que “Tal reconfiguração do centro cívico de uma cidade, moldado à imagem do regime através do recurso à sua linguagem identitária, patente nos quatro imóveis e assente na estética revivalista, onde a repetição de elementos, como os revestimentos de cantarias de granito, arcadas e pináculos, define o caráter homogéneo de escala e estilo e a solidez monumental, constitui sem dúvida um caso único na época”³⁵.

³² FERNANDES, J. M.; *Covilhã, uma leitura de síntese: estrutura urbana, conjuntos edificados e arquiteturas, sua evolução*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp.48-50

³³ Ibidem, pp. 52

³⁴ Portaria publicada no dia 16 de Junho de 2014, em *Diário da República. Edifícios emblemáticos da Covilhã classificados de interesse público*; O Interior, Guarda, 19 de Junho de 2014, pp.11

³⁵ *Edifícios emblemáticos da Covilhã classificados de interesse público*; O Interior, Guarda, 19 de Junho de 2014, pp.11

Todos estes edifícios (Fig. 15 e 16), apesar de projetados por diferentes arquitetos possuem características semelhantes, típicas do Estado Novo. O Teatro-Cine foi projetado pelo arquiteto Raul Rodrigues Lima no local aonde também já existiu o oitocentista Theatro Calleya, tal como este, o edifício dos Paços do Concelho veio igualmente substituir uma edificação já existente, como já referido neste capítulo, em que “O projeto, da autoria de João António de Aguiar, retoma o tema das arcadas térreas de granito e dos pináculos piramidais decorativos, presentes noutros imóveis do conjunto”³⁶. No caso da Caixa Geral de Depósitos, esta foi inaugurada em 1952 e semelhante aos restantes, apresenta um “piso térreo revestido a cantaria, e aberto por arcaria de arcos redondos, em harmonia com a galeria dos Paços do Concelho e vãos de tipologia seiscentista nos andares superiores”³⁷.



Fig. 15 Praça do Município: Edifício da Câmara Municipal e Teatro-Cine, 2014



Fig. 16 Praça do Município: Edifício da Caixa Geral de Depósitos e Edifício dos antigos Correios, 2014

³⁶ Idem

³⁷ Ibidem

É indiscutível a importância dos centros históricos, pois são representativos de valores culturais, históricos, arquitetónicos, urbanísticos e até mesmo afetivos, pelo que urge travar a crise que se faz sentir no abandono dos centros históricos, ao longo destes anos. Estes ficam entregues a uma população cada vez mais envelhecida e que aos poucos deixa de dar continuidade às funções tradicionais. Assim, pela baixa ocupação populacional mais jovem e pelas transformações sociais e económicas que tudo isto acarreta, os próprios edifícios deixam aos poucos de cumprir as suas funções e entram num processo de degradação. Torna-se então obrigatório tomar medidas no âmbito da preservação e revitalização dos centros históricos das cidades.

No caso da Covilhã, essas medidas passam por criar condições para que a população jovem e produtiva, que passa pela cidade para completar os seus estudos, permaneça nesta; por criar incentivos para os novos residentes, captando e incentivando o estabelecimento de novas atividades; por tornar todo o espaço público mais atrativo e por reforçar a preservação e reabilitação do património histórico-arquitetónico existente (Fig.17).



Fig. 17 Espaços importantes do centro histórico

1.2. Cidade-fábrica

A indústria têxtil portuguesa já foi a responsável por 30% do volume de exportações e de mão-de-obra do país, um valor elevado comparativamente a outros países da União Europeia. Esta indústria dividiu-se em duas zonas do país: uma a Norte, principalmente entre o Porto e Braga, onde prevalecia o sector algodoeiro e do linho, e outra na zona centro, em redor da Serra da Estrela, com uma grande preponderância nos lanifícios.³⁸

Atualmente, ainda é visível a importância que a indústria têxtil teve nestas duas regiões, através da própria arquitetura - edifícios fabris abandonados, elementos arquitetónicos como as chaminés (Fig.18,19 e 20) – e através da existência, ainda que em menor número, de empresas em funcionamento ligadas ao têxtil.



Fig. 18 Chaminé do Conjunto industrial da Fonte do Lameiro



Fig. 19 Chaminé da Fábrica Têxtil Sampaio Ferreira & C^a Lda



Fig. 20 Fábrica Têxtil Sampaio Ferreira & C^a Lda³⁹

A indústria de lanifícios concentrou-se essencialmente nas regiões de tradição pastoril no interior do país, nomeadamente na Serra da Estrela, no interior alentejano e em Trás-os-Montes, ainda que nestes últimos com menor expressão.⁴⁰

A história da indústria de lanifícios da Beira Interior baseia-se não só nos registos documentais, mas também num conjunto de fontes históricas como sejam os testemunhos orais e as evidências existentes no território patrimonial, que cruzando-se facilitam a aprendizagem e o conhecimento sobre a vida industrial desta região de Portugal.⁴¹

³⁸ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.218

³⁹ Fábrica Têxtil Sampaio Ferreira & C^a Lda, fundada em 1896, foi a primeira fábrica algodoeira a emergir no concelho de Vila Nova de Famalicão

⁴⁰ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.221

⁴¹ PINHEIRO, Elisa Calado; Op. Cit. pp.218

Entre o século XVIII e o século XX a indústria de lanifícios teve uma enorme expressão na cidade da Covilhã. A quantidade de edifícios industriais em funcionamento ao longo dessa época atestam a sua importância e desenvolvimento.⁴²

*“Pouco a pouco (...) foi sendo tradição no reino que os homens da Covilhã e as suas redondezas eram mestres, como nenhuns outros, em tecer bifas, almafegas e buréis. Então, os monarcas e seus acólitos acabaram atentando nesses tecelões dispersos pelas abadas da serra; e com ordenações, pragmáticas, alvarás e regimentos, ora os estimulavam em seu solitário labor, ora os constrangiam sob pesadas sisas.”*⁴³

Mais tarde começaram a surgir algumas dificuldades, as quais a cidade sempre tentou ultrapassar. No entanto, apesar de todos os esforços, a indústria dos lanifícios covilhanense não suportou a crise do início da década de 70 e a cidade começou a entrar em decadência. Com o tempo, a população começou a perceber que esta crise era irreversível e, ainda hoje, são visíveis os danos causados na cidade que já foi conhecida como a *Manchester Portuguesa* na indústria dos lanifícios.⁴⁴

A indústria da lã iniciou a sua marca na cidade da neve na época medieval, com a fixação de comunidades judaicas na região. Inicialmente esta indústria era manifestamente escassa ao nível da produção, da tecnologia e dos equipamentos têxteis, funcionando através de teares domésticos e artesanais, em que as pessoas criavam as suas próprias roupas. Apesar da tradição se ter iniciado nesta época, já existiam referências à indústria desde as invasões francesas, em 711, que usufruíam do vasto mercado de trocas comerciais que as invasões proporcionaram. Assim a indústria era já a responsável por concentrações de atividade na cidade.⁴⁵

Era na Beira Interior, mais especificamente na Serra da Estrela, onde se registava a maior produção de lanifícios, devido às favoráveis características físicas da região. Esta zona caracteriza-se pelas vigorosas paisagens de montanha que oferecia ao gado pastos naturais e que funcionava como local de convergência de grandes trajetos da transumância (trajetos que, antigamente, os pastores faziam com os seus rebanhos) do país e da península (Fig.21). Assim, verificava-se um acesso facilitado à matéria-prima essencial a esta indústria da lã. Por outro lado, as extensas planícies rasgadas por cursos de água juntamente com a lenha que a serra generosamente oferecia, permitiam gerar a energia fundamental à produção e desenvolvimento desta indústria.⁴⁶

⁴² PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.220

⁴³ CASTRO, Ferreira de; *A Lã e a Neve*; 16ª ed; Ed. Guimarães; Lisboa, 2010, pp.10

⁴⁴ CASTRO, Ferreira de; *Op. Cit.* pp.10

⁴⁵ RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado; *História da Indústria da Idade Média aos nossos dias*, 1999, pp.31

⁴⁶ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.221,222

Para além das características naturais da zona, a oportunidade de negócio e a crescente segurança pessoal com o afastamento da Inquisição, foram outros dos motivos que levaram a Covilhã a caracterizar-se como um centro de lanifícios, com a possibilidade de se constituir como a base de uma nova política de desenvolvimento industrial do país.⁴⁷

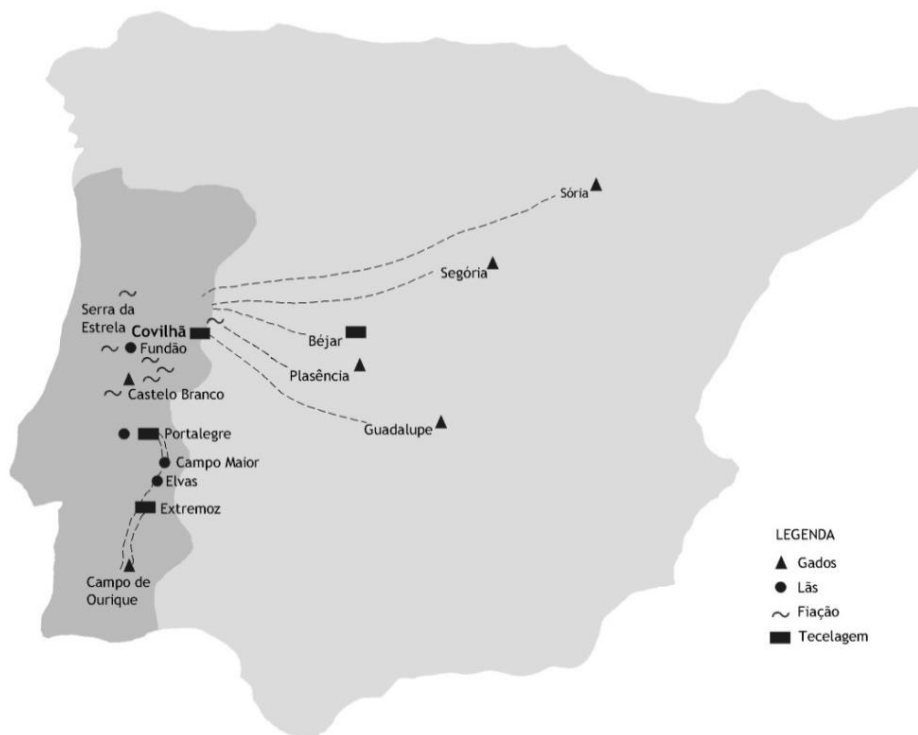


Fig. 21 Mapa dos trajetos da transumância

A atividade dos lanifícios na Covilhã passou por três fases distintas. Inicialmente à escala de oficina, considerada como produção doméstica; posteriormente representada pelas manufaturas, onde já se verificava uma elevada concentração da mão-de-obra mas ainda de modo manual; e, por último, o auge da indústria com as primeiras fábricas, em que todo o processo de produção se concentrava num só local.⁴⁸

A partir dos finais do século XV surgiram as primeiras oficinas especializadas: as tinturarias, as tendas e os pisões, junto às ribeiras da Goldra e da Carpinteira, na cidade da Covilhã. Ainda sem oficinas de acabamentos especializadas, a produção a nível nacional era apenas para as necessidades básicas. Contudo, já existia uma elevada importação de tecidos em todo o sector têxtil, decorrente da carência da matéria-prima, da deficiente organização, e da escassa

⁴⁷ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.224

⁴⁸ PINHEIRO, Elisa Calado; *Op. Cit.* pp.224-227

capacidade de produção instalada. A produção portuguesa não conseguia competir com a estrangeira.⁴⁹

Só depois do século XVII é que se começa a apostar numa política manufatureira assente na transformação das matérias-primas de origem nacional. Em 1677 é fundada a primeira manufatura do estado, a Fábrica de Sarjas e Baetas (Fig.22), na Ribeira da Carpinteira, por D. Luís de Menezes, conde da Ericeira. Para tal mandou vir técnicos estrangeiros, sobretudo de Inglaterra e, poucos anos depois, já trabalhavam nesta cidade 400 oficiais e 17 teares.⁵⁰



Fig. 22 Fábrica Campos Mello & Irmão e Manuel Lourenço & C.ª, década d 60



Fig. 23 Fábrica de Sarjas e Baetas, 2013

A indústria serrana começou a alcançar uma maior importância e renome através da produção dos fardamentos para as tropas, e pelas vendas nas feiras de Viseu e Mangualde, em que os comerciantes, sobretudo do Porto, as distribuíam pelo norte do país ou exportavam para a Galiza e o Rio de Janeiro. A distribuição para a capital do país era feita através da produção covilhanense.⁵¹

⁴⁹ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.224-226

⁵⁰ PINHEIRO, Elisa Calado; Op. Cit. pp.225

⁵¹ Idem, pp.226



Fig. 24 Planta do edificado fabril no século XVIII

Na última metade do século XVIII, a indústria passou por inúmeras mudanças em resultado da Revolução Industrial originária de Inglaterra. Foi introduzida a energia a vapor, o que possibilitava uma maior liberdade de localização, isto é, a indústria já não necessitava de estar próxima dos cursos de água para o aproveitamento da energia hidráulica. Além disso trouxe ainda um elevado nível de mecanização, em que os espaços fabris já não necessitavam de realizar trabalho à mão pois seriam invadidos pelas máquinas.⁵²

No entanto, Portugal não aderiu a este modelo da Revolução Industrial e poucas foram as alterações que esta provocou na cidade da Covilhã. Deste modo, a industrialização portuguesa não passou do processo de produção a uma escala de fábrica, onde concentra todas as fases de elaboração com objectivo de aumentar os níveis de produção.⁵³

“Mas, um dia, na Covilhã, ergueu-se uma casa maior do que a de Deus. Era a primeira fábrica de tecidos. Muitos tecelões deixavam a faina individual e iam trabalhar em conjunto. Da Inglaterra e da Irlanda chegavam outros homens para lhes ensinar os últimos progressos da sua arte.”⁵⁴

⁵² ESPÍRITO SANTO, Teresa; *COVILHÃ: Paisagem Industrial*; Dissertação de Mestrado, FCTUC; Coimbra; 2010, pp.22

⁵³ CUSTÓDIO, Jorge; *A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965)* in GARCIA BRÂNIA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana; *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*, 2005

⁵⁴ CASTRO, Ferreira de; *A Lã e a Neve*; 16ª ed; Ed. Guimarães; Lisboa, 2010, pp.10

Após este investimento na cidade da neve e a respetiva confirmação da sua potencialidade e capacidade de trabalho na indústria, o Marquês de Pombal, nos finais do século XVIII, investe em mais uma fábrica nesta cidade: a Real Fábrica de Panos (Fig.25) junto à Ribeira da Goldra.⁵⁵



Fig. 25 Real Fábrica de Panos, 1910



Fig. 26 Universidade da Beira Interior

Na Covilhã, a revolução industrial não provocou praticamente nenhuma alteração na indústria. As atividades industriais que necessitavam de energia hidráulica localizavam-se junto das duas ribeiras, as restantes encontravam-se no centro da cidade. “As dificuldades de acessibilidades à Covilhã (...) eram frequentemente evocadas para justificar a tardia e lenta adesão à energia a vapor (...)”⁵⁶ Para além disso, continuaram a funcionar as oficinas e as manufacturas a par com as fábricas, uma vez que poucas eram as fábricas que conseguiram uma expansão a uma escala que permitisse ter num só local todo o processo de elaboração. Não só por motivos financeiros, mas também pela topografia demasiado acentuada da cidade, o que frequentemente não permitia uma expansão do edifício.⁵⁷

Apesar de todas estas contrariedades e dificuldades, a indústria covilhanense foi um caso único, em que mesmo deixando de lado quase todas as inovações trazidas pelas revoluções industriais, conseguiu através da mono produção de lanifícios criar uma cidade que ganhou a definição de cidade-fábrica e centro histórico dos lanifícios portugueses.

*“Cada século apontava novos aperfeiçoamentos... / A indústria ia crescendo sempre. Agora não eram grandes apenas a casa do deus dos homens e as casas das fábricas; ao lado destas, outras casas grandes tinham surgido – as residências dos industriais. E todo o país falava da prosperidade da Covilhã.”*⁵⁸

A criação da Escola Industrial, por decreto do Ministério das Obras Públicas, publicado em 20 de Dezembro de 1864 é, exemplarmente, o sinal inequívoco da importância da indústria de lanifícios na Covilhã e da necessidade que existia em criar um nível técnico de aperfeiçoamento

⁵⁵ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.225

⁵⁶ PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998, pp.93

⁵⁷ RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado; *História da Indústria da Idade Média aos nossos dias*, 1999, pp.31

⁵⁸ CASTRO, Ferreira de; *A Lã e a Neve*; 16ª ed; Ed. Guimarães; Lisboa, 2010, pp.10 e 11

das técnicas mais complexas e assim fazer frente à concorrência inglesa. Esta intervenção ofereceu maior segurança aos grandes negociantes e fabricantes da Covilhã, que aqui viram uma oportunidade para aperfeiçoar, aumentar e até criar empresas fabris na área dos lanifícios.⁵⁹

Poucos anos depois, em 20 de Outubro de 1870, o rei D. Luís eleva a Covilhã à categoria de cidade, com o objetivo de condecorar a vila da Covilhã e as suas gentes.⁶⁰

Entre a segunda metade do século XIX e a segunda metade do século XX, a Covilhã alcançou o seu auge no desenvolvimento industrial, tendo para tal também contribuído a chegada do comboio à cidade.⁶¹

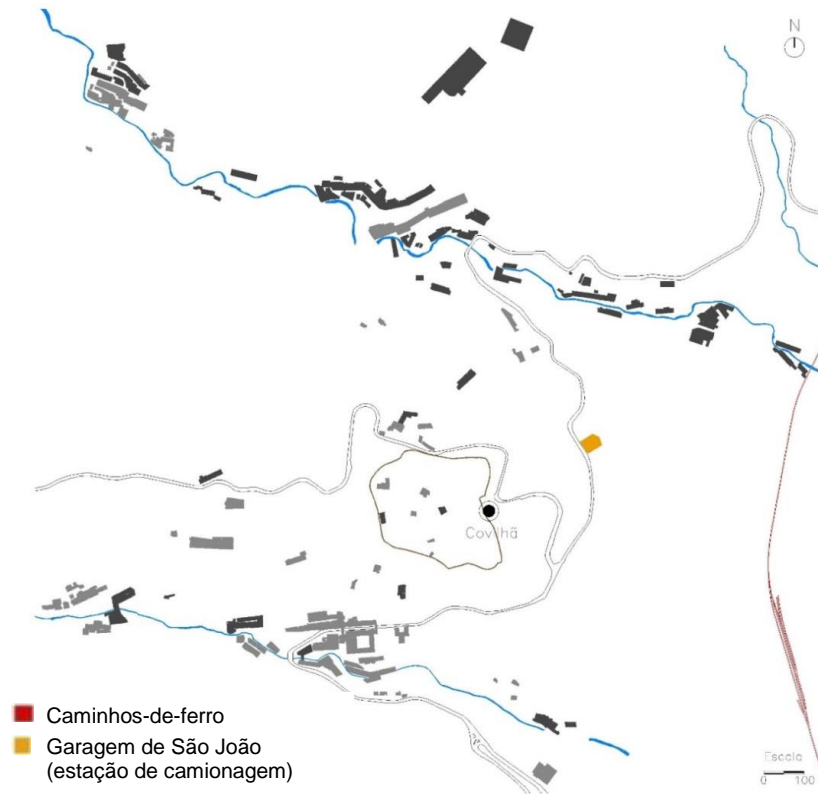


Fig. 27 Planta do edificado fabril no século XIX

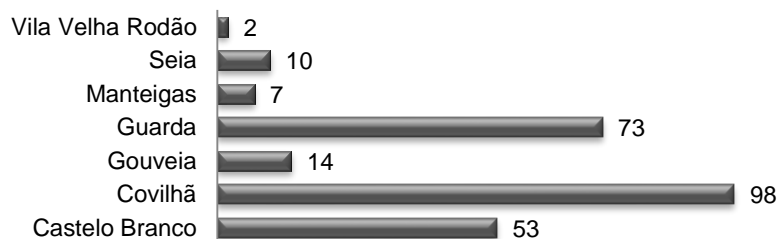


Fig. 28 Número de Estabelecimentos Fabris na Beira Interior (1930)

⁵⁹ PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998, pp.47

⁶⁰ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.227

⁶¹ PINHEIRO, Elisa Calado; *Op. Cit.* pp.227

“Pelas especificidades da sua indústria a cidade era uma fábrica. Um organismo vivo vocacionado para a atividade dos lanifícios, que na sua natureza fragmentada, por pequenos e médios edifícios, desenvolvera indústrias completas.”⁶²

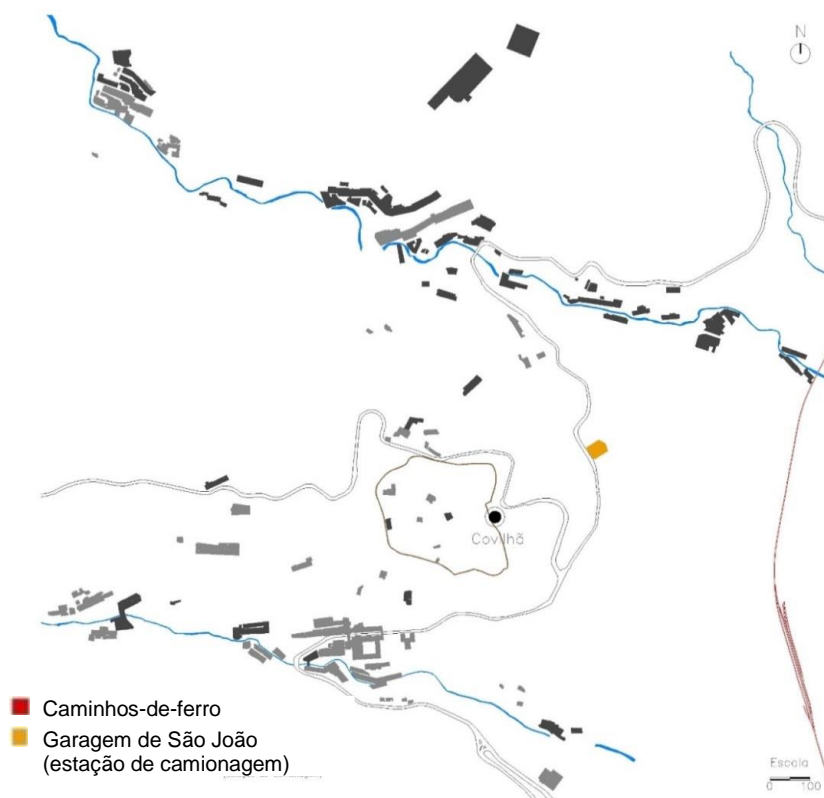


Fig. 29 Planta do edificado fabril no século XX

A expansão na indústria dos lanifícios na cidade da Covilhã foi de tal maneira, que em 1940, a produção de tecidos da Covilhã representava 60% da produção nacional. No entanto, após este pico de produção, iniciou-se um processo de decréscimo, em que em 1950 a produção desceu para 51% e em 1960 já rondava os 48%. É então em 1970, apenas com 36% de produção de tecidos, que começa um abandono sucessivo de numerosas fábricas.⁶³

Desde então o peso da Covilhã perante as estatísticas gerais da indústria de lanifícios nacional diminuiu. Apesar da tentativa de modernização e reestruturação, a situação existente não suportou a crise dos inícios da década de 70. Foram vários os factores que levaram a Covilhã a entrar neste fundo sem saída. A própria mudança do regime político ajudou a que a indústria entrasse nesta crise, assim como a perda dos mercados coloniais, em que muitas empresas apostaram unicamente. O facto da Covilhã e da generalidade do país não terem sido capazes de acompanhar a revolução industrial também foi um ponto crítico neste momento. Apesar de inicialmente se ter valorizado a capacidade da Covilhã ter crescido e melhorado a nível industrial

⁶² PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998, pp.99

⁶³ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.228

sem seguir a revolução industrial, a verdade é que acabou por se perceber que este factor apenas foi conseguido durante uma determinada fase. Outros aspetos que não ajudaram esta cidade do interior foram a sua topografia, que dificultava o crescimento das fábricas e o transporte entre as mesmas, e a comunicação com o resto do país, que nunca cresceu o suficiente para promover a cidade.⁶⁴

Assim, a cidade da neve não voltou a ser a mesma no que se refere à indústria de lanifícios. O crescimento económico entrou em decadência, deixando marcas profundas na sociedade, uma vez que a maioria da população trabalhava na indústria laneira; na economia e na própria cidade, tendo o enorme património industrial abandonado afetado consideravelmente o urbanismo da cidade.⁶⁵

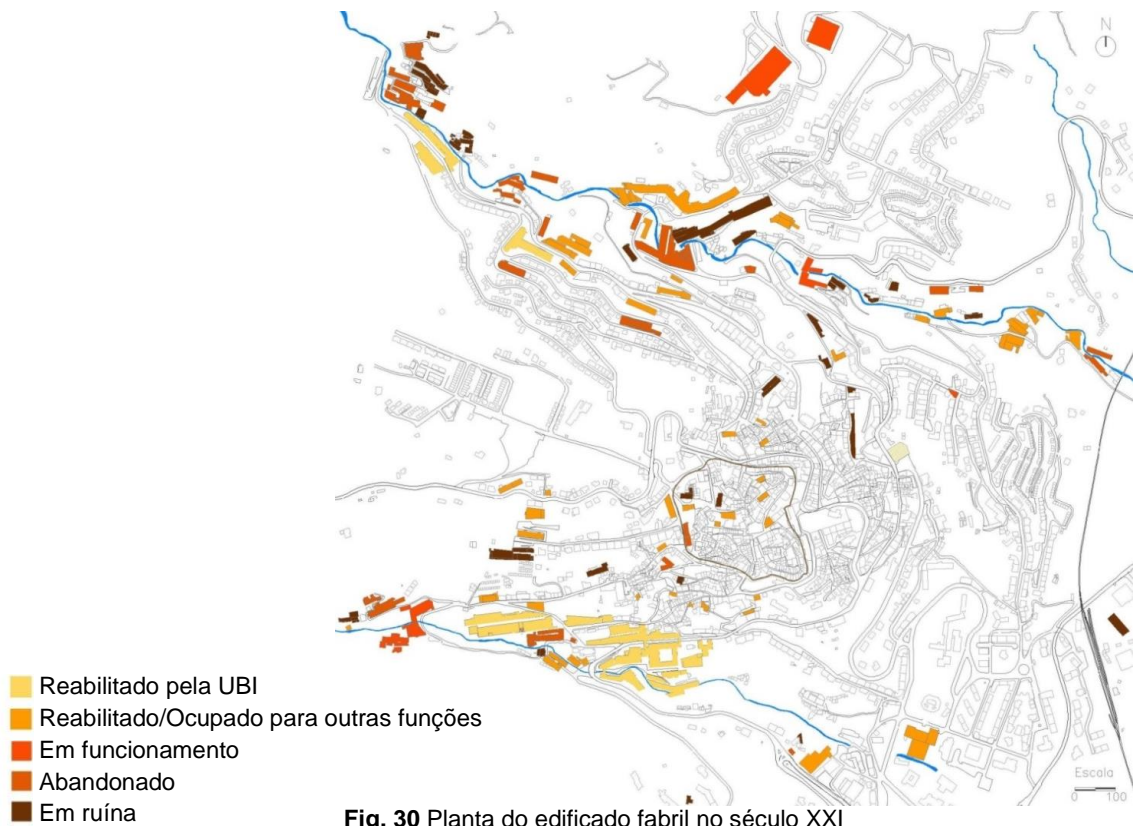


Fig. 30 Planta do edificado fabril no século XXI

⁶⁴ PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.228

⁶⁵ PINHEIRO, Elisa Calado; Op. Cit. pp.228

1.3. Cidade universitária

Em pleno século XX e após a crise na indústria dos lanifícios, a Covilhã já não era a cidade onde o tempo era pontuado pelos estridentes chamamentos das sirenes das fábricas, mas sim um espaço deprimente e sem futuro, onde aquilo que havia feito da Covilhã uma cidade, estava agora ao abandono e transformado em ruínas. Nesta altura, surgiu a urgência de uma profunda e violenta reconversão, com o objetivo de alterar o modelo económico e social vivido até aí.⁶⁶

A criação do Instituto Politécnico da Covilhã (IPC), em 1973, funcionou como o impulsionador de uma grande transformação. Em 1970, a Câmara Municipal da Covilhã decide ceder para o efeito “o conjunto de edifícios e terrenos anexos, tornados devolutos após a extinção do quartel do Batalhão de Caçadores 2 (...)”. Assim, sob as ruínas de antigos edifícios industriais, a cidade inicia uma nova etapa, na qual a universidade será a responsável pelo seu futuro.⁶⁷

Consequentemente de uma mono-industrialização e pulverização empresarial passou a definir-se como uma cidade universitária e de serviços. A indústria de lanifícios, apesar de servir apenas de subsistência, ainda teve a sua influência nos cursos que os primeiros alunos ingressaram no IPC: Engenharia Têxtil, Administração e Contabilidade.⁶⁸

O conjunto de edifícios que foi reconvertido no IPC era detentor de um património histórico ímpar. O seu importante papel na história dos lanifícios veio a comprovar-se através da descobertas de estruturas arqueológicas até então soterradas, que pertenciam às tinturarias da Real Fábrica dos Panos, outrora uma importante manufatura de lanifícios, mandada construir, no século XVIII, pelo Marquês de Pombal. Tais achados levaram à criação do primeiro núcleo do Museu de Lanifícios, aberto ao público em 1996.⁶⁹

A instalação do ensino superior na Covilhã revelou-se uma mais valia para a cidade e uma boa solução adotada para ultrapassar a crise criada pelo esmorecimento da indústria. Desta forma, começou-se a apostar mais fortemente na sua expansão e na elevação a ensino universitário, correspondendo quer à vontade da Câmara Municipal, quer à de todos os elementos da própria instituição.

Posto isto, numa primeira fase, corria o ano de 1979, o IPC foi convertido em Instituto Universitário da Beira Interior (IUBI), e mais tarde, em 1986, em Universidade da Beira Interior (UBI). Em 1987 foi-lhe reservada uma área de 75 hectares, destinada ao seu crescimento. Adotando o modelo anglo-saxónico de campus universitário, a UBI distribuiu-se por quatro pólos distintos, todos eles no perímetro urbano da Covilhã.⁷⁰

⁶⁶ PINHEIRO, Elisa Calado e SILVA José dos Santos; *A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade*; URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁶⁷ PINHEIRO, Elisa Calado; *A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp.99

⁶⁸ <https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia>

⁶⁹ Idem

⁷⁰ PINHEIRO, Elisa Calado e SILVA José dos Santos; *A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade*; URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

A opção de reconverter edifícios fabris em instalações académicas recebeu inicialmente algumas críticas, referentes nomeadamente aos elevados custos da reabilitação e aos condicionalismos existentes na zona histórica da cidade, sendo disso exemplo a falta de estacionamento junto à UBI. Contudo, esta escolha pode-se explicar pela natural desvalorização da cotação comercial dos antigos espaços fabris, pela vontade de acelerar a revitalização física da cidade e ainda, pelos resultados positivos da primeira intervenção arquitetónica realizada na Real Fábrica de Panos. A realidade é que ninguém duvida que esta opção foi o melhor método de valorizar todo o património histórico e que a excelente obra arquitetónica executada veio consolidar esta ideia.⁷¹

Como referiu, em 2005, o próprio reitor da UBI: “(...) *as antigas edificações fabris localizadas na entrada Sul da Covilhã tornar-se-iam, quase naturalmente, não só uma solução lógica e de continuidade no que respeita à expansão física da instituição, mas uma opção que viria a resultar num enorme benefício para a cidade, em termos urbanísticos e de impacto ambiental, através da recuperação de edifícios abandonados ou em ruínas que constituíam parte significativa do património industrial covilhanense, fazendo da instituição um caso único da Universidade portuguesa (...)*”⁷².

Todo este retorno positivo teve repercussões também nos pareceres do Governo e Autarquia, o que conduziu à instalação do Pólo IV nos edifícios da antiga empresa Ernesto Cruz & C.^a, na ribeira da carpinteira.⁷³

Esta complexa reabilitação teve início no edifício a norte da Real Fábrica de Panos, um complexo fabril que foi progressivamente expandido em seis fases e que abrangeu ainda uma residência e uma Biblioteca Central. Juntamente a este, é criado o segundo pólo, na margem oposta desse vale, e o terceiro pólo, de grande dimensão e em terreno plano, destinado às Ciências Sociais e Humanas, Letras e Artes, e a todo um bairro habitacional e comercial. Assim sendo, em 1987, o polo I totalizava 8 hectares, o pólo II 15 hectares e o pólo III 30 hectares. Mais tarde, já em 1996, surge o pólo IV, desta vez do lado oposto da cidade, na zona da ribeira da carpinteira.⁷⁴

⁷¹ PINHEIRO, Elisa Calado e SILVA José dos Santos; *A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade*; URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁷² PINHEIRO, Elisa Calado; *A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã*; in *Monumentos: cidade, património, reabilitação*; Julho 2009, nº 29, pp. 100

⁷³ PINHEIRO, Elisa Calado e SILVA José dos Santos; *A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade*; URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁷⁴ Idem

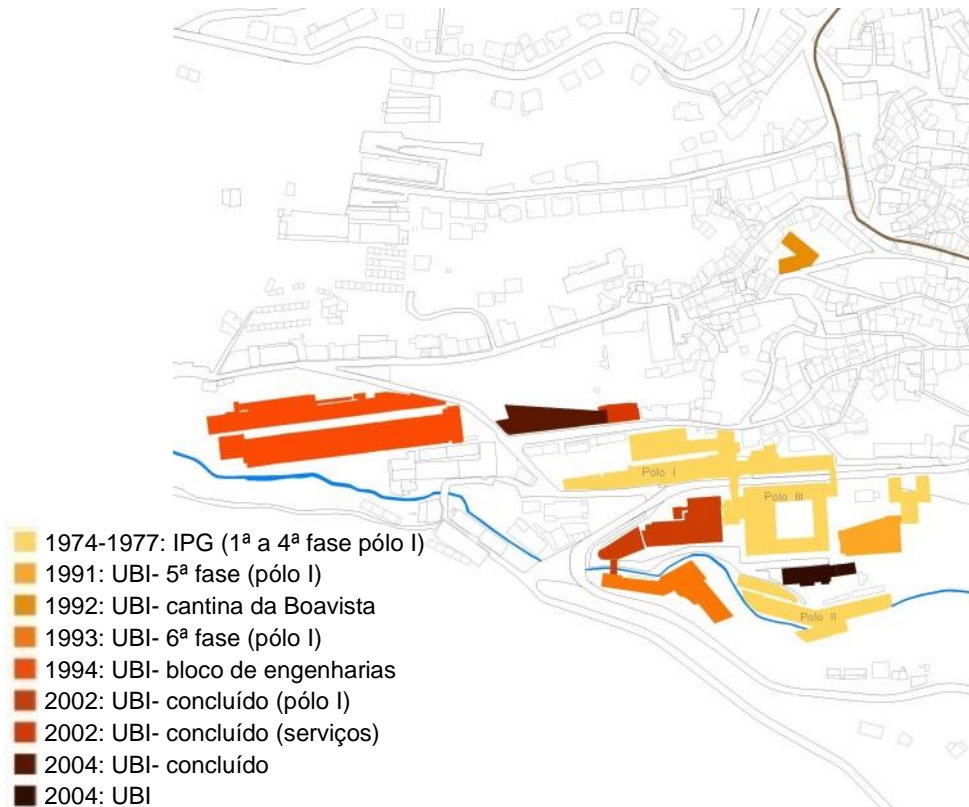


Fig. 31 A evolução construtiva da UBI, na zona da Ribeira da Goldra

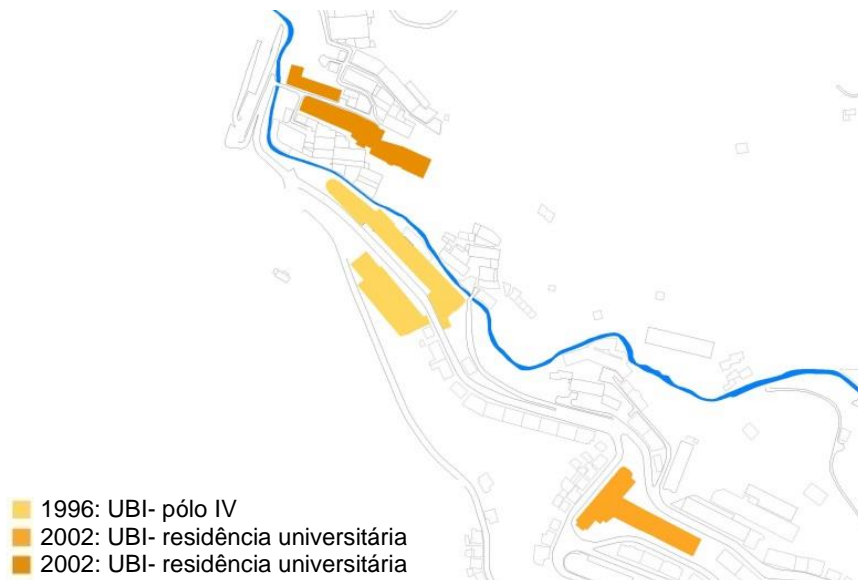


Fig. 32 A evolução construtiva da UBI, na Ribeira da Carpinteira

Contrastando com este processo de expansão da UBI, em 2006, conclui-se a construção de raiz da Escola de Medicina. Na construção das residências e de outras instalações de menor dimensão não se optou pela reabilitação de espaços devolutos, o que teria permitido *“uma ocupação faseada e evolutiva; autorizaria uma reabilitação cuidada de troços significativos do*

*casco histórico; e traria os estudantes para o coração dessa agora vasta circunscrição cidade-universidade, hoje ainda tão dispersa e dependente do automóvel ou de outros meios mecânicos, de forte investimento público.*⁷⁵

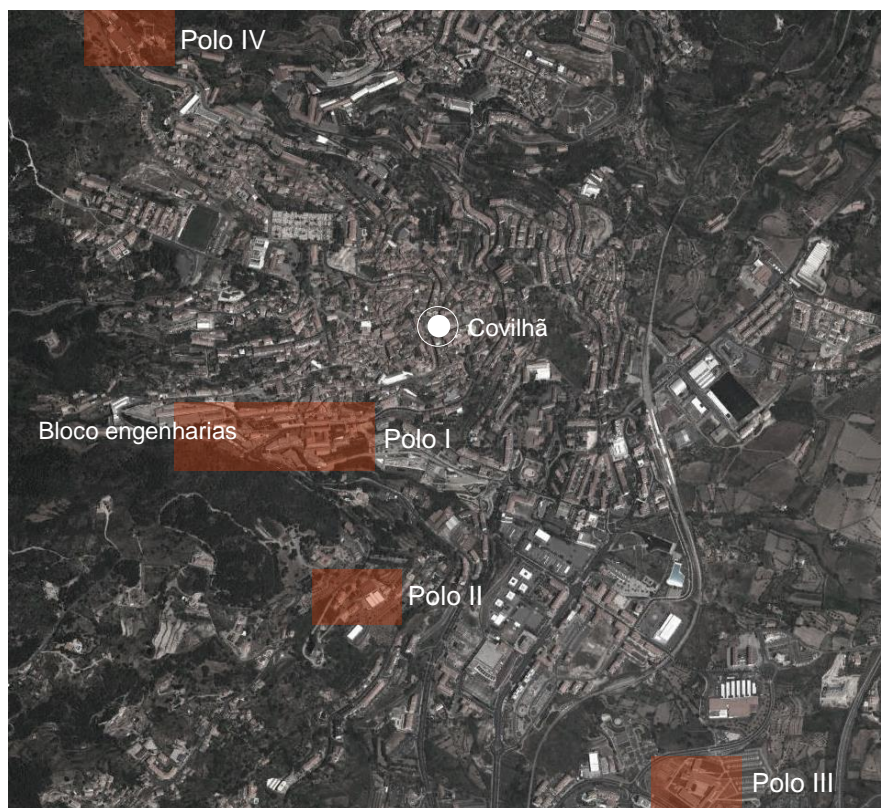


Fig. 33 Mapa atual com os Pólos da UBI

O Pólo I é o núcleo principal da UBI e é composto por vários departamentos, sendo estes o de Matemática, Informática, Física, Química, Comunicação e Artes, Letras, Ciências e Tecnologias Têxteis e Ciências e Tecnologias do Papel.⁷⁶

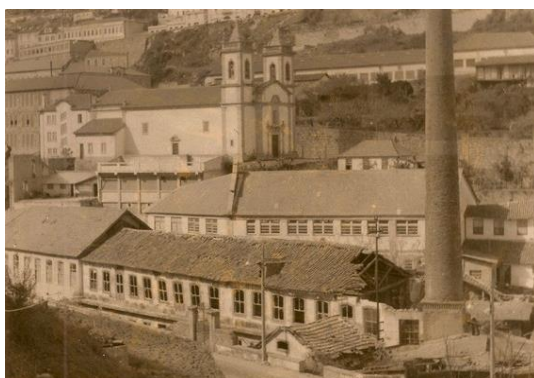


Fig. 34 Real Fábrica de Panos



Fig. 35 Pólo I – Departamento de Matemática

⁷⁵ MATOS, Madalena Cunha; *Ponto, linha, plano: a edificação universitária na Covilhã*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29, pp. 115

⁷⁶ <https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia> (acedido pela última vez em 28 de Abril de 2014)

O Bloco das Engenharias é parte integrante do pólo I e abrange o Departamento de Engenharia Eletromecânica, o Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura e ainda o Departamento de Ciências Aeroespaciais;⁷⁷



Fig. 36 Empresa Transformadora de Lãs



Fig. 37 Pólo I - Bloco de Engenharias

Do Polo II faz parte a Reitoria e restantes serviços administrativos; os Serviços de Ação Social (SASUBI, uma grande parte das residências universitárias e o Departamento de Ciências do Desporto, que inclui dois pavilhões desportivos.⁷⁸



Fig. 38 Claustro do antigo Convento de Santo António



Fig. 39 Pólo II – Reitoria

O mais recente é o Polo III, localizado ao lado do Hospital e que engloba a Faculdade de Medicina, edifício construído de raiz, não resulta de uma reabilitação como os restantes.⁷⁹



Fig. 40 Pólo III - Faculdade de Medicina

⁷⁷ https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia_ (acedido pela última vez em 28 de Abril de 2014)

⁷⁸ Idem

⁷⁹ Ibidem

No caso do Polo IV, este é composto pelos seguintes departamentos: Gestão e Economia; Sociologia; e Psicologia e Educação.⁸⁰



Fig. 41 Construção do muro de suporte para a Fábrica de Ernesto Cruz & C.^a, década de 30



Fig. 42 Pólo IV – Ciências Sociais e Humanas

A localização dos Polos da Universidade da Beira Interior manteve a simetria criada aquando do crescimento da cidade. Ou seja, a Universidade desenvolveu-se à semelhança dos edifícios industriais, maioritariamente ao longo das duas ribeiras, inicialmente na da Goldra e, mais tarde, na da Carpinteira. Consequentemente, o Pelourinho, o centro da cidade, continua ainda a ser o centro entre os Polos distribuídos pela zona destas duas ribeiras.

Atualmente, e ao analisar todo o desenvolvimento da história da Covilhã, a conclusão a que se chega é que a UBI foi a responsável por esta cidade ter sobrevivido à crise aqui instalada pela queda da Indústria dos Lanifícios.

O peso da população estudantil é de cerca de 80%⁸¹, pelo que tem um impacto muito significativo na viabilidade económica e na vivência da cidade. O número de alunos que se candidatam ao ensino superior da Covilhã tem vindo a aumentar, no entanto nada é garantido, o número de estudantes que hoje escolhem a UBI, amanhã pode não ser o mesmo. Há que criar condições e incentivos para que muitos destes alunos permaneçam na Covilhã mesmo depois de terminados os estudos. Quanto mais a cidade oferecer aos estudantes e quanto mais fizer proveito de todo o potencial criado na UBI, mais a cidade fica a ganhar. A futura posição da cidade depende da universidade e vice-versa.

⁸⁰ https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia_ (acedido pela última vez em 28 de Abril de 2014)

⁸¹ Idem

Capítulo 2 - Unidades Industriais no centro histórico da Covilhã

3. Unidades Industriais no centro histórico da Covilhã

Quando se percorre o centro histórico da Covilhã, é impossível ficar indiferente a todo o edificado fabril que ainda se encontra abandonado. Nota-se uma maior incidência na zona das duas ribeiras – da goldra e da carpinteira – uma vez que foi nestas duas áreas onde houve um maior número de fábricas em funcionamento.

A realidade é que não é um processo fácil, o de reabilitar todos os edifícios que foram ficando abandonados, numa cidade aonde, só no centro histórico, chegaram a existir perto de 150 fábricas em atividade, e muitas delas em terrenos não propícios a uma nova função. Apesar de algumas terem sido reabilitadas - como um bom exemplo disso pode-se ver toda a obra da Universidade da Beira Interior (referida por isso no próximo capítulo, nos exemplos práticos de reabilitações executados em Portugal), em que faz parte a reconversão de várias unidades fabris nos vários pólos universitários - ainda há muitas outras que continuam à espera que lhes sejam aplicadas medidas desta natureza.



Fig. 43 Um exemplo do que se pode ver por toda a cidade da Covilhã

A análise de todas as unidades fabris desta zona tem como objetivo conhecer e perceber o estado de todo o património industrial existente, de modo a tomar algumas medidas que diminuam este impacto negativo provocado na cidade da Covilhã. Deste modo são apresentados dois mapas com a identificação das fábricas abandonadas em estado de ruína e em estado razoável do centro histórico da Covilhã. O primeiro mapa é da zona da ribeira da carpinteira e o segundo na ribeira da goldra. Posteriormente a esta identificação é realizado, com mais detalhe, uma análise das fábricas que se encontram abandonadas e de estado razoável, de cada uma das freguesias do centro histórico da Covilhã, uma vez que são aquelas que ainda é possível reabilitar ou até só mesmo voltar a ocupar.



Fig. 44 Mapa com as Unidades Industriais na zona da Ribeira da Carpinteira

- | | |
|--|--|
| 1- Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar (Fiações Roseta) | 14-Fábrica de Sarjas e Baetas – Conde da Ericeira / Campos Mello & Irmão (Fábrica Velha) |
| 2- Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar | 15-Clemente Petrucci & Irmão |
| 3- Ignácio da Silva Fiadeiro / Fitecom | 16- Vitor Sasseti & C. ^a / António Maria das Neves & Irmãos |
| 4- Anaquim, Copeiro & Bouhon / Álvaro Paulo Rato | 17-Arnaldo da Silva Carreira |
| 5- António Baptista Leitão/ Silvestre Nunes de Moraes (Fábrica do Doutor António Alçada) | 18-Ranito Mesquita & C. ^a |
| 6- António Baptista Alves Leitão/ Manuel Lino Roseta | 19-José Camolino e Sousa |
| 7- António Baptista Leitão/ António Dias de Assumpção Neves/Pimentéis, L.da | 20- Amândio de Moraes |
| 8- Barata, Filhos/Pimentéis, L.da | 21-Francisco da Cruz |
| 9- Manuel Lopes Bola | 22-Sutre, Antunes & Oliveira, L.da |
| 10-Augusto D'Almeida Fortuna & Filhos | 23-Álvaro de Moura |
| 11-Armando António Martins | 24-João da Silva Fiadeiro |
| 12-Alberto Miguel | 25-Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão |
| 13-Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.da | 26-José da Fonseca Moraes Alçada (Fábrica dos Palhaes) |
| | 27-Ignácio da Silva Fiadeiro |

Nesta zona da cidade, a qual corresponde apenas à freguesia da Conceição, denota-se uma grande quantidade de unidades fabris ao abandono. Através deste mapa é possível perceber que a sua maioria encontram-se localizadas ao longo da ribeira da carpinteira, como já foi referido anteriormente.

Relativamente às características topográficas desta área existe uma grande diferença de altitude entre a primeira fábrica, a Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar que se encontra numa zona alta da cidade até à última, Ignácio da Silva Fiadeiro, que se encontra numa parte mais baixa da Covilhã. Actualmente os edifícios fabris de melhor acesso são os localizados entre *Anaquim, Copeiro & Bouhon / Álvaro Paulo Rato* e *Vitor Sasseti & C.^a/ António Maria das Neves & Irmãos*.

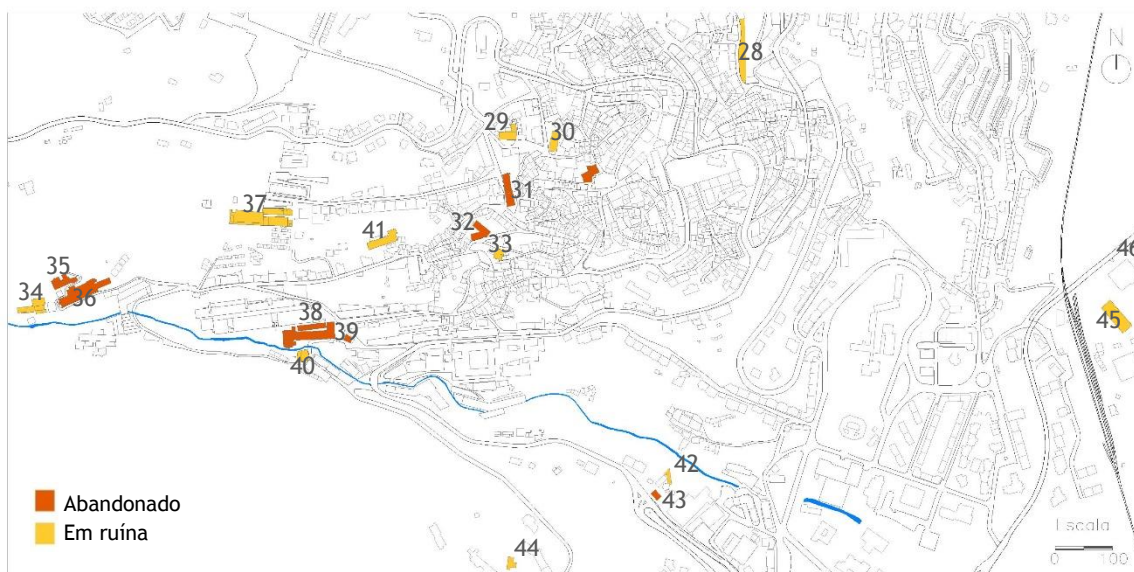


Fig. 45 Mapa com as Unidades Industriais na zona da Ribeira da Goldra

28- José Mendes Veiga de Albuquerque Calheiros (Fábrica do Conde da Covilhã)	37- Santos Pinto, Irmãos / Mota & C. ^a
29- Manuel Mendes da Cunha / Francisco Rodrigues Pintassilgo	38- António Pessoa de Amorim
30- Januário da Costa Rato	39- Leitão & Quintela / Francisco Mendes Alçada (Ultimação Estrela)
31- Francisco Ribeiro Aibéo	40- Tinte Velho
32- José Nunes Jacinto / Cristiano Cabral Nunes	41- Bernardino da Cruz Fael
33- José Dias d' Assumpção	42- António Marques Sant'Ovaia
34- Valério Gomes Correia & Irmão	43- Monteiro & C. ^a , L.da
35- António Pessoa de Amorim / Simão da Cruz Fazenda & Filhos	44- Fábrica de Buréis do Convento de Santo António
36- Francisco Mendes Alçada / Neves & Fazendeiro (Engenho do Craveiro)	45- Central Elétrica
	46- Cristiano Cabral Nunes & Filho / CIL – Complexo Industrial de Lanifícios, L.da

Este mapa integra as três restantes freguesias do centro histórico da Covilhã – Santa Maria, São Martinho e São Pedro. Nesta zona, perduram menos unidades fabris ao abandono devido à importante intervenção por parte da Universidade da Beira Interior, que reabilitou grande parte destas.

Nesta zona da cidade, a qual corresponde apenas à freguesia da Conceição, denota-se uma grande quantidade de unidades fabris ao abandono. Através deste mapa é possível perceber que a sua maioria encontram-se localizadas ao longo da ribeira da carpinteira, como já foi referido anteriormente.

As características topográficas desta zona também se descrevem pelo declive acentuado que existe entre a fábrica *Januário da Costa Rato*, próxima ao Paços do Concelho e a *Cristiano Cabral Nunes & Filho / CIL – Complexo Industrial de Lanifícios, L.da*, que se encontra na área industrial da Covilhã, ou seja, de menor altitude.

3.1. Freguesia da Conceição

A freguesia da Conceição é a primeira freguesia da cidade da Covilhã. Atualmente com 7162 habitantes, de acordo com os censos de 2011, e com 4,9 km² de área, esta freguesia foi criada inicialmente com o nome de São Francisco e através do decreto de 19 de Fevereiro de 1851.⁸²

As principais atividades económicas realizadas são, ainda, a indústria de lanifícios, apesar da sua grande queda nesta área, assim como confeções, calçado, carpintaria, serralharia, hotelaria, panificação, construção civil e pequeno comércio.

No “Guia de Portugal”, da Fundação Gulbenkian (cerca de 1940) é feita uma referência importante a esta freguesia e ao seu património: “Saindo da Praça do Município e pela rua Direita, que, como em todas as terras, é a mais torta rua da Covilhã, acabamos por desembocar no Jardim Público, a São Francisco, que foi a antiga cerca do convento deste nome. Deste convento, cuja fundação primitiva se sabe ter sido nos princípios do século XIII, só resta hoje a igreja, acabada nos fins do século XIV.(...) O Jardim Público debruça-se sobre a ribeira da Carpinteira, que lá ao fundo corre pelo vale, sobre cuja escarpa, o parque se alteia, em alpendra. Deste florido miradouro, avista-se a parte setentrional da bacia do Zêzere; as vastas terras de Corges e de Caria; a mancha verde-escura da Serra de Crestados, onde floresceu outrora o Convento da Esperança; Belmonte, com o seu castelo solarengo onde perpassa ainda a glória de Pedro Álvares Cabral; o Teixoso, com a fama das sus baetas e surrobecos; Aldeia do Carvalho, a florear dentre a verdura anegrada dos pinheiros, com a sua topografia de presépio e seus pastores destemidos.”⁸³

Apesar desta referência, atualmente a freguesia da Conceição, em termos de património edificado, possivelmente não é tão rica como as outras povoações urbanas. No entanto, existe uma grande presença de edifícios fabris, que demonstram a importância que a indústria de lanifícios teve nesta zona. É possível encontrar perto de 60 edifícios, alguns aproveitados para outros fins, como o Polo IV da Universidade da Beira Interior, mas na sua maioria encontra-se uma série de antigas fábricas devolutas.⁸⁴

⁸² <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2409> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁸³ Idem

⁸⁴ Ibidem

3.1.1. Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar (Fiações Roseta)

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XIX (2ª metade)
Qualificação	Conjunto industrial do Sineiro: complexo de interesse histórico
Utilização inicial	Cardaço e Fiação
Cronologia (1ª e última)	1854–187_: Tavares & Espinho 1966–1992: Sociedade Têxtil António Roseta (Herdeiros), L ^{da}
Utilização atual	Desativado (desde 1992)
Enquadramento	Área urbana. Insere-se na malha urbana do conjunto industrial do sineiro, como uma grande referência e edifício imponente, em relação com a envolvente.



Sítio do Sineiro, Conceição



3.1.2. Ignácio da Silva Fiadeiro / Fitecom

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XIX (2ª metade)
Qualificação	Conjunto industrial do Sineiro: complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Cardaço, fiação, tecelagem e ultimação
Cronologia (1ª e última)	1850-1910: Ignácio da Silva Fiadeiro 1993-2000: Fitecom
Utilização atual	Desativado. Parcialmente adaptado para residências universitárias.
Enquadramento	Incluído na área urbana. Junto à ribeira da carpinteira e com a rua a o trespassar.



Sítio do Sineiro, Conceição



3.1.3. Anaquim, Copeiro & Bouhon / Álvaro Paulo Rato

Tipologia	Complexo fabril	 <p>Estrada do Sineiro, Conceição</p>
Época de construção	Século XVIII/XIX	
Qualificação	Conjunto industrial do Sineiro: complexo de interesse patrimonial	
Utilização inicial	Cardaço, fição, tecelagem e ultimação	
Cronologia (1ª e última)	1850–1863: Graínha, Ginginha & C. ^a 2003/4–2004: Amândio Saraiva	
Utilização atual	Desativado	
Enquadramento	Área urbana. Inserido numa zona industrial, este conjunto industrial integra a malha urbana industrial do sineiro.	



3.1.4. António Baptista Leitão/ António Dias de Assumpção Neves/Pimentéis, L.da

Tipologia	Complexo fabril	 <p>Lugar do Sineirinho, Conceição</p>
Época de construção	Século XIX	
Qualificação	Complexo de interesse patrimonial	
Utilização inicial	Cardaço, fição, tecelagem, ultimação e mungos	
Cronologia (1ª e última)	184_?-1848: António Baptista Leitão 1992-?: Confecções Bambi	
Utilização atual	Desativado.	
Enquadramento	Área Urbana. Edificado na margem da ribeira da carpinteira.	



3.1.5. Barata Filhos / Pimentéis, L.da

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	Século XIX
Qualificação	Edifício de interesse histórico
Utilização inicial	Cardação, fição e tecelagem
Cronologia (1ª e última)	Séc.XIX?: José Maria Rainha & C.ª; 1997-2007: J. Cunha
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Localizado ao lado da fábrica referida anteriormente.



Estrada do Sineiro, Conceição



3.1.6. Manuel Lopes Bola

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1945
Qualificação	Edifício de interesse histórico
Utilização inicial	Tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1949-1971: Manuel Lopes Bola 199_?-199_?: Farias & Bichinho
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Fácil acesso através da estrada do sineiro.



Sítio do Sineiro, Conceição



3.1.7. Augusto D'Almeida Fortuna & Filhos

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1945/1946
Qualificação	Edifício de interesse patrimonial
Utilização inicial	Cardação, fição, tecelagem e produção de mungo
Cronologia (1ª e última)	1945-1953: Augusto d' Almeida Fortuna & Filhos 1991-2008: Amândio Saraiva
Utilização atual	Desativado.
Enquadramento	Inserido na área urbana e constitui um modelo de arquitetura fabril representativo da modernização dos edifícios fabris do século XX.



Rua Cidade de Cáceres, Conceição



3.1.8. Armando António Martins

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1939
Qualificação	Edifício de interesse histórico
Utilização inicial	Fiação e tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1941-19_?: Armando Martins 196_?-197_?: Rosa & C. ^a ?- 2009?: Espaço de restauração e espaço de diversão noturna
Utilização atual	Desativado.
Enquadramento	Área Urbana.



Rua da Indústria, Conceição



3.1.9. Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.da

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	1935
Qualificação	Conjunto industrial da Fábrica Velha. Complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Cardação, fiação, tecelagem e tinturaria
Cronologia (1ª e última)	1935-1998: Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L ^{da}
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Instalado na área de acesso e num dos recintos da antiga “Fábrica Campos Mello”.



Estrada da Fábrica Velha, Conceição



3.1.10. Clemente Petrucci & Irmão

Tipologia	Complexo Fabril
Época de construção	1933
Qualificação	Complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Tinturaria
Cronologia (1ª e última)	1933-1979: Clemente Petrucci & Irmão 2000-200_?: STBI- Sociedade Têxtil da Beira Interior, S.A.
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Insere-se numa zona habitacional e constitui frente de rua.



Rua Afonso Domingues (Bairro Municipal)



3.1.11. Arnaldo da Silva Carreira

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1961
Qualificação	Edifício de interesse histórico local
Utilização inicial	Cardação e fiação
Cronologia (1ª e última)	1961-1964: Arnaldo da Silva Carreira 1964-199_: Agostinho Dias Carreira & Filhos, L ^{da}
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana.



Estrada da Fábrica Velha, Conceição



3.1.12. Sutre, Antunes & Oliveira, L.da

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	1959
Qualificação	Complexo de interesse histórico
Utilização inicial	Tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1959-1965: Sutre, Antunes & Oliveira, L. ^{da} 1999-200_: Eduardo & Alves, L. ^{da}
Utilização atual	Desativado.
Enquadramento	Área Urbana.

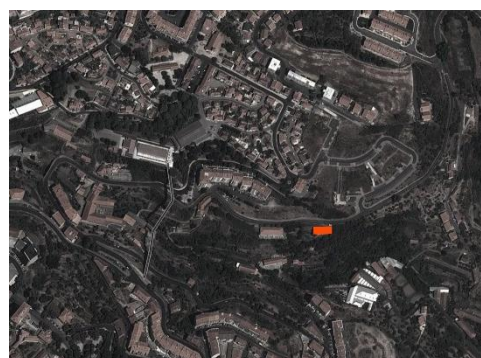


Estrada Nacional 230, Sítio da Califórnia



3.1.13. Álvaro de Moura

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1957
Qualificação	Edifício de interesse histórico
Utilização inicial	Tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1957-1972: Álvaro de Moura 1972-1977: A. Moura, L ^{da}
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Uma das fachadas constitui frente de estrada.

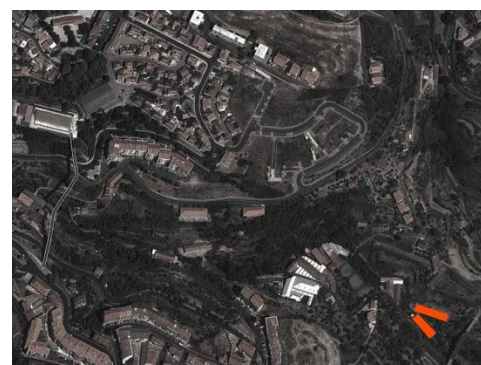


Estrada Nacional 230, Conceição



3.1.14. Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XIX (2ª metade)
Qualificação	Complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Cardação, fição, tecelagem, tinturaria e ultimação
Cronologia (1ª e última)	1850-1877: Guimarães & Alves; 2000-2007: João Manuel Charro Pereira
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Situado numa zona em que o acesso não é o mais direto.



Calçada das Poldras, Conceição



3.2. Freguesia de Santa Maria

A freguesia de Santa Maria, com 3217 habitantes⁸⁵, fica situada na parte central da cidade. Esta desenvolve-se desde o Bairro da Biquinhas, a poente até para além do antigo aeródromo municipal, agora PT Center, a levante. Esta é a mais antiga entre as quatro freguesias do núcleo urbano, ou seja, ocupa assim a parte territorial mais velha da cidade, sendo, ainda bem visível aos olhos de quem por lá passa, restos da antiga fortaleza medieval - as muralhas da Covilhã - ao longo das zonas do Castelo, do Mercado Municipal, das Portas do Sol e da Rua do Norte.⁸⁶

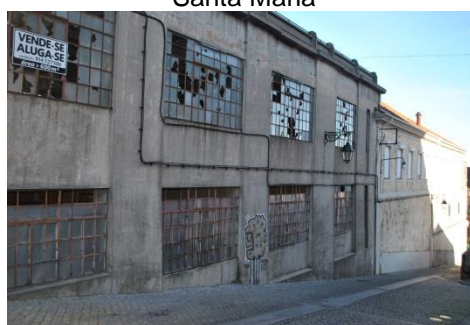
O crescimento da Covilhã, essencialmente a nível territorial, provocou várias mudanças na cidade. Uma delas, esta bem visível nesta freguesia – a separação de residentes em duas partes distintas: a parte mais antiga, em que a população é essencialmente idosa e com poucos recursos económicos e as habitações estão, na sua maioria degradadas, sem as condições mínimas para se viver de um modo razoável; na parte mais nova da cidade, existem habitações mais recentes e conseqüentemente com melhores condições, no entanto, com uma fraca expansão, quer a nível de construção de habitações, quer de equipamentos.⁸⁷

3.2.1. Francisco Ribeiro Aibéo

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	1936
Qualificação	Edifício de interesse patrimonial
Utilização inicial	Fiação
Cronologia (1ª e última)	1937-1963: Francisco Ribeiro Aibéo 1963-1989/90: Francisco Ribeiro Aibéo & Filhos
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Localizado numa zona residencial e num terreno de declive acentuado.



Largo da Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria



⁸⁵ Censos 2011, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf> (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

⁸⁶ <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2419> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁸⁷ Idem

3.3. Freguesia de São Martinho

A freguesia de São Martinho, situada a oeste, estendendo-se para o lado sul da Covilhã e com uma área de quase 10km², é das maiores do concelho.⁸⁸

Esta zona da cidade é rica no que se refere a património edificado – com a presença da capela de São Martinho, o antigo convento de Santo António, a antiga Fábrica Real (Pombalina) e o monumento de Nossa Senhora da Conceição, que possui uma vista fascinante sob quase toda a cidade.⁸⁹

Além disto, é nesta freguesia que se encontra a Universidade da Beira Interior, que tem sido um ponto bastante importante, não só para esta zona, que não tem parado de crescer nestes últimos anos, mas também para toda a cidade. Apesar do seu crescimento, São Martinho é ainda uma freguesia com alguma precaridade nos edifícios habitacionais e contém mesmo algumas zonas de grande risco, mas que têm vindo a ser melhoradas pelas entidades competentes.⁹⁰

3.3.1. José Nunes Jacinto / Cristiano Cabral Nunes

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XIX (1ª metade)
Qualificação	Complexo de interesse histórico
Utilização inicial	Tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1848-18__?: José Nunes Jacinto; (...); 1979-19__?: CIL-Complexo Industrial de Lanifícios, Lda. ^a ?- 2008: Adaptado para instalações da UBI (Serviços de Ação Social e Cantina Universitária da Boavista)
Utilização atual	Desativado.
Enquadramento	Área Urbana. Inserido em zona residencial



Rua Pedro Alves, São Martinho



⁸⁸ <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2413> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

⁸⁹ Idem

⁹⁰ Ibidem

3.3.2. António Pessoa de Amorim / Simão da Cruz Fazenda & Filhos

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XVII/XIX
Qualificação	Conjunto industrial do Pisão Novo: complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Cardação, fiação, tecelagem e ultimateção
Cronologia (1ª e última)	177?-1820: Real Fábrica de Panos; (...); 1994-1999: Júlio Madeira e Adrião
Utilização atual	Desativado.
Enquadramento	Área Urbana. Situado a oeste, relativamente ao centro da cidade.

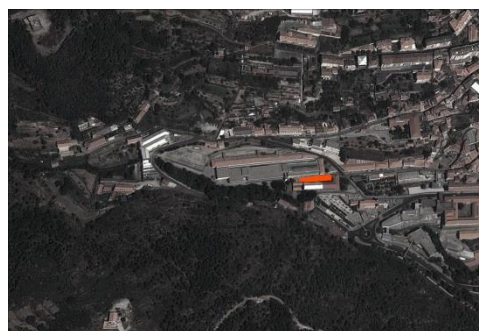


Rua do Pisão Novo. São Martinho



3.3.3. António Pessoa de Amorim

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XVIII/XIX
Qualificação	Complexo de interesse patrimonial
Utilização inicial	Fiação
Cronologia (1ª e última)	1788-1802: Capitão-mor Simão Pereira da Silva; (...); 1901-1905: Rafael Pessoa d'Amorim
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Localizado ao lado do Pólo de Engenharias da UBI.



Rua das Duas Fábricas, São Martinho



3.3.4. Leitão e Quintela / Francisco Mendes Alçada

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	Século XVIII(?)/XIX
Qualificação	Conjunto industrial da Fonte do Lameiro: em vias de classificação (com despacho de abertura)
Utilização inicial	Tecelagem, tinturaria e ultimateção
Cronologia (1ª e última)	1788-1815: Simão Pereira da Silva; (...); 1963-1998: Alçada & Pereira, Lda.
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Ao Lado da fábrica António Pessoa de Amorim, parecendo serem apenas uma.

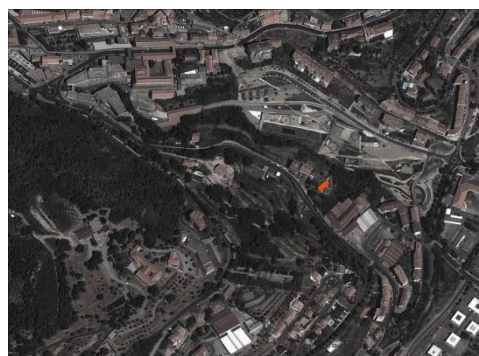


Rua Fonte do Lameiro, São Martinho



3.3.5. Monteiro & C.ª Lda.

Tipologia	Edifício fabril
Época de construção	Século XIX (2ª metade)
Qualificação	Edifício de interesse histórico
Utilização inicial	Tecelagem
Cronologia (1ª e última)	Séc. XX: António Vaz Álvares de Carvalho; (...); 1992-2005: Carlos Morgado
Utilização atual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana.



Sítio da Palmatória, São Martinho



3.3.6. Francisco dos Santos Paulo / Empresa Industrial do Tortosendo, Lda.

Tipologia	Complexo fabril	 <p>Ribeira da Água Alta, Refúgio, São Martinho</p> 
Época de construção	Século XIX (1ª metade)	
Qualificação	Complexo de interesse histórico	
Utilização inicial	Cardação e fiação	
Cronologia (1ª e última)	1850-1877?: Francisco dos Santos Paulo; (...); Século XX: Empresa Transformadora de Lãs, Lda.	
Utilização actual	Desativado	
Enquadramento	Área Urbana. Inserido na zona do refúgio, em frente à estrada nacional 230.	

3.4. Freguesia de São Pedro da Covilhã

A freguesia de São Pedro da Covilhã já em 1819 demonstrava uma certa importância, quando nessa época de ser cobrado o imposto escolheram funcionários apenas da freguesia Santa Maria e São Pedro e as outras treze ficavam de fora.⁹¹

A nível de património edificado, é nesta freguesia que se encontra os paços do concelho, edifícios de origem filipina e que revelam a evolução que a cidade, e neste caso a freguesia, obteve durante o século XVI. Foram construídos em 1614 e sobre a antiga câmara municipal quinhentista. A primeira referência, no entanto, a nível do património construído é um templo que já não existe, a igreja matriz. Contrariamente a todas as outras freguesias ainda possuem a sua igreja matriz, esta foi demolida em 1913, devido aos atentados do novo regime republicano à igreja católica, que nesta época eram comuns. Mais tarde, nos finais do século XVI foi construída a igreja da Misericórdia e por isso se denota as características claramente filipinas que ainda conserva.⁹²

Foi ainda nesta freguesia que se localizou a primeira escola primária da Covilhã, construída durante a reforma pombalina do século XVIII. Na Escola Industrial Campos Melo chegaram a estar inscritos mais de quinhentos alunos, em finais do século XIX.⁹³

⁹¹ <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2414> (acedido pela última vez em 8 de Abril de 2014)

⁹² Idem

⁹³ Ibidem

3.4.1. Cristiano Cabral Nunes & Filhos / CIL – Complexo Industrial de Lanifícios, Lda.

Tipologia	Complexo fabril
Época de construção	1964/5
Qualificação	Complexo de interesse histórico
Utilização inicial	Cardação, fição e tecelagem
Cronologia (1ª e última)	1965-1979: Cristiano Cabral Nunes & Filhos; (...); 2000-2006?: STBI – Sociedade Têxtil da Beira Interior, S.A.
Utilização actual	Desativado
Enquadramento	Área Urbana. Localizado na zona da estação ferroviária.



Sítio da Várzea, São Pedro



3.5. Considerações

A Covilhã é um caso particular quando se fala na indústria de lanifícios e este facto torna-se ainda mais evidente e perceptível após o conhecimento de todo o conjunto fabril que já esteve em funcionamento nesta cidade, que corresponde a 59 fábricas na freguesia da Conceição, 18 na freguesia de Santa Maria, 61 na de São Martinho e 6 na freguesia de São Pedro.

Ao analisar atualmente cada um destes edificadros fabris que noutros tempos contribuíram para um crescimento singular desta zona do País verifica-se que existem 54 fábricas abandonadas, em que 28 destas já se encontram em estado de ruína. No entanto, ao longo destes anos já foram reabilitadas 72, ainda que na sua maioria as obras tenham sido apenas parciais. A Universidade da Beira Interior teve também um papel preponderante neste tema, ao reabilitar 13 unidades fabris para a instalação dos seus serviços. Para além das que estão abandonadas e das que foram reabilitadas, apenas 7 continuam com a mesma função inicial. Estes dados estão patentes no seguinte gráfico e com base no anexo 1.⁹⁴

⁹⁴ PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I e II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.527-666

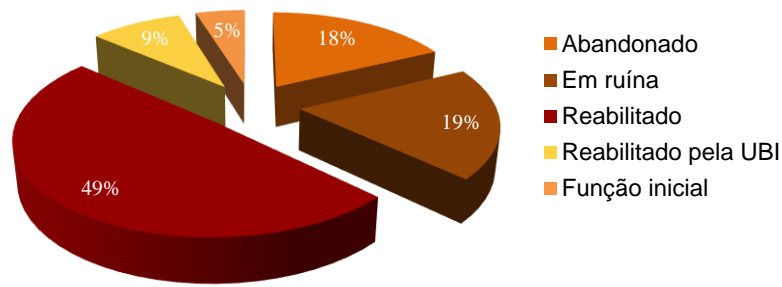


Fig. 46 Estado atual das Unidades Fabris do centro histórico da Covilhã

Depois de sabidos estes valores percebe-se que ao longo destes anos a reabilitação não é um tema desconhecido nesta cidade. Contudo o número significativo de unidades industriais que ficaram ao abandono torna este processo mais lento e ainda hoje, apesar de muitas já terem sofrido alguma intervenção, existem ainda muitas outras a necessitarem de medidas. Em valores pode não parecer tão significativo, mas a realidade é que existem muitos edifícios fabris que pela sua dimensão e pela robustez da sua construção cria um impacto visual negativo e acima de tudo edifícios e espaços devolutos provocam degradação ambiental das cidades ao deixarem de fazer parte da vida da cidade, além de que o seu abandono e a falta de manutenção promove um conjunto de situações que poderão, com o passar do tempo e no limite levar ao derrocamento dos edifícios.

Recuperar todos os edifícios abandonados na cidade da Covilhã não é um processo fácil e rápido, antes pelo contrário, é um caminho que exige tempo, persistência e acima de tudo apoio económico, político e social.

A opção de analisar com mais detalhe as unidades fabris em estado razoável do centro histórico da Covilhã pretende mostrar que ainda existem uma série de edifícios ao abandono que não requerem um processo tão dispendioso para voltarem a ser novamente ocupados, o importante é mudar mentalidades e criar iniciativas que deia a conhecer as capacidades de cada um destes espaços, a sua história e até mesmo demonstrar o que nele já se fez. Isto seria uma mais-valia para a cidade da Covilhã, em que, ao mesmo tempo que promovia o que nela já se fez de melhor através de atividades que envolvessem toda a população da Covilhã, apresentava também incentivos para novos empreendedores apostarem mais no interior do país e fazerem uso do património arquitetónico, que muitas vezes fica esquecido.

Capítulo 3 - Património Arquitectónico e Reabilitação

3. Património Arquitectónico e Reabilitação

Na sua origem, património é uma palavra que deriva do latim *patri* ("pai") e *monium* ("recebido")⁹⁵, ou seja, um bem de herança, que passava de pais para filhos. Assim, numa linguagem corrente património significa tudo aquilo que herdamos dos nossos antepassados.

Recorrendo à descrição de Françoise Choay, "*Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico...), que fizeram dela um conceito "nómada", prossegue hoje em dia um percurso diferente e notório.*" A preservação e reabilitação do património tem sido uma preocupação desde há vários séculos. Contudo, nem sempre foi vista como uma opção e chegou até a gerar opiniões controversas.⁹⁶

No Japão, no século XIX, não se aceitavam edifícios sem vida, ou seja, não se concebia arte antiga ou moderna que não fosse viva e, como forma de contrariar o fator tempo, destruíam o construído e voltavam a construir um semelhante noutra época. Na mesma época, os Estados Unidos foi o primeiro país a proteger o seu património natural, mas ainda não existia uma preocupação com a conservação do património edificado. A primeira intervenção neste sentido começou pelas habitações particulares das grandes personalidades nacionais. Na Europa, já existia uma maior sensibilidade para este tema, pois foi onde surgiu a noção de monumento histórico⁹⁷ e as práticas para a sua preservação. Refira-se, a este propósito, que mais tarde, em 1931, foi realizada em Atenas a primeira conferência internacional para a conservação do património histórico, apenas com a presença de europeus.⁹⁸

Não obstante, mesmo na Europa existiam muitas ameaças permanentes ao património, que impediam um consenso a favor da sua conservação e proteção. Alguns arquitetos invocavam que a limitação ao usufruto do património, privava os artistas do direito à criação e consideravam, por vezes, que a beleza de uma cidade assentava na diversidade estilística das suas arquiteturas e espaços. Além disso são invocados outros fatores que colocam em causa que a conservação do património seja uma boa opção, nomeadamente os custos na manutenção, a inadaptação às necessidades atuais e a ação paralisante sobre grandes projetos de ordenamento do território.⁹⁹

Apesar de todas estas ameaças permanentes em torno do património, a realidade é que continuam a existir vários agentes a favor da sua conservação e proteção, com base em valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos. Para se compreender o significado de património torna-se fundamental conhecer a abordagem inicial que existiu sobre este tema e todas as questões e opiniões que provocaram a sua evolução até aos dias de hoje.¹⁰⁰

⁹⁵ <http://www.priberam.pt/> (acedido pela última vez em 28 de Agosto de 2014)

⁹⁶ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.11

⁹⁷ CHOAY, Françoise; Op. Cit. pp.25

⁹⁸ *Ibidem*, pp.14 e 15

⁹⁹ *Ibidem*, pp.16

¹⁰⁰ *Ibidem*, pp.16

3.1. Contextualização Histórica

Os primeiros exemplos conhecidos de que existiu uma preocupação pelos objetos do passado remonta à Antiguidade. No império romano, sobretudo depois da batalha de Corinto, existia a preocupação com os testemunhos materiais da civilização grega.¹⁰¹

Na Idade Média, existia a constituição de uma reserva de valores, desta vez mais ligada à história sagrada e acabou mesmo por se reconstruir igrejas sobre templos pagãos e por se reaproveitar materiais de velhos edifícios.¹⁰²

Contudo, na realidade, só com o Renascimento é que surgiu a consciência cultural pelo passado clássico: “a partir de 1430 e sob o pontificado de Eugénio IV (1431-1447), os humanistas, em particular os da corte pontifical, são unânimes em apelar à conservação e a uma proteção vigilante aos monumentos romanos”. Mas este zelo nem sempre foi temperado e existem relatos de destruições regulares de edifícios góticos e de edifícios antigos e de reconstruções e restauros, com o objetivo de se chegar a um estilo único.¹⁰³

Durante o século XVII e uma parte do século XVIII o esforço de adequar os edifícios antigos a um estilo original permaneceu. Esta regra era menos evidente fora de Itália, o que fez com que as velhas tradições construtivas nunca tenham desaparecido. Inglaterra foi mais precoce e já durante esta época agregou-se a uma sólida tradição de restauros e obras de conservação.¹⁰⁴

É nesta época que a cultura europeia se começa a alargar. A consciência cultural, que surgiu em Roma, expande-se lentamente a todos os locais onde existiam vestígios da arquitetura grega e romana.¹⁰⁵

A conservação arquitetónica sempre foi vista como uma questão problemática. No século XVIII deram-se início a algumas questões importantes, aquando das primeiras escavações das cidades de Pompeia e Herculano. Nesta altura existiu um excesso de zelo, mas não o mais adequado, ou seja, os restauradores destruíram elementos vistos como irrelevantes, comparados com outros. Isto provocou a primeira polémica em torno daquilo que deviam ou não ser os limites das ações de restauro e de conservação.¹⁰⁶

Em Portugal, as medidas de proteção de edifícios ocorreram ao longo da Idade Média como algo comum, principalmente no que se refere a edifícios militares, por razões de defesa territorial. Ou seja, a conservação de imóveis era feita naturalmente, não por uma preocupação de preservar o que era antigo, mas sim por uma questão utilitária. Existia um aproveitamento frequente do que restava dos espaços murlhados muçulmanos, o que foi sendo complementado com legislação adequada.¹⁰⁷

A realidade é que a conservação arquitetónica, quase sempre direcionada a uma preocupação utilitária, não deixou de abranger outras formas. Começava-se a dar outro valor a

¹⁰¹ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 23

¹⁰² IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 23

¹⁰³ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.44

¹⁰⁴ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 24

¹⁰⁵ IPPAR; Op. Cit.pp. 24

¹⁰⁶ Idem, pp. 24

¹⁰⁷ Ibidem, pp.25

objetos de certo modo comuns e o passado ia-se construindo como uma referência cultural e política, e não apenas funcional. Um exemplo que demonstra esta mudança de paradigma, é o caso referente à destruição da ponte romana de Alcântara, em 1475, em que D. Afonso V, pediu que se suspendesse a sua demolição “*porque no quería el reino de Castilla com aquel edificio menos*”¹⁰⁸.

Mais tarde, por volta do século XVIII, surgem as primeiras políticas de conservação e restauro patrimoniais, mas neste caso, já inseridas num plano legislativo. Consequentemente, surge uma maior preocupação e valorização do contexto histórico do objeto e do seu estudo, através de métodos científicos de restauro, o que leva ao aparecimento de oficinas especializadas. Em 1721, D. João V assinou um Alvará em que atribuía à Academia Real de História o exame dos “monumentos antigos que havia e se podiam descobrir no reino dos tempos me que n’elle dominaram os Phenices, Gregos, Persas, Romanos, Godos e Arabios”¹⁰⁹.

O conceito de monumento sofre um considerável alargamento, o que conduziu a uma maior atenção por parte dos académicos, pois passou a considerar, além de edifícios, “estatuas, mármore, cippos, lâminas, chapas, medalhas, moedas e outros artefactos”¹¹⁰. Quatremère de Quincy afirma que “aplicada às obras de arquitetura”, o termo monumento “designa um edifício, quer construído para eternizar a recordação de coisas memoráveis, quer concebido, erguido ou disposto de forma a tornar-se num agente de embelezamento e de magnificência nas cidades.”¹¹¹

No entanto, no século XVII, alguns episódios testemunham uma visão que dotava o monumento de um valor puramente estético, ou seja, era o responsável por exprimir grandes desígnios públicos, promover os estilos e dirigir-se à sensibilidade estética.¹¹²

Atualmente, o sentido de *monumento* progrediu. Ao prazer dispensado pela beleza do edifício, sucedeu a admiração ou o espanto que provocam a mestria técnica.¹¹³

Em Portugal, a noção da existência de património cultural e da sua necessidade de salvaguarda agregou-se durante o século XIX. Inicialmente não se tratou de uma grande mudança que interessasse a toda a população. O apoio a nível internacional também ainda não existia, apesar de já sucederem situações semelhantes ou até mais bem definidas do que as que ocorriam em Portugal, na grande parte dos países europeus, nomeadamente França, Itália, Espanha, Inglaterra e Alemanha¹¹⁴.

Esta mudança exigiu o reconhecimento de um conjunto de valores patrimoniais, sobretudo monumentais, históricos e nacionais, que foram importantes na transmissão às gerações futuras.¹¹⁵

¹⁰⁸ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp.27

¹⁰⁹ IPPAR; Op. Cit. pp.29

¹¹⁰ Idem, pp.29

¹¹¹ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.19

¹¹² CHOAY, Françoise; Op. Cit. pp.19

¹¹³ Idem, pp.19

¹¹⁴ Países onde a consagração do monumento histórico se formula, com maior realce no século XIX, relacionado com a área do restauro e do património. Veja-se mais em CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013

¹¹⁵ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 37

Foram vários os acontecimentos que levaram a que o património começasse a ser visto como algo importante para toda a sociedade. A Revolução Liberal, a Guerra Civil (1832-1834), foi, por um lado, um fator devastador do património existente do Antigo Regime, mas por outro, a rutura que provocou a nível cultural fez com que a nova sociedade pensasse numa solução para conservar e renovar a herança cultural.¹¹⁶

O terramoto de 1 de Novembro de 1755, em Lisboa, foi uma catástrofe natural, mas que conseguiu provocar uma consciencialização sobre os bens patrimoniais. A população acabou por se recompor e reconstruir o possível, no entanto, apenas por questões funcionais - valor urbanístico e estético.¹¹⁷

A imprensa também teve um papel importante nesta época ao dedicar-se à arquitetura do passado, por muito que a cultura artística dos autores dos textos fosse de principiante¹¹⁸.

O "Jornal de Bellas-Artes ou Mnémossine Lusitana" foi a primeira revista publicada em Portugal, entre 1816 e 1817, que descrevia monumentos, incluindo as respetivas gravuras desenhadas por Pedro Alexandre Cravoé (1776-1844), poeta, marceneiro, arquiteto autodidata, diretor e redator desta revista.¹¹⁹

Em 1835 "O Recreio, Jornal das Famílias" volta a reproduzir a mesma gravura que já havia sido editada por Alexandre Cravoé, em 1817, da fachada principal da Sé de Lisboa (figura). O "Recreio" acaba assim por marcar o início de uma época, que logo depois não se cansará de publicar gravuras agregadas por comentários a edifícios considerados notáveis. Isto terá um impacto positivo no desenvolvimento da cultura artística de oitocentos.¹²⁰



Fig. 47 Sé de Lisboa, a antiga Igreja Basílica de Santa Maria Maior

¹¹⁶ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 37

¹¹⁷ Idem, pp. 37

¹¹⁸ Sobre os jornais e revistas publicas nesta época, veja-se a obra de SANTOS, Manuela e RAFAEL, Gina Guedes, *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*, Biblioteca Nacional, Portugal 1998

¹¹⁹ FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, v.I, 3ª edição; Bertrand Editora; Venda Nova, 1990, pp.90

¹²⁰ AA.VV.; *Descrição da Igreja da Basílica de Santa Maria Maior, O Recreio, Jornal das Famílias*, v. 1 n° 3; Da Imprensa Nacional; Lisboa, Março de 1835, pp.57-59

No ano seguinte, 1836, o “Jornal Encyclopedico” também publica uma gravura, neste caso da fachada ocidental da igreja do mosteiro da Batalha, assinada por Manuel Maria Bordalo Pinheiro, acompanhada por um texto sobre as obras do real mosteiro de Santa Maria da Victoria vulgarmente chamado da Batalha.¹²¹

Contudo, foi com a primeira edição de “*O Panorama*”¹²² de Alexandre Herculano, que surge um elogio explícito à arquitetura gótica - artigo denominado “A Architectura Gothica. Igreja do Carmo em Lisboa”¹²³- e o primeiro protesto contra o desleixo que existia por parte do governo e dos municípios em relação aos monumentos portugueses.

Este liberalista foi a voz ativa do que já se fazia sentir em diversas partes do país sobre a necessidade de proteger os bens nacionais, pois na prática ainda muito pouco tinha sido feito. Como redator de *O Panorama*, Herculano confirmava isso, com os protestos que recebia diariamente de vários acontecimentos que colocavam a cultura de Portugal em causa. Isto foi também um incentivo, para que em 1838-1839¹²⁴, Herculano tenha publicado quatro artigos sobre “Os Monumentos”, que compõem o primeiro manifesto público sobre a problemática da salvaguarda do património arquitetónico e artístico português.

O tema monumentos andava em voga e é neste contexto que surgem os artigos de Herculano, que ao ser divulgados através de um periódico tão lido, acabaram por dar a este assunto uma relevância que vale a pena destacar. Assim, no que se refere às obras escritas sobre os monumentos portugueses durante o século XIX, Alexandre Herculano é aquele que marca, de modo mais significativo, um novo ciclo de reflexão e um novo modo de encarar o património.¹²⁵

Alexandre Herculano opunha-se aos ditos “inovadores” que se preocupavam apenas com as questões de estética e que acabavam por disfarçar os caracteres originais da arte gótica, sob os do barroco, rococó, neoclássicos e revivalistas.¹²⁶

Entre 1840 e 1842, Herculano, enquanto deputado eleito, consegue adquirir verbas para os monumentos históricos, através de votações. Além disso, executa estudos sobre vários monumentos, preocupa-se com a defesa dos arquivos históricos do país e publica parte destes nos *Portugaliae Monumenta Historica*. Foi ainda investigador de múltiplas ciências auxiliares da história, entre estas a numismática. Ou seja, todo o seu processo persistente em prol da defesa

¹²¹ AA.VV.; *Edifício da Batalha, Jornal Encyclopedico*, v. 1, nº 1; Na Impressão Régia; Lisboa, Novembro de 1836, rosto e pp.1-4

¹²² *O Panorama*: jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis foi um jornal de periodicidade semanal, que teve o seu 1º número editado em 1837 e o último em 1868 (URL: http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=rbml&uri=full=3100024~!17822~!0&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&term=O+panorama+&index=.TW)

¹²³ [Herculano, Alexandre], s./a., *A Architectura Gothica. Igreja do Carmo em Lisboa, O Panorama nº 1*; Lisboa, 6 de Maio de 1837, pp.2-4

¹²⁴ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 38

¹²⁵ IPPAR; Op. Cit. pp. 40

¹²⁶ Idem, pp. 42

dos monumentos históricos é projetado nas gerações de 1850 e de 1870 até ao início da I República.¹²⁷

Mas a obra de Herculano em defesa do património não é um caso raro na Europa nesta época, pelo que, de seguida, se contextualiza a europeia oitocentista no que se refere à salvaguarda do património.¹²⁸

Os primeiros decretos relacionados com a conservação dos monumentos datam a 1789-1799, da Revolução Francesa. Já em 1825, Vitor Hugo (1802-1885) manifestava-se “Guerre aux demolisseurs” com o objetivo de parar com as transformações que se estavam a executar aos monumentos.¹²⁹

“Se é verdade, como todos acreditamos, que a arquitectura, sozinha entre todas as artes, não tenha mais futuro, empreguem os vossos milhões a conservar, a manter e a eternizar os monumentos nacionais e históricos que pertencem ao Estado e a comprar aqueles que pertencem a particulares”¹³⁰

Em 1829 este célebre texto de Vitor Hugo acabou mesmo por ser editado na “Revue de Paris” em que obteve um grande impacto na defesa dos monumentos em França. Assim, em 1832, o periódico “Revue des Deux Mondes” voltou a publicá-lo. No ano seguinte, Montalembert (1810-1870) escreveu na “Revue des Deux Mondes” um texto com o título: *Du Vandalisme en France. Lettre a M. Victor Hugo*¹³¹, em que deu continuidade a este tema em 1838¹³² na mesma publicação.

Herculano era um leitor permanente do prestigiado periódico francês “Revue des Deux Mondes”, que chegou mesmo a propor como modelo a seguir, em Portugal no ano de 1838¹³³. Neste mesmo ano, Herculano começou a escrever os seus artigos sobre os monumentos, denotando-se a influência que Montalembert e Victor Hugo tiveram nele¹³⁴. A cultura artística de Montalembert é evidentemente muito mais vasta – importa referir que integrou o Comité de trabalhos históricos (1830) e a Comissão dos monumentos históricos (1837).

Ainda em França, foram tomadas uma série de outras medidas a favor da preservação e salvaguarda do património. Em 1834, e por ação de Guizot, foi criado um comité Histórico de Artes e Monumentos; entre 1816 e 1836 foi publicado, em Paris, o livro *Monuments de la France, classes choronologiquement, et considerés sous ler apport des faits historiques et l'estude des arts*. Mais tarde, em 1840, foi publicada a primeira lista de monumentos classificados, pela

¹²⁷ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 42

¹²⁸ IPPAR; Op. Cit. pp.42

¹²⁹ Idem, pp.43

¹³⁰ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.146

¹³¹ CHOAY, Françoise; Op. Cit. pp.142 e 143

¹³² MONTALEMBERT, Charles de; *Période Initiale des Deux Mondes : Du vandalisme en 1838*; Paris, 1838, pp.509-531

¹³³ SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos; *Cultura e economia: actas do colóquio realizadas em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*; Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Lisboa, 1995, pp.264

¹³⁴ Dirigidas inicialmente por Ludovic Vitet (até 1834) e depois por Prosper Mérimée estas comissões foram compostas por Montalembert, Victor Hugo, Victor Cousin e o barão Taylor. CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.152

iniciativa da Comissão Superior dos Monumentos Históricos Arqueológicos e Arquitetónicos, fundada em 1837.¹³⁵

Semelhante ao que se passava na França, passava-se também em Itália, Espanha, Alemanha e Inglaterra. Em Itália, entre 1838 e 1841, foi editado o inventário italiano, pela responsabilidade de Wieberking. Em Espanha, entre 1824 e 1850, era publicado, por despesas do estado, a *Espagne artistique et monumentale*, resultado da iniciativa de D. Genaro Peres de Villa-Anil e D. Patrício de la Escosura. E assim, entre 1859 e 1879, era publicada a obra *Monumentos Arquitectónicos de España*.¹³⁶

Desde que, em 1840, a Comissão dos Monumentos franceses entregou a direção dos restauros a arquitetos parisienses como Viollet-le-Duc, Danjoy, Rupriché, Duban, Questel, pode dizer-se que era em França que as ideias de conservação e restauro obtinham um maior apoio e audiência. Viollet (1814-1879), com a sua teoria e programa de restauro, teve um papel importante nesta mudança de paradigma e acabou mesmo por influenciar toda uma geração de arquitetos. De acordo com os cânones românticos e à semelhança de Herculano, a teoria de Viollet tinha como objetivo devolver a pureza inicial de estilo a uma obra de arte alterada durante séculos.¹³⁷

Assim, pode-se afirmar que nos finais do século XIX, a defesa dos monumentos históricos obteve uma repercussão positiva na sociedade europeia. No entanto, em Portugal isso já não aconteceu, quer na publicação de coleções de monumentos quer na sua conservação e restauro. Em 1866 e 1867 e pela iniciativa da Associação de Arquitetos Portugueses, foi publicada o *Archivo de Arquitectura Civil*, mas não obteve a audiência necessária.¹³⁸

Apesar disto, ainda foram publicadas várias notícias ilustradas sobre os nossos principais monumentos, nas principais revistas de Lisboa e Porto, como *O Panorama*, o *Museu Portuense*, o *Universo Pittoresco*, o *Archivo Pittoresco*, a *Revista Popular*, a *Ilustração* e o *Diário Ilustrado*. Estes pequenos artigos, que na época não alcançaram de imediato a devida importância, hoje são fontes preciosas para o estudo documental do património arquitetónico e arqueológico português.¹³⁹

Nos finais do século XIX, a salvaguarda dos monumentos históricos teve uma boa receptividade pela sociedade Europeia, o que acabou por não acontecer em Portugal - tanto a publicação de coleções de monumentos como a sua conservação e restauro não obtiveram interesse imediato.¹⁴⁰

No entanto, a discussão deste tema estava já lançado por Alexandre Herculano, que juntamente com outros autores, fizeram dele um tema público e de debate político. Nesse momento era necessário criar legislação sobre o património deixado ao abandono, nomeadamente devido à extinção das ordens religiosas.¹⁴¹

¹³⁵ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.52 e IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 43

¹³⁶ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp. 43

¹³⁷ IPPAR; Op. Cit.pp. 43

¹³⁸ Idem, pp. 44

¹³⁹ Ibidem, pp.44

¹⁴⁰ Ibidem, pp.48 e 49

¹⁴¹ Ibidem, pp.48 e 49

A publicação, em 1838, de “Monumentos Práticos”, na sua edição dos *Opúsculos*, de Alexandre Herculano, voltou a dar alguma motivação e incentivo para a salvaguarda do património cultural. A realidade é que, entre 1837 e 1872, a postura perante os valores patrimoniais não haviam mudado muito, o Estado continuava sem assumir as responsabilidades necessárias e os municípios ainda pior. Alexandre Herculano era assim reconhecido pelo vanguardismo e pela influência que teve sobre vários contemporâneos, em especial Almeida Garrett, Viagens na Minha Terra, e também sobre jovens, como Mendes Leal, Luciano Cordeiro, Latino Coelho, António Enes e Zacarias de Aça. Nesta época, pode-se dizer que existia uma visão histórica e arqueológica em relação aos monumentos, o que faltava era a sua valorização artística e, principalmente, a análise ao nível da história de arte.¹⁴²

A Real Associação dos Arquitetos Civis e Arqueológicos Portugueses, fundada em 1864, e que, nesses anos seguintes, não conseguiu obter grandes resultados, começou a ter influência pública nesta fase de transição. O arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), trabalhador desta associação, teve um papel importante na arquitetura oitocentista. A sua formação arquitetónica parisiense permitiu-lhe empregar estudos relacionados com a análise dos monumentos históricos, as teorias do restauro e a ciência arqueológica. Possidónio, com o conhecimento do modelo da Sociedade Francesa de Arqueologia, funda duas Associações: a de Arquitetos Civis e a de Arqueólogos Portugueses, e obtém, pela sua ligação à Casa Real, o Convento do Carmo para sede e museu de arqueologia. Não existem estudos que permitam compreender a ação desta Associação na defesa e salvaguarda do património cultural. No entanto, subentende-se que a sua atividade tenha passado pela sensibilização da opinião pública e valorização de diversos aspetos arqueológicos e artísticos através de representações públicas a entidades governativas, a visitas arqueológicas, ao reconhecimento do estado dos monumentos e ao seu respetivo estudo histórico e artístico. A partir de 1876, a publicação do Boletim de Arquitetura e Arqueologia demonstra não só o saber dos seus membros, como o reconhecimento por parte do público relativamente à ação desenvolvida.¹⁴³

Em Portugal era ainda inexistente legislação sobre o património cultural. Nem sequer existia uma lista dos monumentos a classificar e salvaguardar. Foram criadas várias comissões pelo Estado desde 1870, mas que nada solucionaram. A única que obteve, na prática, algo de positivo, foi a de 1875, nomeada por António Rodrigues Sampaio, em que se criou condições para a instalação do Museu das Belas-Artes. Poderá dizer-se que as comissões, por vezes, definiam os cargos de modo aleatório, sem respeitarem a aptidão dos seus membros, ou seja, os critérios de funcionamento passavam por conveniências políticas. Contudo, ainda assim, continuaram a ser criadas comissões.¹⁴⁴

Em 1876 surge um projeto de decreto com a intenção de habilitar técnicos capazes de intervir em monumentos e no qual se define o papel do Estado no inventário, vigilância, conservação e reparação dos monumentos históricos¹⁴⁵.

¹⁴² IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp.49

¹⁴³ IPPAR; Op. Cit. pp.51

¹⁴⁴ Idem, pp.50

¹⁴⁵ Ibidem, pp.8

A pedido do Ministro das Obras Públicas, a Real Associação de Arquitetos e Arqueólogos Portugueses apresentava, em 1880, a primeira listagem de categorias de imóveis a classificar, encontrando-se estes agrupados em seis classes, nomeadamente: Obras-primas de arquitetura e da arte portuguesas; Edifícios com significado para o estudo da história das artes; Monumentos militares; Estatuária; Padrões e arcos comemorativos; Monumentos pré-históricos. Contudo não existe conhecimento relativo à aprovação oficial desta listagem, mantendo-se apenas como elemento de referência¹⁴⁶.

Em 1897 é criado o Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, com a responsabilidade de, uma vez mais, classificar os monumentos nacionais e aprovar os respetivos projetos de conservação, de reparação e restauro. Posteriormente, em 1901, foi assinado o Decreto Orgânico “...sobre os aspetos arqueológico, histórico e arquitectónico, tal como se menciona a fiscalização superior da conservação quer os mesmos edifícios fossem propriedade do Estado ou de quaisquer indivíduos ou colectividades.” Este decreto constitui a primeira legislação portuguesa sobre os monumentos nacionais, numa altura em que a Dinamarca (1861), a França (1889), a Austro-Hungria (1891), a Itália e a Roménia (1892) tinham já publicado as suas próprias leis. Três meses após a publicação deste decreto, foi publicado o Decreto de 30 de Dezembro de 1901, que estabeleceu as “Bases para a classificação dos imóveis que devem ser considerados”.¹⁴⁷

O primeiro imóvel a ser classificado foi o castelo de Elvas através do Decreto de 27 de Setembro de 1906 e posteriormente, em Janeiro de 1907, foram classificados outros monumentos mais emblemáticos e marcantes, como: os Mosteiros da Batalha, dos Jerónimos e de Alcobaça, o Convento de Cristo, as Igrejas Sé da Guarda, de Lisboa, de Évora e de Coimbra e, ainda, a Torre de Belém.¹⁴⁸

De 1890 a 1910 realizaram-se vários restauros em Portugal e existiam já várias teorias sobre este tema. Viollet-le-Duc foi o que acabou por obter uma maior audiência e influenciou Rosendo Carvalheira (?-1919), Korrodi (1870-1944) e Fuschini (1843-1911). No entanto, Gabriel Pereira considerava existirem alguns perigos oriundos das reflexões de Viollet-le-Duc sobre o restauro e, para ele, a teoria do historiador italiano Camillo Boito defensora de que “é melhor consolidar que reparar, melhor reparar do que restaurar” seria mais vantajosa para a salvaguarda do património. No entanto, esta teoria não chegou a ter sucesso em Portugal¹⁴⁹.

O século XX trouxe a aplicação da legislação o que, ao longo do século XIX, não havia sido conseguido. As categorias e critérios de classificação surgem logo no início do século XX e, até ao final do mesmo, vão sofrendo sucessivos aperfeiçoamentos. A preservação do Património surge ainda antes da implantação da República e acima de quaisquer interesses públicos e privados.¹⁵⁰

¹⁴⁶ IPPAR; *Informar para Proteger*; IPPAR; Lisboa, 1994, pp.8

¹⁴⁷ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp.51 e 52

¹⁴⁸ IPPAR; Op. Cit. pp.54

¹⁴⁹ Idem, pp.52

¹⁵⁰ Ibidem, pp.55

Em 1904, a notória lista da Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses constituía-se como um documento de apoio a uma lista oficial. Só em 1909 é que o Ministério das Obras Públicas publicou a lista oficial aprovada pelo Governo em Julho de 1910¹⁵¹, que dividia os monumentos pelas categorias¹⁵²:

- Monumentos pré-históricos (Antas e outros monumentos);
- Monumentos Lusitanos e Lusitano-Romanos, Castros, Entrincheiramento;
- Povoações Romanas;
- Marcos miliários, pontes, templos, arcos, fontes;
- Estátuas;
- Inscrições, túmulos e sepulturas;
- Monumentos militares (castelos, torres e padrões);
- Monumentos Cívicos (Paços Reais, Municipais, Episcopais, Universitários, Misericórdias, Palácios Particulares e Casas Memoráveis, Hospitais, Aquedutos, Chafarizes, Fontes, Pontes, Arcos, Padrões comemorativos e Pelourinhos);
- Trechos arquitetónicos.

A I República foi instituída pouco depois e aceitou aquela primeira classificação, o que não aconteceu à legislação monárquica. Em Maio de 1911 é publicado o Decreto nº1 de reorganização dos serviços artísticos e arqueológicos, a cargo do governo Provisório e assinado pelos chefes de fila do movimento republicano (Teófilo Braga, António José de Almeida, Bernardino Machado, José Relvas, António Xavier Correia Barreto, Amaro de Azevedo Gomes e Manuel de Brito Camacho). Assim, foi criado o Conselho de Arte e Arqueologia, com a responsabilidade de apresentar propostas de classificação ou a sua análise e proteger a conservação dos mesmos.¹⁵³

Neste decreto surge novamente o termo “Monumento Nacional”, referindo-se “aos imóveis cuja conservação represente pelo seu valor artístico, histórico ou arqueológico, interesse nacional, será feita por decreto, sob proposta do Conselho de Arte e Arqueologia da respectiva zona, procedendo parecer da sua comissão de monumentos.” E ainda outra classificação: “Os edifícios que, sem merecerem a classificação de monumentos nacionais, ofereçam, todavia, algum interesse, sob o ponto de vista artístico ou histórico, serão descritos em cadastro especial; e nenhuma obra de conservação ou restauração poderá realizar-se neles, sem que o respetivo projeto haja sido aprovado pela comissão de monumentos da respetiva área.” Denota-se, neste contexto, que a preocupação em manter, preservar e salvaguardar o património edificado foi sendo defendida pelo Estado, quer este fosse privado ou público.¹⁵⁴

Apesar do Decreto de 26 de Maio de 1911 ter sido considerado um “*marco miliário da evolução administrativa deste importante ramo dos serviços políticos*”, a ditadura militar e o Estado Novo constituíram um novo método de restauro e uma ideologia particular nesta matéria,

¹⁵¹ Conselho dos Monumentos Nacionais, *Classificação dos Monumentos Nacionais*; Imprensa, Lisboa, 1909

¹⁵² IPPAR; *Informar para Proteger*; IPPAR; Lisboa, 1994, pp.9

¹⁵³ IPPAR; Op. Cit. pp.55

¹⁵⁴ OLIVEIRA, Rui; *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2003, pp.39

que ficou patente na lei de 7 de Março de 1932, publicada por Óscar Fragoso Carmona e Oliveira Salazar.¹⁵⁵

Durante o Estado Novo foi formulado o decreto de 14 de Março de 1928, onde se iniciou a categorização do património cultural português em três tipos de bens imóveis: os nacionais, os imóveis de interesse público, os imóveis de valor concelhio. Isto facilitava a intervenção do Estado na listagem dos bens móveis.¹⁵⁶

O papel do Estado Novo na salvaguarda do património não acrescentou muito ao que já tinha sido feito, tendo sido apenas mais extensa a sua atividade na criação de regulamentos e portarias do que os governos anteriores. Mas houve um feito importante por parte do regime salazarista: a criação da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), em que a primeira direção esteve ao cargo do engenheiro Henrique Gomes da Silva. A ideia de criar uma instituição destas já existia desde 1920.¹⁵⁷

A intenção da DGEMN era devolver aos monumentos “a pureza da sua traça primitiva”, como se as campanhas dos séculos XVII e XVIII e até do século XIX não tivessem também outras tantas informações válidas sobre a evolução das artes e da estética. As teses do Diretor dos Monumentos Nacionais representavam, em 1931, um recuo temporal bastante significativo. No entanto, não se pode criticar todo o papel da DGEMN, uma vez que se constituiu como uma grande base documental dos monumentos nacionais, não só dos classificados, como também de muitos outros que exigiam cuidado.¹⁵⁸

Em 1936 já existia a ideia de inventário sistemático e a Academia Nacional de Belas-Artes foi a responsável pelo inventário artístico do país. Depois disto, e a partir da década de 40, começa-se a definir cartograficamente as zonas especiais de proteção, acompanhadas de legislação correspondente.¹⁵⁹

Além de toda a legislação nacional, existem também documentos internacionais que contribuíram para a sua fundamentação teórica, sob a forma de convenções, recomendações e cartas. As convenções são documentos jurídicos que comprometem os Estados aderentes, as recomendações têm como objetivo determinar princípios capazes de orientar as políticas de cada Estado e as cartas definem princípios e conceitos sobre uma determinada matéria, de modo a orientar a ação prática dos participantes. Todos estes incluem referências às estratégias futuras a desenvolver, sem esquecer a intervenção do património, e são assinadas por vários países, em que Portugal também se inclui. Destes documentos, salienta-se a importância da Carta de Atenas de 1931 e a Carta de Veneza de 1964, que propõem uma teoria de conservação e restauro do património.¹⁶⁰

A Carta de Atenas, apesar de ter sido criada na cidade de Atenas, não se limitou aos monumentos desta cidade, criou e susteve várias normas sobre temas que ainda hoje são uma

¹⁵⁵ IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993, pp.56

¹⁵⁶ OLIVEIRA, Rui; *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2003, pp.40

¹⁵⁷ IPPAR; *Informar para Proteger*; IPPAR; Lisboa, 1994, pp.57 e 58

¹⁵⁸ IPPAR; Op. Cit. pp.59

¹⁵⁹ Idem, pp.61

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Rui; *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2003, pp.41 e 42

preocupação por parte dos técnicos ligados aos monumentos e à sua conservação, restauro, às utilizações menos corretas dos edifícios e também à criação de diferente legislação sobre a preservação do património cultural.¹⁶¹

Com todo o conhecimento e experiência que se foi criando e com base na Carta de Atenas, a comunidade científica tornou-se mais interessada na salvaguarda do Património. Deste interesse adveio o II Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos realizado na cidade de Veneza em Maio de 1964, que originou a Carta de Veneza.¹⁶²

Neste contexto, a mais recente Carta internacional é a Carta de Cracóvia 2000, aprovada por 51 países em Outubro de 2000 e em elaboração desde 1996. Esta carta retrata a temática da conservação e restauro do Património e revela-se um documento indispensável para todos os que lidam com o património. Tem como objetivo recuperar a memória, de acordo com um conceito inovador, sustentado na ação unitária de conservação, restauro e manutenção.¹⁶³

Refletir sobre o património significa o desejo de eternizar traços e marcas do passado a partir da dimensão afetiva mas “*exige (...) mais do que uma verificação de prazer. Exige um questionar*”, afirma Françoise Choay¹⁶⁴, ou seja, exige pensar e questionar sobre as formas sociais e culturais da própria sociedade.

O património é, portanto, resultado de uma produção marcada historicamente. É, em última instância, um trabalho de transformar objetos, pois vai além do seu sentido original. Adjetivar um conjunto de traços do passado como património histórico é mais do que lhes dar uma qualidade, é produzi-los como algo distinto daquilo para o qual um dia foram produzidos e criados.

Independentemente das vontades de preservar, salvaguardar e valorizar serem sempre suscetíveis de criarem discordância e conflitos de interesses de certas partes, a realidade é que as vontades de transmissão futura dos resultados, dos esforços, dedicações, ideais e conteúdos criados e presentes no património, que chegou aos dias de hoje, tem de ser maior que qualquer vontade ou interesse em oposição.

3.2. Situação Atual

A temática da reabilitação começou a alcançar alguma notoriedade e interesse com a modernidade, depois das cidades se aperceberem das consequências negativas que alguns processos provocaram, ao colocar em causa as especificidades da ordem e unidade anterior.

Ao longo do tempo a cidade tornou-se um testemunho fundamental para se conhecer e compreender a cultura do passado. Os tecidos urbanos foram crescendo de acordo com a morfologia do local, acompanhando o desenvolvimento social e económico, o que provocava uma forte ligação com o local. A construção fazia-se com os materiais, os meios e de acordo

¹⁶¹ OLIVEIRA, Rui; *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2003, pp.42

¹⁶² OLIVEIRA, Rui; Op. Cit. pp.42

¹⁶³ Ibem, pp.42

¹⁶⁴ CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013, pp.12

com as normas próprias da época e do lugar. As cidades ao longo de séculos foram agregando e consolidando as alterações e evoluções sociais, tecnológicas e construtivas. Assim, quando a sociedade conseguiu olhar para as cidades desta perspetiva, a reabilitação começou a alcançar uma importância que até aqui ainda não tinha obtido.¹⁶⁵

Inicialmente os arquitetos entenderam o reabilitar como um procedimento que exigia uma redefinição radical da cidade com o objetivo de propor novas alternativas em substituição das estruturas urbanas existentes. Só mais tarde, na segunda metade do século XX, perante as sólidas destruições provocadas pelas duas grandes guerras e a resultante transformação da situação urbana, a nova geração de arquitetos compreendeu os riscos de se apagar a memória patente nas cidades. A reabilitação despertou assim para a valorização de tudo aquilo que o passado deixou, a nível material, vivencial e memorial.

As cidades cresceram rapidamente mas sem planeamento e articulação, com pouca qualidade construtiva, sem cuidados em criar infraestruturas adequadas, com poucos ou nenhuns equipamentos coletivos, sem espaços verdes e sem preocupações estéticas. Estas medidas provocaram, por um lado, o crescimento físico das cidades, mas por outro, um recuo a muitos outros níveis, como a necessária qualidade urbana que uma cidade exige.¹⁶⁶

Portugal é um exemplo vivo nesta matéria em que, essencialmente desde o início dos anos 90 até à aproximadamente cinco anos atrás, se vinha a assistir a um sistema contraditório de desenvolvimento. Por um lado, realizavam-se grandes obras e equipamentos públicos ligados com o desenvolvimento económico da Europa e do país, por outro, o urbanismo tornava-se difuso e desordenado.

Hoje, com a crise económica em que o mundo se encontra e depois de anos consecutivos com medidas de crescimento urbano incansáveis e desmedidas, começa-se a perceber, por força das circunstâncias, que é inevitável adotar políticas regressivas e deixar de olhar de dentro para fora. Ou seja, não olhar a contínua expansão urbanística das cidades, mas sim, olhar de fora para dentro, de modo a valorizar e aproveitar tudo o que já foi feito e existe em cada cidade. A continuada construção em massa e a expansão das periferias tornou-se insustentável e já não acompanha as necessidades atuais.

Surgem assim alguns documentos internacionais que procuram uma solução para estas questões e começa-se a aplicar legislações que pretendem limitar a ação das autarquias de modo a reduzir a tendência de expansão e apoiar políticas de reabilitação e renovação dos centros urbanos e de todo o edificado existente. Torna-se evidente que esta preservação deve passar por iniciativas público-privadas, com o incentivo camarário que possibilite a renovação e adaptação dos edifícios integrados no tecido urbano a novas funções e necessidades atuais.

¹⁶⁵ DELGADO, Maria Joana Ferreira Cardoso Sardoeira; *A Requalificação Arquitectónica na Reabilitação de Edifícios. Critérios Exigências de Qualidade; Estudo de casos*; Dissertação submetida para satisfação parcial do grau de Mestre em Reabilitação do Património Edificado, FEUP; Porto; 2008

¹⁶⁶ Ver mais em LNEC; *Estudos sobre Espaços exteriores em Novas Áreas Residenciais - Os espaços exteriores de uma nova área residencial e o comportamento humano*; Trabalho Integrado no Plano de Estudos no Domínio do Edifício; LNEC, Lisboa, 1985
LNEC e INH - *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*; LNEC e INH, Lisboa, 2006.

O conceito de reabilitação ganha uma maior importância e adquire a sua definição numa Resolução do Comité de Ministros do Conselho da Europa, a Resolução (76) 28:

Reabilitação: forma pela qual se procede à integração dos monumentos e edifícios antigos – em especial os habitacionais – no ambiente físico da sociedade atual, “(...) *através da renovação e adaptação da sua estrutura interna às necessidades da vida contemporânea, preservando ao mesmo tempo, cuidadosamente, os elementos de interesse cultural*”.¹⁶⁷

Aliada à reabilitação, a sustentabilidade é outra das preocupações atuais. A realidade é que as intervenções de reabilitação podem e devem constituir uma sociedade sustentável. Para isso, torna-se necessário encontrar um equilíbrio lógico entre a utilização de recursos já existentes, quer sejam naturais ou artificiais. Tendo em conta que os edifícios “são responsáveis por 50% do consumo mundial de combustíveis fósseis e 50% da emissão de gases com efeito de estufa”, percebe-se naturalmente que o caminho a seguir deixou de ser o investimento em construção nova e passou a ser, necessariamente, o da reabilitação e da recuperação, uma vez que existe uma série de edifícios que se encontram abandonados e degradados a precisar de uma intervenção que se mostrará sustentável para a sociedade.¹⁶⁸

É certo que a reabilitação não é um processo simples ao requerer que aspetos económicos, políticos e culturais trabalhem todos em conjunto, com o objetivo de encontrar uma solução equilibrada e inteligente para o problema em questão. Se estes três fatores não estiverem em conformidade entre si, dificilmente se consegue resolver o problema associado à reabilitação. Um bom exemplo disto é o modo de ocupação e uso do território, o estado de abandono do património edificado e a falta de identidade que existe no espaço público. Neste caso, é mais do que evidente o desperdício económico, como consequência de uma má política de gestão do ambiente edificado e de uma falta de cultura contemporânea do mesmo.

Hoje, as práticas de reabilitação começam a ser interiorizadas pela nova condição global do mercado e surgem assim novas questões. A institucionalização das condutas de reabilitação territorial e urbana, promove a aplicação de regras generalizáveis e eficientes, o que propicia a negligência em estudar o que realmente se adapta ou não às intenções produtivas e construtivas de cada caso em particular e às necessidades atuais daquele espaço.

Refira-se ainda que, em Portugal, a área da construção está desenquadrada e com uma mão-de-obra predominantemente não qualificada para este tipo de intervenção, o que tem conduzido a operações de reabilitação dispendiosas, o que poderia ser controlado se existissem estudos sobre os custos de reabilitação semelhantes aos que existem para a construção nova.

Consequentemente, estas práticas de reabilitação envolvem alguns riscos, o que não quer dizer que não tenham resultados positivos nas cidades, quer antes dizer que, atualmente, existe uma maior consciencialização e aposta nesta política de construção, o que faz com que se consiga perceber mais facilmente os prós e contras em torno deste tema.

¹⁶⁷ LNEC e INH; *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*; LNEC e INH, Lisboa, 2006

¹⁶⁸ MOURÃO, Joana F. M. e PEDRO, João Branco; *Arquitectura e Sustentabilidade Ecológica- O habitat urbano insustentável*;
URL:https://www.academia.edu/5496489/Arquitectura_e_sustentabilidade_ecologica_artigo_ (acedido pela última vez em 23 de Julho de 2014)

Apesar das inúmeras dificuldades, a reabilitação urbana e de edifícios torna-se fundamental. Reabilitar, hoje mais do que nunca, significa essencialmente recuperar as qualidades que se foram perdendo e integrar as condições necessárias para que o território em questão continue a viver com as condições de conforto e estética exigidas. Como tal, nas diferentes intervenções torna-se necessário um trabalho coletivo e interdisciplinar que possibilite os instrumentos necessários para um projeto coerente e com a qualidade elementar.

Além disso, a sustentabilidade, um conceito muito presente nos dias de hoje, é crucial quando se pensa em reabilitação. A sustentabilidade assenta na importância de preservar o património cultural, com base na reutilização do construído, poupando recursos e energias e, nesse seguimento, melhorar o desempenho ambiental.

3.2.1. Aspetos técnicos importantes na Reabilitação

Para que a reabilitação não caia no erro de aplicar métodos generalizados e, conseqüentemente, ter uma ação negativa e não sustentável para o local, importa considerar vários fatores. Não os descurando, existe uma maior probabilidade de se conseguir potencializar os pontos fortes de cada espaço e/ou edifício e transformá-lo em algo necessário e estético. Importa também referir que quando se trata de preservar edifícios de valor histórico e cultural, com materiais e técnicas de construção antigas, é crucial que as soluções de reparação sejam pouco intrusivas.

Deste modo, devem analisar-se vários fatores. Inicialmente é importante perceber o que levou à desativação do edifício e a duração da mesma. Depois torna-se necessário identificar as anomalias patentes no edifício e conhecer as suas possíveis causas, para, posteriormente, se estudar as formas possíveis de intervir na reparação dessas anomalias, com o objetivo de manter a sua funcionalidade e, principalmente, o seu valor arquitetónico original.

Podem ser muitos os motivos que levam um edifício a perder a sua função e a ficar ao abandono. A localização muitas vezes acabava por se tornar inadequada, quando as cidades se vão desenvolvendo a nível urbanístico e as necessidades mudam. A dimensão reduzida e a impossibilidade de ampliar a sua área por limitação do terreno, foi também o entrave para que muitas empresas continuassem a exercer a sua função. Depois surgem muitas outras razões, nomeadamente empresas que acabavam por entrar em recessão, liquidação ou substituição de produção. Também era comum as empresas serem colocadas à venda por motivos de falência ou por encontrarem melhores oportunidades noutra cidade.

Em alguns casos, depois destes espaços deixarem de ser utilizados para o fim com que haviam sido construídos, permaneceram desativados e ao abandono durante longos períodos de tempo. Isto fez com que os edifícios acabassem por se deteriorar, não só devido a fatores naturais, mas também pela sua ocupação indevida, pela ausência de manutenção e por atos de vandalismo que aceleravam a danificação da estrutura e outros aspetos da construção.

Posto isto, nas intervenções de reabilitação ou restauro a parte mais importante diz respeito aos estudos preliminares, que devem ser feitos desde logo e de um modo minucioso,

quer se trate de um monumento, de um conjunto arquitetónico ou de um lugar de interesse público, histórico, arqueológico e/ou científico. Para salvaguarda do património e para que estas intervenções tenham o melhor resultado possível, as mesmas requerem uma equipa especializada, composta por elementos interdisciplinares, uma vez que se deve ter em conta uma série de especialidades, como sejam: história, topografia, geologia, física, química, arquitetura, engenharia, urbanismo, paisagismo entre outros.

Uma boa reabilitação consiste numa série de etapas. Para começar é importante a inspeção “*in situ*” do edifício, na qual se faz uma análise pormenorizada da geometria, da estrutura, do estado de deterioração dos elementos construtivos e uma análise geral do ambiente que se pretende manter. Depois desta primeira fase no local, importa realizar um levantamento arquitetónico rigoroso, com a análise dos pormenores do edifício, incluindo a indicação das diferentes épocas de construção, quer da sua origem, quer de todas as obras executadas ao longo do tempo de vida do mesmo. Deve-se ainda fazer o levantamento do historial do edifício, ou seja, tomar conhecimento de todos os projetos submetidos a licenciamento e analisar as diferentes obras que o edifício sofreu (com referência às diferentes técnicas construtivas utilizadas e para que utilizações). O registo fotográfico de todos os elementos que apresentem anomalias também é uma etapa fundamental, para que depois se consiga efetuar o levantamento rigoroso de todas as técnicas de construção presentes no edifício.

Pode-se então afirmar que para todo o processo de reabilitação, principalmente quando se trata de um edifício antigo, é obrigatório obter e avaliar todos os processos de construção e de todos os tipos de anomalias patentes no mesmo, quer de elementos estruturais e não estruturais. A análise das patologias resultantes de um deficiente comportamento de fundações e estruturas são imprescindíveis porque podem corresponder a problemas graves de segurança, incluindo o risco de derrocada do edifício.

Em resposta às necessidades atuais e consubstanciando uma participação ativa na vida das cidades, a preservação do património edificado, através da sua reabilitação e revitalização, baseia-se no hábil reconhecimento do edifício em causa, através de um esforço colectivo, promovido entre instituições públicas e privadas. A renovação de funções de um edifício respeitando a sua origem, estética e história é frequente quando se pensa que a vida útil de qualquer edifício consiste na sua utilização, conservação e manutenção por parte de quem nele “habita”. De acordo com este paradigma, a valorização do património – encarada como o respeito pelo passado, reforçando a identidade específica de cada cidade ou lugar - preconiza em simultâneo um compromisso entre o respeito pelo património e a sua indispensável renovação.

De uma forma geral, pode dizer-se que a fase mais importante na conservação e reabilitação dum edifício não se refere ao resultado da obra, mas sim a toda a análise inicial que se faz do edifício e o modo como se soluciona os vários problemas patentes no mesmo.

3.2.2. Europa

A construção atravessa um período pouco favorável neste contexto marcado pela crise das dívidas soberanas, pela restrição orçamental e pela incerteza relativa à zona Euro. Já em 2012, na conferência do Euroconstruct¹⁶⁹, as perspetivas não eram muito favoráveis para a construção. A taxa de crescimento médio anual na construção mostra uma estagnação neste sector. A construção nova é mais afetada relativamente à renovação, o que de certa maneira pode indicar algo de positivo no que se refere à reabilitação. No estudo realizado pela Euroconstruct, dos 19 países da Europa inseridos nesta estatística, o comportamento expectável é menos negativo na reabilitação (valor médio anual de -0,4%) do que na construção nova (-1,1%) (Fig. 48). No entanto, os dados não são favoráveis e, mesmo que a reabilitação tenha alcançado alguma notoriedade com esta crise, a realidade é que ainda é muito pouco e existem uma série de entraves, essencialmente monetários, que afeta não só a construção nova, mas que acaba também por afetar a reabilitação.¹⁷⁰

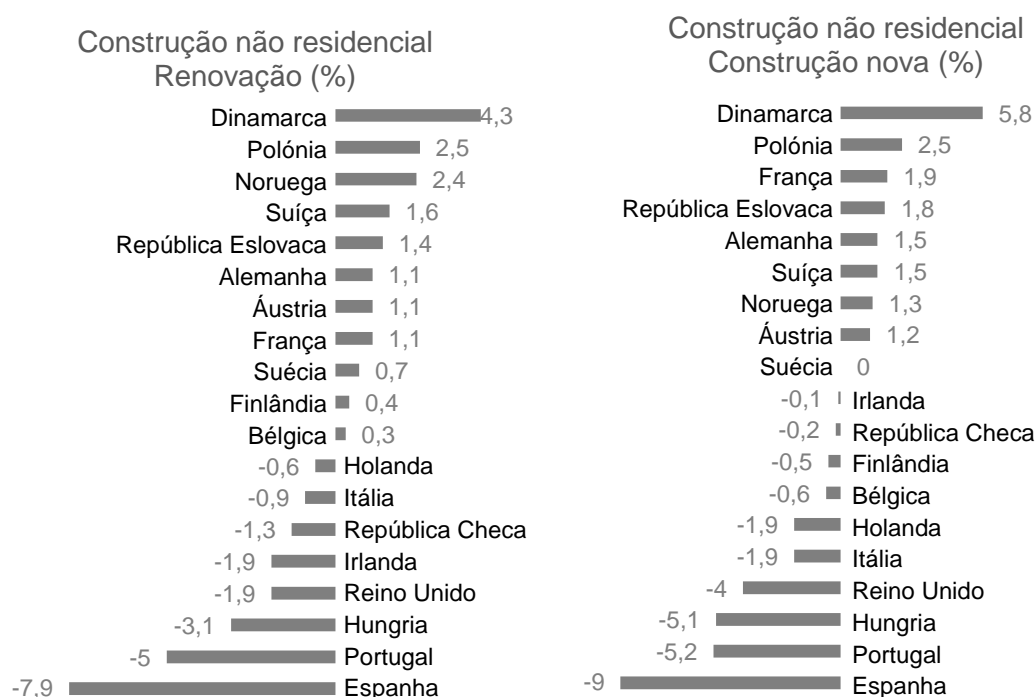


Fig. 48 Perspetivas para a construção até 2014, 73.^a Conferência do Euroconstruct Londres, 2012

Dentro dos 19 países onde se antecipou uma estagnação no sector da construção, foram distinguidos quatro grupos de níveis distintos de expectativas na evolução até ao ano de 2014, tendo como referência o ano de 2011. Deste modo, num primeiro grupo insere-se a Noruega e a

¹⁶⁹ Rede criada em 1975, que integra instituições de investigação e consultoria de 19 países, que tem por objetivo proporcionar às empresas do setor da construção, agências públicas e governos informação, previsões e análise in InCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.; *Perspetivas para a construção até 2014, 73.^a Conferência do Euroconstruct*, Londres, junho de 2012; URL: http://www.base.gov.pt/oop/downloads/Euroconstruct_73_final_2.pdf (acedido pela última vez em 8 Agosto de 2014)

¹⁷⁰ InCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.; *Perspetivas para a construção até 2014, 73.^a Conferência do Euroconstruct*, Londres, junho de 2012; URL: http://www.base.gov.pt/oop/downloads/Euroconstruct_73_final_2.pdf (acedido pela última vez em 8 Agosto de 2014)

Dinamarca, em que se prevê um crescimento anual da construção superior a 2,5% (3,9% e 2,6%, respetivamente). Num segundo grupo, constituído por nove países - Alemanha, Áustria, Eslováquia, França, Hungria, Polónia, Reino Unido, Suécia e Suíça- a conjuntura é para um crescimento entre 0,1% a 2%. Num terceiro grupo, representado por quatro países - Bélgica, Finlândia, Itália e República Checa, a evolução prevista é negativa, chegando até aos -3%. Por último, há um quarto grupo, onde se integram os países com a pior perspetiva, com uma recessão superior a 3%, sendo eles: a Irlanda, com -6,4%; Portugal, com -7,9% e Espanha com -10,8.¹⁷¹

No passado mês de junho de 2014 realizou-se a 77.^a Conferência do *Euroconstruct*, na qual foi analisado o setor da construção e as suas perspetivas para o futuro próximo.

% Variação em termos reais (volume)							
Países					Previsão		
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Alemanha	2.5	5.2	-1.2	0.2	2.9	1.6	0.6
Áustria	-3.9	2.5	2.5	0.7	1.2	1.3	0.7
Bélgica	0.4	4.4	0.4	-1.2	0.3	1.7	2.2
Dinamarca	-6.1	6.1	-1.1	-1.4	2.5	3.1	4.3
Espanha	-17.9	-20.3	-31.2	-18.8	-5.0	0.9	3.4
Finlândia	5.9	2.5	-3.4	-2.3	0.8	1.0	1.7
França	-5.9	4.1	0.0	-3.3	-1.2	0.0	1.4
Holanda	-9.3	3.8	-7.1	-4.1	-0.7	3.7	4.6
Irlanda	-28.0	-15.3	-16.1	-2.4	9.7	6.1	11.7
Itália	-5.9	-2.2	-6.1	-3.3	0.2	1.0	1.7
Noruega	-1.4	6.3	4.9	-0.1	0.4	4.1	3.2
Portugal	-6.2	-10.0	-15.5	-14.5	0.0	2.5	3.2
Reino Unido	7.7	2.0	-8.4	1.2	4.4	4.7	3.0
Suécia	3.9	3.1	-2.4	1.2	4.4	1.3	0.9
Suíça	2.7	2.7	2.9	0.3	2.0	0.4	1.9
Europa Ocidental	-3.5	0.0	-5.5	-2.5	1.2	1.9	2.0
Hungria	-8.8	-9.7	-4.2	5.8	4.1	2.6	3.2
Polónia	4.7	11.7	-3.2	-8.8	4.2	7.2	6.7
República Checa	-7.3	-3.8	-7.7	-6.9	-3.8	-0.7	1.2
República Eslovaca	-3.6	-2.8	-13.8	-5.3	1.7	3.1	2.9
Europa Oriental	-0.8	4.3	-5.1	-6.7	2.2	4.7	5.0

Fig. 49 Produção total de construção, Euroconstruct (77.^a Conferência)

Nesta Conferência, as conclusões apontam que não estará para breve a recuperação da indústria de construção europeia devido à crise do euro, agravada pela difícil situação da economia mundial. Apesar da construção, para os países da Comunidade Europeia, terem caído 2,7 por cento em termos reais no ano passado, a previsão para o futuro é mais positiva. A Euroconstruct espera investimentos para crescer, em média, 1,8% por ano entre os anos de 2014 e 2016. Isto significa um aumento 0,2% relativamente à previsão realizada em Novembro de 2013. No entanto, e mesmo com previsões de crescimento no volume de obras de construção para o período indicado, a realidade é que a produção no sector da construção europeia, visto como um todo, permanecerá em níveis de quase-depressão.¹⁷²

¹⁷¹ InCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.; *Perspetivas para a construção até 2014*, 73.^a Conferência do *Euroconstruct*, Londres, junho de 2012; URL: http://www.base.gov.pt/ooop/downloads/Euroconstruct_73_final_2.pdf (acedido pela última vez em 8 Agosto de 2014)

¹⁷² Prognosesenteret AS; 77th EUROCONSTRUCT Conference 13th June 2014, Oslo; URL: http://www.euroconstruct.org/pressinfo/2013_77_PressRelease.pdf (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)

3.2.3. Portugal

Portugal atravessa uma conjuntura económica turbulenta o que, conseqüentemente, tem afetado a área da construção. A figura 50, que apresenta as estatísticas do INE relativas ao número de edifícios licenciados nos últimos 18 anos em Portugal, mostra claramente a crise que se instalou no sector da construção e que se tem vindo a agravar acentuadamente nos últimos 5 anos. Entre 1995 até ao final do século XX alcançaram-se os maiores valores na construção nova, com um aumento que rondava os 20%. Depois de 1999 até aos dias de hoje a construção nova diminuiu de modo significativo, com uma quebra de aproximadamente 80%.¹⁷³

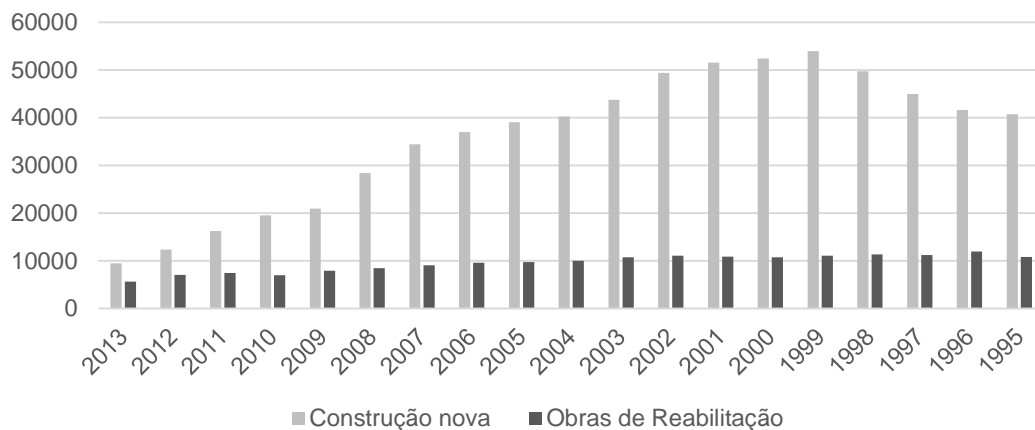


Fig. 50 Edifícios licenciados (N.º) em Portugal

Esta crise que afeta o mercado da construção acabou por ter um impacto positivo na mudança de paradigma relativamente à reabilitação. Apesar do número de intervenções na construção nova e na reabilitação ter diminuído neste últimos 15 anos, a realidade é que esta última não mostra uma discrepância de valores tão significativa. Por outro lado, a percentagem da superfície total reconstruída em Portugal aumentou bastante desde 2003, principalmente entre 2011 e 2012 em que passou de 1,16% para 2,92% (Fig.51). Quer isto dizer que os edifícios reabilitados, apesar de terem vindo a diminuir em número, têm aumentado em área.¹⁷⁴

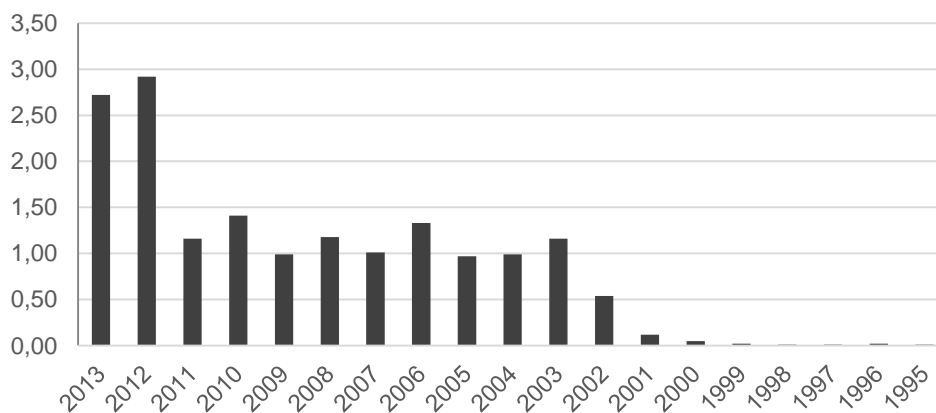


Fig. 51 Proporção de superfície total reconstruída (%) em Portugal

¹⁷³ <http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

¹⁷⁴ Idem

No entanto, estes valores ainda não são suficientes para alterar o ranking de Portugal que, em comparação com os restantes países da União Europeia, é um dos países com a menor taxa de investimento em reabilitação, como se observou nos gráficos da Euroconstruct do subcapítulo anterior.

De acordo com um estudo feito pela Confederação Empresarial de Portugal (CIP) sobre a reabilitação, estima-se que são necessários cerca de 150 mil milhões de euros para reabilitar todos os edifícios que necessitam de intervenções deste tipo em Portugal, o que permitiria a criação de aproximadamente 600 mil postos de trabalho em 20 anos. Para tal, a CIP considera necessário que sejam tomadas mais medidas para que a reabilitação se torne realidade, como, por exemplo, alterar o sistema fiscal sobre o património, facilitar os despejos e estimular a entrada de privados neste negócio. Já têm vindo a ser implementadas algumas medidas deste tipo, como a criação de benefícios fiscais para quem reabilitar, mas os grandes impulsionadores têm sido as autarquias. A cidade que mais tem apostado na reabilitação é o Porto. Como se pode observar na figura 52, o norte está a frente no número de edifícios reabilitados relativamente às outras zonas do país. Em Lisboa os licenciamentos estão mais rápidos e a autarquia tem aproveitado os fundos europeus para investir na reabilitação.¹⁷⁵

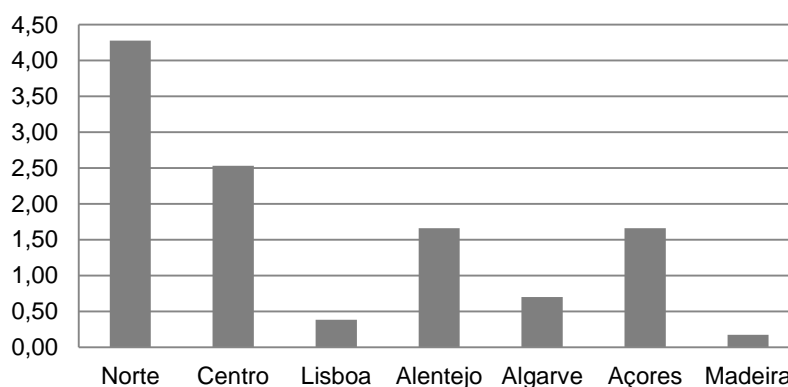


Fig. 52 Proporção de superfície total reconstruída (%) em 2013

Considera-se que em Portugal a maior parte dos edifícios necessários já estão construídos. As estatísticas apontam que foram construídos um milhão de edifícios antes de 1945. Uma vez que reabilitar edifícios antigos significa preservar uma grande parte dos elementos construídos, reduzindo a quantidade de demolições necessárias e das correspondentes reconstruções, tal significa consumir menos energia na produção e aplicação de produtos de construção, reduzir as emissões de CO2 e limitar as quantidades de produtos de demolição a remover e destruir. Mais importante do que construir edifícios eficientes é reabilitar os que já existem, melhorando a sua eficiência. Esta é, sem dúvida, uma das melhores formas de promover o desenvolvimento sustentável no mercado construtivo, reduzindo a pegada ecológica do país.¹⁷⁶

¹⁷⁵ BATPTISTA, Ana; *Reabilitação ganha terreno à construção nova*; Económico; 26 de Novembro de 2010; URL: http://economico.sapo.pt/noticias/reabilitacao-ganha-terreno-a-construcao-nova_105127.html (acedido pela última vez em 15 de Julho de 2014)

<http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

¹⁷⁶ <http://www.futureng.pt/reabilitacao> (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)

3.2.3.1. Covilhã

A cidade da Covilhã, como previamente referenciado em capítulos anteriores, é uma cidade marcada pelo património industrial existente nos vales das ribeiras, algo único no país. No entanto, quando se observa o desenvolvimento da paisagem urbana covilhanense, sobretudo nas últimas décadas, é perceptível a falta de coerência que existe, quer na ligação com a cidade antiga, quer na própria construção dos edifícios, com fracas qualidades arquitetónicas e urbanísticas.

Daqui se depreende que a Covilhã não só precisa de apostar na reabilitação do património industrial, como também de tomar medidas que travem os pontos fracos existentes no desenvolvimento urbanístico que tem vindo a ser feito. No que se refere à reabilitação na Covilhã, a Universidade da Beira Interior é a melhor demonstração do que foi efetuado neste âmbito, pois, tal como referido no subcapítulo “Cidade universitária”, não só foi a impulsionadora para que se ultrapassasse a crise instalada na cidade provocada pela queda da indústria dos lanifícios, como foi uma boa solução a nível arquitetónico e ambiental com o aproveitamento de uma parte dos imensos espaços que se encontravam ao abandonado.

Mais tarde, no início do milénio, e como tentativa de terminar com a decadente expansão urbana e com o objetivo de melhorar a qualidade de vida na Covilhã surge o Programa Polis. Este centra-se na requalificação paisagística e urbana das zonas das ribeiras, assente no desenvolvimento do Plano de Pormenor da Ribeira da Goldra e do Plano de Pormenor da Ribeira da Carpinteira, ambos dirigidos pelos arquitetos Teotónio Pereira e Luís Cabral, igualmente responsáveis pelo Programa Polis. Destes planos fazem parte a introdução de jardins e parques, o enquadramento paisagístico dos edifícios existentes, a recuperação do património industrial e a articulação dos tecidos urbanos.¹⁷⁷

Das várias obras executadas pelo programa Polis – Covilhã, destacam-se os trabalhos de despoluição das duas ribeiras – da goldra (Fig. 53) e da carpinteira; a rotunda da Ponte do Rato (Fig. 54) que veio resolver um nó viário problemático junto à Universidade; o Jardim do Lago (Fig. 57) e mais tarde o Parque da Goldra (Fig. 58). Foi ainda, em questões de mobilidade de percurso, construída a ponte pedonal da carpinteira (ver figura 17), que une as duas margens da ribeira da carpinteira e vários funiculares (Fig. 56,59), que atenuam o declive existente na cidade da Covilhã e criam uma maior proximidade entre a população, dentro da própria cidade.¹⁷⁸

¹⁷⁷ Ministério do Ambiente, Ordenamento Do Território e Câmara Municipal da Covilhã; Plano Estratégico da Intervenção Polis na Covilhã; URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2007PolisPlanoEstrategico.pdf> (acedido pela última vez em 6 de Agosto de 2014)

¹⁷⁸ Idem



Fig. 53 Zona da ribeira da goldra



Fig. 54 Rotunda do rato



Fig. 55 Habitações no centro histórico



Fig. 56 Elevador Santo André



Fig. 57 Jardim do Lago



Fig. 58 Parque da Goldra



Fig. 59 Elevador da Goldra (construção)

Apesar de já terem sido realizadas várias obras no âmbito do Programa Polis, a realidade é que, passados 12 anos, muitos dos projetos previstos pelo Programa Polis-Covilhã de 2001 ainda não se realizaram¹⁷⁹.

Além disso, e sem desmerecer este programa, a realidade é que as obras de arquitetura e paisagismo que foram criadas apresentam níveis de qualidade discrepantes. Por exemplo, o Parque da Goldra construído após o Jardim do Lago e que ao contrário deste, apresenta diversos problemas, entre estes o pavimento inadequado para a deslocação de carrinhos de bebé e a falta de sombras.

Contudo, e mesmo com o aparecimento de alguns problemas, é impossível negar que o Polis-Covilhã veio contribuir para o aparecimento de um novo conceito de cidade, com a criação de alguns espaços verdes de lazer qualificados, essenciais para a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. Importa agora continuar e fazer o que ainda não foi feito, aprendendo com o que de melhor e pior se fez, sempre pelo percurso da reabilitação.

¹⁷⁹ Entre as obras por construir encontram-se quatro das cinco pontes previstas sobre as ribeiras, o Museu da Cidade e o Centro de Monitorização/Interpretação Ambiental programados para a antiga Fábrica António Estrela e os dois jardins previstos para a ribeira da Carpinteira, onde se planeava a criação de “jardins temáticos botânicos de montanha” ver Plano Estratégico da Intervenção Polis na Covilhã; URL:<http://download.cm-covilha.pt/pdf/2007PolisPlanoEstrategico.pdf> (acedido pela última vez em 6 de Agosto de 2014)

3.3. Reabilitação em Portugal- exemplos práticos

3.3.1. Casa da Criatividade

Cliente/Entidade: Câmara Municipal de S. João da Madeira

Local: São João da Madeira

Período: 2005 - 2013

Projeto: arquiteto projetista Filipe Oliveira Dias

A Casa da Criatividade nasce da reabilitação do antigo e emblemático Cinema Imperador, em São João da Madeira, que foi inaugurado a 25 de Dezembro de 1958. Cinquenta anos depois, a Câmara Municipal de S. João da Madeira procedeu à adjudicação da empreitada de reconversão do edifício em Casa das Artes e da Criatividade.

Esta casa das artes trata-se de um espaço moderno e multifuncional dedicado às artes do espetáculo, com uma moderna Sala Multifuncional, a primeira a instalar no nosso país, mas que é comum existir em diversas cidades europeias e mundiais de roteiro cultural obrigatório.¹⁸⁰

A reconversão deste edifício foi realizada pelo arquiteto Filipe Oliveira Dias, autor dos projetos do Teatro Helena Sá e Costa, no Porto, e do Teatro Municipal de Bragança, entre outros, e que descreve este projeto, dizendo:

“O volume do antigo Cinema Imperador foi basicamente dividido em três volumes com funções bem diferenciadas. Ao centro, o espaço mais importante, que é o da sala de espetáculos (Fig. 60). O espaço circundante, entre dois paralelepípedos, foi dividido, segundo um plano normal ao eixo principal, em dois volumes desiguais. O maior, do lado da entrada principal, é destinado ao público, como zona de estar, participação em eventos diversos e de acesso aos diferentes níveis da sala de espetáculos. O terceiro volume é exclusivamente constituído como zona técnica e de artistas.



Fig. 60 Auditório cinema imperador, janeiro 2009



Fig. 61 Auditório Casa da Criatividade, 2014

¹⁸⁰ RODRIGUES, Salomão; *Cinema Imperador dá lugar à Casa das Artes - S. João da Madeira*; Jornal de Notícias, 12 de Janeiro de 2005

O desenho das duas fachadas expostas (Fig. 61) é elegante, tem qualidade, e constitui uma óbvia referência da época da sua construção. Passou a fazer parte da imagem da cidade e impõe-se a sua preservação. Todavia deve ser expurgado de componentes que perdem o sentido com a transformação do interior, simultaneamente com a introdução de outras, adequadas às novas características e funções. Finalmente, a fachada será valorizada com elementos marcantes da estética atual. É criada, no topo do edifício, uma fachada laminada, em segundo plano, de grande modernidade.

A imagem é portanto preservada, mas não mimeticamente. As janelas, antigamente concebidas para ver de dentro para fora, dos diversos níveis do edifício, tem agora uma função oposta, embora mantendo os vãos principais. O que hoje se pretende é dar a máxima transparência ao edifício, ver de fora para dentro, criar condições para que os cidadãos que passam frente à Casa das Artes, tenham noção do que se passa lá dentro se interessem e sintam desejo de participar.”¹⁸¹



Fig. 62 Fachada do cinema imperador, dezembro 2008



Fig. 63 Fachada Casa da Criatividade, 2014



Fig. 64 Entrada, 2014



Fig. 65 Interior, 2014



Fig. 66 Pormenor escadas, 2014

¹⁸¹ DIAS, Filipe Oliveira; Casa das Artes do Espectáculo de São João da Madeira: Memória Descritiva, Estudo prévio de Arquitectura; Abril de 2005; URL: <http://www.cm-sjm.pt/files/21/2131.pdf> (acedido pela última vez em 13 de Agosto de 2014)

3.3.2. Fábrica de Santo Thyrso

(Centro de Incubação de Empresas de Santo Tirso e Nave Cultural)

Cliente/Entidade: Câmara Municipal de Santo Tirso

Localização: Santo Tirso

Período: 2008-2012

Projeto: Arq^o Nuno Pinto e Eng.^o Luís Machado Macedo/ Dep. Projeto C.M.

A Fábrica de Santo Thyrso é o projeto de reconversão de um quarteirão da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, conhecida como a “Fábrica Teles”. Esta fábrica, fundada em 1898, era uma das mais importantes do Vale do Ave na área da indústria têxtil e do vestuário. Mais tarde, em 1990, a Fábrica encerrou e ficou ao abandono até 2004 (Fig. 67), ano em que a Câmara Municipal adquire o terreno e imóveis da Fábrica com vista à sua reabilitação (Fig.68).¹⁸²

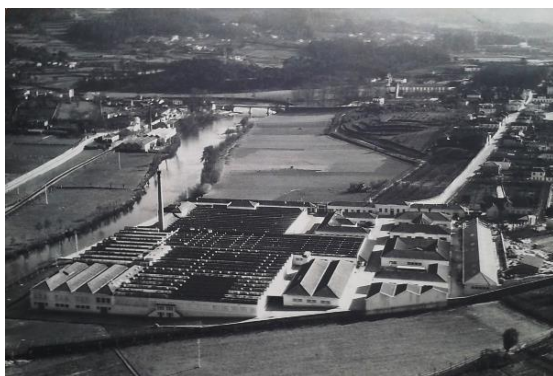


Fig. 67 Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso



Fig. 68 Fábrica de Santo Thyrso, 2012



Fig. 69 Fábrica de Santo Thyrso Fachada Este, 2014

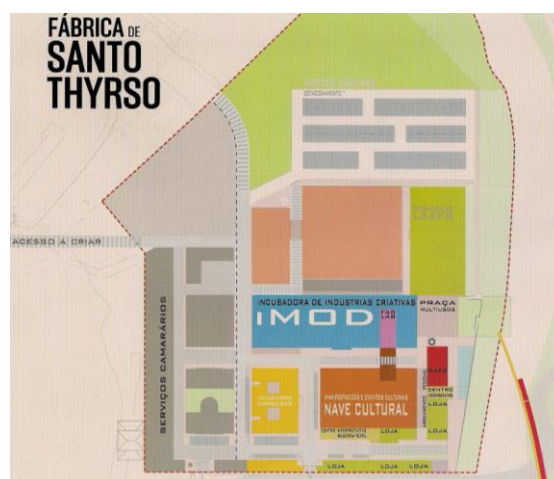


Fig. 70 Mapa com as áreas

¹⁸² <http://www.fabricasantothyurso.pt/pt/espaco/fabrica-santo-thyrso/page/a-fabrica> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

“A Câmara Municipal de Santo Tirso pretendeu reabilitar um quarteirão da “Antiga Fábrica de Teles” e dotá-lo de capacidades físicas e funcionais capazes de receber manifestações e atividades de natureza cultural.” ¹⁸³

“O programa previsto contempla a restauração/infraestruturação da referida nave para acolher eventos de natureza cultural diversa, e dos restantes espaços para a instalação de um Centro Interpretativo da memória fabril, e do têxtil em particular, bem como de quatro áreas técnicas.

*Os diferentes projetos que se inserem no processo de regeneração deste Quarteirão pretendem torná-lo simultaneamente, num espaço de trabalho, de negócios, de experimentação e inovação, de cultura, de fruição e lazer. Através desta dinâmica conjunta, diversificada e multifuncional (reunindo serviços, comércio e restauração) é possível favorecer um espaço criativo, sólido e atrativo, na Fábrica de Santo Thyrso, tendo por base atividades ligadas à área da Moda.”*¹⁸⁴

*“Desde cedo, ficou claro que a intervenção deveria conservar o carácter e a linguagem exterior da nave e restantes volumes, uma vez que são parte integrante de um complexo industrial bem caracterizado, onde prevalece a homogeneidade do conjunto, e nele reside a sua marca arquitetónica, a sua importância museológica, patenteando um forte teor simbólico muito vivo na cidade e que se estende a região.”*¹⁸⁵ Explica assim a entidade responsável por preservar parte importante da história da cidade de Santo Tirso.



Fig. 71 Entrada da Fábrica de Santo Thyrso



Fig. 72 Zona de entrada para a Nave Cultural



Fig. 73 Fachada do centro interpretativo



Fig. 74 Nave Cultural



Fig. 75 Incubadora de Moda e Design

¹⁸³ <http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/f%C3%A1brica-de-santo-thyrso> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

¹⁸⁴ <http://www.fabricasantothyrsos.pt/pt/espaco/fabrica-santo-thyrso/page/a-fabrica> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

¹⁸⁵ <http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/f%C3%A1brica-de-santo-thyrso> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

3.3.3. Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior

Cliente/Entidade: Universidade da Beira Interior

Localização: Covilhã

Período: 1994-2000¹⁸⁶

Projeto: A autoria do Arquiteto Bartolomeu Costa Cabral; Atelier GPA – Grupo Planeamento e Arquitetura

A Universidade da Beira Interior, como já referido no subcapítulo “cidade - universitária”, resultou da reconversão de várias unidades fabris que se encontravam abandonadas. Esta obra de reabilitação mostrou-se importantíssima para a cidade da Covilhã e acabou por se tornar um caso único em Portugal.

“Apreciar os edifícios da Universidade da Beira Interior projetados por Bartolomeu Costa Cabral significa cruzar três universos: o de uma urbe, o de uma universidade e o de um homem. (...) aqui se nos depara é o entrosar (...) entre três entidades (...) cidade, vontade institucional, arquitecto – nos pólos angulares de um suporte tripartido, o banco triangulado vitruviano. O chão e a matéria física da cidade como firmitas, os novos usos universitários como utilitas, e o labor final e envolvente de desenho do projetista como venustas. O que Pollio Vitruvius intuiu e preparou como definição necessária e suficiente para a disciplina arquitectónica está aqui reunido, mais, fundido, numa obra singular.” Descreve assim Madalena Cunha Matos toda a reconversão realizada na UBI.¹⁸⁷

A Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior é apenas uma parte de toda a obra desenvolvida pelo Bartolomeu Costa Cabral e pelo Atelier GPA. Da Empresa Transformadora de Lãs preservaram-se, não só a volumetria e a fachada principal rematada pelas esculturas de Mercúrio e de Minerva (Fig. 76), mas também alguns painéis decorativos de azulejos, com motivos alusivos à indústria e ainda o quadro elétrico.¹⁸⁸



Fig. 76 Fachada principal da Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior



Fig. 77 Entrada mais a Noroeste entre dois volumes

¹⁸⁶ PINHEIRO, Elisa Calado; A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã, em Revista Edifícios e Monumentos, nº29; IHRU; Lisboa 2009, pp.104

¹⁸⁷ MATOS, Madalena Cunha; Da fábrica que não falece à cidade da Covilhã: Obra do Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral na Universidade da Beira Interior, em A Universidade e a Cidade; Universidade da Beira Interior; 2005, pp.13

¹⁸⁸ PINHEIRO, Elisa Calado; A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã, em Revista Edifícios e Monumentos, nº29; IHRU; Lisboa 2009, pp.104

Bartolomeu Costa Cabral explica assim o projeto executado na UBI:

“Apesar da elaboração dos projectos e de a obra se terem efetuado ao longo de vários anos, por razões de operacionalidade funcional e financeira, entre 1974 e 2004, a estrutura inicialmente definida foi mantida nas suas linhas essenciais. De igual modo, as escolhas iniciais relativa a materiais de construção e acabamentos forma-se mantendo ao longo dos diferentes projetos, podendo observar-se, no conjunto dos edifícios, uma grande continuidade. Foram os seguintes os princípios- base do projecto:

a) Clara distinção entre as partes a construir de raiz e os edifícios existentes a recuperar, isto é, entre o novo e o velho, tanto ao nível da definição de materiais e processos construtivos, como no desenho dos elementos a introduzir.

b) Preservar nos edifícios antigos todas as partes significativas arquitectónica e construtivamente, correspondendo à estrutura inicial da construção, como as paredes de granito, quer exteriores quer interiores, nomeadamente a preservação de arcos interiores ou fachadas.

c) Utilização de poucos materiais, e de uso tradicional comprovado, quer pela sua simplicidade e especificidade pudessem estar à altura de força do granito utilizado nos edifícios antigos, nas cantarias, cimalthas.”¹⁸⁹



Fig. 78 Parte traseira do Pólo de Engenharia



Fig. 79 Corredor Interior



Fig. 80 Claraboias para salas de aula



Fig. 81 Pormenor da cobertura



Fig. 82 Corredor de acesso para o edifício



Fig. 83 Sala de aula

¹⁸⁹ CABRAL, Bartolomeu Costa; Pólo I em A Universidade e a Cidade; Universidade da Beira Interior; 2005, pp.42

3.3.4. Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora

Cliente/Entidade: Universidade de Évora

Localização: Évora

Período: 12/2007 – 10/2008

Projeto: Inês Lobo Arquitetos e Ventura Trindade Arquitetos

O Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora é um projeto de reabilitação da antiga “*Fábrica dos Leões*”. Inaugurada em 1917, esta fábrica constitui uma importante referência na indústria moageira nacional e chegou a ser uma das mais importantes do Alentejo e, em termos de dimensão, tratava-se da maior unidade industrial do Distrito de Évora.¹⁹⁰



Fig. 84 Fábrica de Massas Leões



Fig. 85 Fábrica de Massas Leões

Mais tarde, em 1993, a “*Fábrica de Massas Leões*” encerrou e acabou por ser adquirida pela Universidade de Évora em 1998, para acolher o “*Complexo de Arquitetura e Artes Visuais*”. A obra de reconversão consistiu na reabilitação de um dos edifícios, em que o interior dos antigos silos de cereais foi demolido, reaproveitando os pavimentos existentes, em soalho, para execução de lajes mistas, madeira/betão e na construção de um novo edifício, em estrutura mista, betão armado e aço.¹⁹¹

Este projeto venceu o prémio IHRU 2013 respeitante à “Reabilitação de conjunto urbano”, em que segundo o júri “*foi meritório o resultado revelado pela capacidade da equipa técnica de encontrar soluções para um conjunto daquela dimensão e complexidade, com limite de custo de obra tão reduzido*”.¹⁹²

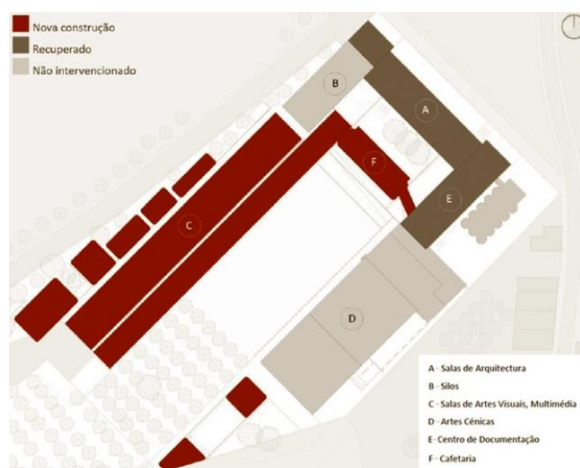


Fig. 86 Planta do Complexo de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora

¹⁹⁰<http://www.pengest.pt/Institucionais/reabilitacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-complexo-de-artes-e-arquitetura-da-universidade-de-evora-fase-i.html> (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

¹⁹¹ <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html> (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

¹⁹² https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/premios/premioihru/Fichas/2013_F05.html (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)



Fig. 87 Vista exterior



Fig. 88 Pormenor das escadas



Fig. 89 Corredor exterior



Fig. 90 Zona do pátio

“(...) A vista distante desde o centro histórico e a sequência de aproximação ao conjunto construído da antiga Fábrica dos Leões permite perceber que o seu principal valor consiste, estranhamente, na excessiva volumetria imposta de forma abrupta sobre a planura. Dir-se-ia quase uma inesperada e insólita nova topografia, um acidente no relevo da paisagem alongada, distendida, do Alentejo. (...) A proposta de ocupação deste enorme espaço com um programa escolar perspectiva assim, em si mesma, uma radical transformação de valores. Desmontam-se máquinas. Introduzem-se pessoas.

O sistema de funcionamento, que originou uma fábrica vertical, obriga agora a pensar uma escola em altura. (...) Propõe-se devolver à estrutura existente o caráter austero e essencial que define o conjunto fabril, subtraindo divisórias e adornos sobrepostos ao longo do tempo. Retomando a simplicidade original como valor intrínseco da estrutura. Subtração que entendemos como processo de projeto, de construção do espaço.

Das desmontagens resultam elementos marcados pela história do lugar, que se propõe utilizar novamente na construção do núcleo escolar. No progressivo conhecimento dos espaços da antiga indústria e dos seus sistemas de funcionamento encontramos algumas das estratégias a reutilizar na construção da escola.

Um imenso telheiro contorna o pátio principal estabelecendo relações visuais entre todos os espaços do conjunto, em cujo vazio central se estabelece um inesperado prado verde que remete para a ideia dos campus universitários, até então tão distantes deste contexto.”¹⁹³ Esta é uma parte integrante da memória descritiva do projeto de parceria entre Inês Lobo Arquitetos e Ventura Trindade Arquitetos.

¹⁹³ https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/premios/premioihru/Fichas/2013_F05.html (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

Capítulo 4 - Expressões Artístico-Culturais

4. Expressões Artístico-Culturais

O *Expand Your Mind* (EYM) começou por ser o nome dado ao evento que incluía o desfile anual de moda que do curso de Design de Moda, da Universidade de Beira Interior (UBI), realizava na cidade da Covilhã, com vista à apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos ao longo do ano letivo.

No entanto, no ano letivo de 2012-2013, um dos alunos desse curso, de seu nome Bruno Cunha, considerou que estava na altura de se fazer mais do que apenas um desfile de moda e foi assim que, em 2013, um conjunto de alunos quiseram ampliar o *Expand Your Mind* a todos os cursos da UBI, transformando-o num movimento para os alunos que, de algum modo, sentissem falta de oportunidades quando se tenta ir além dos cânones criados e se tenta ultrapassar os limites estabelecidos por um ensino predominantemente pouco flexível e inovador nas áreas artísticas.

Este movimento resulta, portanto, da vontade em criar uma plataforma livre para os alunos que queiram expressar todo o seu potencial artístico através da divulgação dos seus trabalhos, sem os entraves institucionais que, por vezes moldam, de modo menos interessante, o resultado da criação artística.

Neste sentido, alguns alunos dos cursos de Design Moda, Design Multimédia, Cinema e Arquitetura uniram-se para incrementar uma maior dinamização duma cidade com muito potencial, mas por vezes descurado, como é a Covilhã, através de um evento anual.



Fig. 91 A organização do EYM 2013 em reunião



Fig. 92 Toda a equipa responsável pelo EYM 2013

Ao longo do trajeto enquanto estudante da Universidade da Beira Interior houve um primeiro contacto com o *Expand Your Mind* em 2012, quando se tomou conhecimento de que alguns alunos tinham em mente criar este movimento, o qual era compatível com o ideal que se tinha em estimular o potencial da cidade da Covilhã e isto vinha de encontro da ideia enquanto aluna de Arquitetura de desenvolver uma dissertação nesse sentido, sensibilizando para um melhor aproveitamento das estruturas e dinâmicas urbanas, pela população mais jovem. Consequentemente, integrei a organização do *Expand Your Mind* 2013 e fui responsável pela

parte ligada à arquitetura, com o compromisso de elaborar “o projeto de reabilitação do edifício, assente em duas fases. Primeiro irá fazer-se o levantamento dos espaços e dos problemas existentes no edifício, de modo a propor uma recuperação de base, fiável e compatível com o financiamento e com o programa do evento. Posteriormente, será apresentada, em modo de dissertação de mestrado, uma proposta de recuperação que se quer mais aprofundada e duradoura para todo o edifício, com vista a criar um espaço com boas condições, que sirva de suporte à contínua caminhada pela arte, criatividade, inovação e empreendedorismo.”¹⁹⁴

Inicialmente as ajudas eram poucas ou mesmo inexistentes e foram vários os entraves que a organização teve de superar, desde arranjar um local onde fosse possível criar o evento, até à organização e limpeza de todo o espaço, entre muitas outras aspetos que um evento desta natureza exige. A persistência da organização foi imensa, para que as pessoas e as instituições entendessem que não se tratava apenas de um grupo de estudantes que tinha como intuito fazer uma festa para os amigos, mas sim que se tratava de um grupo de jovens que pretendia testemunhar o lema “sozinho vou mais rápido, mas juntos vamos mais longe”, ou seja, que pretendia demonstrar, com este movimento, que se várias pessoas partilham os mesmos ideais, é crucial trabalharem todos no mesmo sentido e não cada um por si.

Deste modo, e sem desistir, as coisas foram acontecendo e foram surgindo algumas ajudas, nomeadamente por parte dos meios de comunicação social, locais e nacionais. Em 2013, o *Expand Your Mind* participou no programa televisivo “5 para a meia-noite”, onde apresentou o seu projeto. Em 2014, o mentor deste movimento, Bruno Cunha, foi convidado a participar no PechaKucha¹⁹⁵, que decorreu no Fundão, para dar a conhecer este projeto inovador. Importa ainda referir o dia 30 de Abril de 2014, em que durante as cerimónias que decorrem anualmente neste dia na Universidade da Beira Interior como comemoração do Dia da UBI, o reitor fez alusão a este movimento, que contribuiu para que a Covilhã seja mencionada pelos melhores motivos e a UBI um exemplo de uma instituição que cria jovens impulsionadores.



Fig. 93 O *Expand Your Mind* no 5 para a meia-noite, 2013

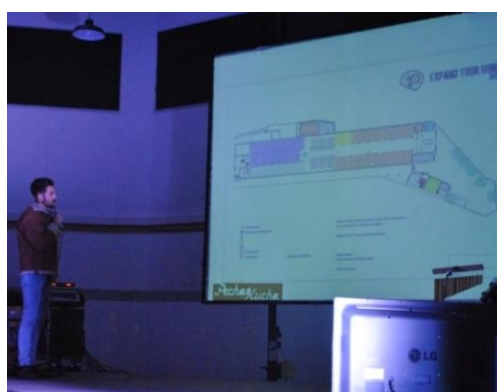


Fig. 94 O *EYM* no PechaKucha, apresentado por Bruno Cunha

¹⁹⁴ Texto apresentado em 2013 no site do Expand Your Mind.

¹⁹⁵ PechaKucha é um formato de apresentação, criado em 2003 em Tóquio, em que pretende dar a conhecer várias ideias artísticas num evento público e em que o apresentador mostra vinte imagens de vinte segundos cada.

4.1. *Expand Your Mind* 2013

O evento *Expand Your Mind* 2013 realizou-se no piso térreo do Departamento de Psicologia do Pólo IV da Universidade da Beira Interior, um espaço que faz parte da antiga Fábrica Ernesto Cruz & C.^a e que se encontrava ao abandono.

A escolha deste local esteve relacionada com a recetividade que a UBI demonstrou ao disponibilizar esta área para que a ideia e a vontade de vários alunos se pudesse materializar.

A Fábrica Ernesto Cruz & C.^a era um conjunto industrial que foi reabilitado parcialmente para servir como instalações da UBI. Esta empresa surge como firma comercial, pois o seu fundador, o empresário Ernesto Cruz, inicia a sua atividade como vendedor de matérias-primas, vindo a constituir-se, em 1933, como fabricante, criando uma empresa em nome individual, mas nesta altura ainda funcionava em instalações alugadas. Só mais tarde, em 1947, é que se constituiu a sociedade “Ernesto Cruz & C.^a”, composta por Aníbal Mouzaco Alçada, Fernando Lopes da Costa Alçada, Ernesto Cruz e António da Cunha Taborda, e que dedicava à cardação, fiação de penteado e, mais tarde, à tecelagem. Em 1970, surge uma nova firma comercial, com o nome “Malteca” e assim, até 1973, investiu-se na modernização dos equipamentos da fábrica. A partir de 1975 e até ao encerramento, em 1990, a “Sociedade de Tecidos Cruz, Alçada & C.^a L.da” alugou o edifício. Em 1994, a Universidade da Beira Interior adquiriu todo este complexo às empresas “Paulo de Oliveira S.A.” e “Manuel Rodrigues Branco”.¹⁹⁶



Fig. 95 Fábrica de Ernesto Cruz & C.^a, 1939



Fig. 96 Vista da ribeira da carpinteira, 2014



Fig. 97 Fábrica de Ernesto Cruz & C.^a



Fig. 98 Fábrica de Ernesto Cruz & C.^a
(Entrada EYM)

¹⁹⁶ PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol. II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009, pp.535

4.1.1. Reconhecimento do espaço

O espaço cedido tem uma área total de aproximadamente 2088m² e localiza-se na estrada do sineiro, junto à ribeira da carpinteira, na freguesia da Conceição.

Quando se observa o edifício pelo lado sudoeste não é perceptível que existe aquele espaço abandonado, que não chegou a ser reabilitado. Havia um flagrante contraste entre a passagem que se fazia do exterior, com uma fachada reabilitada e limpa, para o interior, onde se encontrava um corpo central e extenso, ao abandono e cheio de lixo, capaz de provocar uma reação de espanto e estupefação.

Considerando as áreas que foram cedidas para o evento, a entrada dava-se pela fachada a sudeste e o primeiro espaço dizia respeito a uma antecâmara (Fig. 100) e, do lado direito, encontravam-se duas divisões de menor dimensão. O volume era definido pela nave que se encontrava logo a seguir, com um comprimento de 91m (Fig. 101), em que os vários pilares existentes criam uma repetição e um corredor central dando uma interessante noção de profundidade, provocando, de certo modo aquilo que por ali se poderia sentir enquanto era uma fábrica: um trabalho em série que parecia nunca terminar. Neste espaço há ainda três divisões, em que o acesso se faz pelo corpo central, e um espaço exterior (Fig. 102).

A iluminação natural neste piso advém essencialmente da fachada do lado da ribeira, ou seja, a nordeste, através dos diversos vãos envidraçados para o exterior.

A cota em que se encontra o edifício é significativamente mais alta que a cota da ribeira e como tal a primeira fase desta construção foi um muro de suporte com cerca de 9m de altura (pode-se perceber melhor nas imagens da página anterior).

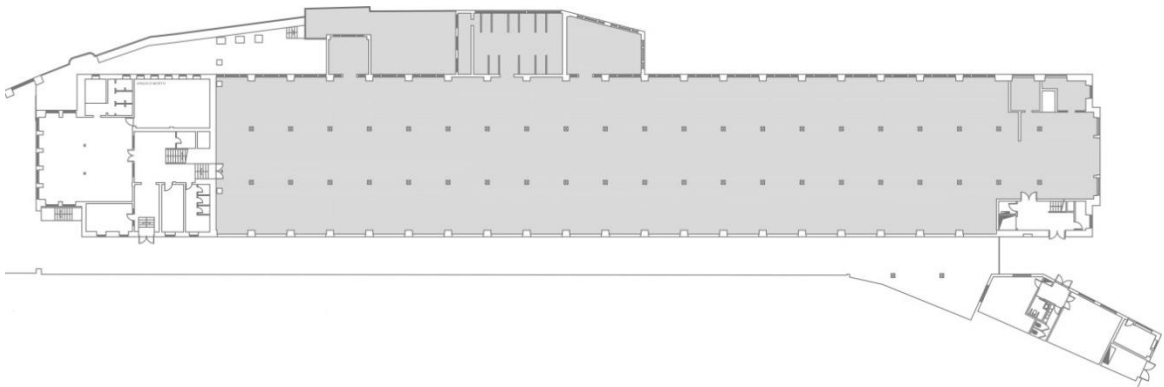


Fig. 99 Planta do espaço para o *Expand Your Mind 2013*



Fig. 100 Entrada



Fig. 101 Corpo central



Fig. 102 Espaço exterior

4.1.2. Análise do espaço

A estrutura do edifício encontra-se em boas condições, o que seria previsível, tendo em conta que o piso superior está em funcionamento regular para salas de aula. No entanto, importa referir uma série de patologias ao nível dos revestimentos de paredes e pavimentos, que demonstram fendas e sinais de infiltração e desgaste.

A localização do edifício, junto à ribeira da carpinteira, propicia não só a diminuição de temperatura média, como cria condições para a instalação de humidade, essencialmente na fachada a nordeste, do lado da ribeira (Fig. 103).

Além disso as janelas deste piso, ao contrário dos outros, não foram recuperadas, e como tal, é possível ver uma grande quantidade de vidros partidos (Fig. 104). Verifica-se também uma abertura no teto, numa das salas a nordeste, que não tem piso superior como o corpo central. Consequentemente, com chuva dá-se a entrada de água para o espaço, e como tal, numa das primeiras visitas ao local esta sala encontrava-se inundada de água, como se pode ver na Fig. 105.



Fig. 103 Humidade



Fig. 104 Vãos das janelas



Fig. 105 Sala inundada de água da chuva

É possível verificar marcas do tempo (Fig. 107) provocadas pela ausência de um cuidado continuado, mas também devido a uma recente instalação de canalização descuidada e que provocou fissuras no chão (Fig.108) e criou infiltrações no teto (Fig.106).

Ainda relativo à construção, importa referir que a parede sudoeste encontra-se, em grande parte, com o tijolo à vista, ou seja, sem reboco.

Em questões elétricas, o espaço em si não tinha energia, no entanto ainda era possível ver uma parte da antiga instalação, quer cabos e até mesmo lâmpadas. Além disso, ainda estava no local o quadro elétrico da antiga fábrica.



Fig. 106 Canos – instalação para os pisos superiores



Fig. 107 Marcas de desgaste no chão



Fig. 108 Aberturas no chão para a instalação de canos

Ao longo de todo este espaço abandonado encontrou-se não só imenso lixo mas também pedaços de história da indústria de lanifícios. Existiam ainda faturas, catálogos de tecidos e outros artefactos por ali esquecidos desde que aquele espaço funcionava como fábrica de lanifícios. Além disso permanecia por ali, ao abandono, um tear com 100 anos (Fig. 110). Tivemos a sensibilidade de não o retirar do local onde se encontrava, pois estava em muito mau estado e como tal, a sua deslocação teria de ser assegurada por pessoas especializadas em conservação, caso contrário corria-se o risco deste se desfazer. Portanto concebeu-se todo o espaço para o evento, mantendo aquela área reservada para o tear. Estes elementos encontrados fizeram também parte da exposição, com o objetivo, não só de mostrar um pouco da história do local, mas também de provocar inquietação em quem se apercebesse que ali se encontrava uma relíquia abandonada, que ninguém com autoridade teve o cuidado de o mandar restaurar ou até mesmo de o colocar no museu.



Fig. 109 Tear



Fig. 110 Tear com 100 anos

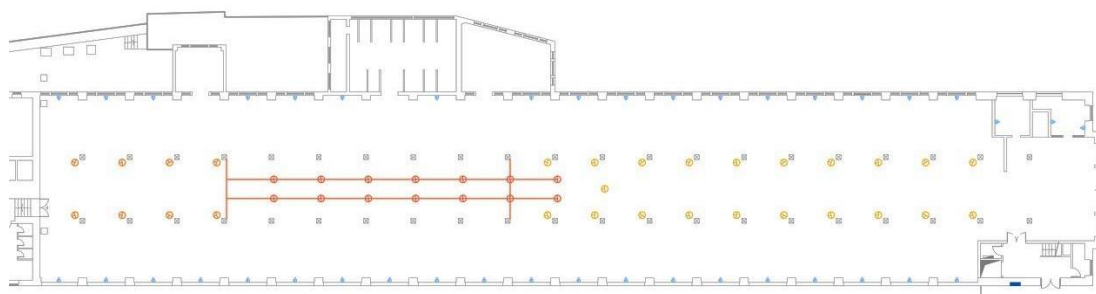


Fig. 111 Papeis sobre a antiga fábrica de lanifícios

4.1.3. Proposta da planta

A nível arquitetónico foram realizados vários estudos sobre o local, quer na resolução dos principais problemas associados a questões estruturais, já referidos anteriormente, quer em questões organizacionais, como seja definir os espaços necessários para um evento desta natureza, assim como para cada uma das exposições.

Para o evento, foi executada uma planta com a definição de todas atividades existentes ao longo do espaço e uma planta de emergência.



ESQUEMA INSTALAÇÃO ELÉTRICA
 ● tonadas
 ○ luz para o percurso/exposições
 ○ luz para o backstage
 ○ luz para o desfile

Fig. 112 Estudo da iluminação para o espaço

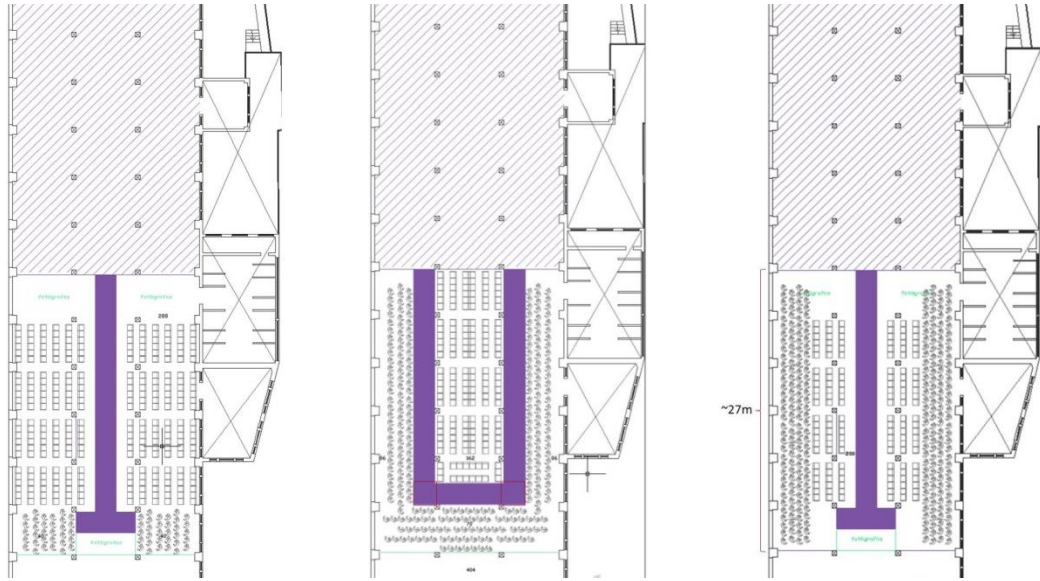


Fig. 113 Estudo da passerelle para o desfile de moda

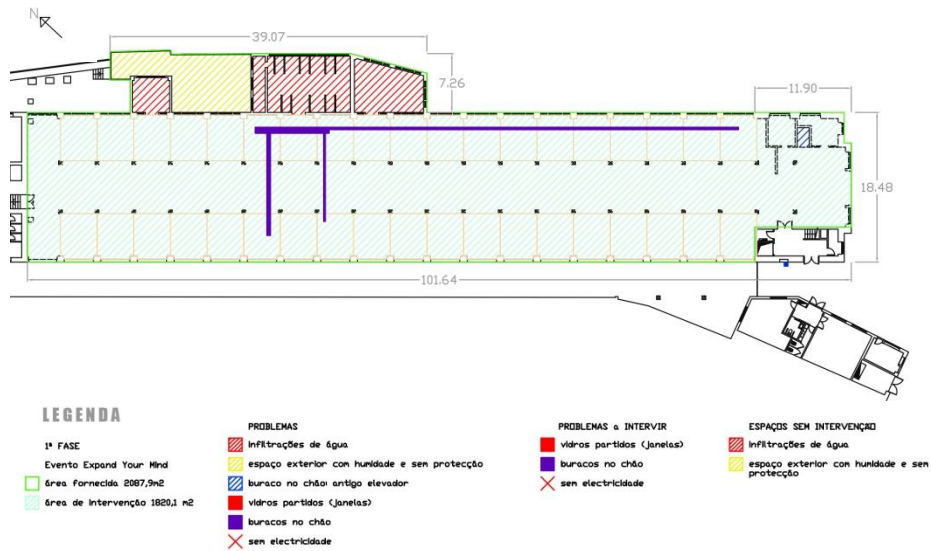


Fig. 114 Análise das patologias existentes no espaço

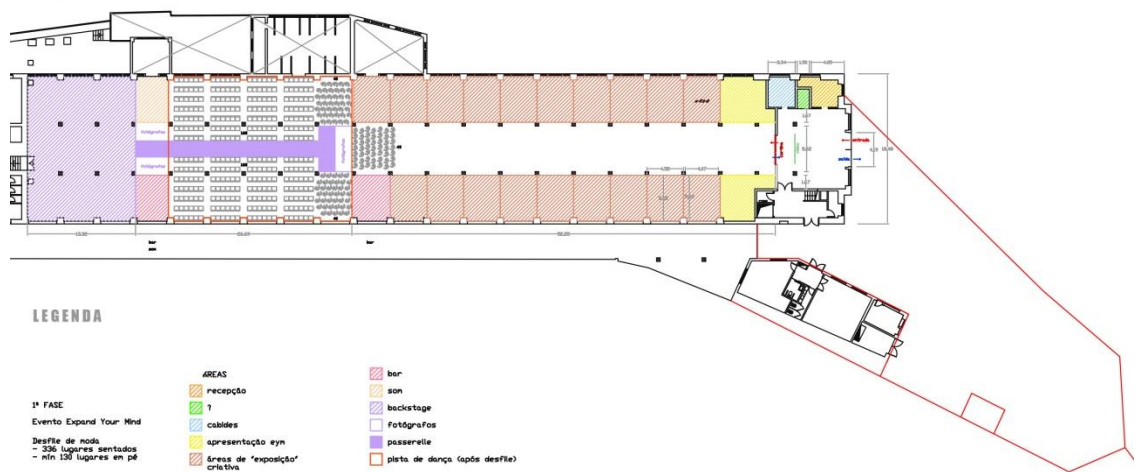
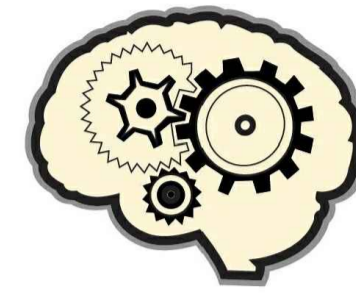
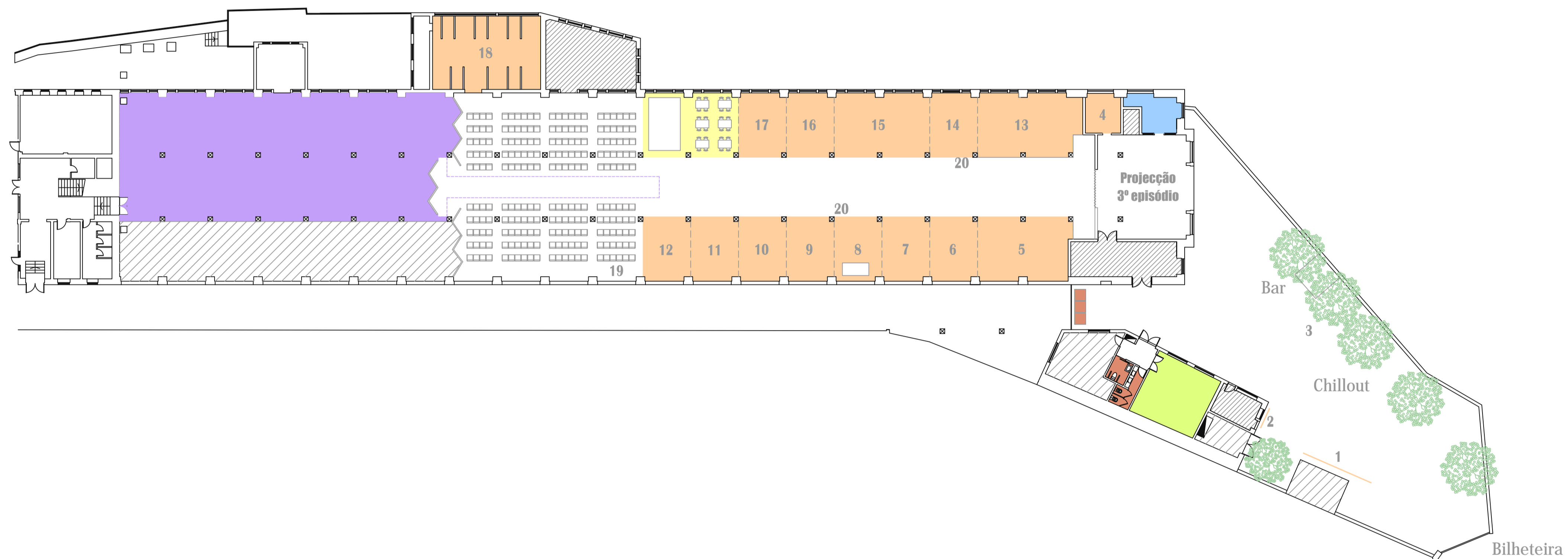


Fig. 115 Estudo das áreas necessárias para o evento



EXPAND YOUR MIND 2013



LEGENDA

■ **Informações**

■ **Instalações Sanitárias**

■ **Cabides**

■ **Bar**

■ **Backstage**

■ **Exposições:**

1 Wool

2 Natacha e Alice

3 Quarta Parede

4 Valice

5 Kica/Teresa Domingues

6 Powny Lamb e Vanessa Monteiro

7 Laura Vilares

8 **Pedaços de História**

9 Sofia Azevedo

10 Renato Cota

11 **Laura Pereira e Carlos Barros / Rafael Dias e João Mota**

12 **Isa e Ilustrações de Design de Moda**

13 Ricardo Passaporte e Alexandre Pires

14 **Exposição do 1º ano de Design de Moda**

(Design e Metodologia do Projecto)

15 Wool (Fotografia e Video) Joel Leal

16 Vanda Balinha

17 **André Cunha**

18 **Kate Kuzhova e Sérgio Braga**

19 SINcolour

20 **Carlos Camões**

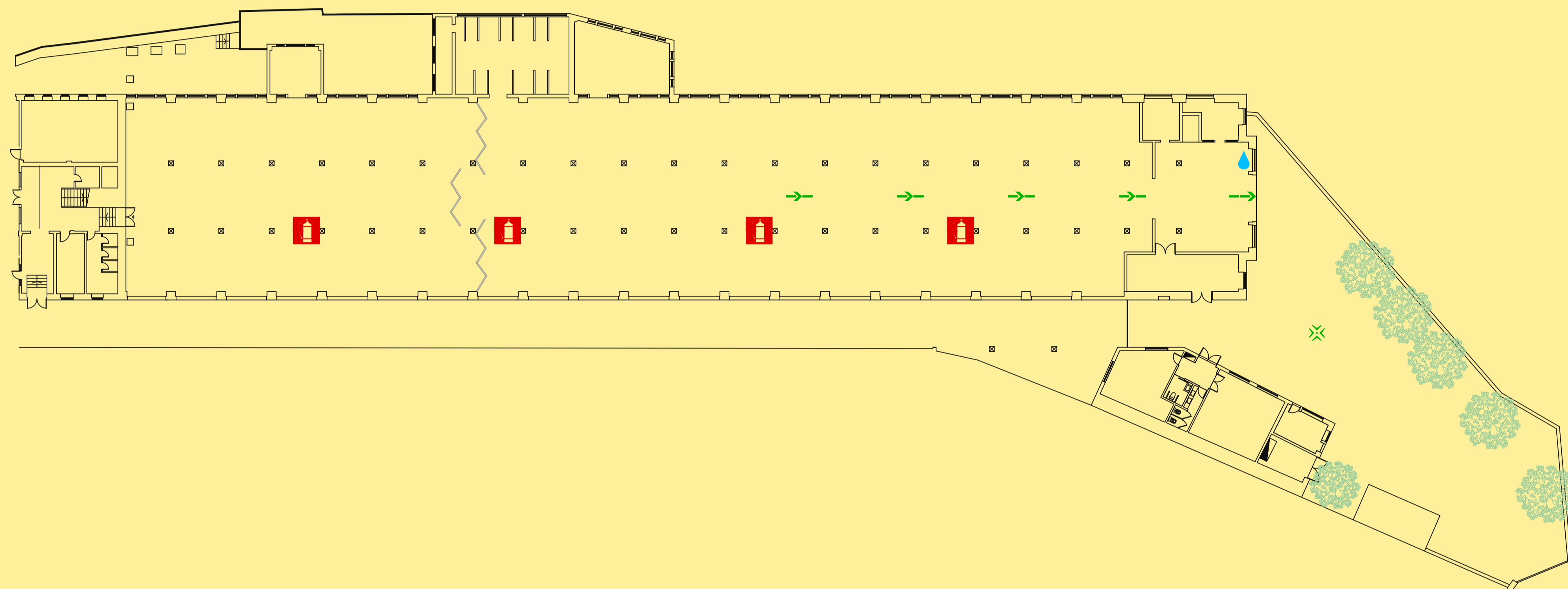
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Edifício II - Ernesto Cruz Estrada do Sítio

Organização
do Espaço

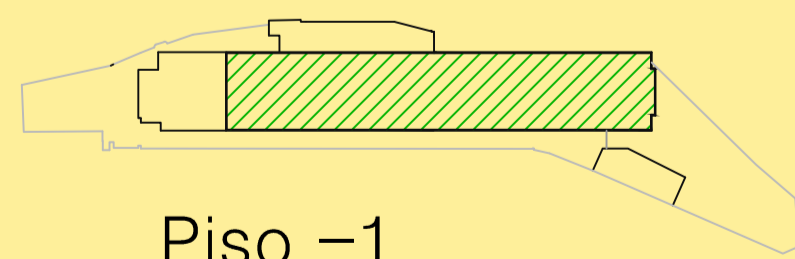
Mai 2013
Escala: 1/500

PLANTA DO PISO -1

PLANTA DE EMERGÊNCIA / EMERGENCY PLAN



PLANTA GERAL



INSTRUÇÕES

EM CASO DE INCÊNDIO:

- MANTENHA A CALMA
- DÉ O ALARME
- COMBATA O FOGO COM O EXTINTOR, SEM CORRER PERIGO
- DIRIJA-SE À SAÍDA MAIS PRÓXIMA, SEGUINDO A SINALIZAÇÃO
- DIRIJA-SE PARA O PONTO DE REUNIÃO E AGUARDE INSTRUÇÕES



LEGENDA

- VOCÊ ESTÁ AQUI
- EXTINTOR DE INCÊNDIO
- VIA DE EVACUAÇÃO NORMAL
- SAÍDA FINAL DO ITENERÁRIO
- PONTO DE REUNIÃO

INSTRUCTIONS

IN CASE OF FIRE:

- KEEP CALM
- GIVE THE ALARM
- FIGHT FIRE WITH FIRE EXTINGUISHER SEM CORRER PERIGO
- GO TO THE NEAREST EXIT FOLLOWING THE SIGNS
- HEAD TO THE MEETING POINT AND WAIT FOR INSTRUCTIONS



LEGEND

- YOU ARE HERE
- FIRE EXTINGUISHER
- NORMAL ESCAPE ROUTE
- FINAL EXIT OF THE ROUTE
- MEETING POINT

4.1.1.O Evento

O *Expand Your Mind 2013* realizou-se entre 23 e 25 de Maio, e deste evento faziam parte várias performances artísticas, exposições, desfile de moda e concertos.

A equipa envolvia vários estudantes da UBI de várias áreas artísticas, em que alguns faziam parte da organização e outros assumiam um papel fundamental como voluntários.

Todo o processo que conduziu a estes três dias de evento foi muito trabalhoso e exigiu um grande esforço por parte de todos os intervenientes.

O resultado, em números, não foi tão positivo quanto o esperado. No entanto, o efeito que se pretendia provocar na cidade da Covilhã foi de certo modo alcançado e constitui-se como o início de um novo percurso na abertura da sociedade covilhanense para as artes.



Fig. 1 Cartaz do Expand Your Mind 2013



Fig. 2 Corredor central



Fig. 3 Várias exposições



Fig. 4 Exposição Teresa Domingues



Fig. 5 Exposição pedaços de história



Fig. 6 Exposição André Cunha



Fig. 7 Exposição Laura Vilares



Fig. 8 Video Mapping



Fig. 9 Exposição Wool



Fig. 10 Manequim de linhas

4.2. *Expand Your Mind 2014*

O *Expand Your Mind 2014*, dando continuidade e evoluindo da versão anterior, realizou-se num espaço de maior dimensão. Passou de um espaço com apenas um piso para um edifício abandonado de três pisos - a Garagem de São João, que se localiza na freguesia de São Pedro.

A escolha deste espaço deveu-se às características da Garagem de São João: um edifício muito bem localizado, mais próximo do centro, com bons acessos, que ainda se encontra em bom estado de conservação e que, aos olhos da organização do *Expand Your Mind* é uma enorme perda este imóvel estar ao abandono. Posto isto, esta motivação e o consentimento do proprietário para a utilização do espaço, tornaram possível que o *Expand Your Mind 2014* na Garagem de São João.

A Garagem de São João, abandonada há cerca de 15 anos, é um edifício do início dos anos 50, que, tal como o nome indica, serviu de garagem de autocarros, no piso -1 e de oficina de automóveis nos restantes pisos. Muitos lamentam que um edifício destes se encontre ao abandono, principalmente aqueles que ainda tiveram a oportunidade de ver toda a azáfama na envolvente da Garagem de São João, quando esta ainda se encontrava em funcionamento.

No entanto, ainda antes de existir a Garagem de São João, existiu um outro edifício com uma função associada às artes, um teatro denominado “Teatro Velho”, ali implantado desde 1875. Na década de 30, por decisão da Câmara Municipal, este foi vendido em hasta pública. Neste processo, era intenção da autarquia não terminar com um espaço dedicado às artes, pelo que ficou determinado, nas condições de venda, a obrigatoriedade de ali se construir uma nova casa de espetáculos.¹

Consequentemente, no início dos anos 40, este espaço foi adquirido por uma sociedade empresarial, da qual faziam parte Francisco da Silva Ranito, Eurico Jotta Roseta e José Ranito Baltazar, com o objetivo de criar um cinema na Covilhã. O anteprojeto deste cinema, assinado por Luís Filipe Ranito Catalão, deu entrada na Câmara Municipal em 1944, com o nome de *Cine Teatro S. João* (Fig. 129). Um ano mais tarde, deu entrada o projeto definitivo, assinado pelo arquiteto Carlos Ramos, um dos grandes nomes da arquitetura do século XX e um dos difusores do modernismo em Portugal. Contudo, existiam diferenças significativas entre o anteprojeto e o projeto. O projeto apresentava uma fachada principal digna de uma verdadeira casa de espetáculos, que conciliava modernismo, cenografia e monumentalidade. Apesar de parecer um projeto bastante interessante, este não foi aceite pelos técnicos camarários, tendo Rafael dos Santos Costa, diretor da repartição técnica, escrito: “... *de modo geral o projecto não nos agradou... forma no conjunto um edifício que choca no meio em que vai ser construído.*” Durante o ano de 1947, foi pedida uma licença à Câmara Municipal para se dar início às obras. Enquanto isso, Raul Rodrigues Lima projetou o Teatro-Cine e assim o Cine Teatro S. João acabou por não condições para continuar, uma vez que já não se justificava a existência de duas casas de espetáculo com aquela dimensão. Isto obrigou os investidores do antigo *Teatro Velho* a optar pela construção de uma garagem – a Garagem de São João. Neste caso, a Câmara Municipal

¹ <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/11700.html> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

já não se opôs ao projeto e, a 20 de Setembro de 1949, a repartição técnica emitiu o parecer favorável à sua construção.²

Concluída a obra da Garagem, esta não foi gerida muito tempo pela Empresa Nacional de Espetáculos, tendo passado, pouco depois, para a Sociedade de Camionagem da Guarda, depois passou para a Sacor, de Pedro Ordaz, e foi com o empresário Alberto de Carvalho que ela viveu os seus “últimos dias de glória”.³



Fig. 11 Fachada principal (edifício em funcionamento)

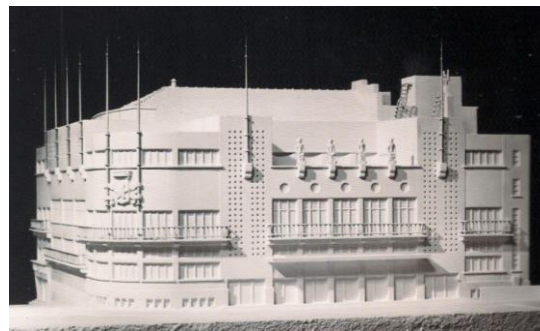


Fig. 12 Maqueta do projeto não executado, arquiteto Carlos Ramos (1944)



Fig. 13 Fachada principal



Fig. 14 Fachadas a oeste



Fig. 15 Envolvente à Garagem de São João



Fig. 16 Vista sob Covilhã, a Norte



Fig. 17 Vista sob a Covilhã, a Nordeste

² <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/11700.html> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

³ <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/11700.html> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

4.2.1. Reconhecimento do espaço

A Garagem de São João apresenta uma arquitetura característica dos anos cinquenta, marcada pelo Estado Novo. É um edifício que se destaca bastante na cidade da Covilhã. Apresenta uma volumetria irregular, em que o gaveto formado pela rua Marquês de Ávila e Bolama e o Largo São João de Malta apresenta uma forma curva com um mapa da Europa, onde aparecem assinaladas as cidades onde passavam os autocarros. É também notável uma simetria com os diversos vãos envidraçados que percorrem todas as fachadas.

Localizado no centro da cidade, a sua envolvente é constituída por habitações familiares e habitações coletivas, com o piso térreo utilizado para comércio. Em frente à fachada principal da Garagem ainda é possível contemplar a capela São João de Malta, uma referência do património covilhanense. Existe ainda uma paragem de autocarros mesmo em frente e, mais recentemente, foi criado o elevador São João de Malta que, com um desnível de 62 metros, une o Largo de São João de Malta à Rua Mateus Fernandes.

O edifício, com uma área total aproximada de 6000m², é composto por um piso parcialmente subterrâneo, pelo piso térreo, um piso intermédio e ainda mais dois pisos superiores. O acesso ao interior do edifício é feito a sudoeste, para o piso -1, e a sudeste, naquela que é considerada a entrada principal, que dá acesso a todos os outros pisos da garagem. O acesso do piso térreo aos restantes pisos superiores é feito por uma rampa, um dos elementos marcantes deste imóvel.

O piso -1 tem uma área de 1068m² e é o que se encontra em pior estado. Com um pé direito de cerca de 5 metros de altura, este era utilizado como garagem dos autocarros. Por isto mesmo, é um espaço amplo, em que o vão de acesso a este piso tem ligação direta à estrada e é feito através de uma rampa com cerca de 34 m de comprimento. A iluminação natural deste piso é feita através dos vários vãos existentes nas fachadas viradas a nordeste e a este que iluminam toda a área, pelo facto de se tratar dum espaço amplo, sem divisões. Existe apenas um espaço parcialmente dividido, virado a sudoeste, que se encontra em muito mau estado, como se pode ver na (Fig. 138).

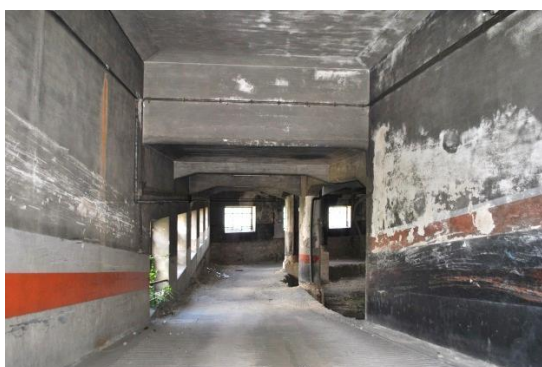


Fig. 18 Entrada para o piso -1



Fig. 19 Final da rampa, fachada este do piso -1



Fig. 20 Zona plana do piso -1



Fig. 21 Zona em pior estado do piso -1

O piso 0, com uma área aproximada de 1338m², é o piso que, com os seus grandes vãos, permite uma maior ligação entre o interior e o exterior, tornando o espaço convidativo e com uma vigorosa iluminação natural.

O acesso aos outros pisos do edifício é feito através da rampa imponente que existe neste piso, utilizada, em tempos, para a passagem de carros, uma vez que, à exceção do piso -1, todo o edifício funcionava como oficina de automóveis.

Até à intervenção do *Expand Your Mind* para o seu evento em 2014, era neste piso que se guardavam alguns veículos dos Bombeiros da Covilhã, que já não se encontravam em funcionamento. No local podia-se ainda encontrar bastante lixo e muitos outros materiais, como móveis de madeira antigos.

Apesar deste piso ter, na zona de entrada, um pé direito considerável, com 5 m de altura, a outra zona tem metade da altura, devido à existência de um piso intermédio. Esta é também a zona que tem apresenta uma menor iluminação natural.



Fig. 22 Piso 0, entrada edifício



Fig. 23 Viaturas dos bombeiros, que se encontravam no espaço



Fig. 24 Lixo que existia no piso 0



Fig. 25 Divisão do Piso 0, com pé direito baixo

O piso intermédio tem uma área de aproximadamente 480m², menos de metade relativamente aos restantes pisos. Ligado ao piso térreo através de duas escadas, está essencialmente virado para o exterior pela fachada a nordeste e aberto para o piso inferior, através de aberturas na parede virada para a entrada do edifício.



Fig. 26 Escadas de acesso ao piso intermédio



Fig. 27 Espaço do piso intermédio, com ligação à rampa



Fig. 28 Um dos espaços do piso intermédio

O piso 1, todo ele bastante amplo, contém apenas duas divisões, sendo que uma delas funcionava como instalações sanitárias, onde ainda se pode ver o mobiliário. Ao longo de todo este espaço é bastante perceptível a repetição, criada pelos pilares metricamente existentes e pelos vãos ao longo de todas as fachadas. Neste espaço encontram-se alguns elementos que eram utilizados quando ainda aqui funcionava a oficina de automóveis.

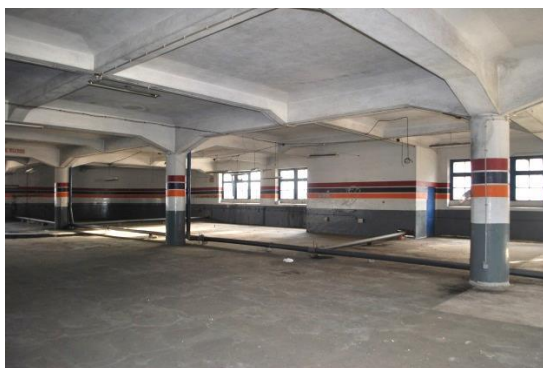


Fig. 29 Piso 1, vista do final da rampa



Fig. 30 Água sob o piso 1



Fig. 31 Piso 1, fachada virada a este



Fig. 32 Início da rampa que dá acesso ao piso 2

O piso 2, aparentemente muito idêntico ao piso inferior, contém apenas uma série de divisões a este, o que, pelos elementos ainda existentes, dá a ideia de ter sido a zona de balneários para os funcionários da garagem. Esta zona do edifício permite contemplar uma paisagem deslumbrante da cidade. Contudo, este espaço, em resultado da cobertura se encontrar em mau estado, apresentava-se bastante sujo, com uma grande quantidade de dejetos de pombas, que por ali coabitam.



Fig. 33 Piso 2, vista a norte



Fig. 34 Piso 2, vista sob a fachada principal



Fig. 35 Entradas para pequenas divisões, a Este



Fig. 36 Forno, no piso 2

4.2.2. Análise do espaço

A Garagem de São João apresenta um sistema estrutural tradicional, com paredes de alvenaria de pedra, pilares cilíndricos com uma dimensão considerável em betão armado e uma cobertura em telha cerâmica.

No que se refere às condições estruturais, pode-se dizer que o edifício se encontra em bom estado, mas pelos seus anos de construção e pela falta de manutenção, evidencia já algumas patologias que importa enumerar. Os revestimentos das paredes e do chão mostram sinais de desgaste, com visíveis indícios de infiltração em algumas zonas.



Fig. 37 Desgaste na parede do piso 2



Fig. 38 Chão com sinais de desgaste



Fig. 39 Sinais de infiltrações

Observam-se aberturas na cobertura devido a quebra de telhas, o que provoca a entrada constante de água e, por isso mesmo, algumas zonas do piso superior encontram-se periodicamente inundadas, algumas vigas mostram sinais de infiltrações e a estrutura de madeira da cobertura apresenta indícios de deterioração.

Relativamente aos vãos envidraçados, importa referir que alguns deles se encontram sem vidros ou com vidros quebrados.



Fig. 40 Abertura na cobertura



Fig. 41 Água e dejetos de animais no piso 2



Fig. 42 Vão com falta de vidros

Refira-se também outros elementos existentes no edifício, como sejam os que fazem parte da antiga instalação elétrica (fios por vários tetos e paredes, candeeiros e lâmpadas), que já não se encontram em funcionamento. Assim como a canalização de grande dimensão que atravessavam vários pisos da Garagem, ao longo da rampa.



Fig. 43 Instalação elétrica existente



Fig. 44 Canalização



Fig. 45 Portas de madeira interiores

Apesar de todas as patologias acima descritas serem importantes para uma análise do edifício, o que mais se destaca quando se visita este imóvel é o fosso existente numa das zonas do piso 0. Era neste fosso que existiam os depósitos de combustível, utilizados na época da Garagem de São João. Quando a garagem encerrou, retiraram-se os depósitos do local, o que provocou a derrocada de uma parte da laje do piso 0 e afetou o piso -1, provocando, ao que tudo indica, a derrocada de uma parte das suas paredes interiores.

O piso -1 é o piso que se encontra em pior estado. É perceptível que houve alguma intervenção no chão – rebaixamento. Uma análise às paredes e aos pilares fazem supor que este piso teria um pé direito semelhante aos restantes e só depois é que o terço afundado de modo a aumentar a altura para cerca dos 5m. Tal é perceptível pela diferença existente ao longo da altura das paredes e dos pilares, pois até determinada altura a parede apresenta pedra à vista e os pilares uma forma quadrangular e em betão, sem pintura, dando a ideia de que toda esta parte estaria soterrada. A restante altura de parede já se encontra rebocada e os pilares com uma configuração cilíndrica, semelhante aos outros pisos. Neste piso existe também um fragmento nas paredes do canto virado a este, revestido a azulejo e com uns vãos de menor dimensão, indicando que ali poderia ter existido uma instalação sanitária, tendo sido demolidas, eventualmente, as paredes interiores.

Posto isto, a conclusão a que se chega ao analisar o piso -1 é que este espaço já sofreu diversas alterações, sendo que todas elas deixaram marcas ainda hoje bem perceptíveis.



Fig. 46 Fosso no piso 0



Fig. 47 Piso -1



Fig. 48 Fachadas viradas a este, piso -1

Após uma reflexão sobre os problemas existentes no edifício, conclui-se que ser possível a recuperação de todos os elementos mais característicos do sistema estrutural, construtivo e funcional, de modo a possibilitar a reutilização de todo este imóvel, aproveitando ao máximo as suas potencialidades.

4.2.3. Proposta da planta

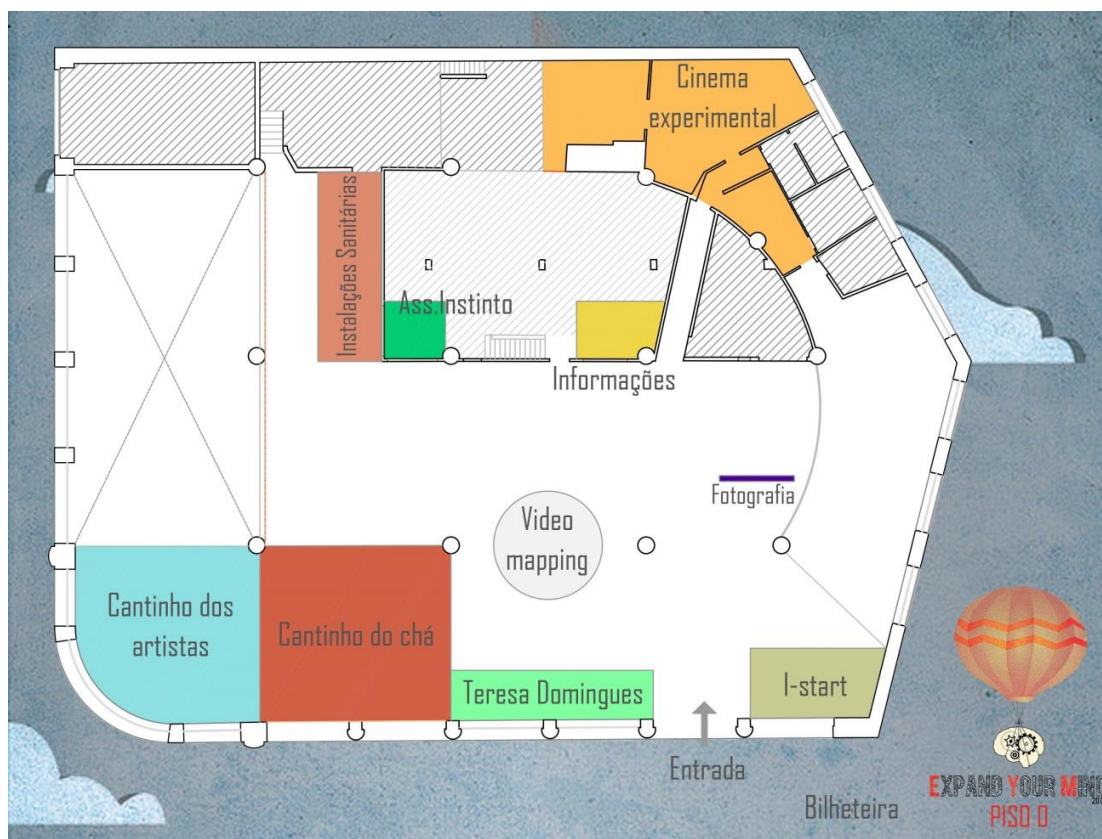


Fig. 49 Planta Piso 0, Expand Your Mind 2014

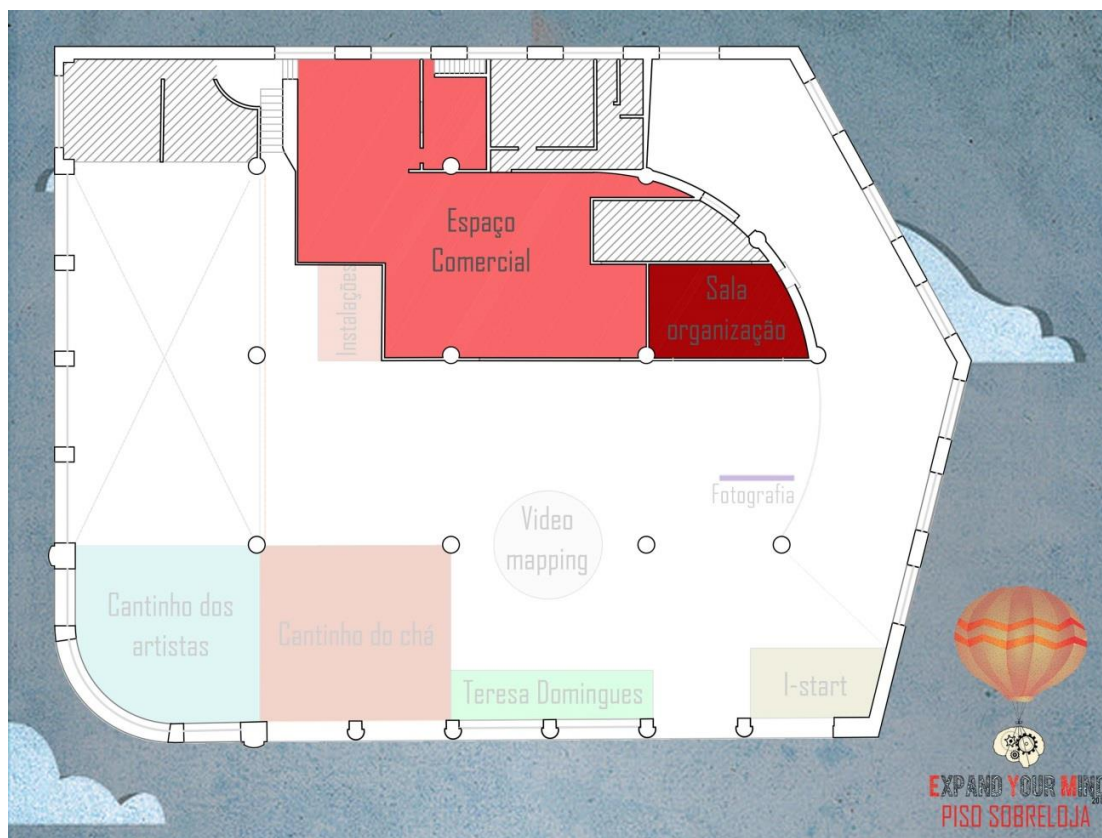


Fig. 50 Planta Piso Intermédio, Expand Your Mind 2014



Fig. 51 Planta Piso 1, Expand Your Mind 2014



Fig. 52 Planta Piso 2, Expand Your Mind 2014

4.2.4. O Evento

O *Expand Your Mind 2014* realizou-se entre 1 e 3 de Maio, e à semelhança da edição anterior, incluiu na sua programação várias performances artísticas, exposições, desfile de moda e concertos. Contudo, procurou inovar ao envolver mais a população covilhanense e alunos de várias escolas da cidade.

Antes deste evento, criaram-se várias atividades para dar a conhecer o espaço e incentivar a participação dos habitantes da cidade neste tipo de iniciativas. Realizaram-se entrevistas de rua para indagar a opinião da população sobre este evento e, ao mesmo tempo aprender-se um pouco mais da história da Garagens de São João, através de testemunhos de pessoas que chegaram a frequentar este edifício quando este ainda se encontrava em funcionamento⁴.

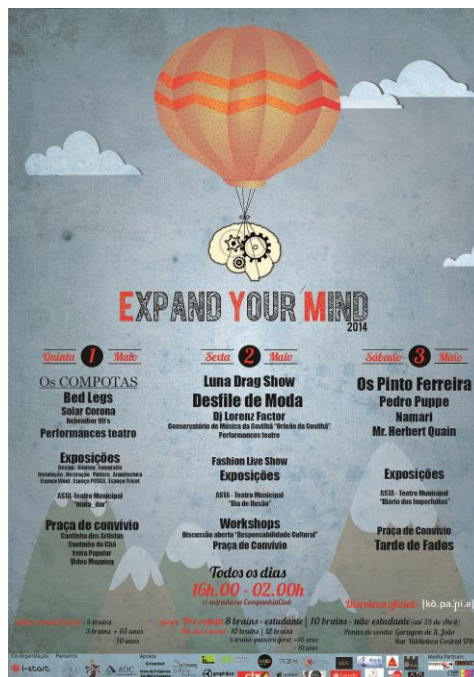


Fig. 53 Cartaz do Expand Your Mind 2014



Fig. 54 Entrevistados pela cidade da Covilhã

Este ano verificou-se uma maior sensibilidade para este movimento, o que se traduziu em mais apoios. A Câmara Municipal da Covilhã foi uma das instituições apoiantes, ao contrário do que havia acontecido em 2013, tendo facultado ajuda para a limpeza do espaço, entre outras.



Fig. 55 Video Mapping



Fig. 56 Espaço I- Start

⁴ Para ver a entrevista, consultar <http://vimeo.com/92761932>



Fig. 57 Vista para a sala da organização



Fig. 58 Rampa de acesso



Fig. 59 Exposição da Escola Secundária Campos Melo



Fig. 60 Exposição da New Hand Lad



Fig. 61 Pintura na parede

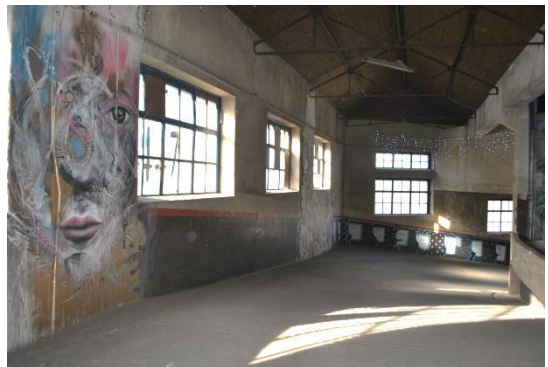


Fig. 62 Rampa de acesso



Fig. 63 Instalação com madeiras recicladas

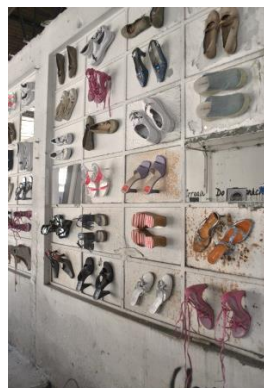


Fig. 64 Exposição de calçado da Prof



Fig. 65 Pintura no piso 2

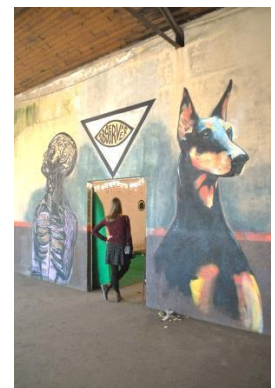


Fig. 66 Entrada para o espaço de teatro

4.2.5. Avaliação do Evento

Durante o evento Expand Your Mind 2014, foi distribuído, pelo público, um folheto explicativo sobre o projeto apresentado nesta tese de mestrado, do qual constava também um breve inquérito para avaliar a opinião sobre o evento e sobre o edifício (cf. Anexo 2).

Devolveram o inquérito 32 pessoas, com uma idade média de 29 anos, metade (16) são do sexo masculino e apenas 11 são naturais da Covilhã, 2 são estrangeiros (Polónia e Venezuela), sendo os restantes participantes de diversas cidades portuguesas, de Norte a Sul do país. A profissão mais comum é estudante (34% da amostra), encontrando-se os restantes participantes dispersos entre várias profissões, nomeadamente músico, professor, bolseiro de investigação, funcionário público, comercial, designer, ilustrador e músico. 9% da amostra encontra-se desempregada.

Todos os inquiridos responderam afirmativamente que a Covilhã precisa de mais iniciativas artísticas e todos concordam que é importante criar atividades culturais que aproximem jovens e idosos.

Apenas 31% dos participantes no Expand Your Mind 2014 já tinham entrado no edifício da Garagem de S. João. Destes, metade já havia estado no edifício quando este ainda funcionava como garagem e a outra metade conheceu-o, mais recentemente, através de iniciativas associadas à UBI como sejam a latada, isto é, a construção do carro de curso.

Todos os inquiridos responderam afirmativamente que consideram importante ações de reabilitação de edifícios na cidade da Covilhã. Todos os 30 participantes que responderam à questão 4.1., afirmam que a Garagem de S. João é um bom edifício para reabilitar.

Quando questionados sobre o projeto apresentado para a reabilitação do edifício da Garagem de S. João, 94% concorda com essa proposta, defendendo que este espaço deveria ter valências claramente associadas à cultura e à arte. Apenas dois participantes não concordam e referem dois aspetos sobre o que se adequava melhor: “um espaço multifuncional não apenas cultural” e “gosto da proposta mas falta estacionamento, teriam de aproveitar um dos andares”.

Relativamente ao evento Expand Your Mind 2014, todos voltariam a fazer parte dele, tendo-o classificado, em média, com 18 valores, numa escala de 0 a 20.

Ao desafio de elegerem uma palavra para descrever esta iniciativa, responderam da seguinte forma: ‘a repetir!!’; ‘arte’; ‘autêntico’; ‘awesome’; ‘contra-cultura’; ‘cool’; ‘criatividade’; ‘criativo’; ‘diferente’; ‘dinamizador’; ‘disparate (no bom sentido)’; ‘ecletismo’; ‘empty’; ‘essencial’; ‘experimental’; ‘expressão’; ‘fabulástico’; ‘fantástico’; ‘funky’; ‘genial’; ‘gostei’; ‘gostei bastante’; ‘iniciativa’; ‘liberdade’; ‘libertador’; ‘maravilhoso’; ‘memorável’; ‘muito bom’; ‘reaproveitamento’; ‘renovador e sensacional’.

A maioria dos participantes refere ter gostado de tudo, mas surgem outros aspetos à questão sobre o que mais agradou neste evento, concretamente: *a criatividade; a diversidade, a escultura de lápis, a “experimentalidade” / fusão artística, a forma descontraída da exposição e dos visitantes, a iniciativa em si, a mistura de experiências, a muita decoração com pouco material, a multiculturalidade, a música, as paredes, a organização, a originalidade dos artistas, a ousadia de mexer num espaço com esta dimensão, as diferentes perspetivas e narrativas, as exposições, o conjunto artístico, o conjunto de intervenções artísticas no mesmo espaço, o desfile, o espaço, arte de rua e eventos, o teatro, os compotas, os momentos musicais, todas as iniciativas reunidas num só espaço com acesso para toda a gente.*

Por último, dos 24 participantes que respondem à questão sobre o que menos agradou neste evento, 33% refere “nada”, sendo que os restantes, referem aspetos como: *dificuldades no estacionamento, pouca divulgação, falta de iluminação, fraca adesão da população, o estado do edifício e o espaço poderia estar mais preenchido.*

Capítulo 5 – Caso de Estudo: Garagem de São João

5.1. Propostas realizadas para o edifício

A Garagem de São João é um edifício, no centro da Covilhã, que se encontra ao abandono e que, por várias razões, nomeadamente pela sua história, pela sua arquitetura, pelo seu estado razoável de conservação e pela sua localização central, é visto, por quem lá passa, como uma enorme perda para a cidade e as suas gentes. Já muito se disse e escreveu sobre qual seria a melhor solução para voltar a dar vida aquele edifício que um dia foi uma garagem de autocarros e que enchia de pessoas toda aquela zona. No entanto, a realidade mostra que, nestes últimos 15 anos, ainda nenhum projeto de reabilitação foi lá concretizado e não tem acolhido qualquer evento, com a exceção do Expand Your Mind 2014.

Do que foi possível apurar, apenas uma empresa – a IMABEL – submeteu, à Câmara Municipal da Covilhã, uma proposta de remodelação para a Garagem de São João. A primeira proposta desta empresa surgiu em 2004, da qual constava uma zona de comércio no piso térreo, habitações nos pisos superiores e dois pisos inferiores com garagens. Mais tarde, em 2007, a IMABEL entrega um outro projeto, em continuidade e como aperfeiçoamento do anterior já apresentado.

Para além desta proposta, existem inúmeros trabalhos realizados por estudantes, não só da Universidade da Beira Interior, como de outras Universidades, que propõem, num trabalho final de curso, a reabilitação da Garagem de São João. No entanto, até hoje, ainda nenhum teve a possibilidade de se concretizar.

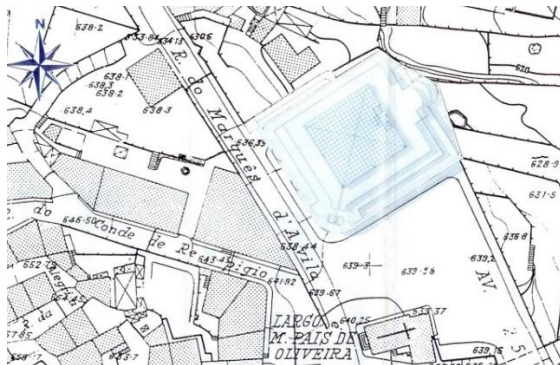


Fig. 67 Proposta da IMABEL - Planta de implantação, jan 2004



Fig. 68 Proposta da IMABEL - 3D, jan 2004

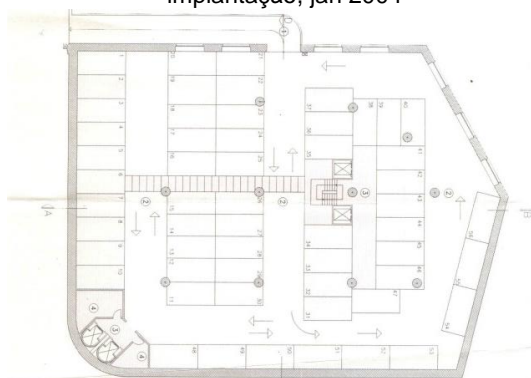


Fig. 69 Proposta da IMABEL - Piso -2, jan 2004

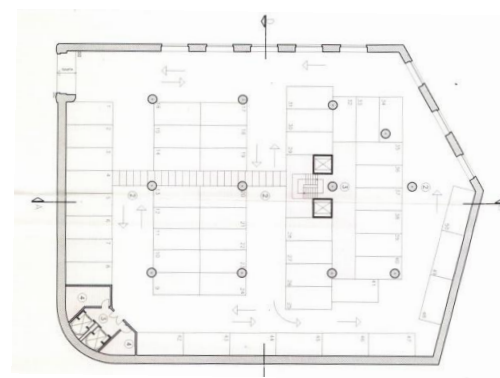


Fig. 70 Proposta da IMABEL - Piso -1, jan 2004

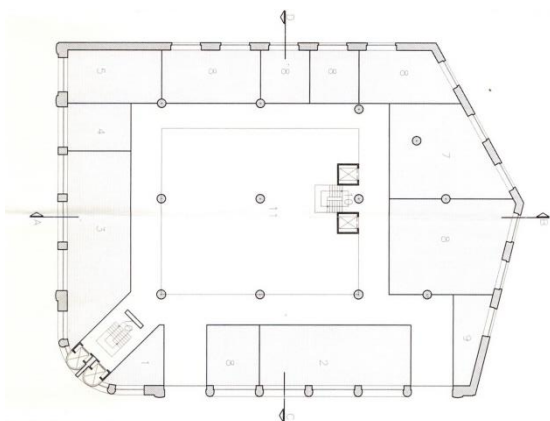


Fig. 71 Proposta da IMABEL - Piso 0, jan 2004

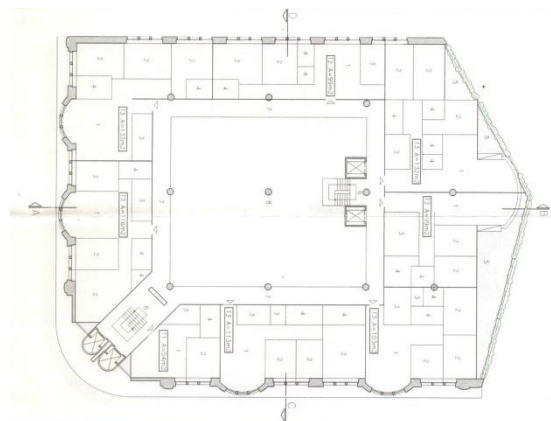


Fig. 72 Proposta da IMABEL - Piso 1, jan 2004

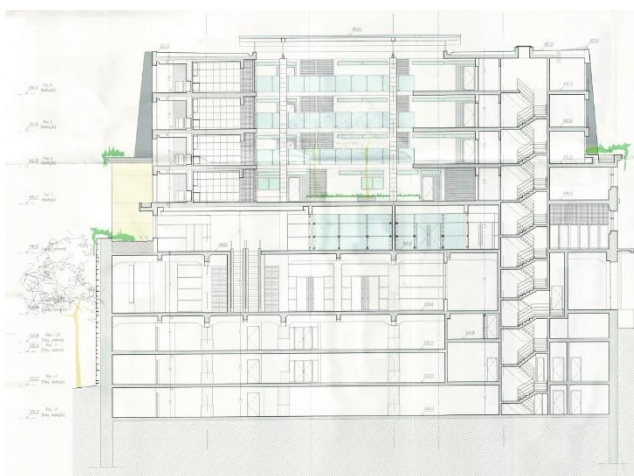


Fig. 73 Projeto da IMABEL – corte B-B', jan 2007



Fig. 74 Projeto da IMABEL – Alçado Nascente, jan 2007

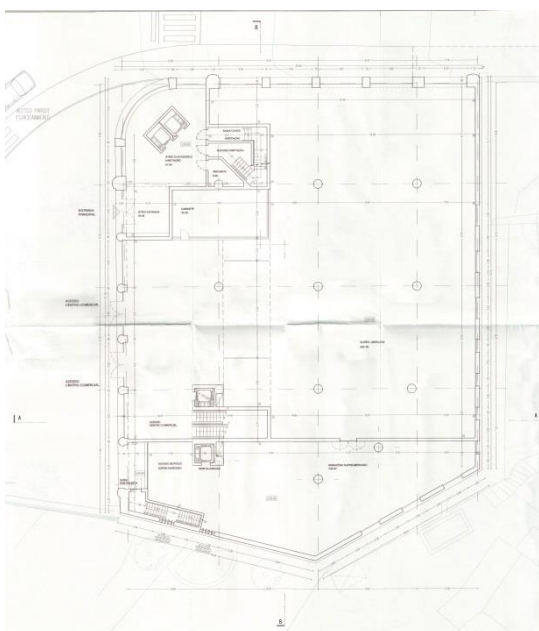


Fig. 75 Projeto da IMABEL – Piso 0, jan 2007

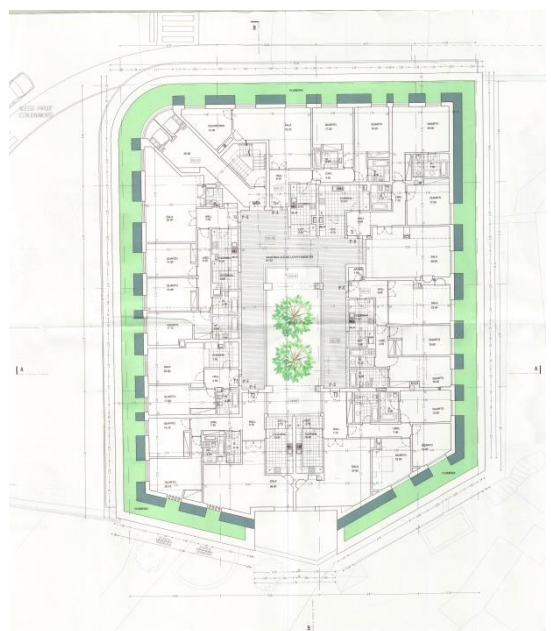


Fig. 76 Projeto da IMABEL – Piso 5, jan 2007

5.2. Caso de Estudo: Garagem de São João

5.2.1. Programa

Em conformidade com aquilo que foi feito ao longo do Expand Your Mind 2014, o programa para a proposta de reabilitação da Garagem de São João foi definido de acordo com aquilo que um espaço cultural e multifuncional exige, tendo sempre presente as características do edifício e todos os espaços nele já existentes. Ou seja, pretende-se que esta proposta de reabilitação transforme este edifício ao abandono num edifício cultural, com espaços de *coworking*, para que todo o trabalho se desenvolva num modelo de cooperação e relacionamento entre as diversas áreas artísticas que nele possam vir a estar representadas, com a intenção de favorecer o aparecimento e amadurecimento de ideias e projetos artístico-culturais. Por outro lado, importa envolver a população covilhanense, e para tal propõe-se a existência de um espaço que possibilite a presença do comércio tradicional e um espaço que permita a realização de workshops e conferências para todas as idades, de modo a sensibilizar a população para as questões artísticas e culturais.

Consequentemente, quer pela experiência adquirida ao longo do Expand Your Mind, quer pela pesquisa desenvolvida sobre os requisitos para um espaço cultural, o programa inclui essencialmente espaços de *coworking* e ao mesmo tempo de comércio, um espaço multiuso que pode ser utilizado para diferentes espetáculos artísticos, várias salas para *workshops*/conferências, espaço de exposição flexível que pode ser utilizado de diferentes formas. Importa salientar que o principal objetivo desta proposta é tornar este edifício um espaço adaptável às necessidades diárias pretendidas e não que as necessidades se adaptem ao espaço existente.

Optou-se por propor um espaço amplo para os espetáculos artísticos e não pela criação de um auditório, para definir desde logo que este edifício apresenta características e funcionalidades distintas do Cineteatro da Covilhã, sendo, portanto, edifícios conciliáveis e não sobrepostos na sua funcionalidade, em que cada um permitirá experiências diferenciadas.

Posto isto e detalhando o programa, do piso inferior ao piso superior, encontramos as seguintes áreas:

- 2 Pisos inferiores para estacionamento;
- 1 Espaço amplo para comércio temporário;
- 1 Zona administrativa
- 1 Cafeteria/ restaurante
- 7 Espaços de *coworking* / lojas;
- 4 Salas para *workshops* / conferências;
- 1 Espaço amplo para exposições/ intervenções artísticas;
- 1 Bar;
- 1 Espaço amplo para espetáculos
- 1 Zona de backstage
- Serviços técnicos;

Com este programa para a proposta de reabilitação da Garagem de São João pretende-se revitalizar toda a área ao abandono e a zona envolvente, tendo como pano de fundo a Arte e procurando estabelecer uma ligação entre os jovens criativos, com ideias mais dinâmicas e inovadoras, e a população da cidade, com maior experiência e ideias mais maduras. A Covilhã há muito que precisa de um espaço empreendedor e de oferta de possibilidades, quer para os residentes, quer para os estudantes que todos os anos passam pela cidade com ideias frescas e inovadoras e com potencial para as desenvolver.

5.2.2. Proposta

O ponto de partida desta proposta foi o estudo cuidado ao objeto arquitetónico em questão e do impacto que este tem no tecido urbano onde se insere. Apesar de não ser um imóvel classificado, a verdade é que reflete uma época e uma atitude fortemente racionalista na arquitetura. O edifício impõe-se no local sob a forma de gaveto, ajudando a compor de um modo ordenado a praça adjacente.

Neste sentido, é importante preservar todos os pedaços de história que se encontram, de algum modo, perdidos pela cidade. Importa manter a sua identidade e ao mesmo tempo criar uma ligação entre o passado e o mundo atual, ou seja, adaptar o edifício abandonado às necessidades atuais.

Tratando-se de uma proposta de reabilitação, o primeiro passo para o seu desenvolvimento foi o estudo do espaço e o levantamento do edifício. As plantas mais recentes da Garagem de São João, fornecidas pelo atual proprietário do imóvel, serviram de apoio e complemento ao levantamento *in situ*, que foi efetuado por existirem já algumas alterações que ainda não se encontram nas plantas existentes.

Aquando deste levantamento foi também efetuada uma análise às principais patologias e características estruturais do edifício, uma vez que é parte fundamental para se dar início a todo o processo de reabilitação.

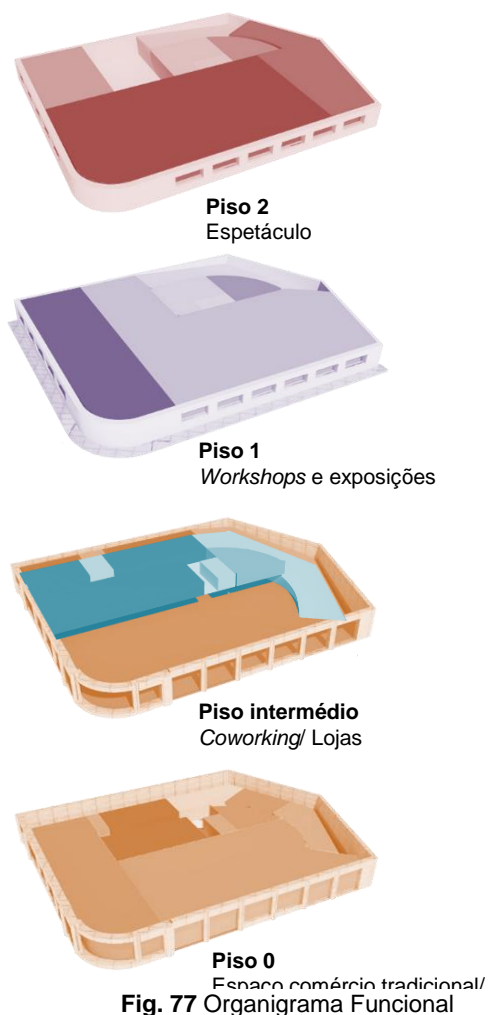
Assim sendo, teve-se em consideração as condições do edifício, nomeadamente o seu estado de conservação e os acessos existentes; mas também não se descuidaram as exigências atuais patentes na lei com base no REGEU⁵, relativamente às acessibilidades, como sejam rampas de acesso / elevadores, saídas de emergência, dimensões das portas, corredores, instalações sanitárias, lugares de estacionamento, entre outros aspetos importantes para que um edifício tenha todas as condições de segurança necessárias.

Esta proposta de reabilitação teve, desde logo, a intenção de aproveitar ao máximo o edifício já existente e alterar o mínimo possível as características principais do mesmo. Sendo um edifício com apenas duas entradas, desde logo se estabeleceu, pela forma mais lógica, que o acesso inferior seria para o parque de estacionamento e a entrada principal continua a ser no piso 0 que dá acesso aos restantes pisos superiores por uma rampa bastante ampla e imponente.

⁵ Regulamento Geral de Edificações Urbanas; Porto Editora; Porto, 2006

De acordo com o artigo 23º do PDM da Covilhã⁶, que estabelece para edifícios de usos terciários (escritórios e serviços) 1,5 lugares por 50 m² de área bruta de construção, em que 1 lugar é privado e 0,5 é público o que, neste caso, levaria a um total de 98 lugares privados e 49 lugares públicos, a primeira decisão foi fazer dois pisos de estacionamento através do piso -1, uma vez que este tem um pé direito suficiente para ser dividido em dois pisos, com uma rampa de acesso. No entanto, mesmo com esta intervenção e considerando tratar-se de uma intervenção de reabilitação em zona urbana, não é possível cumprir os requisitos exigidos no que se refere ao número de estacionamentos, pois para isso teriam de existir grandes intervenções na estrutura do edifício, o que não é o pretendido, quer pelos custos que implicaria, quer pelos riscos que poderia provocar. Assim, apenas foram possíveis, para o privado, 37 lugares para automóveis, um espaço para motos e uma zona para cargas e descargas. Relativamente ao espaço público, foram exequíveis 37 lugares de automóveis e dois espaços para motos. Tendo em conta que o edifício está localizado numa zona urbana e com estacionamento público ao longo das vias públicas próximas, este poderá também ser utilizado como apoio ao edifício sempre que assim se justificar.

Para a concretização do programa definido e para a sua melhor adaptação ao edifício existente, chegou-se essencialmente à sua divisão em três áreas distintas, cada uma correspondendo a um piso (Fig. 194). Por questões funcionais e devido às características do edifício, o piso 0, pelo qual é feito o acesso a todo o edifício, é o piso que estará sempre aberto ao público e com mais atividades diurnas. Esta característica vai-se alterando, gradualmente, até ao piso 2, que será usado apenas para eventos e espetáculos que possam ter acesso limitado. Esta decisão deve-se à existência da rampa no edifício, sendo possível percorrer todo o edifício através desta. Assim sendo, e a título ilustrativo, para aceder ao piso 2 é necessário passar pelo piso 1, pelo que não faria sentido colocar o piso 1 fechado durante um período para um qualquer evento, porque depois não seria possível aceder ao piso superior através da rampa existente, sendo uma das principais intenções desta proposta a sua utilização.



⁶ REGULAMENTO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DA COVILHÃ, DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-B N.º 248 — 23-10-1999, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2007CamaraRegFomularios/PlanoDirectorMunicipal.pdf> (acedido pela última vez em 8 de Agosto de 2014)

Concludentemente, a organização funcional do edifício definiu-se da seguinte forma:

No piso 0, pelo qual é feita a entrada para o edifício, existe, logo à entrada, uma zona ampla, que tem como objetivo funcional ser utilizada para pequenos mercados como, por exemplo, para venda de legumes, feiras de colecionismo, entre outras coisas. Consequentemente, este será um espaço que se quer muito movimentado e bastante aberto, e que quem lá vai não tenha a sensação de que se encontra num espaço fechado, criando a ideia de continuidade com o exterior. Mais à esquerda existe uma cafetaria, um pequeno restaurante e a respetiva cozinha de apoio. Entre esta zona e a rampa de acesso ao piso superior existem ainda dois espaços de coworking e/ou de lojas, em que uma delas, não terá luz natural e será um espaço mais fechado propositadamente, para ser utilizada para áreas artísticas como o cinema ou a fotografia. Mais a Este, encontra-se toda a parte administrativa: os serviços administrativos, uma sala de reuniões e a sala da direção. Neste piso, existe ainda um espaço de arrumos, as instalações sanitárias e dois acessos distintos: um constituído apenas por um vão de escadas, de acesso ao piso intermédio, e o outro composto por um vão de escadas e um elevador de acesso a todos os pisos existentes no edifício.

O piso intermédio, com uma área menor relativamente aos restantes pisos, é uma continuação do piso térreo, ou seja, é composto por cinco espaços para coworking e/ou lojas e ainda a zona da bilheteira/ bengaleiro. O acesso a este piso pode ser feito através do piso 0 ou então por uma entrada localizada a meio da rampa que dá acesso ao piso 1.

Quanto ao piso 1, este é composto por quatro salas separadas, mas flexíveis e que podem recolher, transformando-se num espaço amplo e aberto, permitindo uma maior adaptação às exigências do que se pretender ali realizar nos diferentes momentos. Além disso tem também um espaço amplo, para ser utilizado para exposições. Através deste espaço é possível aceder às instalações sanitárias, ao elevador e a uma divisão para arrumos.

O piso 2, com uma grande área livre e ampla, está reservado a espetáculos, desde concertos, pequenas peças de teatro, performances artísticas, desfiles de moda, entre muitos outros. Como apoio a este espaço, está previsto um pequeno bar a oeste e o backstage no lado contrário. Tem ainda, conforme exigido, as instalações sanitárias e o acesso para o elevador, ao qual se acrescentou ainda um espaço para arrumos. Além disso, este piso tem uma particularidade, possui algumas paredes amovíveis, que através de um mecanismo, conseguem percorrer as calhas existentes no chão e no teto e assim dividir o espaço em espaços mais pequenos ou até mesmo criar efeitos interessantes para um espetáculo em particular.

5.2.3. Questões formais e estéticas

Quando se observa a Garagem de São João o elemento mais significativo existente e que conta, em apenas uma imagem, parte da história deste espaço é definitivamente o mapa da península ibérica patente na fachada principal (Fig.195). Assim, não faria outro sentido, senão, recuperá-lo e voltar a iluminar, como outrora, os pontos existentes no mapa que mostram a localização das cidades.

Outro elemento, mas neste caso estrutural, existente neste edifício e que faz deste um espaço particular são as rampas de acesso aos pisos e que permite a circulação por todo o edifício (Fig. 196). Quando se conhece e circula pelo espaço interior percebe-se, desde logo, a imponência destas rampas. Pese embora o comprimento significativo até chegar ao piso superior do edifício, quando se faz esse percurso a sensação que se tem não é de cansaço, pois talvez devido à sua largura, inclinação e à paisagem envolvente, que é possível desfrutar a partir desta, o percurso torna-se agradável e convidativo. Este elemento foi aquele, ao entrar no espaço, se compreendeu, desde logo, que teria de se manter. No entanto, deveria existir outro acesso alternativo para pessoas de mobilidade reduzida, uma vez que as rampas não têm as condições exigidas para este tipo de situações. Contudo, tal não foi de todo um entrave ou motivo para destruir as rampas de acesso e que criam uma ligação agradável entre todos os pisos.



Fig. 78 Mapa nas fachadas principais



Fig. 79 Rampa de acesso, vista do piso superior

5.2.4. Soluções técnicas

No se refere às alterações técnicas necessárias para esta proposta de reabilitação, os pontos principais a intervir são as condições térmicas e acústicas, assim como as caixilharias e os vidros, e a cobertura que se encontra em muito mau estado.

5.2.4.1. Estrutura

Em termos estruturais e tendo em conta que o edifício em causa foi projetado e construído para suportar cargas próprias da sua função como oficina de automóvel, não existe a necessidade de se criar uma nova estrutura. Esta sólida estrutura será mantida, à exceção da demolição necessária para a construção dos vãos de escadas e da caixa para o elevador.

5.2.4.2. Paredes exteriores

As principais alterações que este edifício exige, são ao nível do isolamento térmico, de modo a cumprir o RCCTE. Encontrando-se as suas alvenarias de pedra unicamente rebocadas e estucadas sem qualquer isolante térmico, isto faz com que o edifício não tenha as condições indicadas de conforto.

Deste modo, será necessário recorrer à aplicação de isolamento térmico. Sempre que possível, este reforço deverá ocorrer pelo exterior, uma vez que traz um maior número de benefícios. No entanto, esta solução implica o isolamento de toda a fachada, o que altera o aspeto exterior do edifício, traz dificuldades de execução de remates, acarreta em geral custos mais elevados, entre outros fatores negativos. Então, neste caso em particular, a melhor opção é o isolamento interior, feito através de uma calha metálica, onde se coloca o isolamento, neste caso, seria poliestireno extrudido tipo “WALLMATE”, seguido de estuque projetado (Fig. 197).

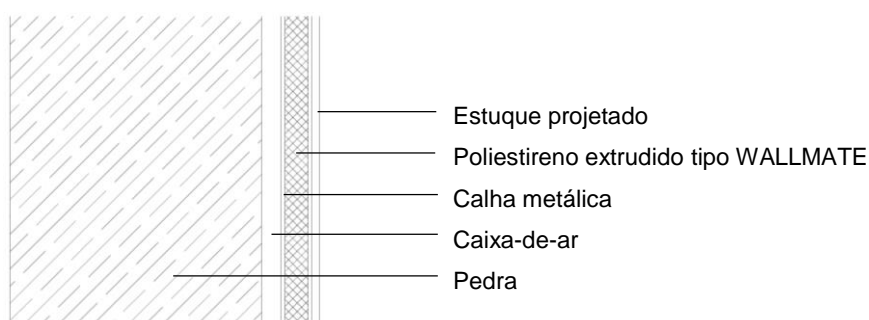


Fig. 80 Parede de alvenaria de pedra

Nas fachadas, as paredes exteriores em alvenaria de pedra serão limpas, tratadas e assegurada a consistência, ao qual se seguirá o tratamento das juntas à cor da pedra e a aplicação de impermeabilizante incolor. A restante fachada, que se encontra em cor creme, será também limpa, tratada e por fim pintada de branco, à exceção da parte onde está o mapa, que será pintado em tons semelhantes à cor da pedra.

5.2.4.3. Cobertura

Ao nível da cobertura, embora a sua estética e composição volumétrica se pretenda manter na maior parte da sua extensão, os seus elementos estruturais, tais como vigas e vigotas ou mesmo as telhas, deverão ser alvo de tratamento, trocando todos os elementos que não se encontrem em condições de desempenhar a sua função em condições de segurança e conforto.

A cobertura é um dos elementos mais importantes e que neste caso terá de ser substituída integralmente – desde os seus elementos estruturais ao revestimento cerâmico - devido ao seu estado avançado de degradação. Assim, a solução de reabilitação mais indicada para o revestimento cerâmico de uma cobertura é a que diminui ou elimina as condensações. Para tal, a intervenção deve incidir na melhoria da ventilação e aplicação ou reforço do isolamento térmico da cobertura. A presença do isolamento térmico e sua correta aplicação é essencial para o sucesso desta solução. (Fig. 198).

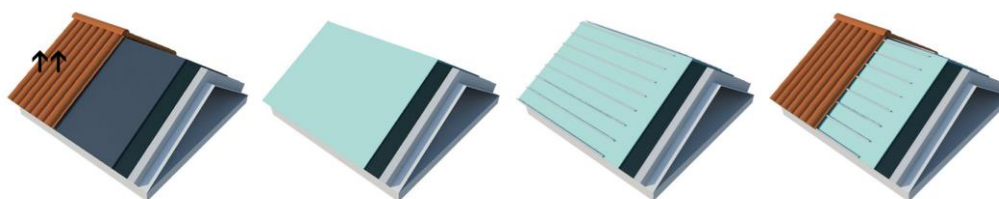


Fig. 81 Recuperação da cobertura

5.2.4.4. Paredes interiores

As paredes interiores que delimitam o espaço dividem-se por diferentes revestimentos e/ou acabamentos. O mais utilizado é o estuque pintado de branco, nomeadamente nas salas de *coworking*, nas áreas de cinema/multimédia no piso 0. Nas salas de *wokshops* no piso 1 e ainda o espaço amplo para espetáculos no piso 2, as paredes são revestidas em placa de gesso laminado, com painel de aglomerado negro de cortiça, de modo a melhorar o isolamento acústico. Nas instalações sanitárias e na cozinha as paredes têm acabamento em mosaico cerâmico, e no caso do piso 2 ainda terão a aplicação de isolamento acústico, devido à localização destas.

Relativamente à estrutura das paredes que serão construídas de raiz, estas serão formadas por tijolo, revestidas por estuque pintado de branco.

5.2.4.5. Paredes amovíveis

Nesta proposta existem ainda paredes amovíveis, o que além de ser uma ótima solução porque permitem um excelente aproveitamento do espaço com maior liberdade, criatividade e flexibilidade; têm também uma grande resistência e um elevado isolamento acústico. As divisórias em questão são as divisórias acústicas nusing premium (Fig. 199), que são práticas e simples de utilizar, sem necessitar de calhas no chão.⁷

⁷ <http://www.eurodivisal.com/html/produtos/divisoriasacusticas/premium.html> (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)



Fig. 82 Colocação de divisórias acústicas nusing premium

5.2.4.6. Teto

Será executado teto em placas de gesso cartonado perfurado, de forma a obter uma melhor absorção em termos acústicos, com placas de aglomerado negro de cortiça pelo interior, nas salas de *workshop*, quer pela questão acústica, quer para diminuir um pouco o pé direito, e ainda no piso 2, por questões acústicas e para facilitar a colocação de paredes amovíveis.

5.2.4.7. Pavimentos

Ao nível dos pavimentos, estes encontram-se num estado razoável, sendo necessário apenas proceder a pequenos reparos existentes e realizar o processo necessário para a aplicação de autonivelante cimentício com acabamento mate, de cores diferentes de acordo com cada piso. Este revestimento possui espessuras reduzidas na aplicação e alta resistência, o que se adequa à proposta em causa. Nas instalações sanitárias e cozinha será aplicado grés cerâmico, por ter uma grande resistência, por ser fácil de limpar e com uma manutenção simples.



Fig. 83 Aplicação de autonivelante cimentício

5.2.4.8. Caixilharias e Vidros

Pelo estado de conservação das caixilharias e vidros e pela insuficiência de isolamento consequente, a solução passa pela substituição de toda a caixilharia e vidros para uma caixilharia em PVC e vidros duplos.

Nesta questão, insere-se as portas da entrada principal para o edifício, que serão também de caixilharia em PVC e em vidro.

5.2.4.9. Energias renováveis

Houve a preocupação em colocar painéis solares, neste caso painéis fotovoltaicos, na zona da cobertura virada a sul, para que seja possível converter a energia solar em energia elétrica e assim diminuir os gastos energéticos que vão existir no edifício.

5.3. Proposta de Reabilitação da Garagem de São João

5.3.1. Levantamento do edifício existente

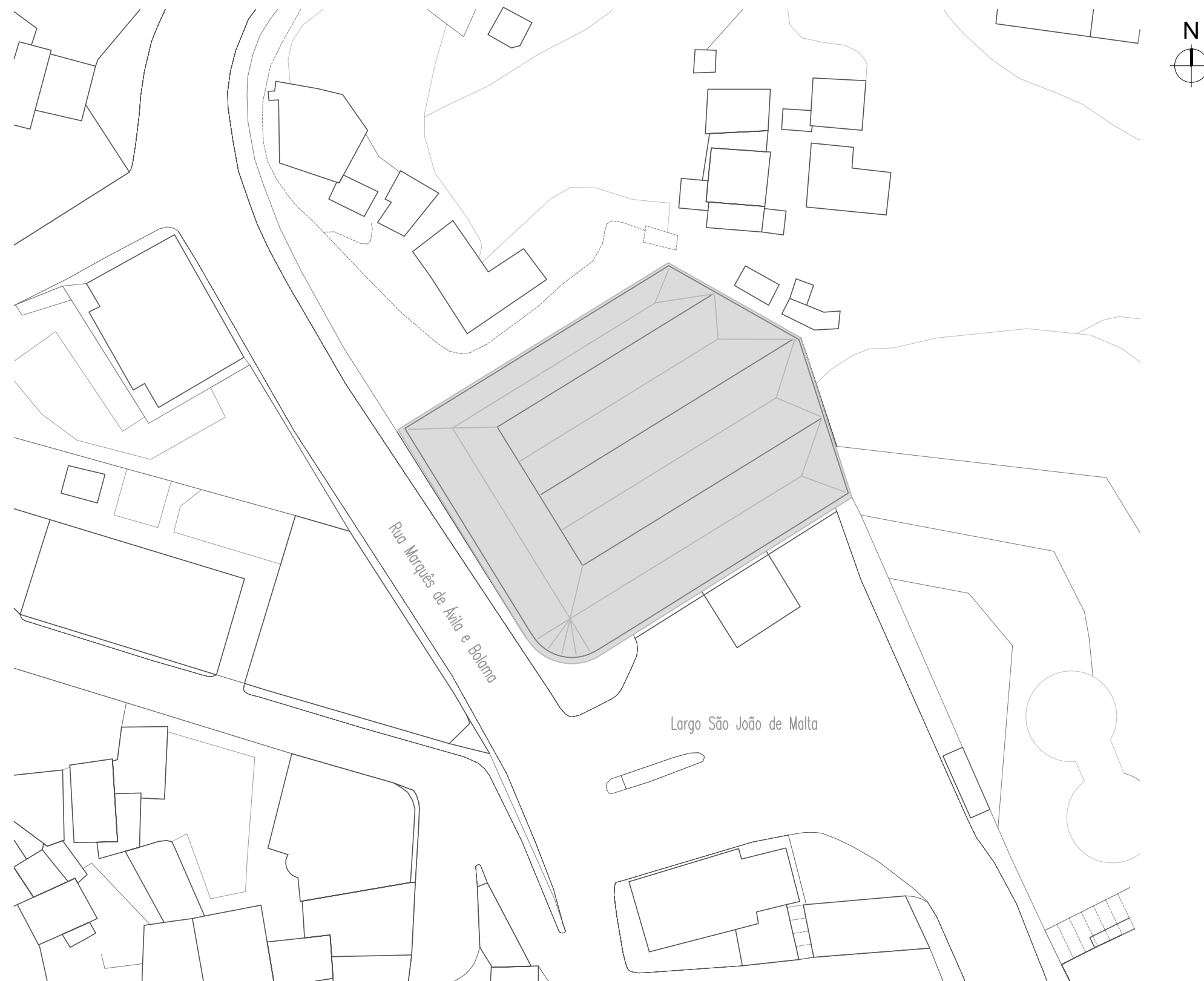
5.3.1.1. Planta de Implantação/ Localização (desenho 1).....	110
5.3.1.2. Plantas Piso (desenhos 2, 3,4,5,6,7)	111-116
5.3.1.3. Alçados (desenhos 8,9,10)	117-119
5.3.1.4. Cortes (desenhos 11 e 12)	120 e 121


5.3.2. Adequação da edificação à utilização pretendida (Alterações)

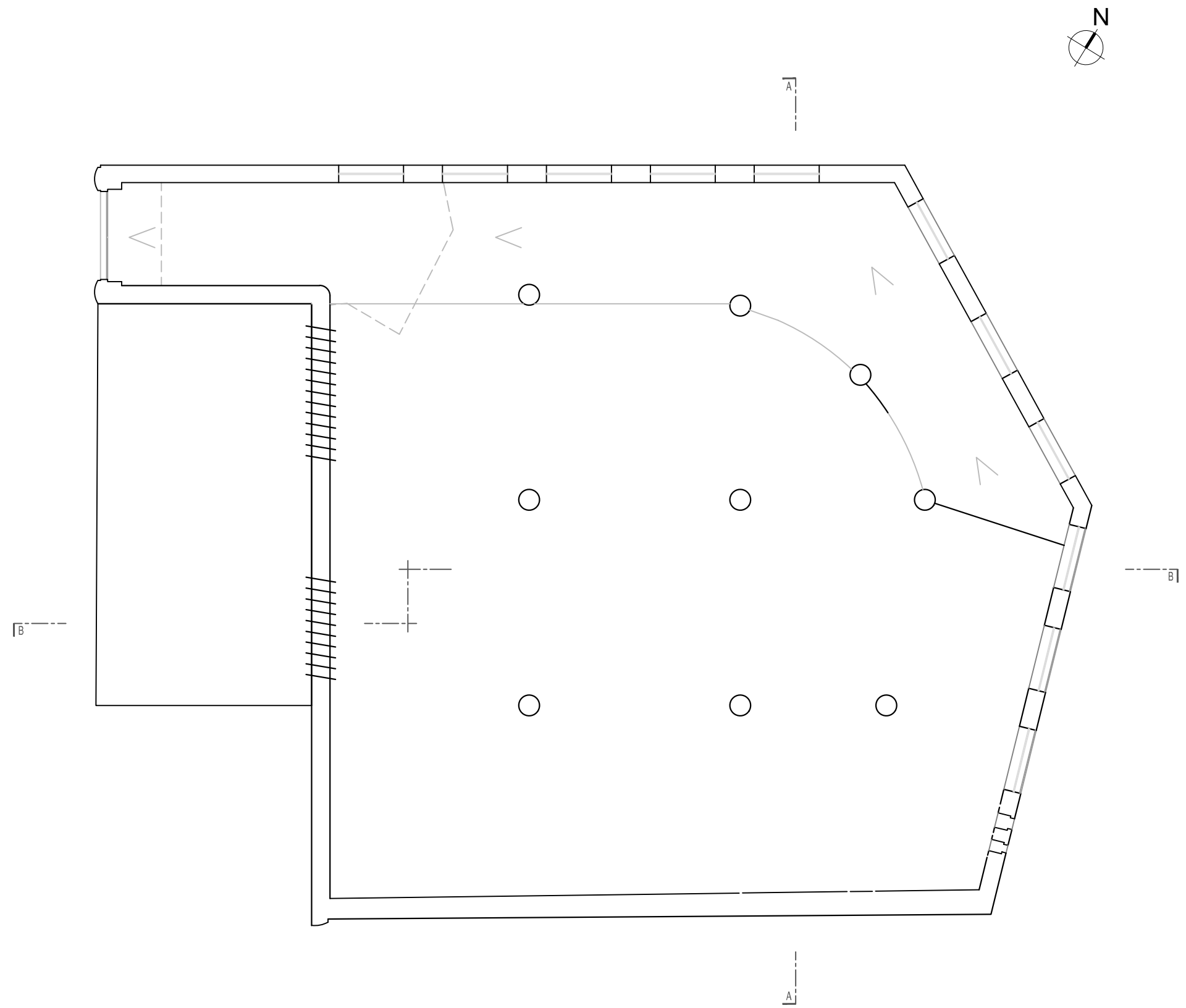
5.3.2.1. Plantas Piso (desenhos 13,14,15,16)	122-125
5.3.2.2. Alçados (desenhos 17 e 18)	126 e 127


5.3.3. Proposta de reabilitação

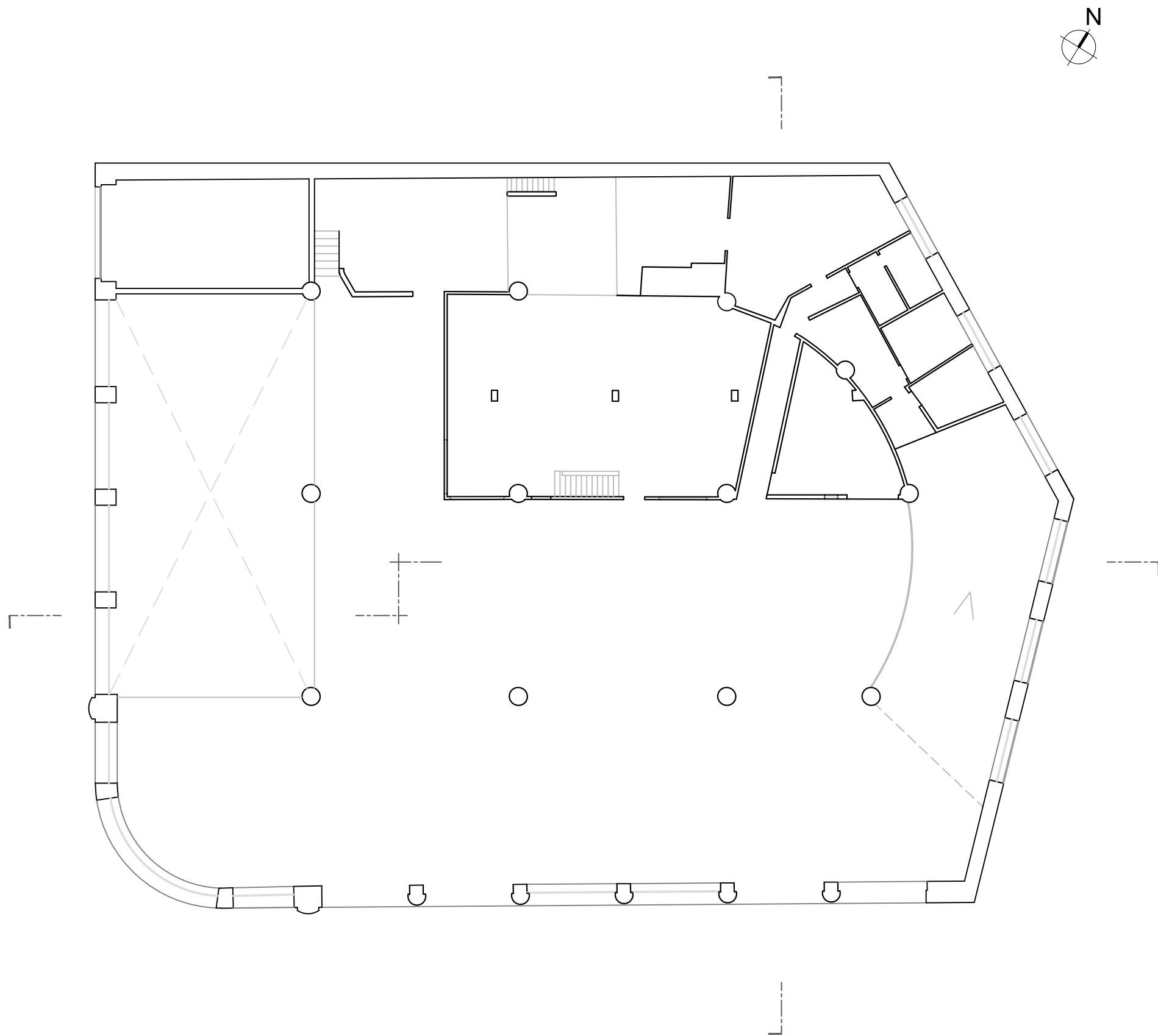
5.3.3.1. Plantas Piso (desenhos 19,20,21,22,23,24,25)	128-134
5.3.3.2. Alçados (desenhos 26,27,28)	135-137
5.3.3.3. Cortes (29,30)	138 e 139




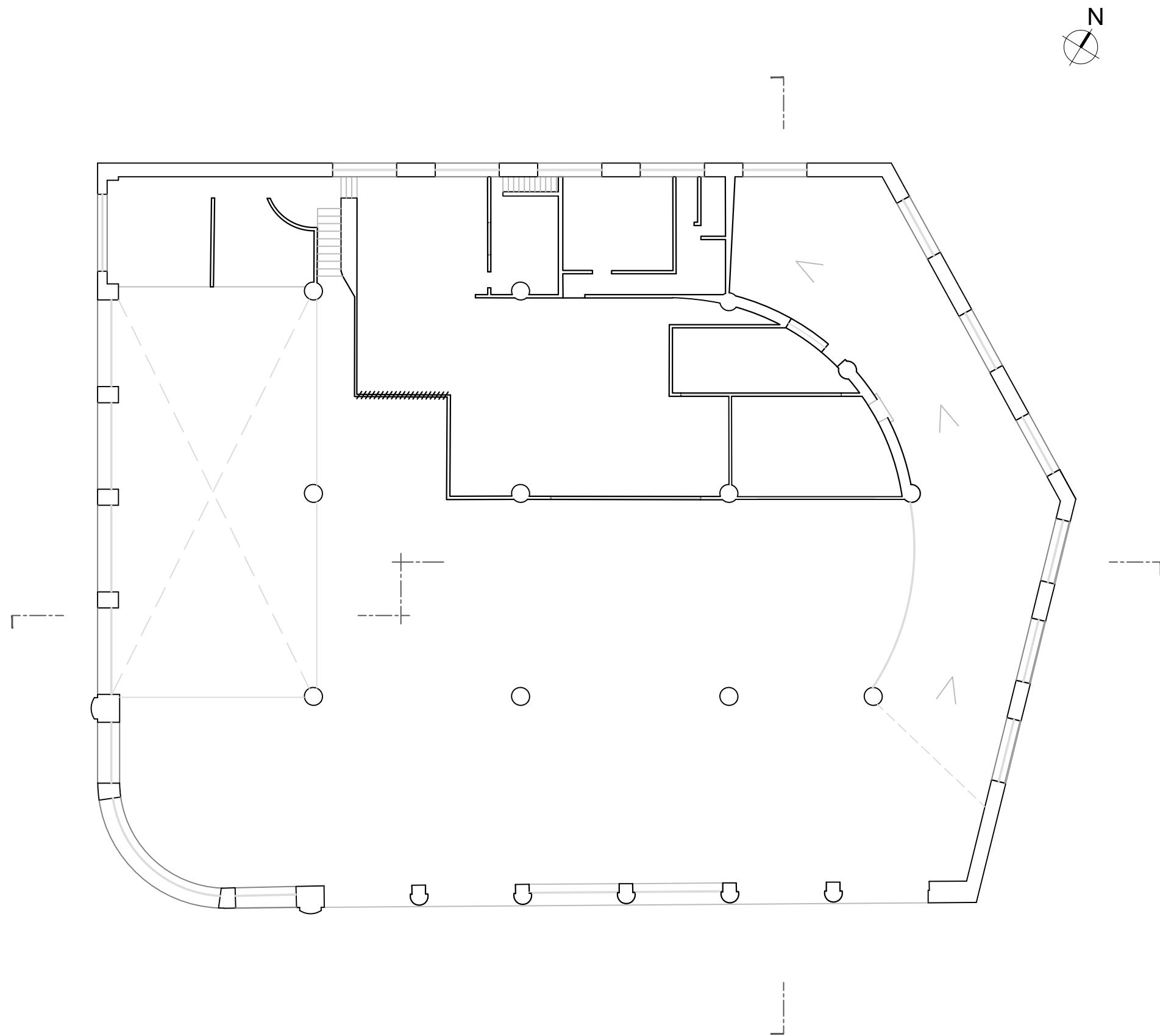
		Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã	
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DE IMPLANTAÇÃO (existente)		Desenho N° 1
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/500




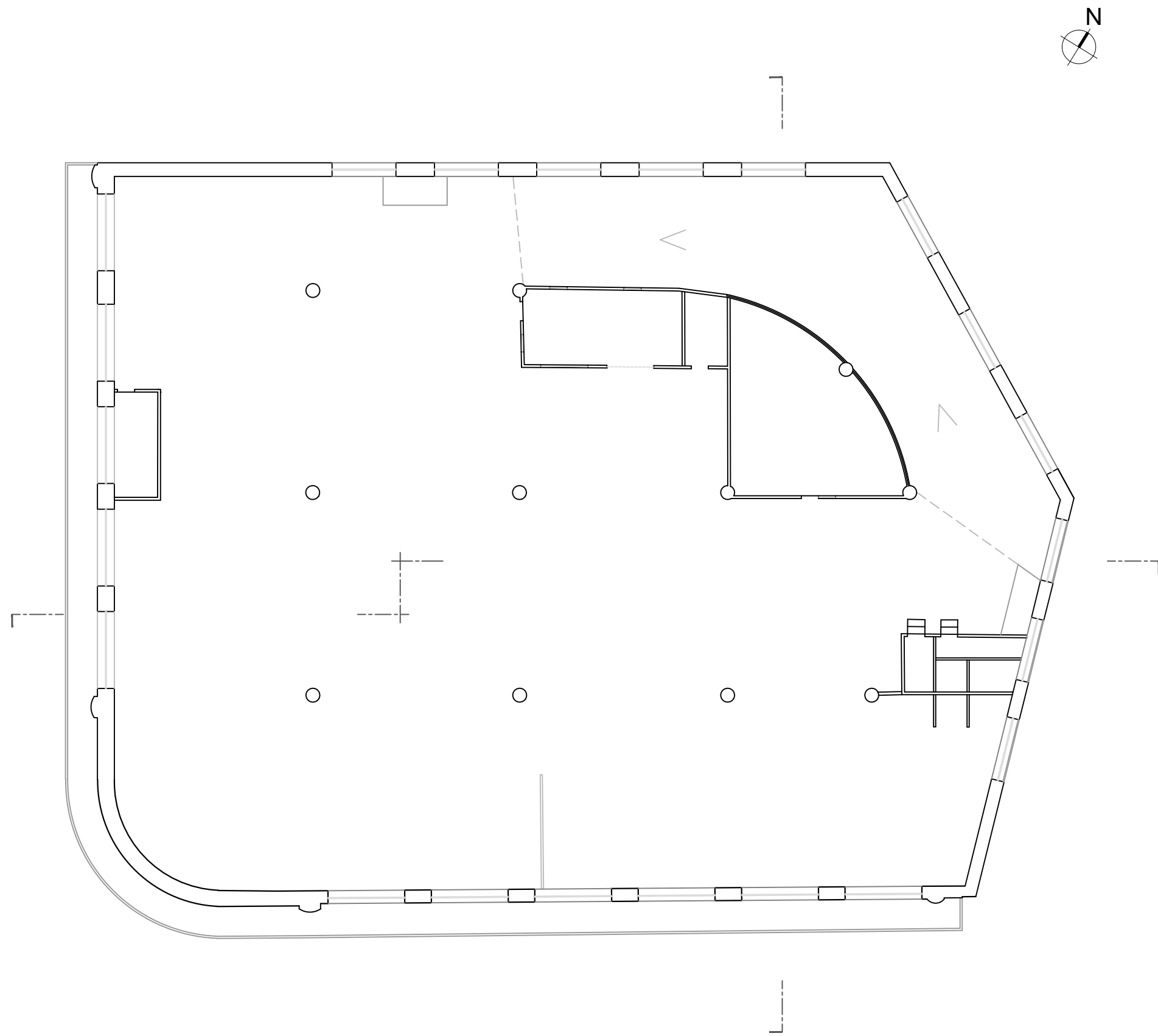
 Universidade da Beira Interior		Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã	
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO -1 (existente) COTA 634.42		Desenho N° 2
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




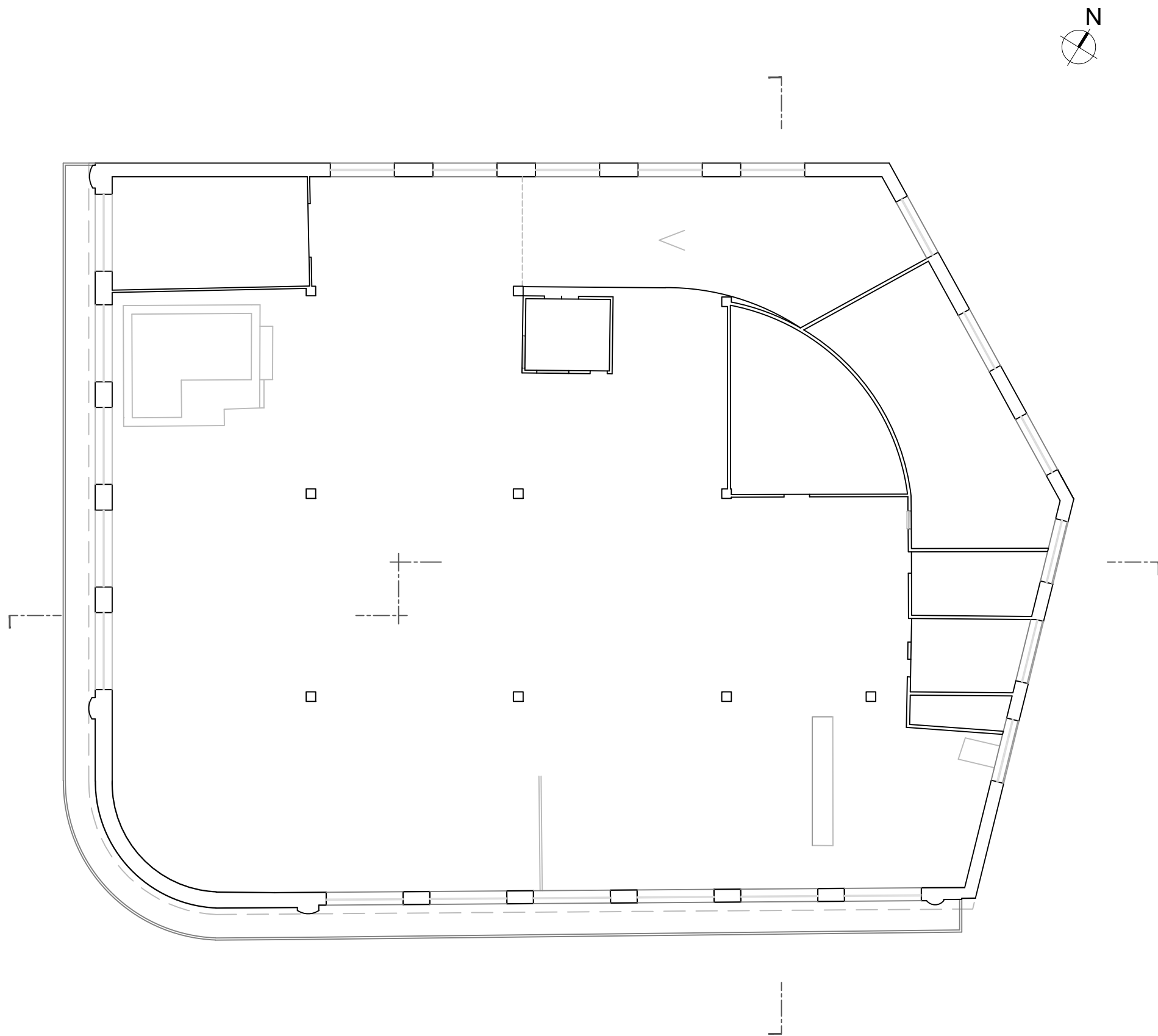
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 0 (existente)		3
	COTA 639.48		
Nº aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




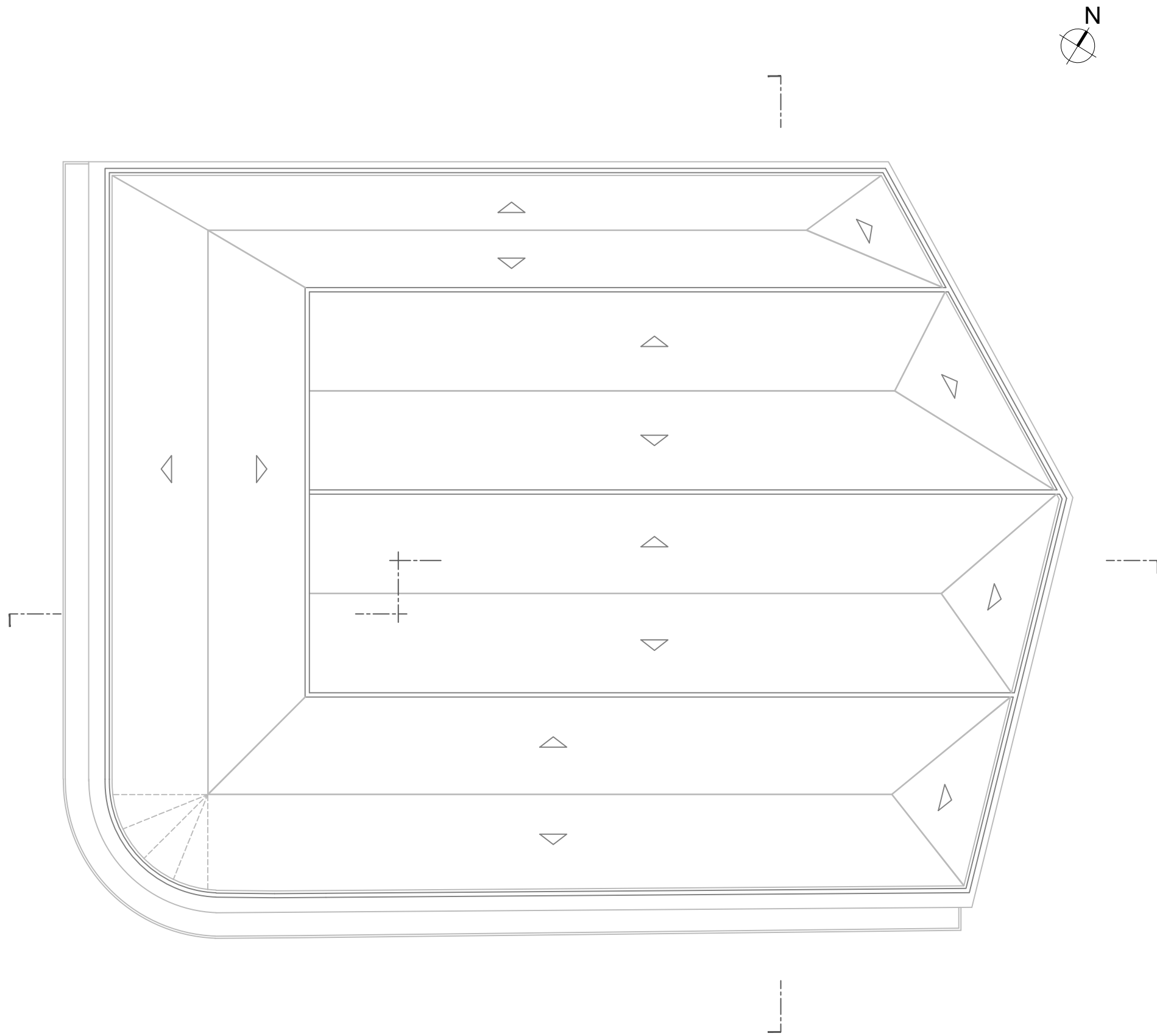
 Universidade da Beira Interior		Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã	
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO SOBRELOJA (existente) COTA 641.13		Desenho N° 4
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




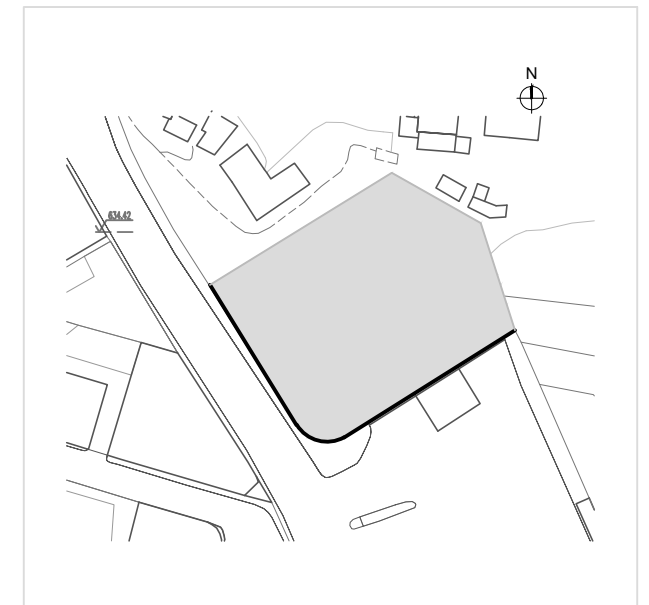
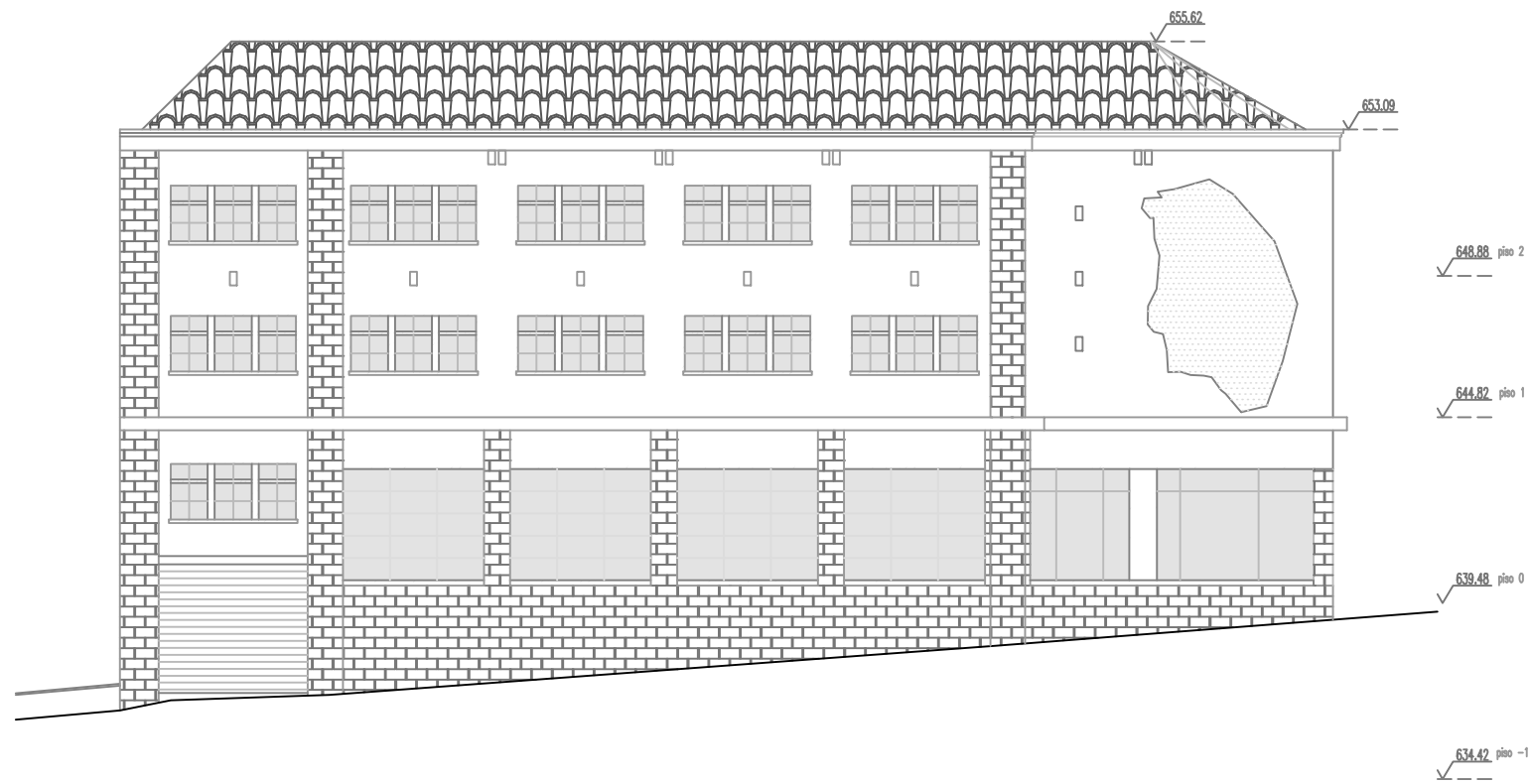
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 1 (existente) COTA 644.82		Desenho N° 5
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




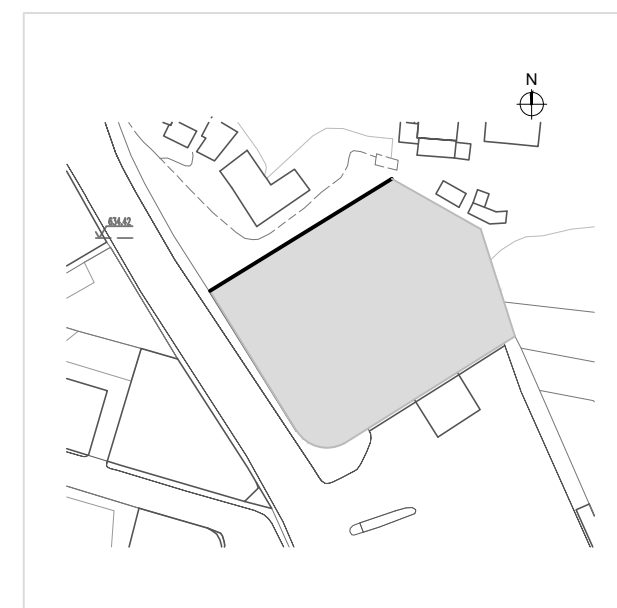
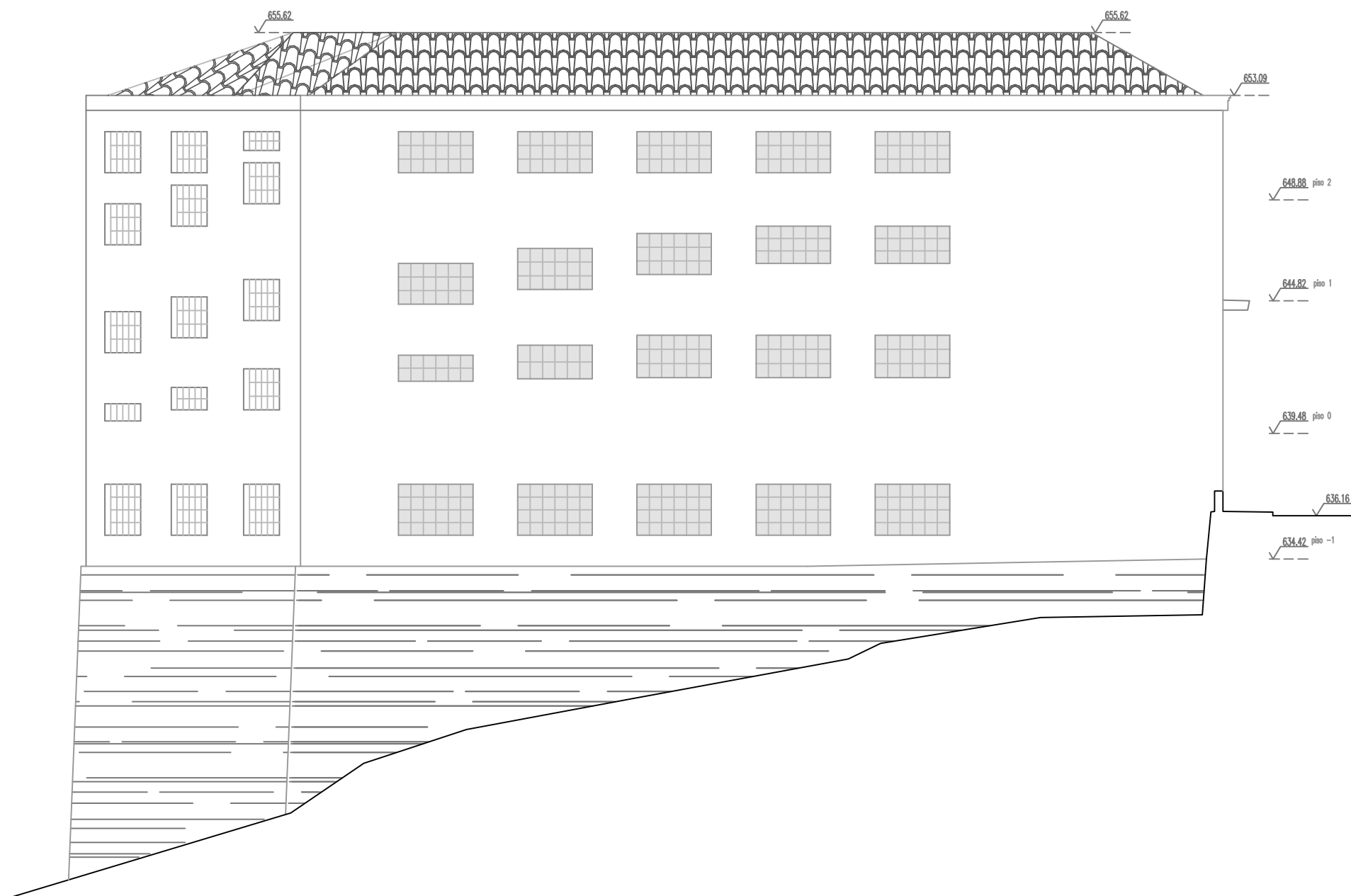
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 2 (existente) COTA 648.88		Desenho N° 6
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




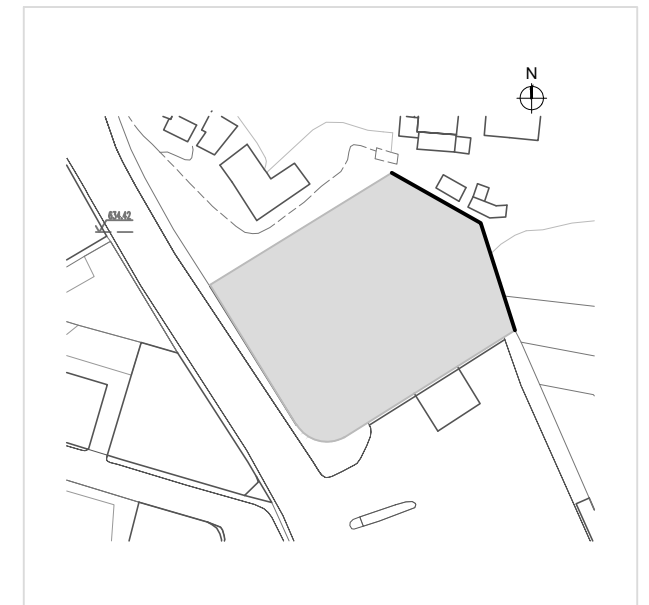
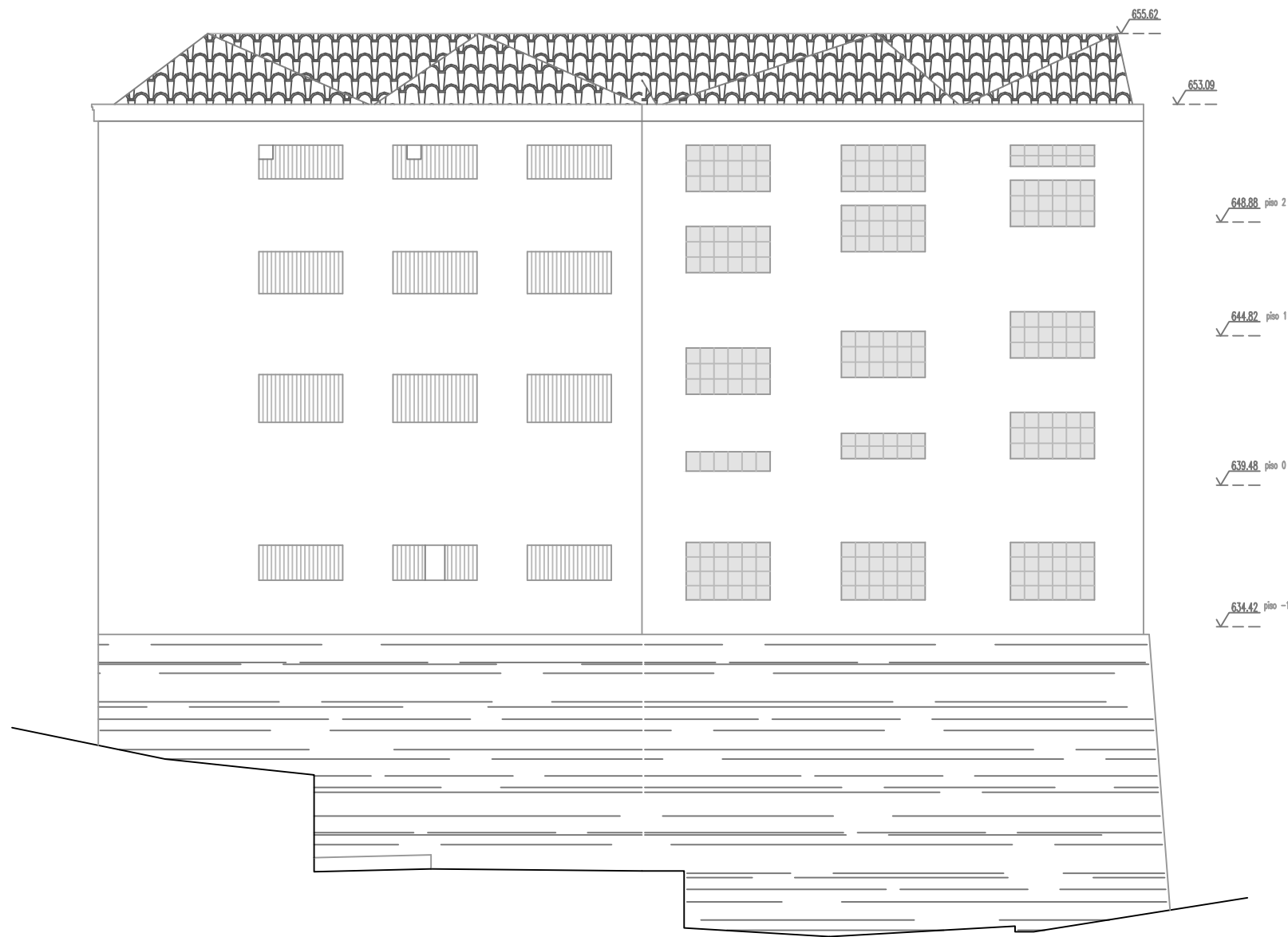
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DE COBERTURA (existente)		Desenho N° 7
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




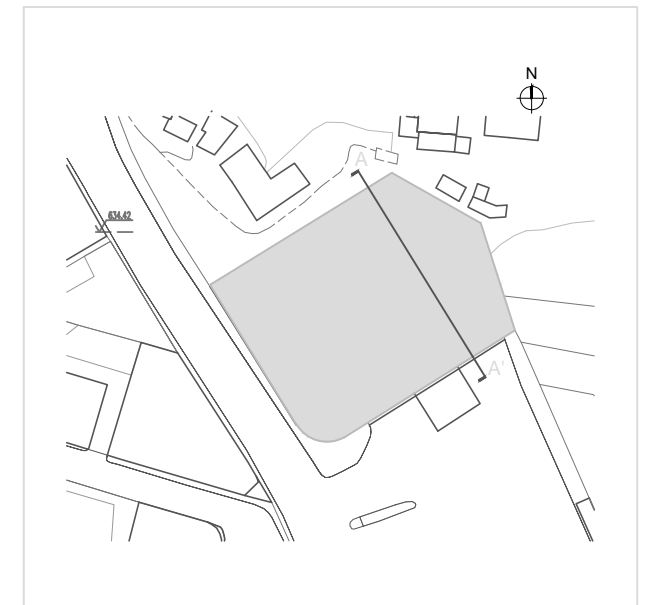
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã		
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local Covilhã
Objeto	ALÇADO SUDESTE E SUDOESTE(existente)	
		Desenho N° 8
N° aluno 22956	Nome Tânia Silvina Rios	Data Outubro 2014
		Escala 1/200




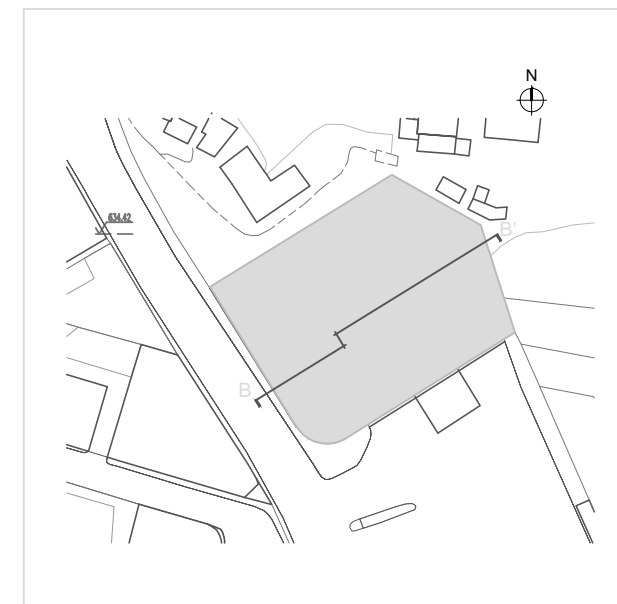
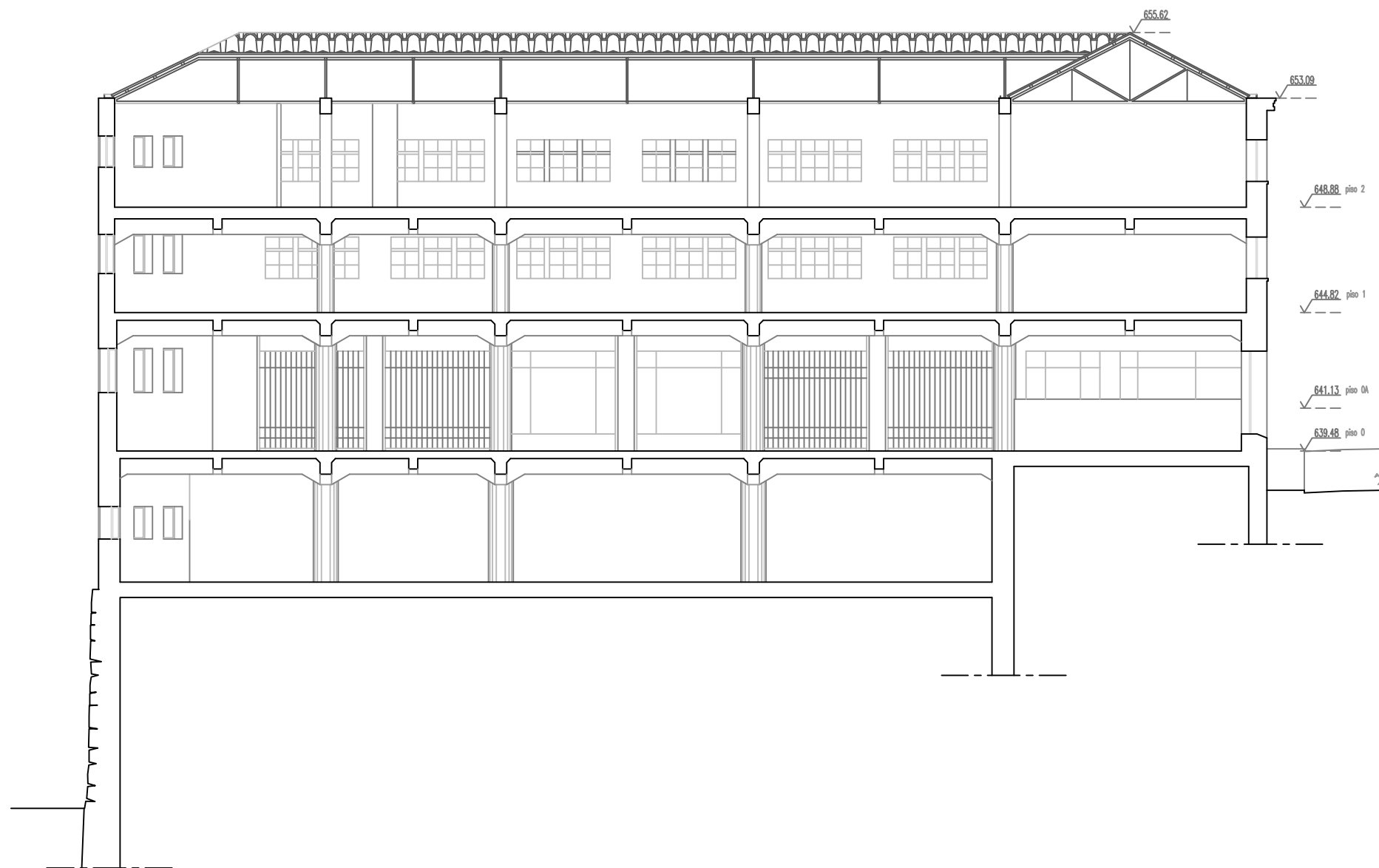
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã		
Proposta Reabilitação Garagem de São João	Local Covilhã	Desenho N.º 9
Objeto ALÇADO NOROESTE (existente)		
N.º aluno 22956	Nome Tânia Silvina Rios	Data Outubro 2014
		Escala 1/200




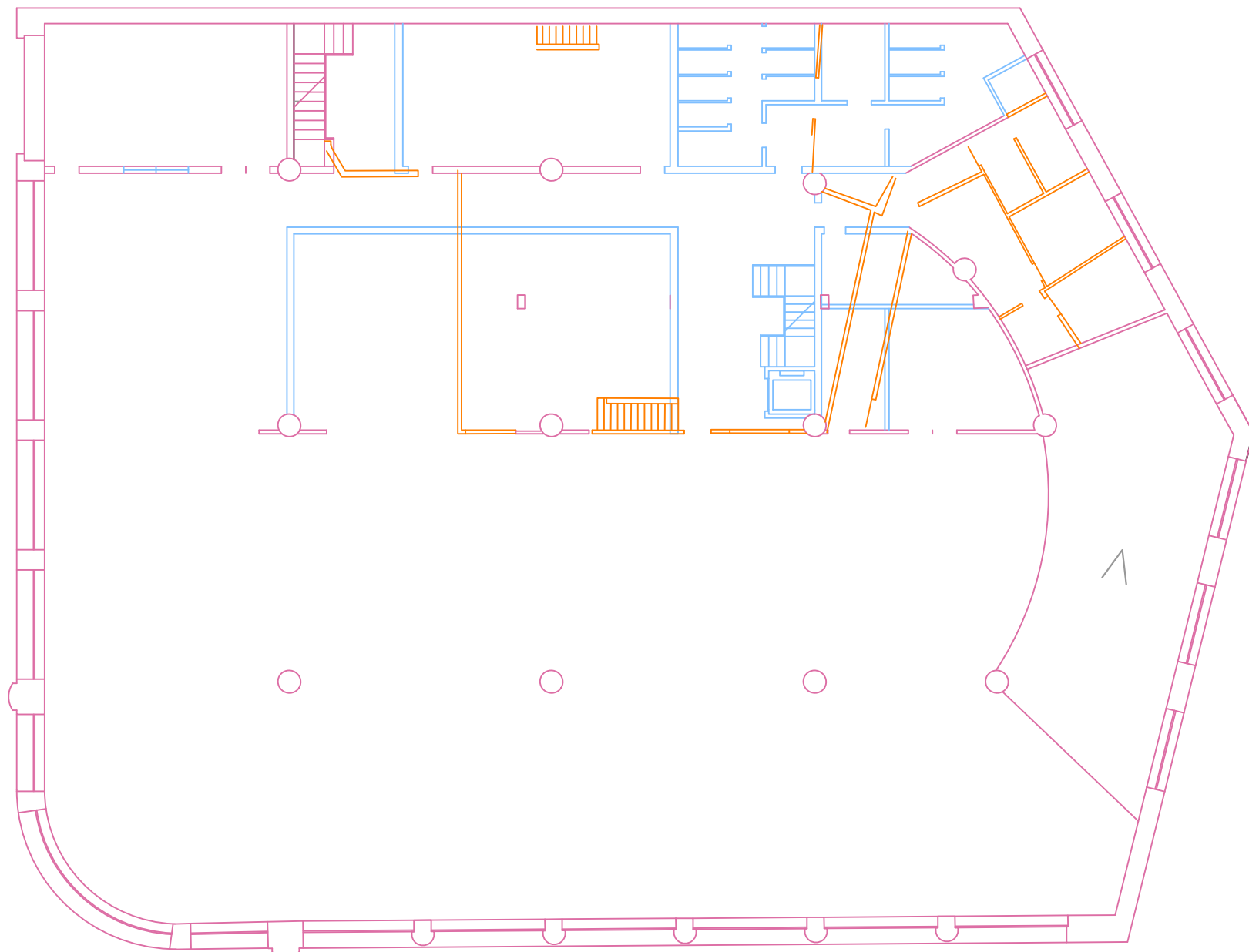
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	ALÇADO NORDESTE (existente)		Desenho N°
			10
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200



 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	CORTE TRANSVERSAL AA' (existente)		Desenho N° 11
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




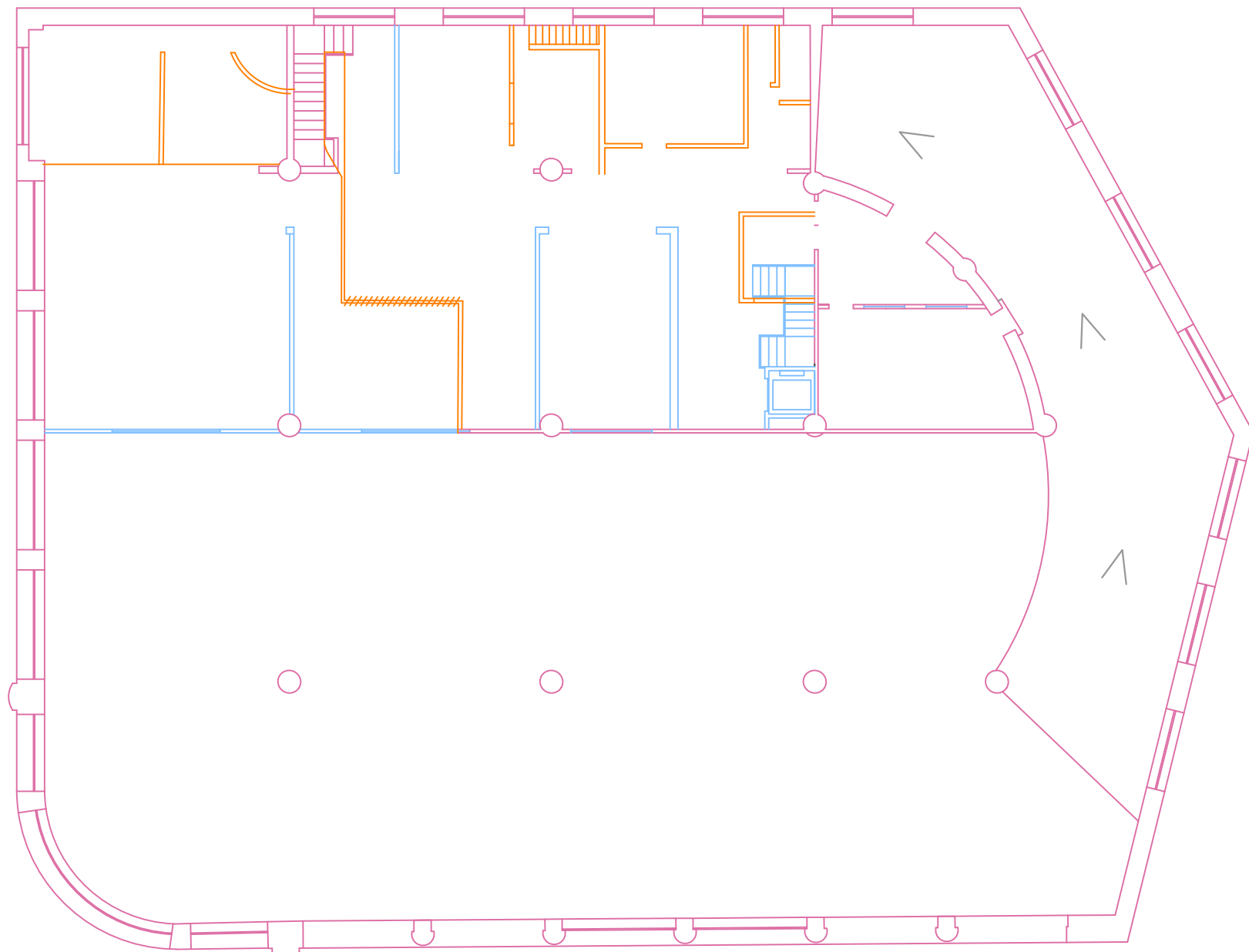
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	CORTE TRANSVERSAL BB' (existente)		Desenho N°
			12
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200



LEGENDA

● Derrubar ● Manter ● Construir

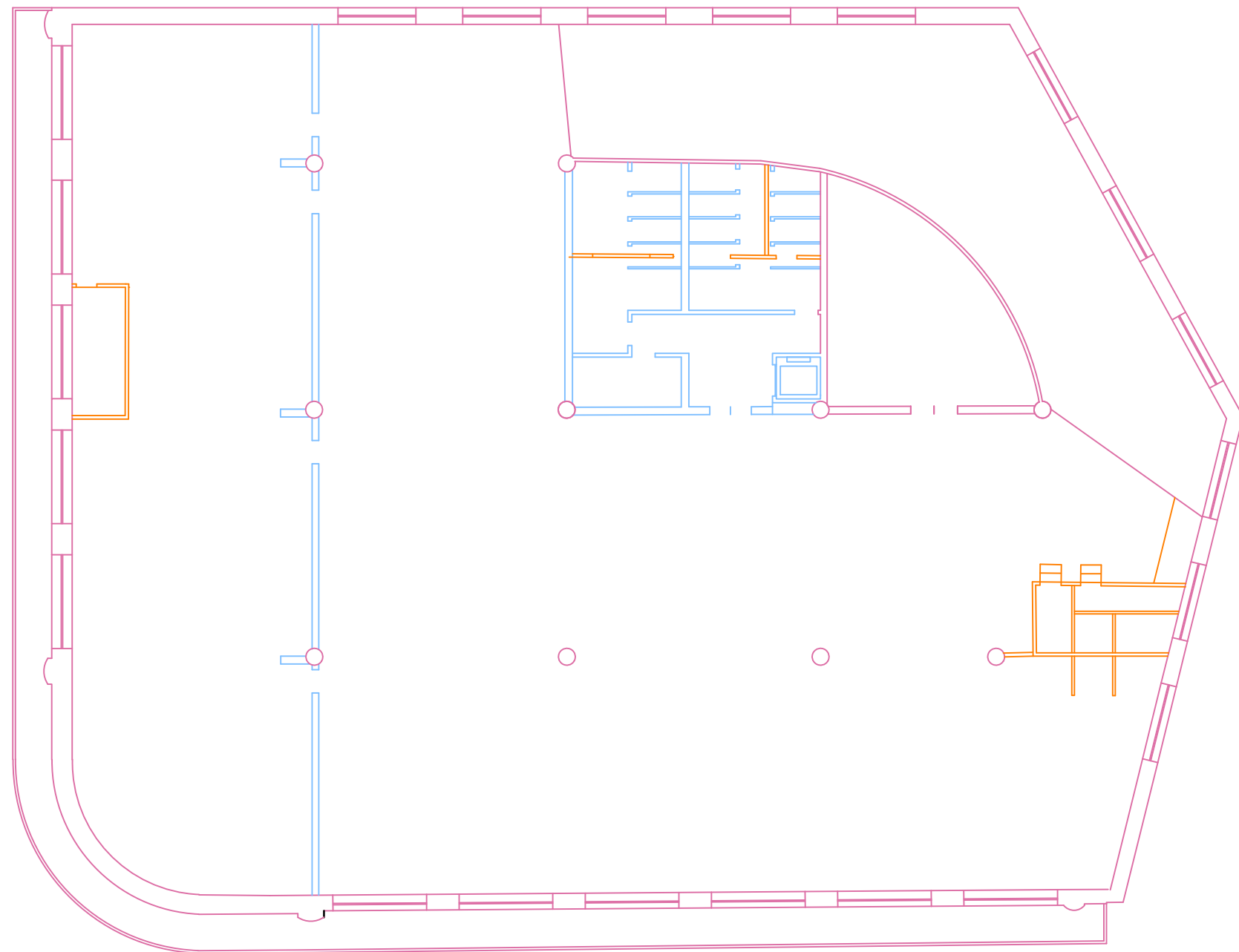
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 0 (alterações)		Desenho N° 13
	COTA 634.42		
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200



LEGENDA


● Derrubar
 ● Manter
 ● Construir

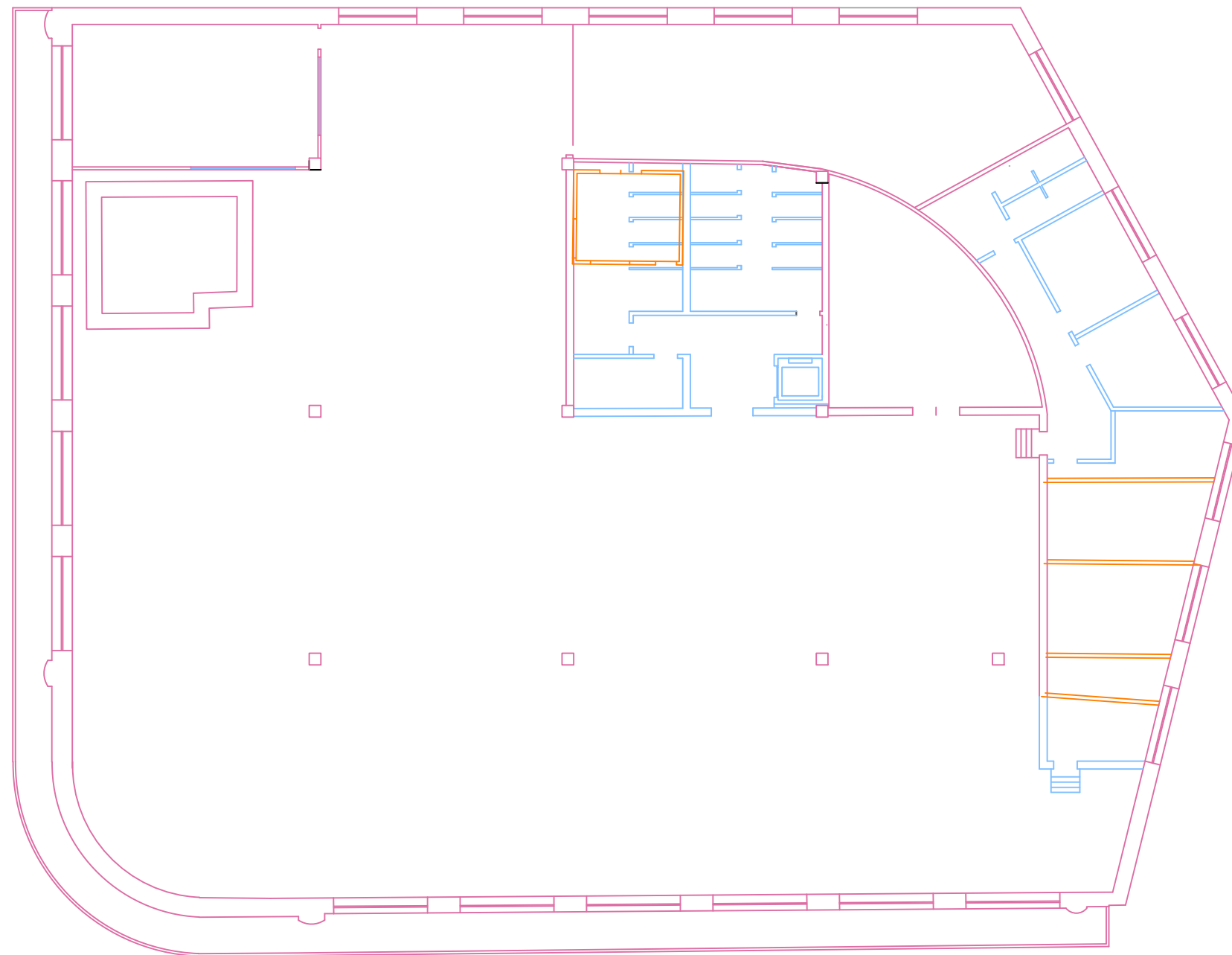
Universidade da Beira Interior	
Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã	
Proposta	Local
Reabilitação Garagem de São João	Covilhã
Objeto	Desenho Nº
PLANTA DO PISO SOBRELOJA (alterações) COTA 634.42	14
Nº aluno	Nome
22956	Tânia Silvina Rios
Data	Escala
Outubro 2014	1/200



LEGENDA


● Derrubar
 ● Manter
 ● Construir

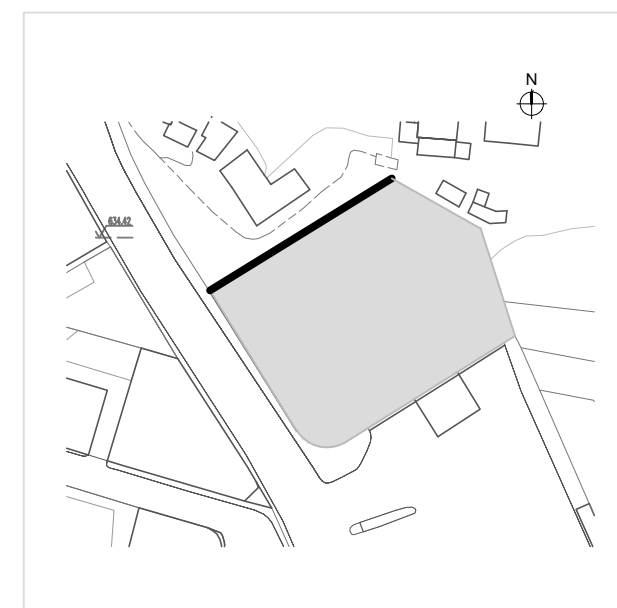
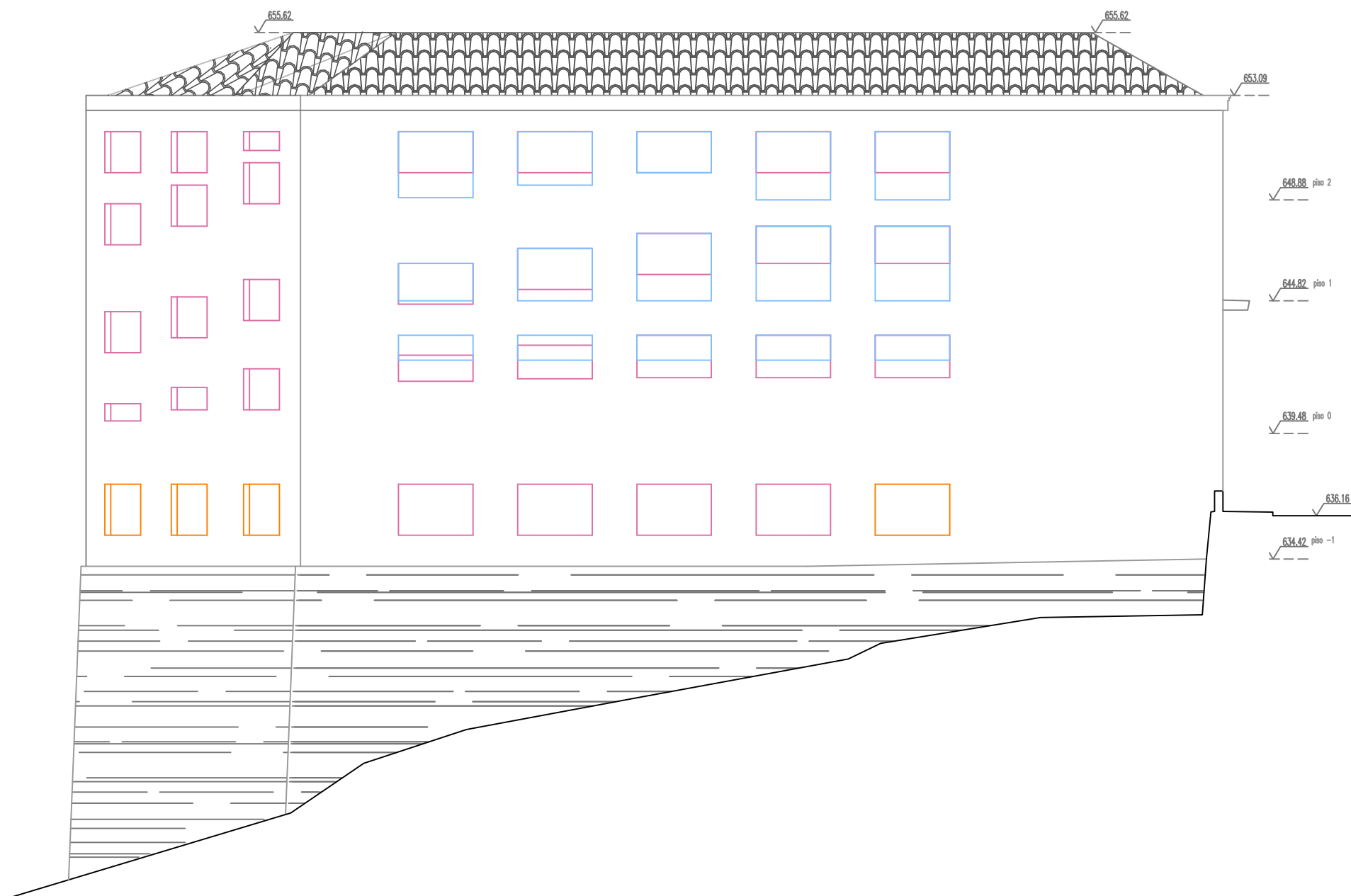
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Local	Desenho N°	
Reabilitação Garagem de São João	Covilhã	15	
Objeto			
PLANTA DO PISO 1 (alterações)			
COTA 634.42			
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200



LEGENDA

● Derrubar ● Manter ● Construir

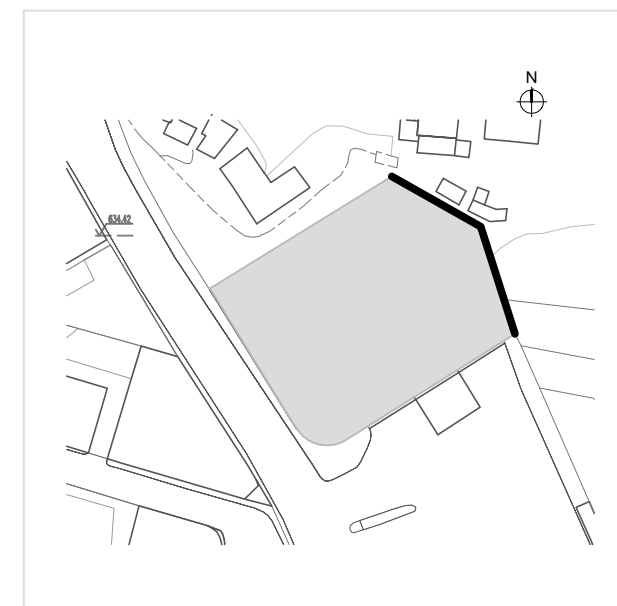
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 2 (alterações) COTA 634.42		Desenho N° 16
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200



LEGENDA

- Derrubar
- Manter
- Construir

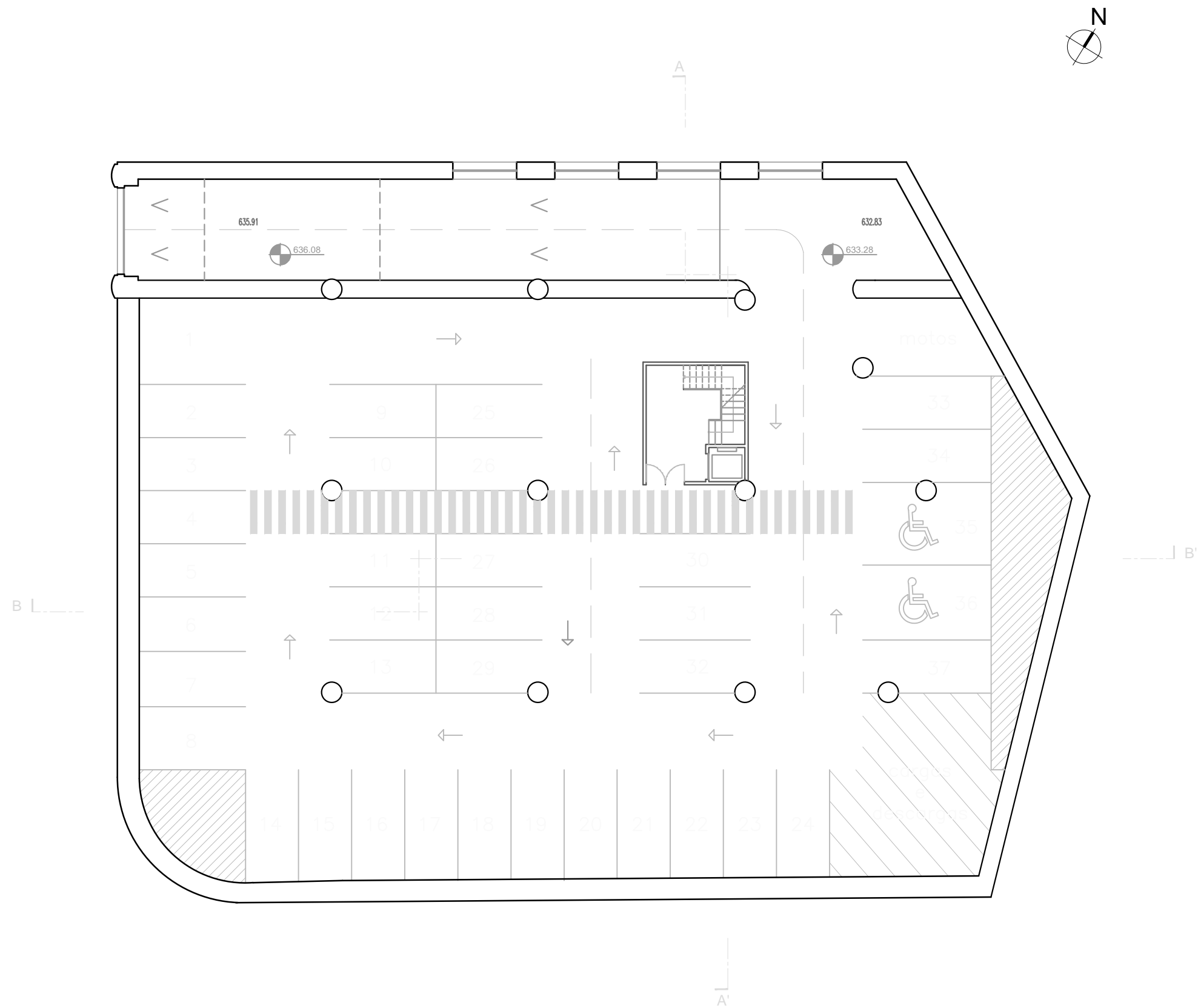
Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã		
Proposta	Local	Desenho N°
Reabilitação Garagem de São João	Covilhã	17
Objeto		
ALÇADO NOROESTE (alterações)		
N° aluno	Nome	Data
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014
		Escala
		1/200




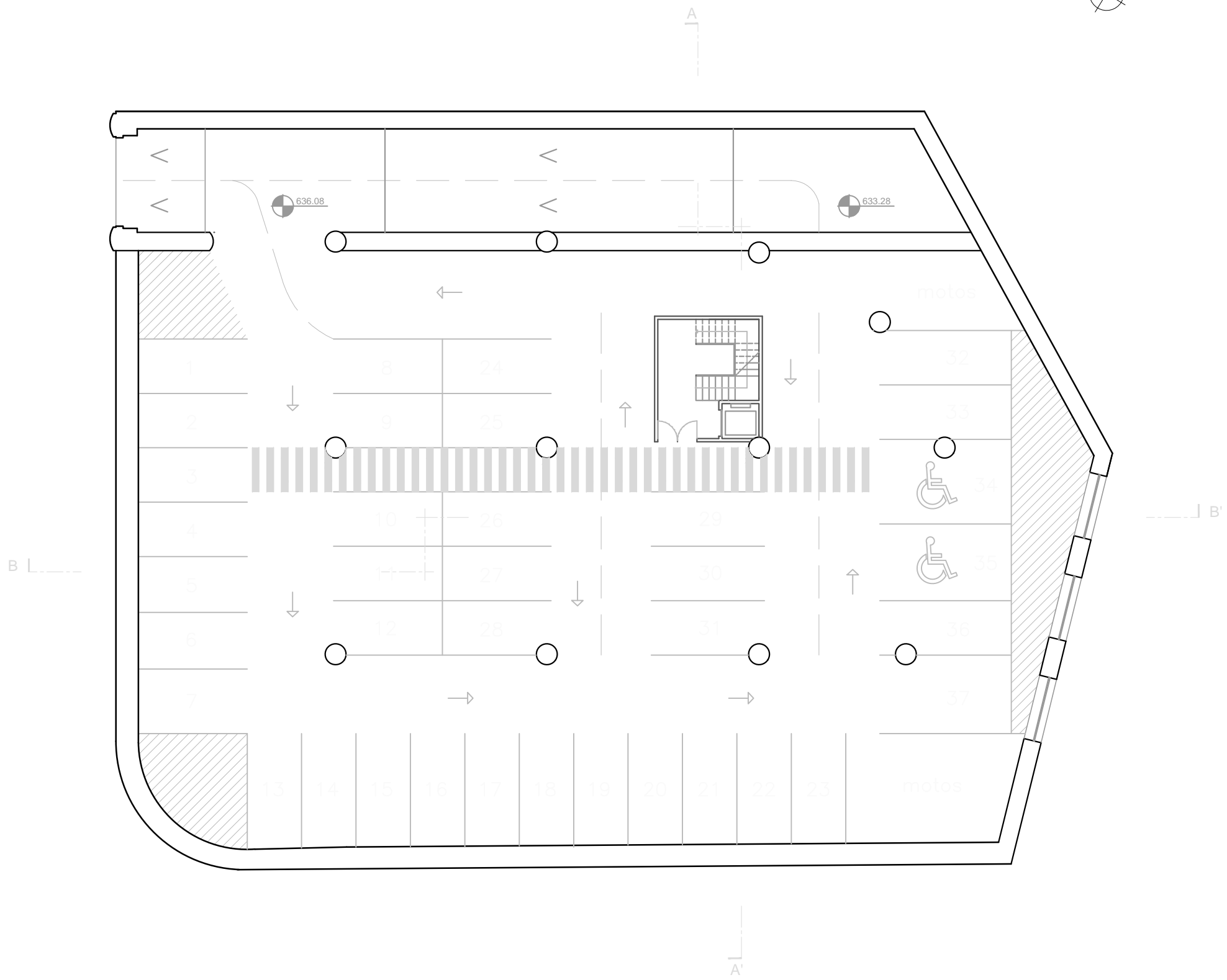
LEGENDA


- Derrubar
- Manter
- Construir

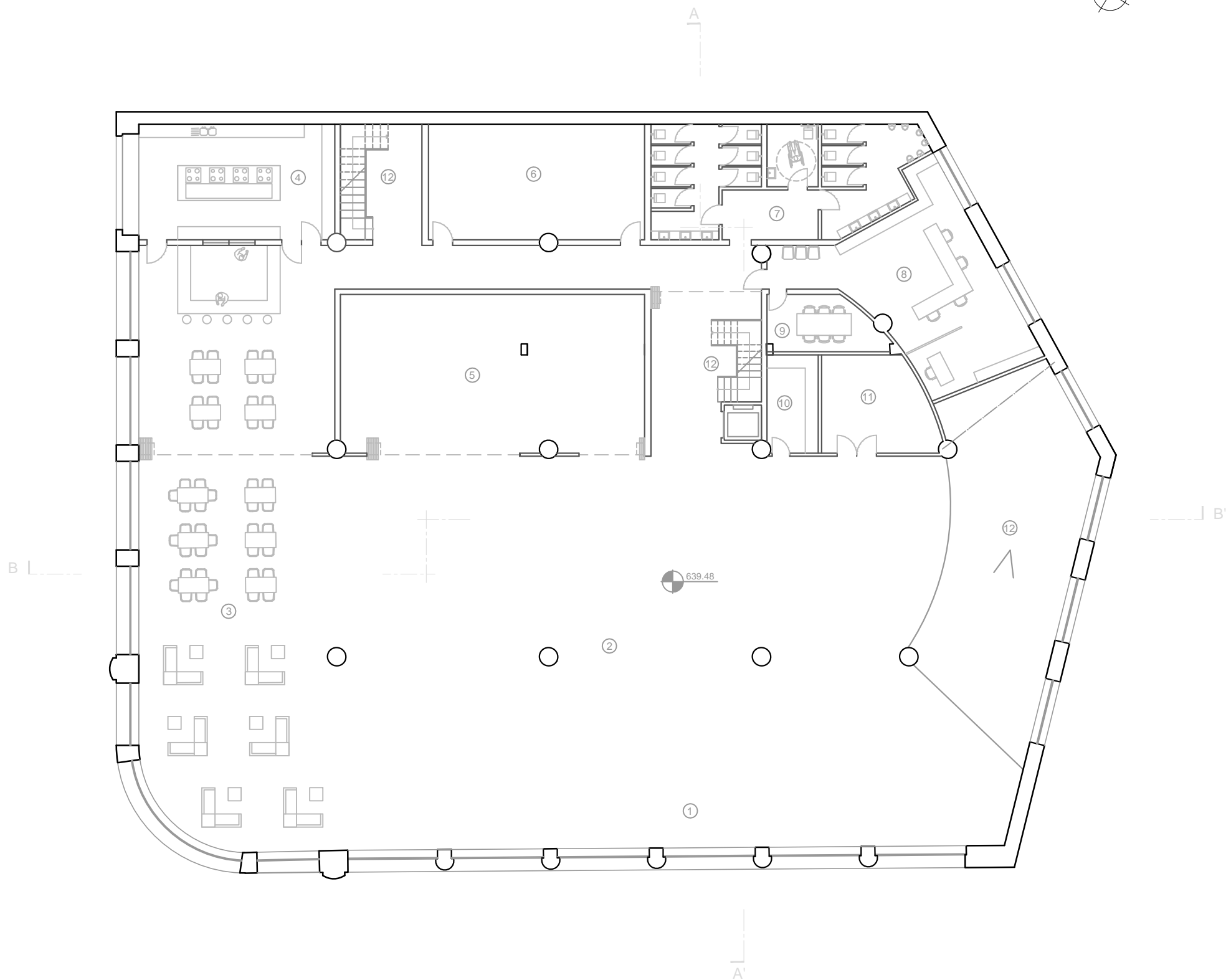
Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã		
Proposta Reabilitação Garagem de São João	Local Covilhã	Desenho N° 18
Objeto ALÇADO NORDESTE (alterações)		
N° aluno 22956	Nome Tânia Silvina Rios	Data Outubro 2014
		Escala 1/200



 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO -2 COTA 634.42		Desenho N° 19
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200

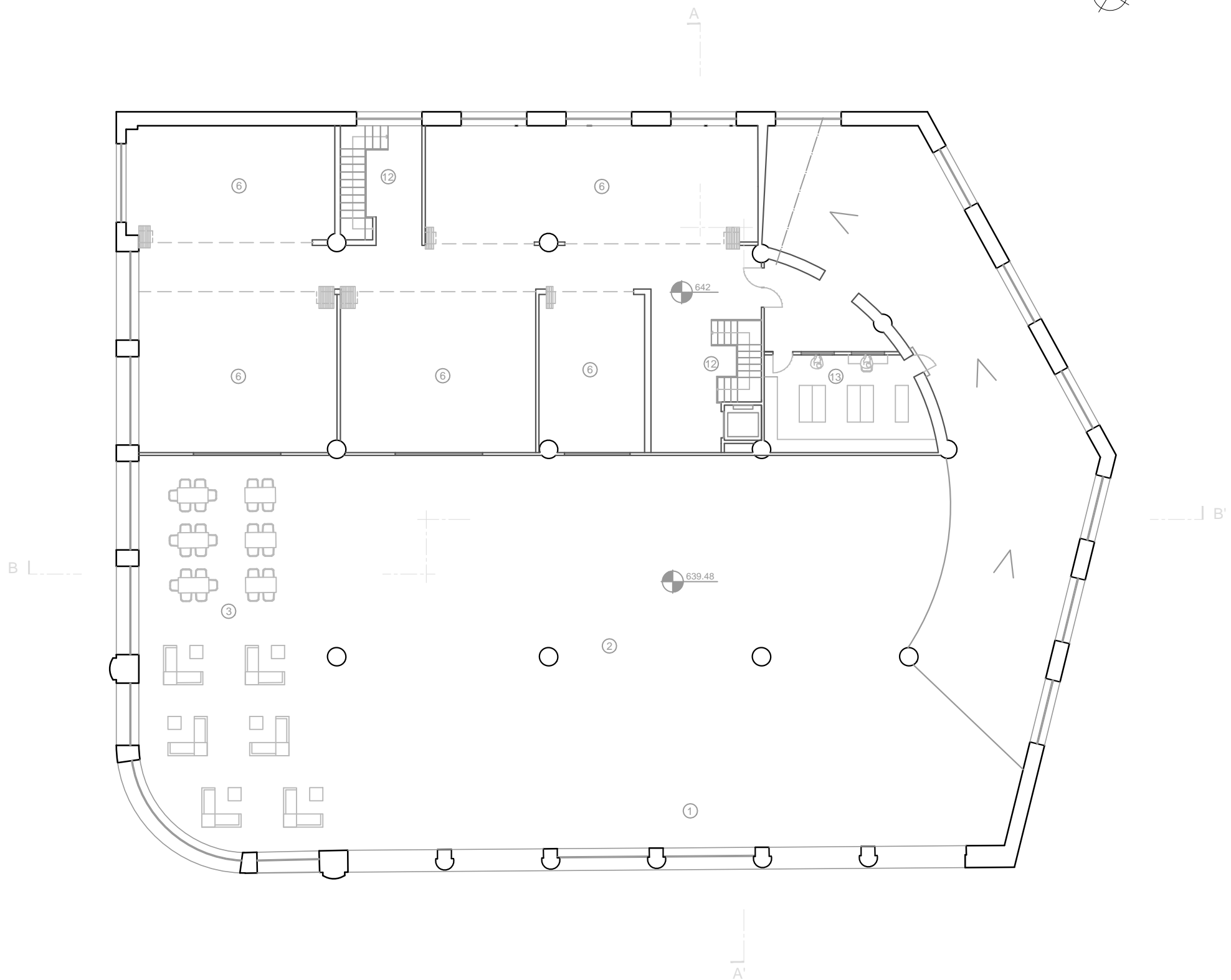


 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO -1 COTA 634.42		Desenho Nº
			20
Nº aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200



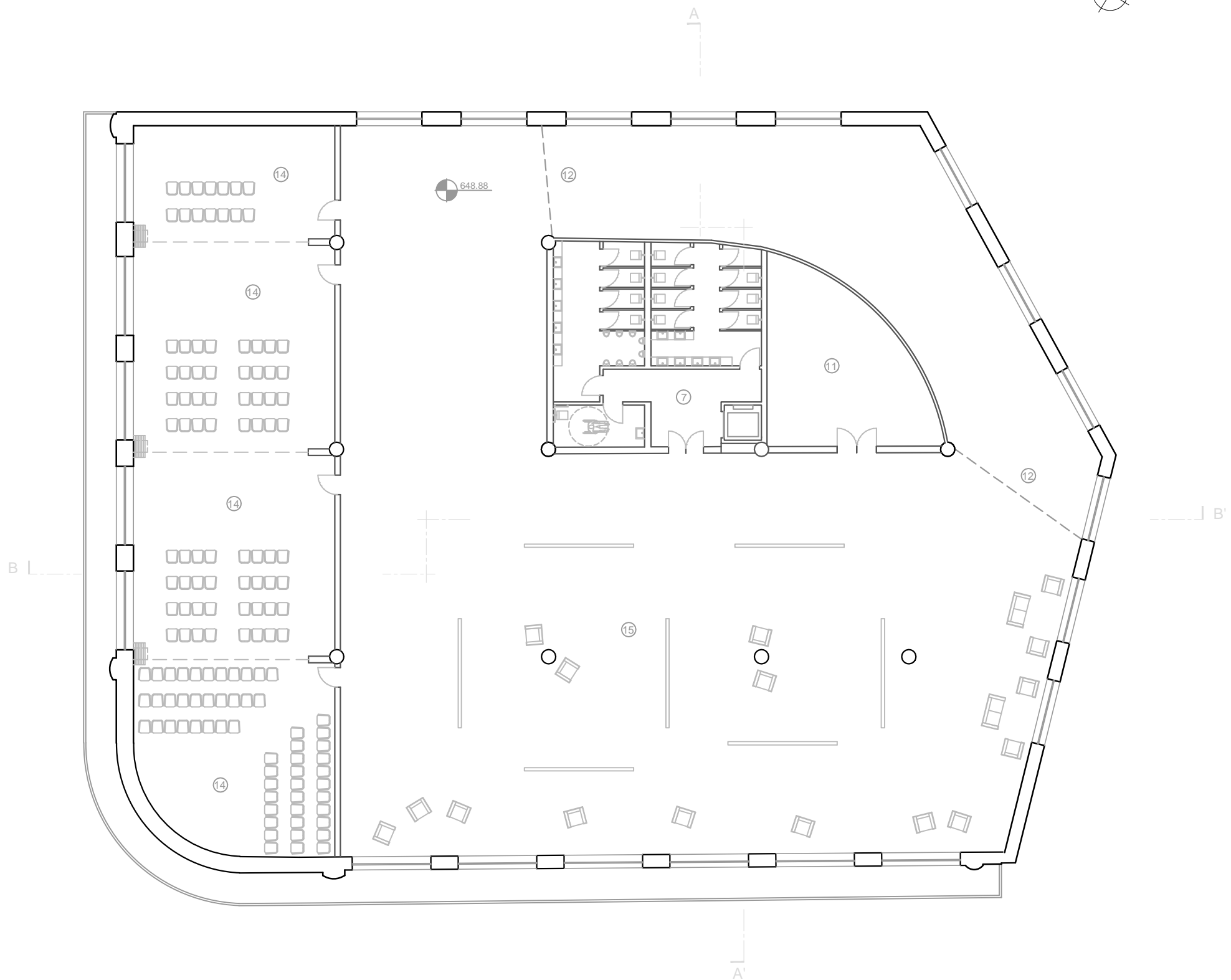
LEGENDA	
①	Entrada
②	Espaço para mercado
③	Cafeteria/ Restaurante
④	Cozinha
⑤	Espaço Coworking/ Loja
⑥	Espaço Coworking (cinema, fotografia)
⑦	Instalações Sanitárias
⑧	Secretária
⑨	Sala de reuniões
⑩	Sala arrumos para funcionários
⑪	Sala de arrumos
⑫	Acessos
⑬	Bilheteira/ Bengaleiro
⑭	Sala de Workshops/ Conferências
⑮	Espaço para exposições
⑯	Bar
⑰	Espaço para espetáculos
⑱	Backstage

		Universidade da Beira Interior	
Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico			
Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 0		Desenho N° 21
	COTA 634.42		
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200




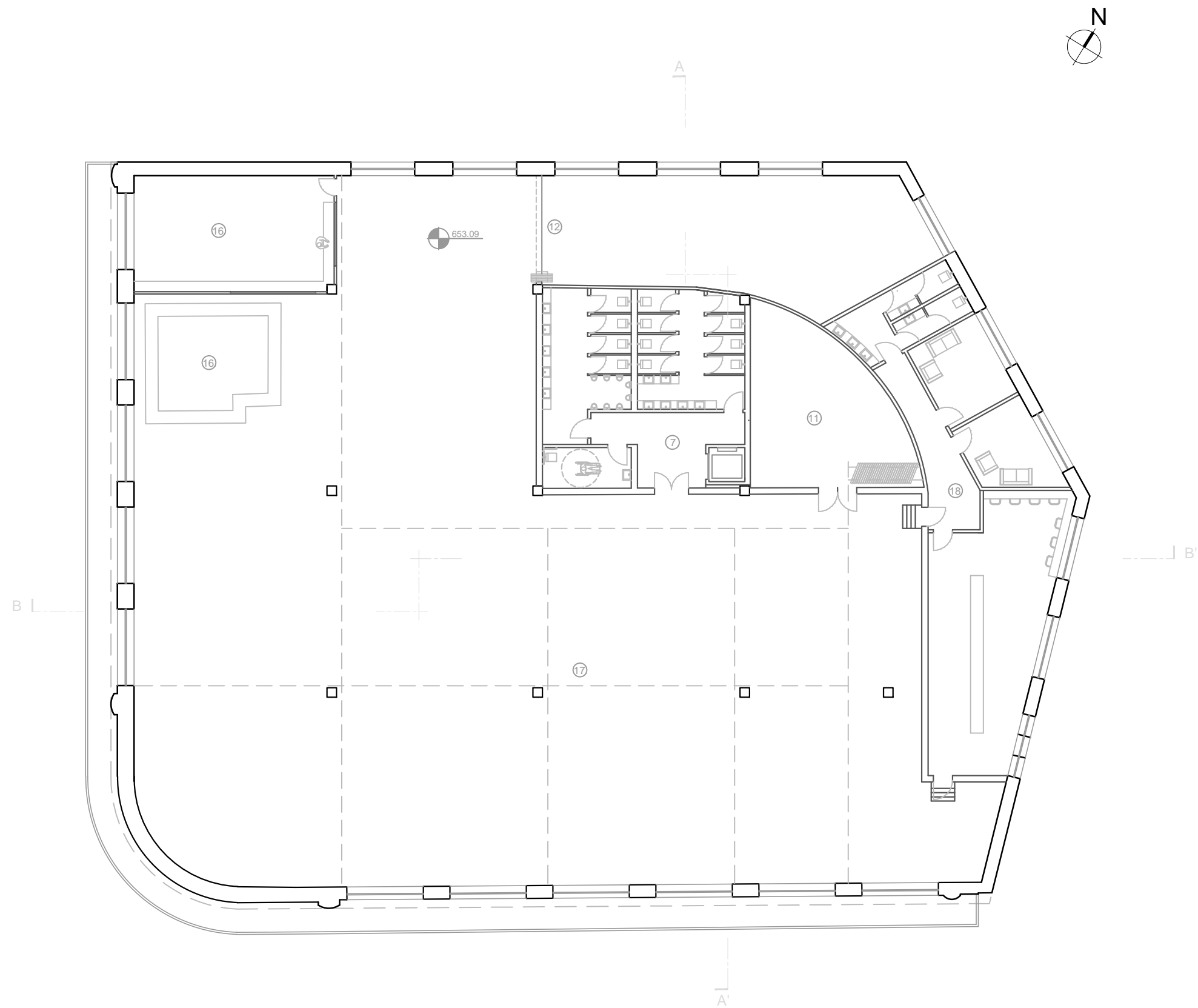
LEGENDA	
①	Entrada
②	Espaço para mercado
③	Cafeteria/ Restaurante
④	Cozinha
⑤	Espaço Coworking/ Loja
⑥	Espaço Coworking (cinema, fotografia)
⑦	Instalações Sanitárias
⑧	Secretária
⑨	Sala de reuniões
⑩	Sala arrumos para funcionários
⑪	Sala de arrumos
⑫	Acessos
⑬	Bilheteira/ Bengaleiro
⑭	Sala de Workshops/ Conferências
⑮	Espaço para exposições
⑯	Bar
⑰	Espaço para espetáculos
⑱	Backstage

		Universidade da Beira Interior	
Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico			
Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO SOBRELOJA		Desenho N°
	COTA 634.42		22
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200




LEGENDA	
①	Entrada
②	Espaço para mercado
③	Cafeteria/ Restaurante
④	Cozinha
⑤	Espaço Coworking/ Loja
⑥	Espaço Coworking (cinema, fotografia)
⑦	Instalações Sanitárias
⑧	Secretária
⑨	Sala de reuniões
⑩	Sala arrumos para funcionários
⑪	Sala de arrumos
⑫	Acessos
⑬	Bilheteira/ Bengaleiro
⑭	Sala de Workshops/ Conferências
⑮	Espaço para exposições
⑯	Bar
⑰	Espaço para espetáculos
⑱	Backstage

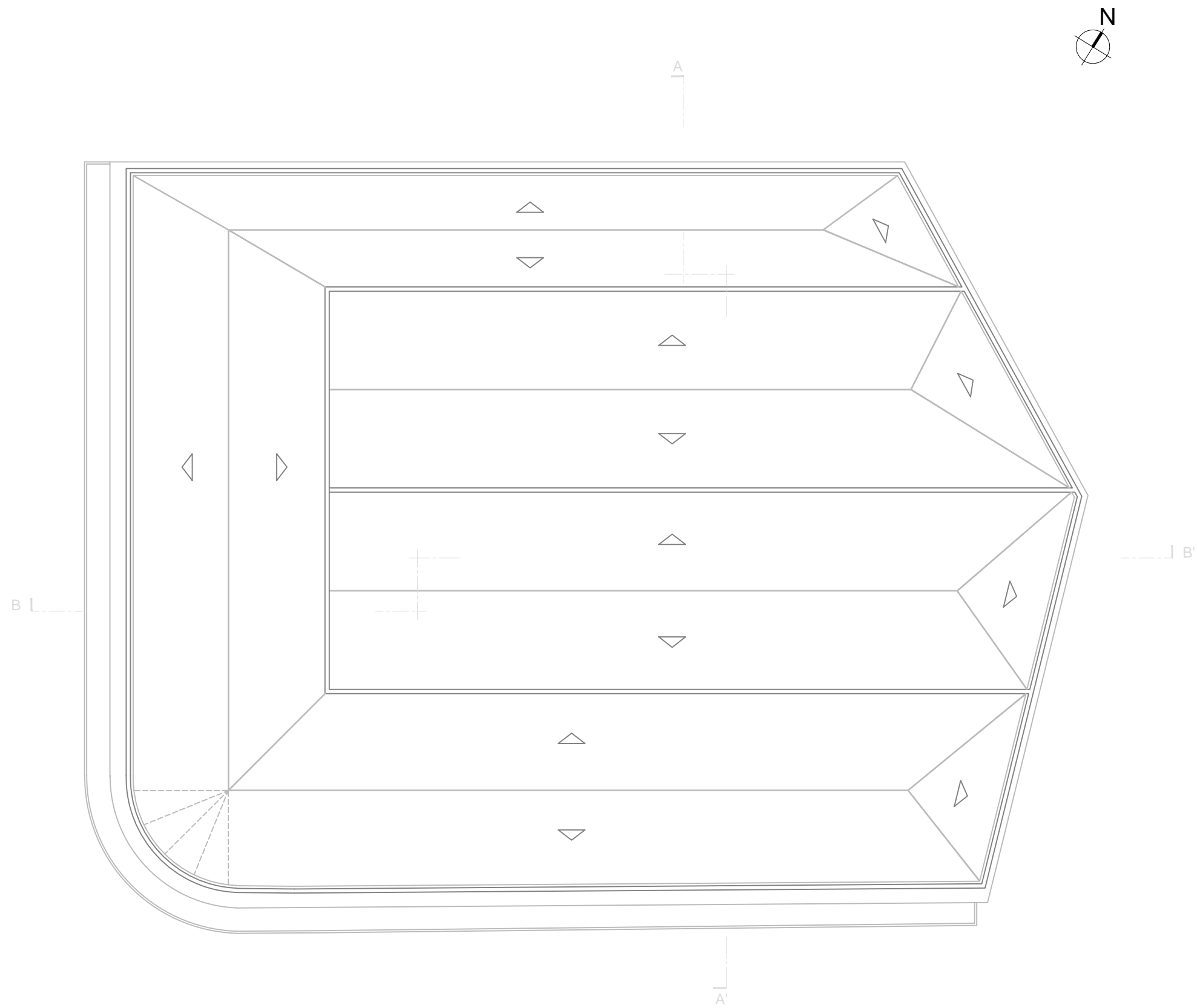
		Universidade da Beira Interior	
Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico			
Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DO PISO 1		Desenho N° 23
	COTA 634.42		
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200




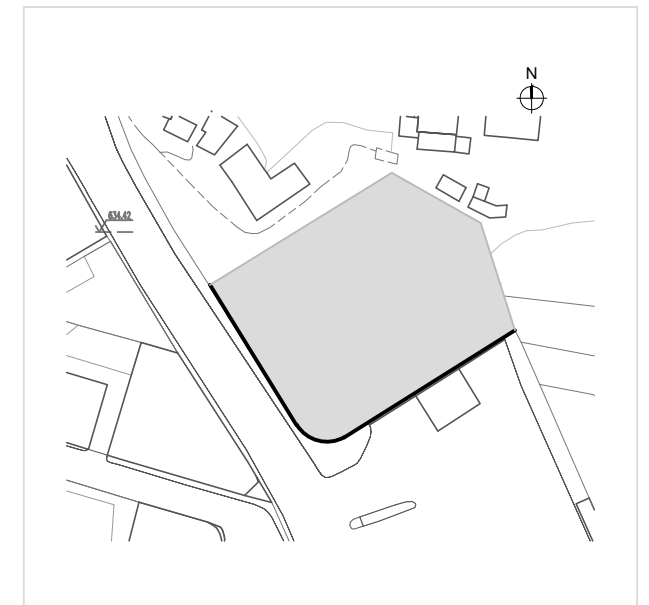
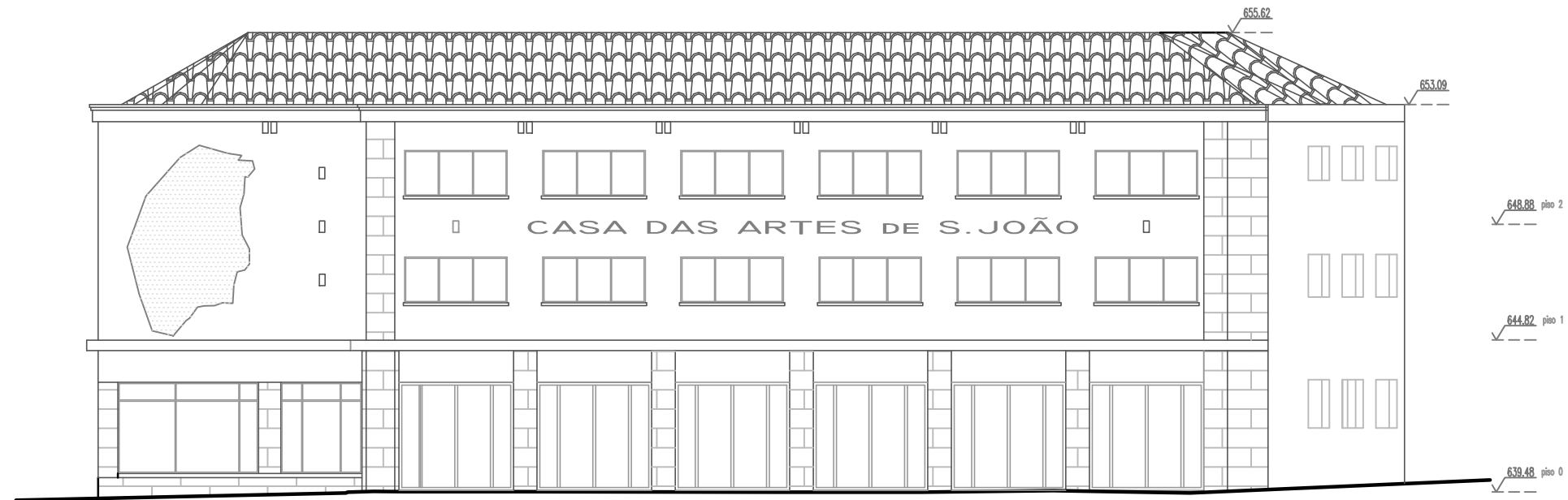
LEGENDA


- ① Entrada
- ② Espaço para mercado
- ③ Cafeteria/ Restaurante
- ④ Cozinha
- ⑤ Espaço *Coworking*/ Loja
- ⑥ Espaço *Coworking* (cinema, fotografia)
- ⑦ Instalações Sanitárias
- ⑧ Secretária
- ⑨ Sala de reuniões
- ⑩ Sala arrumos para funcionários
- ⑪ Sala de arrumos
- ⑫ Acessos
- ⑬ Bilheteira/ Bengaleiro
- ⑭ Sala de *Workshops*/ Conferências
- ⑮ Espaço para exposições
- ⑯ Bar
- ⑰ Espaço para espetáculos
- ⑱ *Backstage*

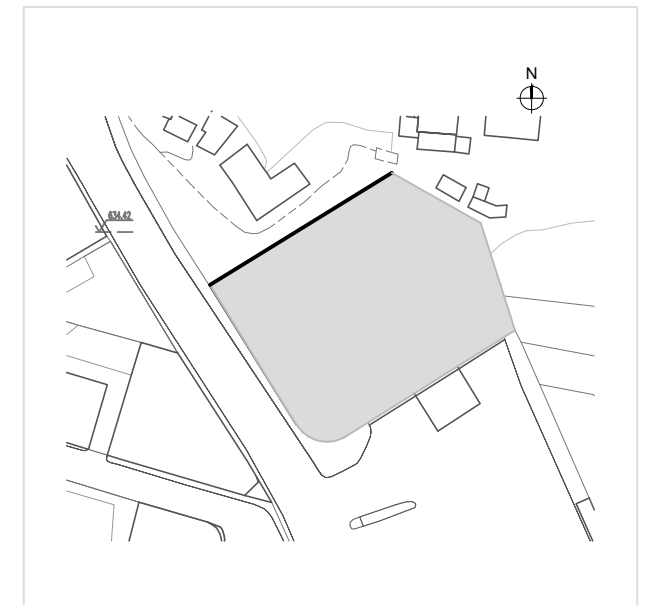
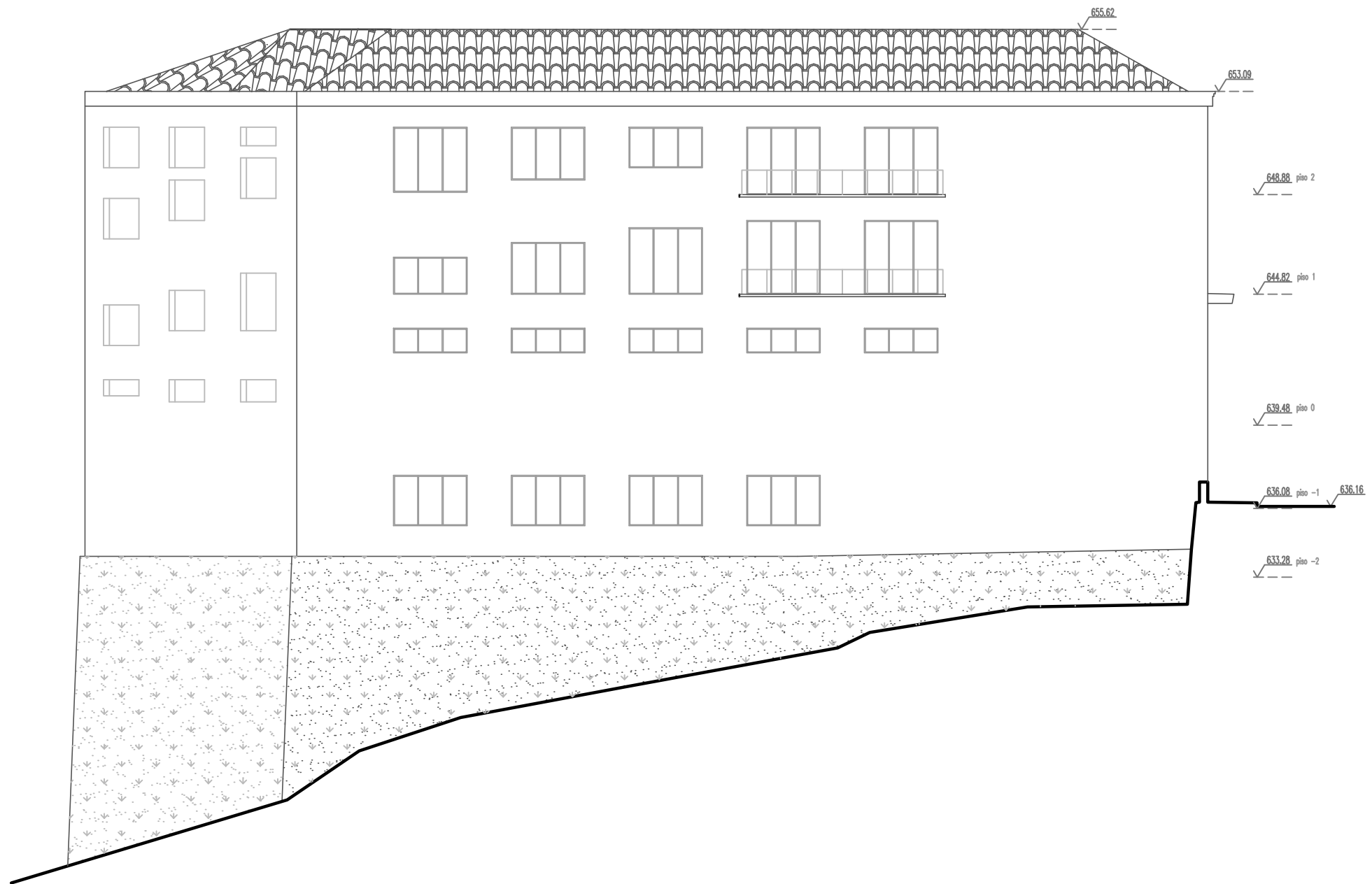
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã		Local	Covilhã	Desenho N°
		Proposta Reabilitação Garagem de São João		24
Objeto PLANTA DO PISO 2 COTA 634.42				
N° aluno	Nome	Data	Escala	
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200	




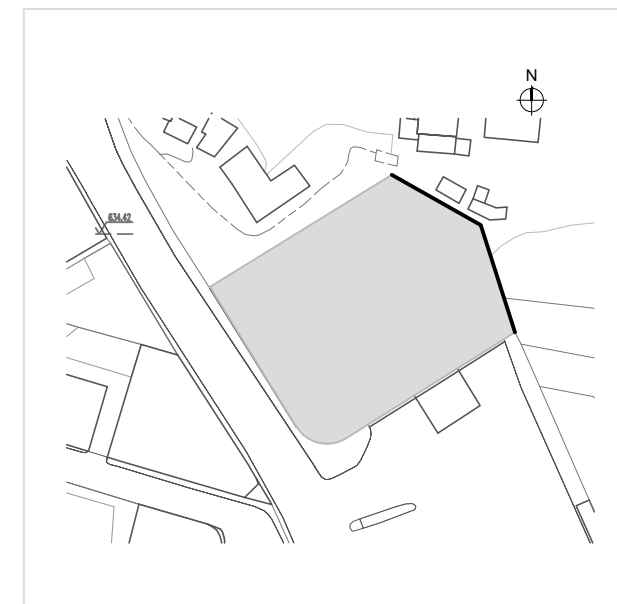
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	PLANTA DE COBERTURA		Desenho N° 25
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200




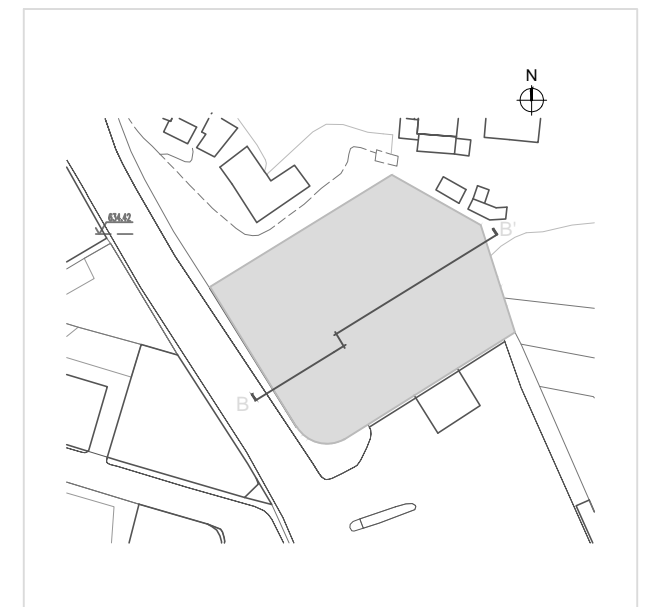
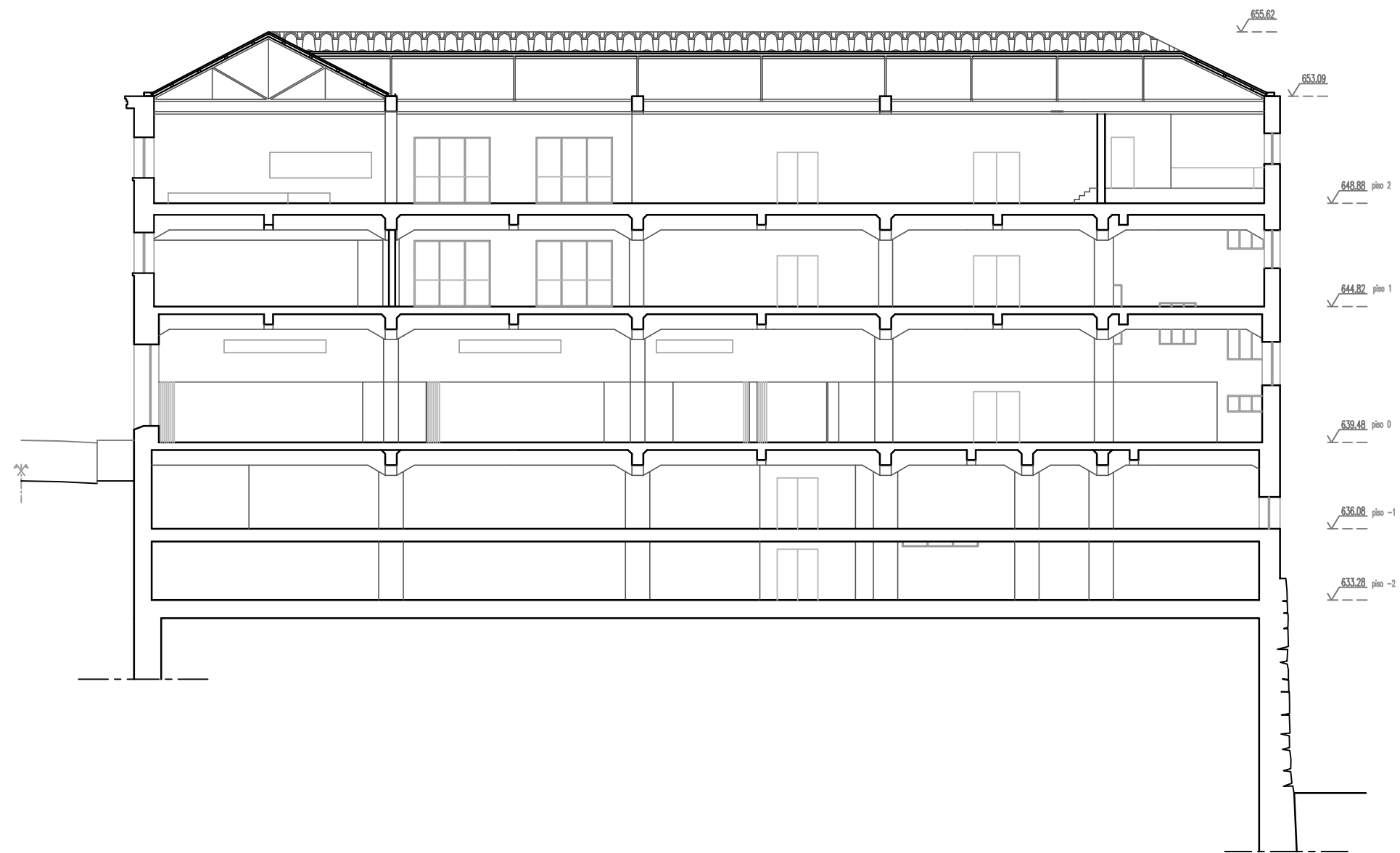
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	ALÇADO SUDESTE E SUDOESTE		Desenho N°
			26
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200




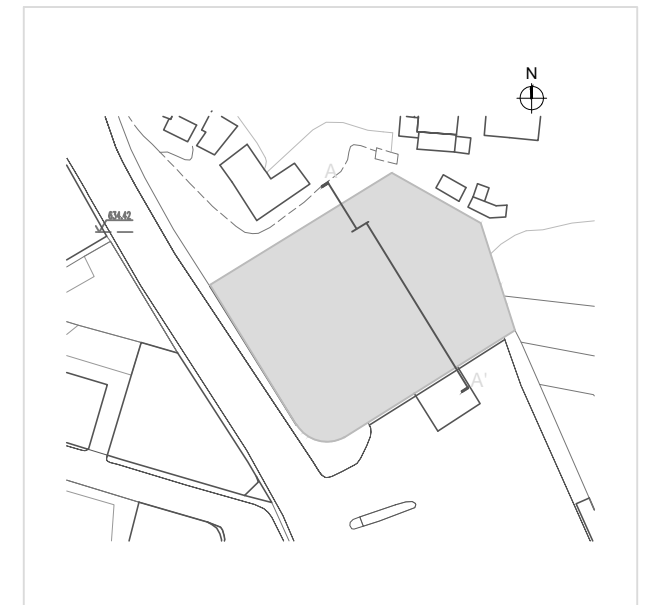
 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	ALÇADO NOROESTE		Desenho N°
			27
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200




 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	ALÇADO NORDESTE		Desenho N° 28
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200



 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	CORTE TRANSVERSAL BB'		Desenho N° 29
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvína Rios	Outubro 2014	1/200



 Universidade da Beira Interior Expressões Artístico-Culturais e Património Arquitetónico Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã			
Proposta	Reabilitação Garagem de São João	Local	Covilhã
Objeto	CORTE TRANSVERSAL AA'		Desenho N° 30
N° aluno	Nome	Data	Escala
22956	Tânia Silvina Rios	Outubro 2014	1/200

Conclusão

A reabilitação do património arquitetónico é um setor em crescimento e verifica-se uma crescente sensibilização para este tema.

Esta dissertação teve início com o propósito de dar a conhecer o património arquitetónico covilhanense que se encontra ao abandono e, deste modo, reforçar a necessidade de se atuar progressivamente de modo a salvaguardar uma parte da história, conciliando-a com ideias mais inovadoras, que transformem o espaço urbano num local mais dinâmico e atrativo às populações mais jovens.

Uma das primeiras conclusões a retirar deste trabalho é a real necessidade de intervenção no património industrial da Covilhã. Estes espaços e edifícios foram atores principais no crescimento da cidade a partir da segunda metade do século XX, aquando da queda na indústria dos lanifícios. A Covilhã, nesta fase, perde o seu sistema económico e vê-se obrigada a criar novos meios de desenvolvimento. É aqui que a Universidade da Beira Interior surge como uma boa aposta para combater a decadência existente deixada pela indústria e voltar a dar vitalidade à cidade. Este é também um bom exemplo da reabilitação arquitetónica existente na Covilhã, uma vez que as instalações da Universidade da Beira Interior estão inseridas em antigos espaços industriais.

Apesar de se saber que uma parte da história da Covilhã esta ligada à indústria dos lanifícios, na verdade, quando se passeia pela cidade não se tem consciência dessa realidade ainda tão presente. O levantamento realizado às unidades industriais do centro histórico da Covilhã permitiu ter conhecimento dos imensos edifícios que se encontram ao abandono e que, muitos outros apesar de já reabilitados foram também unidades fabris ou então habitações dos trabalhadores das fábricas. Conseguiu-se mostrar que, ainda hoje, estão bem patentes as consequências da queda da indústria na cidade da Covilhã.

Durante a realização desta dissertação surgiram algumas dificuldades, nomeadamente na obtenção de plantas de unidades fabris ou porque não existiam desenhos rigorosos daquele edifício ou porque os que existiam não estavam atualizados. Isso provocou algumas alterações e atrasos no trabalho. O levantamento fotográfico das unidades fabris foi também um processo moroso e que exigiu algum tempo.

Relativamente à proposta de reabilitação para a Garagem de São João, o acesso aos desenhos rigorosos foi já mais facilitado. No entanto, as visitas ao local demonstraram que vários elementos estruturais já não se encontravam como demonstravam as plantas.

O envolvimento no Expand Your Mind foi uma mais valia nesta dissertação, uma vez que permitiu perceber todo o processo necessário a este tipo de eventos e obrigou a uma melhor perceção daquilo que um espaço / edifício exige e ser capaz de arranjar soluções para este. Além disso foi bom para perceber a receptividade da população para este tipo de eventos e qual a opinião sobre reabilitar ou dar um novo uso a um edifício que se encontra abandonado.

De futuro, espera-se que esta proposta de reabilitação da Garagem de São João seja concretizável e que este espaço ao abandono volte a ter a vivacidade que teve há muitos anos

atrás, quando as portas ainda se encontravam abertas e que a Covilhã passe a ter um espaço de cultura, empreendedorismo e inovação.

Além disso, com os inúmeros edifícios fabris que existem no centro histórico da Covilhã, seria interessante criar um roteiro histórico da indústria dos lanifícios, para dar a conhecer toda a história da outrora “*Manchester portuguesa*”. Ligado a este roteiro, seria também pertinente para a cidade, criar um evento anual que, um pouco semelhante ao *Expand Your Mind*, passaria por escolher algumas fábricas que se encontram abandonadas, limpar o espaço e arranja-lo de modo a que determinadas pessoas que já trabalharam na indústria dos lanifícios pudessem fazer pequenas demonstrações de como decorria todo o processo nas fábricas, criarem-se pequenos *workshops* que permitissem uma ligação entre a técnica e a parte histórica com novos métodos e ideias mais inovadoras e atuais.

Bibliografia

- AA.VV.; *Descrição da Igreja da Basílica de Santa Maria Maior, O Recreio, Jornal das Famílias*, v.1 n° 3; Da Imprensa Nacional; Lisboa, Março de 1835
- AA.VV.; *Edifício da Batalha, Jornal Encyclopedico*, v.1, n° 1; Na Impressão Régia; Lisboa, Novembro de 1836
- AA.VV.; *Revista Monumentos – Cidade, Património, Reabilitação* Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana; Publicação nº29; IHRU. Lisboa, 2009
- AECOPS – Associação de Empresas de Construção Obras Públicas e Serviços; *O Mercado da Reabilitação – Enquadramento, Relevância e Perspctivas*; 2009; URL: http://prewww.aecops.pt/pls/daecops3/get_noticia?id=28605875 (acedido pela última vez em 2 de Agosto de 2014)
- AGUIAR, José António; *Ante-Plano Geral de Urbanização da Covilhã*, 1951
- APPLETON, João; *Reabilitação de Edifícios Antigos e Sustentabilidade, VI ENEEC – Encontro Nacional de Estudantes de Engenharia Civil – Évora 2010*; Abril de 2010; URL: <http://www.neecue.uevora.pt/Documentos/VI-ENEEC/ENEEC%20reabilita%C3%A7%C3%A3o/Jo%C3%A3o%20Appleton%20-%206.%C2%BA%20Encontro%20Nacional%20de%20Estudantes%20engenharia%20Civil.pdf> (acedido pela última vez em 2 de Agosto de 2014)
- BATPTISTA, Ana; *Reabilitação ganha terreno à construção nova*; Económico; 26 de Novembro de 2010; URL: http://economico.sapo.pt/noticias/reabilitacao-ganha-terreno-a-construcao-nova_105127.html (acedido pela última vez em 15 de Julho de 2014)
- BRITES, Joana; *Um uníssonos a quatro vozes: arquitectura (s) do Estado Novo na Praça do Município da Covilhã*; in *Monumentos: cidade, património, reabilitação*; Julho 2009, n° 29
- BRITO, Joana; *A cidade industrial – Reabilitação e renovação de identidade. Caso de Estudo Tinturaria Petrucci*; Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior; Covilhã; 2012
- CABRAL, Bartolomeu Costa; *Pólo I in A Universidade e a Cidade*; Universidade da Beira Interior; 2005
- CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima; *Territórios reabilitados*; Caleidoscópio; 1ª edição; Casal de Cambra, 2009
- CASTRO, Ferreira de; *A Lã e a Neve*; 16ª ed; Ed. Guimarães; Lisboa, 2010
- CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Edições 70, L^{da}; Lisboa, 2013
- CORREIA, Gonçalo; *ESTUDO DE CASOS – GESTÃO DE OPERAÇÕES DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS ANTIGOS*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2009
- CUSTODIO, Jorge; *A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965)* in GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana; *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*, 2005
- Conselho dos Monumentos Nacionais; *Classificação dos Monumentos Nacionais*; Imprensa, Lisboa, 1909
- CUNHA, Lúcio; *Enquadramento Geográfico e Caracterização das Regiões de estudo – A Beira Interior – Portugal*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de*

fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha); Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

DELGADO, Maria Joana Ferreira Cardoso Sardoeira; *A Requalificação Arquitectónica na Reabilitação de Edifícios. Critérios Exigências de Qualidade; Estudo de casos*; Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado, FEUP; Porto; 2008

Edifícios emblemáticos da Covilhã classificados de interesse público; O Interior, Guarda, 19 de Junho de 2014

ESPÍRITO SANTO, Teresa; *COVILHÃ: Paisagem Industrial*; Dissertação de Mestrado, FCTUC; Coimbra; 2010

FERNANDES, J. M.; *Covilhã, uma leitura de síntese: estrutura urbana, conjuntos edificados e arquitecturas, sua evolução*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

FOLGADO, Deolinda; *Covilhã, a cidade que também foi fábrica*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

FONSECA, Ana Maria; *A vida dos lanifícios depois da Revolução*; Urbi et orbi – jornal on-line, da Covilhã, da região e do resto; edição nº 116/23 a 29 de Abril de 2002; URL: urbi.ubi.pt/020423/edicao/116_25abril.html

FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, v.I, 3ª edição; Bertrand Editora; Venda Nova, 1990

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, Editorial NEREA, S.A., Madrid, 1992

IPPAR; *Dar futuro ao passado*; IPPAR; Lisboa, 1993

IPPAR; *Informar para Proteger*; IPPAR; Lisboa, 1994

IPPAR; *Património Arquitectónico e Arqueológico*; IPPAR; Lisboa; 1994

InCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.; *Perspetivas para a construção até 2014, 73.ª Conferência do Euroconstruct*; Londres, junho de 2012; URL: http://www.base.gov.pt/oop/downloads/Euroconstruct_73_final_2.pdf (acedido pela última vez em 8 Agosto de 2014)

Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Património Arquitectónico — Geral, Lisboa, IHRU, IGESPAR, 2008 (Kits - património, nº 3, versão 1.0), URL: www.portaldahabitacao.pt; www.monumentos.pt; www.igespar.pt (acedido pela última vez em 24 de Maio de 2014)

LAMEIRAS, João; *Contributo para a elaboração de um manual de apoio à reabilitação de edifícios das décadas de 60,70 e 80*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2010

LANZINHA, João Carlos Gonçalves; *Reabilitação de Edifícios. Metodologia de Diagnóstico e Intervenção*; Fundação nova europa; Covilhã, 2009

LNEC; *Estudos sobre Espaços exteriores em Novas Áreas Residenciais - Os espaços exteriores de uma nova área residencial e o comportamento humano*; Trabalho Integrado no Plano de Estudos no Domínio do Edifício; LNEC, Lisboa, 1985

LNEC e INH - *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*; LNEC e INH, Lisboa, 2006.

LÔBO, Margarida de Souza; *Covilhã: planos de urbanização à época de Duarte Pacheco*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

MATOS, Madalena Cunha; *Da fábrica que não falece à cidade da Covilhã: Obra do Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral na Universidade da Beira Interior*; in *A Universidade e a Cidade*; Universidade da Beira Interior; 2005

MATOS, Madalena Cunha; *Ponto, linha, plano: a edificação universitária na Covilhã*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

MILHANO, José Vicente; *Covilhã: Quem defende o património*; Casa Milhano; Covilhã; 1981
Ministério do Ambiente, Ordenamento Do Território e Câmara Municipal da Covilhã; Plano Estratégico da Intervenção Polis na Covilhã; URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2007PolisPlanoEstrategico.pdf> (acedido pela última vez em 6 de Agosto de 2014)

MONTALEMBERT, Charles de; *Période Initiale des Deux Mondes : Du vandalisme en 1838*; Paris, 1838

MOURÃO, Joana F. M. e PEDRO, João Branco; *Arquitectura e Sustentabilidade Ecológica-O habitat urbano insustentável*; URL:https://www.academia.edu/5496489/Arquitectura_e_sustentabilidade_ecologica_artigo_ (acedido pela última vez em 23 de Julho de 2014)

NEUFERT, Ernst; *Neufert - Arte de projectar em arquitectura*; Gustavo Gili; 17ª edição

OLIVEIRA, Rui; *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2003

PEREIRA, Ana; *Operações de Reabilitação de Edifícios Antigos: Organização de um Sistema de Informação Transversal a Todo o Processo*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2013

PEREIRA, Nuno Teotónio; *Programa POLIS "Plano estratégico da Covilhã"*; Covilhã 1999

PINHEIRO, Elisa Calado; *A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

PINHEIRO, Elisa Calado; *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Pano*; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 1998

PINHEIRO, Elisa Calado; *Evolução Histórica da Indústria de Lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior – Abordagem Genérica*; in *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.I; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

PINHEIRO, Elisa Calado; *Rota da Lã Translana – Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)*; Vol.II; Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios; Covilhã, 2009

PINHEIRO, Elisa Calado e SILVA José dos Santos; *A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re) construção das memórias industriais da cidade*; URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

Prognosesenteret AS; 77th EUROCONSTRUCT Conference 13th June 2014, Oslo; URL: http://www.euroconstruct.org/pressinfo/2013_77_PressRelease.pdf (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)

QUINTELA, A. M. (1990 [1899]), *Subsídios para a Monographia da Covilhan*, Covilhã, Tip. d'«O Rebate».

RODRIGUES, José Miguel; *Covilhã: evolução urbana da cidade*; in Monumentos: cidade, património, reabilitação; Julho 2009, nº 29

RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado; *História da Indústria da Idade Média aos nossos dias*, 1999

RODRIGUES, Salomão; *Cinema Imperador dá lugar à Casa das Artes - S. João da Madeira*; Jornal de Notícias, 12 de Janeiro de 2005

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso; *Monumentos Pátrios - A arquitectura religiosa medieval - património e restauro (1835-1928) 1*; Dissertação de doutoramento em História de Arte, FLUP; Porto; 1995

SANTOS, Manuela e RAFAEL, Gina Guedes, *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*, Biblioteca Nacional, Portugal 1998

SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos; *Cultura e economia: actas do colóquio realizadas em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*; Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Lisboa, 1995

SEBASTIÃO, Ana Sofia; *Planeamento Estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras*; Mestrado em Geografia – Gestão do Território e Urbanismo; Universidade de Lisboa; Outubro de 2010

SILVA, Carla; *Metodologias de Gestão de Operações de Reabilitação de Edifícios Antigos*; Dissertação de Mestrado, FEUP; Porto; 2008

SILVA, José Aires da; *História da Covilhã: [1870-1970 centenário de cidade]*; Edição do Autor; Covilhã, 1970

SILVA, Jorge e CALADO, Margarida; *Dicionário de termos de arte e arquitectura*; Editorial Presença; Lisboa, Março 2005

SILVA, Vera; *Guia para a reabilitação - Isolamento térmico de edifícios correntes com poliestireno extrudido*; Inovadomus, Ílhavo, URL: <http://www.inovadomus.pt/cooperar/wp-content/uploads/2013/07/04guia.pdf> (acedido pela última vez em 12 de Agosto de 2014)

TEIXEIRA, Cátia; *As greves dos operários de lanifícios da Covilhã no Inverno de 1941: O início da agitação operária em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*; Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; 2012

TOMÉ, Miguel; “Património e Restauro em Portugal (1920-1995)”]; Publicações FAUP; Porto; 2002.

VAZ, Domingos; *Reinventar a relação cidade-montanha na Covilhã: uma discussão para a criação de uma nova marca urbana*, *Forum Sociológico*, 21 | 2011, 55-64.

[Herculano, Alexandre], s./a., *A Architectura Gothica. Igreja do Carmo em Lisboa, O Panorama n° 1*; Lisboa, 6 de Maio de 1837

Censos 2011, URL: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf> (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2401> (acedido pela última vez em 4 de Fevereiro de 2014)

http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html (acedido pela última vez em 20 de Fevereiro de 2014)

<http://www.cm-covilha.pt/> (acedido pela última vez em 24 de Março de 2014)

<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2409> (acedido pela última vez em 7 de Abril de 2014)

<http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/> (acedido pela última vez em 16 de Abril de 2014)

http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=3183322 (acedido pela última vez em 21 de Abril)

<https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia> (acedido pela última vez em 28 de Abril de 2014)

<http://www.jornaldaconstrucao.pt/index.php> (acedido pela última vez em 9 de Junho de 2014)

<http://www.fiec.eu/> (acedido pela última vez em 19 de Julho de 2014)

<http://www.aecops.pt/> (acedido pela última vez em 20 de Julho de 2014)

<http://www.euroconstruct.org/> (acedido pela última vez em 21 de Julho de 2014)

<http://www.ine.pt> (acedido pela última vez em 28 de Julho de 2014)

http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/projectos/ficha.asp?P_cod_projecto=171 (acedido pela última vez em 13 de Agosto de 2014)

http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.filipeoliveiradias.pt%2Fgeracao_pdfs%2Fgerar_pdf.asp%3FP_cod_projecto%3D171%26P_idioma%3Dp&ei=yR4CVMrPEcvmyQPKyIHIBA&usg=AFQjCNGZJtwUcXey0v0AA0R9Oobibwxyvg&sig2=UOcAGkTn6Jw5PtGw5udpBw&bvm=bv.74115972,d.bGQ (acedido pela última vez em 13 de Agosto de 2014)

DIAS, Filipe Oliveira; Casa das Artes do Espectáculo de São João da Madeira: Memória Descritiva, Estudo prévio de Arquitectura; Abril de 2005; URL: <http://www.cm-sjm.pt/files/21/2131.pdf> (acedido pela última vez em 13 de Agosto de 2014)

<http://www.futureng.pt/reabilitacao> (acedido pela última vez em 10 de Agosto de 2014)

<http://www.fabricasantothyrsos.pt/pt/espaco/fabrica-santo-thyrso/page/a-fabrica> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

<http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/f%C3%A1brica-de-santo-thyrso> (acedido pela última vez em 14 de Agosto de 2014)

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/fabrica-de-massas-leoes.html> (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/premios/premioihru/Fichas/2013_F05.html (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

<http://www.pengest.pt/Institucionais/reabilitacao-da-antiga-fabrica-dos-leoes-complexo-de-artes-e-arquitectura-da-universidade-de-evora-fase-i.html> (acedido pela última vez em 16 de Agosto de 2014)

Anexos

1. Listagem do estado das Fábricas no centro histórico

(NOME + USO + ESTADO)

Ruína
Abandonado
Utilizado/ Recuperado
Demolido
Continuam com a função inicial

Freguesia da Conceição

Nome	Uso	Estado
Manuel Telles Feio & Manuel Nunes Mouzaco (Fábrica do Prazo)	Parte do complexo adaptado a habitação	Razoável/Mau: parcialmente em ruína
Alberto Mendes Vaz	Desativado: adaptado para habitação	Razoável
Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar (Fiações Roseta)	Desativado (desde 1992)	Razoável
Tavares & Espinho/ Gregório Baltazar	Desativado	Mau
Ignácio da Silva Fiadeiro / Fitecom	Desativado: adaptado para residências universitárias	Razoável
Anaquim, Copeiro & Bouhon / Álvaro Paulo Rato	Desativado	Bom
Valério Gomes Correia & Irmão/ Álvaro Paulo Rato	Desativado	Mau: parcialmente bom
Ernesto Cruz & C. ^a	Desativado: adaptado para instalações da universidade da Beira Interior (CyberCentro, futuras instalações da Unidade Científico – Pedagógica de Artes e Letras e Unidade Científico – Pedagógica de Ciências Sociais e Humanas)	Conjunto industrial do Sineiro: complexo de interesse histórico
António Baptista Leitão / Silvestre Nunes de Morais	Desativado: parcialmente adaptado a habitação	Razoável: parcialmente em ruína
António Baptista Leitão / Manuel Lino Roseta	Desativado: parcialmente adaptado para habitação	Mau: parcialmente em ruína

Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário	Desativado: adaptado a habitação(desde a década de 40 do séc.XX	Razoável: parcialmente demolido em 2007
António Baptista Leitão / António Dias de Assumpção Neves / Pimentéis, L. ^{da}	Desativado: parcialmente adaptado para habitação e para espaço de animação/diversão noturna	Razoável
Engenho do Sineirinho	Desativado: ocupado pela firma “Covimetais”	Razoável
Barata Filhos / Pimentéis, L. ^{da}	Em atividade	Razoável
Manuel Lopes Bola	Desativado	Razoável
João Roque Cabral	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Serviços de Acção Social – Residência Universitária Pedro Alvares Cabral)	Recuperado
Augusto D’Almeida Fortuna & Filhos	Desativado: adaptado para armazém	Razoável
José Henriques da Fonseca Júnior	Ocupado pelas firmas “J. Rodrigues” (indústria de lanifícios) e “IntegraServ, L. ^{da} ” (material informático)	Razoável
João Mosa	Desativado: parte do edifício aloja uma escola infantil privada	Razoável
João Mendes Alçada	Desativado: adaptado para espaço de diversão noturna e armazém	Recuperado
Manuel Nunes Mouzaco & Irmão / Alçada & Mousaco (Fábrica Alçada)	Desativado: ocupado pela Associação Cultural da Beira Interior	Bom
Armando António Martins	Desativado: adaptado para restauração e espaços de diversão noturna	Recuperado
Arnaldo Teixeira & C. ^a	Desativado: adaptado para instalação de uma empresa de produtos químicos	Razoável
Alberto Miguel	Desativado	Em ruína
Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L. ^{da}	Desativado	Razoável
Fábrica de Sarjas e Baetas – Conde da Ericeira / Campos Mello & Irmão (Fábrica Velha)	Desativado	Razoável: parcialmente em ruína

Jerónimo Dias Freire (Igreja evangélica)	Desativado: ocupado por uma igreja evangélica	Bom
Alexandrino Fernandes Nogueira	Desativado: adaptado para espaço de habitação e serviços vários	Bom
Sociedade Fiandeira Mirense / Borges Terenas & Irmão	Desativado: ocupado pelo CILAN – Centro de Formação Profissional para a Indústria de Lanifícios e pelo CIVEC – Centro de Formação para a Indústria do vestuário e Confecções	Bom
Clemente Petrucci & Irmão	Desativado	Razoável
José Dias D'Assumpção / Januário Dias & Irmão	Desativado: o edifício dabril foi adaptado a área habitacional, mantendo contudo, o seu traçado original. O bairro operário também se mantém quase inalterável, estando atualmente algumas casas habitadas	Razoável
Vitor Sasseti & C. ^a / António Maria das Neves & Irmãos	Em atividade: um edifício é ocupado pela firma “Fofinha – Fios para Tricot”, os restantes encontram-se desativados	Razoável / Mau:parcialmente em ruína
Arnaldo da Silva Carreira	Desativado	Razoável
António Nunes de Sousa & Filhos / António Estrela & C. ^a	Em atividade: “Tecitex, L. ^{da} ”	Razoável
Ranito Mesquita & C. ^a	Desativado	Mau: parcialmente em ruína
José Camolino e Sousa	Desativado	Mau
Amândio de Moraes	Desativado	Mau
Barata, Filhos	Desativado: adaptado para a sede e sala de espetáculos do GICC – Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã	Recuperado
Bairro Operário dos Penedos Altos	Área habitacional	Razoável
Francisco da Cruz (Fábrica das Cruzes)	Desativado	Mau: parcialmente em ruína
Sutre, Antunes & Oliveira, L. ^{da}	Desativado	Razoável

Álvaro de Moura	Desativado: adaptado para armazém	Razoável
Manuel Abílio	Desativado: adaptado a armazém de confecção, desde 1999 pertencente a João Tavares	Razoável
José Maria da Silva Campos Mello e Irmão (Engenho dos Mello/ Fiação da Califórnia)	Desativado. Adaptado para uma unidade de carpintaria	Evidências arqueológicas de interesse histórico
João da Silva Fiadeiro	Desativado	Em ruína
João Pereira Espiga (Fábrica do Padre João)	Desativado: adaptado para instalações da serralharia civil "Milano"	Razoável
João Neve Catalão	Desativado: parcialmente ocupado por duas firmas de ramos distintos "Charro & Mendes, Mobiliário, L. ^{da} " e "Auto Reparadora, Ribeiro e Batista, L. ^{da} "	Razoável
Alexandre António Pereira Espiga	Desativado: adaptado para escritórios e armazéns	Razoável
Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão	Desativado	Razoável: parcialmente em ruína
José da Cruz Fael	Desativado	Mau
Covilan – Laneira da Covilhã, S.A.R.L.	Em atividade	Bom
José da Fonseca Morais Alçada (Fábrica dos Palhaes)	Desativado	Mau: parcialmente demolido
José da Cruz Moreira	Desativado	Razoável
João Borges Terenas	Desativado: adaptado para instalações da Farcentro – Cooperativa Farmacêutica do Centro de Portugal	Bom
Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Baixa	Sede do Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Baixa	Recuperado
Ignácio da Silva Fiadeiro	Desativado	Mau

José Mendes Veiga de Albuquerque Calheiros (Fábrica do Conde da Covilhã)	Desativado	Mau: parcialmente em ruína
António dos Santos Girão Júnior	Desativado: adaptado para habitação e oficina de mecânica automóvel	Razoável
Bairro Operário do Rodrigo		Bom

Freguesia de Santa Maria

Nome	Uso	Estado
Gregório Baltazar	Desativado	Evidências arqueológicas: o complexo foi demolido em 2007
João Carrapito Donas	Desativado	Evidências arqueológicas: o complexo foi demolido em 2007
João Ferreira Bicho	Desativado	Evidências arqueológicas: o complexo foi demolido em 2007
João Fernandes Moço	Desativado: adaptado para instalações de uma oficina de caixilharia de alumínio da empresa "Aníbal Fernandes Daniel, Lda."	Razoável
Vitorino Duarte Moreno / Aníbal Pereira Nina (Lanifícios Santa Cruz)	Desativado: adaptado para ginásio e armazém da firma "Amândio Saraiva".	Bom
Manuel Mendes da Cunha /Francisco Rodrigues Pintassilgo (Fábrica do Castelo)	Desativado	Mau: parcialmente em ruína
Januário da Costa Rato	Desativado	Em ruína
Peixeiro & Irmão	Desativado: adaptado para habitação	Recuperado
Estendedor de Lãs do Castelo	Desativado	Razoável
Francisco Ribeiro Aibéo	Desativado: o edifício administrativo está ocupado pela	Razoável
Manuel Antunes Arara	Desativado: adaptado a área residencial.	Razoável

Ernesto Camolino e Sousa	Desativado: adaptado para instalações da Jornal "Notícias da Covilhã"	Razoável
Alberto dos Santos Monteiro	Desativado: adaptado a sala de espetáculos (Cine-Centro)	Bom
António Augusto Carneiro	Desativado	Razoável
António Pereira Nina	Desativado: adaptado para área residencial	Sem evidências de campo
Francisco Rodrigues Marques & Irmãos	Desativado: adaptado para habitação e escritórios	Bom
Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã	Desativado	Razoável
Acondicionamento e Laboratório Têxtil da F.N.I.L.	Desativado: adaptado para instalação dos Serviços Municipalizados da Covilhã	Bom

Freguesia de São Martinho

Nome	Uso	Estado
Jerónimo da Costa Sena	Desativado: adaptado para instalação de uma confecção	Bom
Álvaro de Morais	Desativado: adaptado a habitação	Recuperado
Celestino de Morais & Ca. / Ferreira & Conceição, Lda.	Desativado: adaptado a armazém	Razoável
Manuel Pereira Nina	Desativado: adaptado a prédio de habitação e indústria de pastelaria e panificação	Evidências arqueológicas
Pêro de Morais	Desativado: o complexo foi destruído no início do século XXI	Sem evidências de campo
Manuel de Anaquim	Desativado	Sem evidências de campo
José António Pereira Espiga	Desativado: o complexo foi demolido em 2007	Evidências arqueológicas
Monteiro Grilo /J.C. Saraiva	Desativado: ocupado pela Associação de Socorros Mútuos "Mutualista Covilhanense"	Recuperado

José Nunes Jacinto / Cristiano Cabral Nunes	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Serviços de Ação Social – Cantina Universitária da Boavista)	Recuperado
José Dias de Assumpção	Desativado	Em ruína
Francisco Mendes Alçada / Neves & Fazendeiro	Desativado	Em fase de intervenção
Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)	Desativado	Mau: parcialmente em ruína / recuperado
Manuel da Silva Gaiola e Maria Teresa Gaiola (Pisão da Gaiola)	Desativado: adaptado para habitação.	Razoável
António Pessoa de Amorim / Simão da Cruz Fazenda & Filhos	Desativado	Razoável
António Pessoa de Amorim / Simão da Cruz Fazenda & Filhos (Engenho do Craveiro)	Desativado	Bom: parcialmente em ruína
Valério Gomes Correia & Irmão / Barreto & C. ^a / Companhia Nacional de Lanifícios	Em atividade: Alçada & Pereira	Bom
António Barbas da Torre / Domingos Megre & Irmão	Em atividade	Razoável
Santos Pinto, Irmãos / Mota & C. ^a	Desativado	Razoável: parcialmente em ruína
Bairro da Alegria	O bairro mantém até hoje a sua função original: habitação social	Bom
Companhia Nacional de Lanifícios (Escritórios) / António Pereira Nina & Filho	Desativado	Razoável
Manuel Carlos Mota	Desativado	Sem evidência de campo
José Lages	Desativado: adaptado para oficina de mecânica automóvel	Razoável
Empresa Transformadora de Lãs, Lda. (ETL)	Desativado: adaptado a instalações da Universidade da Beira Interior: Departamentos da Unidade Científico-Pedagógica de Ciências de Engenharia	Recuperado
António Pessoa de Amorim	Desativado	Razoável

Leitão & Quintela / Francisco Mendes Alçada (Ultimação Estrela)	Desativado	Razoável
Tinte Velho	Desativado: adaptado a armazém	Mau
Tinturaria Alçada	Desativado	Razoável: parcialmente recuperado
António Fernandes Fino	Desativado: adaptado a uma oficina de automóveis e a um espaço de diversão noturna	Recuperado
Bernardino da Cruz Fael	Desativado	Mau: em avançado estado de degradação
José Paulo de Oliveira Júnior	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Departamento de Engenharia do Papel e CIEBI – Centro de Inovação Empresarial da Beira Interior)	
Manuel Maria Antunes Júnior	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Serviços Técnicos)	Recuperado
Enxugadouro de Lãs do Varandado	Desativado: adaptado para habitação e armazém	Mau
António Carlos Craveiro	Desativado: adaptado para sede do CCD Oriental de São Martinho	Recuperado
José Paulo de Oliveira	Desativado: parcialmente desocupado e parcialmente adaptado e habitação	Razoável
João Pereira Presunto (Tinte Antigo)	Desativado: adaptado a habitação	Evidências arqueológicas
João Mendes Alçada / António Gomes	Desativado: adaptado para restauração e serviços	Evidências arqueológicas
Simão Pereira da Silva (Fábrica Real de Lanifícios de Simão Pereira da Silva)	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Cafetaria e outras dependências dos Serviços de Ação Social da UBI)	Recuperado
José Mendes Veiga (Real Fábrica Veiga) / Francisco Roque da Costa Júnior	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (piso térreo do Departamento de Engenharia Química e Centro de Informática)	Recuperado

Sebastião da Costa Rato (Fábrica do Rato)	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Departamento da Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Exatas)	Recuperado
Real Fábrica de Panos	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Ensino universitário e Museu de Lanifícios: Núcleo da Real Fábrica de Panos)	Recuperado
José Mendes Veiga (Real Fábrica Veiga) / João Bernardo Gíria	Desativado: adaptado para instalações da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior	Recuperado
José Mendes Veiga (Real Fábrica Veiga)	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Museu de Lanifícios: Núcleo da Real Fábrica Veiga)	Recuperado
Marcelino José Ventura / Manuel Olegário Neves	Desativado: adaptado para instalações da Universidade da Beira Interior (Biblioteca Geral)	Recuperado
Artur Penha & C ^a .	Desativado	Mau
Francisco Mendes Alçada	Desativado: adaptado para área comercial	Razoável
Carneiros, Lda.	Desativado: adaptado para instalações de uma empresa de confeção	Razoável
Daniel Joze da Cunha / Almeida Campos & Filho	Desativado: o complexo foi demolido em 2006	Sem evidências de campo
António da Fonseca Charato & Irmão	Desativado: o complexo foi demolido em 2006	Sem evidências de campo
Sasseti & Pinto (Engenho do Alavedra)	Desativado: o complexo foi demolido em 2006	Sem evidências de campo
António Marques Sant'Ovaia	Desativado	Mau
Monteiro & C. ^a , Lda.	Desativado	Razoável
António Pereira Nina Júnior	Desativado: adaptado para armazém	Razoável
Fábrica de Buréis do Convento de Santo António	Desativado	Evidências arqueológicas
J.N. Amaral (João da Fonseca Nabinho Amaral)	Desativado: parte do edifício está ocupada pela empresa "Serragel – Produtos Alimentares, Lda. "	Razoável

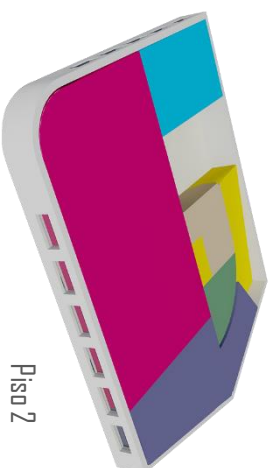
Francisco dos Santos Paulo / Empresa Industrial do Tortosendo, Lda.	Desativado	Razoável
José Diamantino	Desativado	Em ruína
José Maria Nogueira & Marques de Paiva	Desativado: parcialmente adaptado a habitação	Razoável
José Mendes Veiga (Ribeira da Água Alta)	Desativado	Mau: parcialmente em ruína
José Mendes Veiga / Prudêncio Rodrigues Peixoto (Fábrica do Refúgio)	Desativado: adaptado para oficina de automóveis	Razoável
José Mendes Veiga (Rua do Saco)	Desativado: adaptado a oficina de serralharia e empresa de restauração	Razoável
Francisco Rodrigues Charato & Irmão / José Diamantino	Desativado	Mau: avançado estado de degradação

Freguesia de São Pedro

Nome	Uso	Estado
Associação Industrial e Comercial da Covilhã	Desativado	Mau
Casa do Peso da Lã	Desativado	Sem evidências de campo
Francisco da Costa Gigante (Fábrica da Tapada)	Desativado: parcialmente adaptado para instalação da empresa de embalagens de cartão “Bobitubos” – fábrica de tubos, bobines e embalagens, da oficina de serralharia “Luís Malícia Manique, Lda.”, em 1977 e da “Indústria Electromecânica, Lda.”, em 1990.	Razoável: parcialmente mau.
Escola Industrial e Comercial Campos Melo	Em atividade: Escola Secundária Campos Melo	Bom
Central Eléctrica	Desativado	Em ruínas
Cristiano Cabral Nunes & Filho / CIL – Complexo Industrial de Lanifícios, Lda.	Desativado	Bom

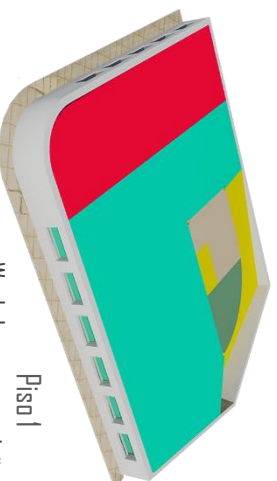
ORGANIGRAMA FUNCIONAL

- Esta proposta procura:
- Manter a estrutura do edifício;
- Criar espaços multifuncionais, de modo a não condicionar determinadas atividades;
- Inovar através de pequenos elementos no interior;
- Deixar que as atividades artísticas sobressaíam mais do que o próprio espaço;



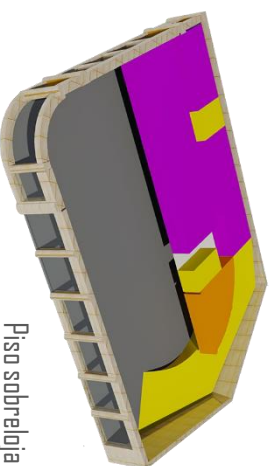
Piso 0

Zona de espetáculo



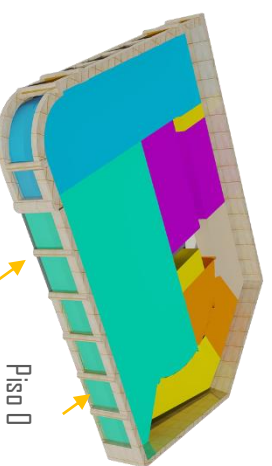
Piso 1

Workshops e exposições



Piso sobreloja

Ateliers/lojas para artistas



Piso 0

Espaço mais tradicional (mercados, feiras)

- Acessos
- Exposições, mercados (piso 0)
- Café/Restaurante
- Administração
- Lojas/Ateliers
- Salas de workshops
- Exposições
- Espetáculo
- Zona técnica
- Bar
- Arrumados
- I.S.

- Manter a rampa e aproveitar todas as suas potencialidades, para que não seja apenas uma zona de passagem;
- Recuperar e preservar as memórias da comunidade local, mas de olhos postos no futuro;
- Promover uma Covilhã mais dinâmica, produtiva e atrativa.

Olá! Sou aluna de arquitetura na UBI e neste momento estou a desenvolver a minha dissertação de mestrado: *Expressões Artístico Culturais e Património Arquitetónico: Reabilitação da Garagem de São João na Covilhã*, que apresenta uma proposta de reabilitação do edifício da Garagem de São João.

Associada ao movimento *Expand Your Mind* desde o ano passado, pretendo conceber um espaço multifuncional, cultural e ao mesmo tempo empenhador, que seja um espaço de oportunidades para jovens criativos.

Deste modo, quero pedir a sua colaboração para responder ao questionário e assim colaborar no desenvolvimento do meu trabalho. É muito importante.

Responda, por favor, a todas as questões, de uma forma responsável e sincera!

QUESTIONÁRIO

Idade: _____ Sexo: Feminino Masculino

Naturalidade: _____ Profissão: _____

1. A Covilhã precisa de mais iniciativas artísticas?

Sim Não

2. É importante criar atividades culturais que aproximem jovens e idosos?

Sim Não

3. Já tinha entrado neste edifício (Garagens de São João)?

Sim Não

(se sim) 3.1. Em que circunstâncias? _____

4. Considera importante ações de reabilitação de edifícios na Covilhã?

Sim Não

(se sim) 4.1. A Garagem de São João é um bom edifício para reabilitar?

Sim Não

5. Concorda com a proposta de reabilitação para este edifício?

Sim Não

(se não) 5.1. O que se adequava melhor? _____

Relativamente ao *Expand Your Mind*:

6. O que mais lhe agradou? _____

7. O que mais lhe desagradou? _____

8. Utilize uma palavra para descrever este evento: _____

9. Que classificação daria (de 0 a 20)? _____

10. Voltaria a participar? Sim Não

Tânia Rios

OBRIGADA!

- Deolva, por favor, o questionário preenchido à organização do *Expand Your Mind* até ao último dia do evento.
- Em caso de esquecimento pode enviar uma cópia para o e-mail: tsrios@sapo.pt

“A alma dum a cidade pode equivaler também à alma de um artista, na grandeza de suas obras de arte, na magnificência de seus monumentos, no fulgor do seu espírito. Cada pedra pode ser uma reliquia, cada monumento uma preciosa obra artística.”
José Aires da Silva in *História da Covilhã*; 1970



“Acredito que as coisas podem ser feitas de outra maneira e que vale a pena tentar.”
Zaha Hadid



(estava) Abandonado há 15 ANOS

“Teatro Velho” desde 1875

Passa a Garagem de São João em 1949

2014: um novo ciclo inicia-se

Na década de 30, a Câmara Municipal decidiu vender em hasta pública o Teatro Velho

1944: anteprojecto para o Cine-teatro S. João

Não foi aceite pela Câmara